



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO,  
FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS



ROBERTA SMANIA MARQUES

OS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ENQUANTO ESPAÇOS DE ENSINO NÃO-FORMAL

SALVADOR  
2007

**ROBERTA SMANIA MARQUES**

**OS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ENQUANTO ESPAÇOS DE ENSINO NÃO-FORMAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rejâne Maria Lira da Silva

SALVADOR  
2007

Smania-Marques, Roberta

Os museus da Universidade Federal da Bahia enquanto espaços de ensino não-formal / Roberta Smania Marques. – Salvador: UFBA, 2007.

302p.

Orientador: Profa. Dra. Rejâne Maria Lira da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Física: Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Salvador, BR-BA, 2007.

1. Museus universitários. 2. Ensino não- formal 3. Alfabetização científica. 4.Divulgação do conhecimento científico. 5.Público escolar em museus. I. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Física. II. Lira-da-Silva, Rejâne Maria. III. Título.

**ROBERTA SMANIA MARQUES**

**OS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ENQUANTO ESPAÇOS DE ENSINO NÃO-FORMAL**

**DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA  
DAS CIÊNCIAS**

Salvador, 25 de maio de 2007

BANCA EXAMINADORA

Rejâne Maria Lira da Silva \_\_\_\_\_  
Doutora em Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Universidade Federal da Bahia

Martha Marandino \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação, Universidade de São Paulo (USP)  
Universidade de São Paulo

Suely Moraes Ceravolo \_\_\_\_\_  
Doutora em Ciências da Comunicação, USP  
Universidade Federal da Bahia

*Aos meus queridos pais Angela e Roberto e a minha orientadora Rejâne pela dedicação infinita de vocês e sem os quais eu não teria chegado até aqui.*

## **Agradecimentos**

Aos meus pais que sempre me incentivaram e me apoiaram no desenvolvimento das minhas atividades e contribuíram para que este trabalho pudesse ser realizado. Acima de tudo pela educação que me despertou o gosto cultural pelos museus.

À minha querida amiga e orientadora Rejâne, com quem trabalho desde 1998, pelo seu apoio, estímulo, investimento e orientação, além de todas as oportunidades acadêmicas e profissionais que me proporcionou e ainda proporciona.

Para Fábio Barreira, tão querido, que me acompanhou carinhosamente neste período, além de ter auxiliado com as transcrições das entrevistas e com as correções do português.

Em especial aos dirigentes dos espaços da Universidade Federal da Bahia investigados nessa pesquisa: o coordenador do Museu Afro-Brasileiro, a diretora do Museu de Anatomia Comparada, o diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia e os curadores do Museu de Zoologia, bem como aos funcionários dessas instituições que contribuíram e colaboraram com a coleta dos dados. Aos professores e estudantes que se disponibilizaram em colaborar com pesquisa no momento em visitavam os museus.

A Jaqueline, minha amiga que me ajudou em vários momentos deste trabalho e sem a qual a coleta dos dados com os questionários teria sido muito mais difícil.

A Sarah pela amizade e ajuda com as transcrições.

Aos professores que participaram da banca de qualificação Charbel e Suely, pelas significativas contribuições que tanto enriqueceram o trabalho.

Aos membros docentes do programa que oportunizaram discussões relevantes e interessantes para a minha formação e para este trabalho.

A Orlando, que mesmo muito atarefado, sempre resolvia os problemas com simpatia.

Às especiais “Super Fantásticas” Amigas Unha-e-Carne: Lia Lordelo e Taiane De Filippo, com as quais dividi muitas angústias, alegrias, quiches, cookies, tortas de

limão e chocolate quente. A Rita Duyprath pelas trocas bibliográficas e a consultoria estatística, Fábio Freitas com quem divido um espaço fantástico, a coluna de ciência do “A Tardinha” e todos os outros colegas que compartilharam comigo a “dor e a delícia” dessa pós-graduação.

Aos incentivos financeiros que recebi durante meu percurso acadêmico:

- CNPq pelos três anos de bolsa de iniciação científica (PIBIC 1999/2000, 2000/2001 e 2001/2002).
- FAPESB pela bolsa de iniciação científica (PIBIC 2002/2003), bolsa de apoio técnico (AT2 – 2004/2005), aos auxílios de participação em evento, a bolsa de mestrado (2005/2007) e ao auxílio dissertação.

*"O pensamento lógico pode levar você de A a B, mas a imaginação te leva a qualquer parte do Universo."  
Albert Einstein*



## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	XII
LISTA DE TABELAS	XV
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	XVII
RESUMO	XX
ABSTRACT	XXI
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE OS MUSEUS E OS CENTROS DE CIÊNCIAS COMO ESPAÇOS EDUCACIONAIS</b> .....	<b>3</b>
<b>1.1.1 PROJETOS E PROPOSTAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO BRASIL</b> .....	<b>3</b>
<b>1.1.2 DEFININDO O MUSEU</b> .....	<b>7</b>
<b>1.1.3 BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DOS MUSEUS E CENTROS DE CIÊNCIA</b> .....	<b>9</b>
<b>1.1.4 OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS</b> .....	<b>16</b>
<b>1.1.5 TIPOLOGIA DOS MUSEUS: MUSEUS UNIVERSITÁRIOS X COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS</b> .....	<b>22</b>
<b>1.2 A FINALIDADE DA PESQUISA</b> .....	<b>28</b>
<b>2 ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA, EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO- FORMAL E A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA</b> .....	<b>30</b>
<b>2.1 A EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO-FORMAL E INFORMAL</b> .....	<b>30</b>
<b>2.2 ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA</b> .....	<b>36</b>
<b>2.3 POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA</b> .....	<b>40</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>53</b>
<b>3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS</b> .....	<b>53</b>
<b>3.2 OS DADOS</b> .....	<b>54</b>
<b>3.3 A SELEÇÃO DOS OBJETOS DA PESQUISA</b> .....	<b>55</b>
<b>3.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA</b> .....	<b>56</b>
<b>3.5 OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA</b> .....	<b>58</b>
<b>4 OS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA ENQUANTO ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO</b> .....	<b>68</b>
<b>4.1 A UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UM BREVE HISTÓRICO</b> .....	<b>68</b>
<b>4.2 OS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</b> .....	<b>70</b>

4.2.1 MUSEU AFRO-BRASILEIRO .....	74
4.2.2 MUSEU DE ANATOMIA COMPARADA .....	104
4.2.3 MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA .....	119
4.2.4 MUSEU DE ZOOLOGIA .....	141
4.2.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DISCURSOS DOS DIRIGENTES .	175
4.3 PROGRAMAS EDUCATIVOS DOS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA .....	179
4.3.1 OS ESTUDANTES .....	182
4.3.1.1 MUSEUS DO TERREIRO DE JESUS .....	189
4.3.1.1.1 MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA – MAE .....	190
4.3.1.1.2 MUSEU AFRO-BRASILEIRO – MAFRO .....	198
4.3.1.2 MUSEU DA ESCOLA DE VETERINÁRIA: MUSEU DE ANATOMIA COMPARADA – MAC .....	205
4.3.2 OS PROFESSORES .....	215
4.3.3 ASPECTOS RELEVANTES SOBRE A EDUCAÇÃO EM MUSEUS .....	223
4.4 “QUARTAS NO MUSEU”: A AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE SALVADOR EM RELAÇÃO ÀS VISITAS ESCOLARES AOS MUSEUS E A RELEVÂNCIA DO PROJETO-BAHIA NA POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS .....	238
4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERFIL DOS MUSEUS ANALISADOS EM RELAÇÃO AO PERFIL DOS MUSEUS DA BAHIA E A POLÍTICA DE GESTÃO DE MUSEUS NA UFBA .....	260
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	271
BIBLIOGRAFIA .....	273
APÊNDICES .....	286
I TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS DIRIGENTES DOS MUSEUS INVESTIGADOS .....	286
ANEXOS .....	287
I – OFÍCIO CONVITE PARA OS SUJEITOS DA PESQUISA .....	288
II – INSTRUMENTOS DE PESQUISA .....	289
II.1 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PARA OS DIRIGENTES DOS MUSEUS .....	289
II.2 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PARA O REPRESENTANTE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO .....	291

III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) .....	292
IV– LIVRO DE CÓDIGOS – SPSS .....	293
IV.1 – LIVRO DE CÓDIGOS – “MUSEUS UNIVERSITÁRIOS – QUESTIONÁRIO DOS ESTUDANTES” .....	293
IV.2 – LIVRO DE CÓDIGOS – “MUSEUS UNIVERSITÁRIOS – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES” .....	298
V – LISTA DE SUGESTÕES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ESPAÇOS CULTURAIS PARA VISITAÇÃO DE ESCOLAS .....	302

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1: Logomarca comemorativa do Ano Nacional dos Museus – 2006. ....	1
Figura 1.2: Número de Museus brasileiros em 2007, mapeados por região. ....	13
Figura 1.3: Percentuais dos Museus mapeados na Região Nordeste entre 2006 e 2007. ....	14
Figura 1.4: Distribuição mundial dos Museus e Centros de Ciências em 1999. ....	15
Figura 1.5: Distribuição regional dos Centros e Museus de Ciências no Brasil segundo a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC). ....	16
Figura 4.1: Logomarca do Museu Afro-Brasileiro (MAFRO). ....	74
Figura 4.2: Recepção única para a entrada ao Museu de Arqueologia e Etnologia e ao Museu Afro-Brasileiro, pertencentes à Universidade Federal da Bahia. Destacado com a <b>seta 1</b> a impressora dos bilhetes de acesso; <b>seta 2</b> o livro de registro das visitas; <b>seta 3</b> as pastas com traduções de todos os textos dos museus em espanhol, inglês e francês. ....	75
Figura 4.3: Organograma do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal Bahia. ....	78
Figura 4.4: Entrada e primeiro módulo do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal Bahia, com a exposição de mapas ....	88
Figura 4.5: Máscara Geledé da etnia Iorubá, originária da República Popular do Benin, esculpida em madeira por Casimir Lanigbá. Neste tipo de máscara os animais simbolizam virtudes e comportamento humanos. A cobra por sua frieza está associada à calma e tranqüilidade (Texto adaptado da etiqueta de identificação da peça exposta no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia). ....	89
Figura 4.6: Tapeçaria de Abomé, atual República Popular do Benin, confeccionada por Yémadje, representando os 12 reis do antigo Daomé (Texto adaptado da etiqueta de identificação da peça exposta no Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia).....	90
Figura 4.7: Módulo de Máscaras e Tecidos. Ao fundo, em destaque com a seta branca, a sessão com instrumentos musicais e jogos do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	91
Figura 4.8: Jogo Ayô exposto no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	91
Figura 4.9: Módulo de Metalurgia do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	92
Figura 4.10: Módulo de Cerâmica do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	92
Figura 4.11: Vitrines com esculturas em madeira do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	93
Figura 4.12: Sala com exposição da cultura afro-brasileira do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	94
Figura 4.13: Sala de Carybé do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia e detalhe do painel Babá Abaolá. ....	94
Figura 4.14: Organograma do Museu de Anatomia Comparada (MAC/UFBA). ....	109
Figura 4.15: Detalhes da parede externa do Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia. ....	111
Figura 4.16: Um dos nichos que abriga os espécimes taxidermizados da exposição do Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia. ....	111
Figura 4.17: Exposição dos esqueletos do Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia. Ao fundo, em destaque com setas brancas, as mesas com as coleções de crânios e espécimes formolizados; painéis em frente à porta de acesso ao espaço das exposições temporárias, que se encontrava em reforma. ....	112
Figura 4.18: Trilha no Memorial da Mata Atlântica da Universidade Federal da Bahia.....	116

Figura 4.19: Logomarca do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. ....	119
Figura 4.20: Galeria de tijolos com abóbada em aresta do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. ....	120
Figura 4.21: Módulo com exposição indígena do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. ....	120
Figura 4.22: Organograma do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. ....	126
Figura 4.23: Pilão de pedra exposto no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. ....	132
Figura 4.24: Foto de pintura rupestre exposta no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. ....	133
Figura 4.25: Lâmina de machado de pedra, confeccionada por técnica de polimento. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.....	133
Figura 4.26: Na primeira foto “assadores”, vasilhames de cerâmica utilizados para o processamento da mandioca. Na outra foto um detalhe dos desenhos decorativos da assadeira, com pequenas machadinhas regularmente desenhadas e agrupadas. Essa peça pertence ao conjunto de objetos dos grupos Tupi. Peças do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. ....	134
Figura 4.27: Logomarca do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia. ....	142
Figura 4.28: Organograma do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia. ....	153
Figura 4.29: Sala de Curadoria do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia. ....	155
Figura 4.30: Sala de triagem 02 do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.....	155
Figura 4.31: Sala de triagem 01 do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.....	155
Figura 4.32: Sala de coleções secas do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia..	155
Figura 4.33: Sala de coleções úmidas do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.	156
Figura 4.34: Organograma Hierárquico do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia. ....	160
Figura 4.35: Resposta dos estudantes entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você leu os textos das paredes e plaquinhas do museu? Quais?”. ....	186
Figura 4.36: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, para a pergunta “O que você achou das salas do museu?” .....	192
Figura 4.37: Máscaras indígenas, panela zoomorfa e urna funerária do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. ....	193
Figura 4.38: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “A visita a este museu despertou a vontade de conhecer outros museus?”. ....	200
Figura 4.39: Espada de Ogum e detalhe da extremidade superior. Seção metalurgia do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	202
Figura 4.40: Bonecas da fertilidade utilizadas amarradas ao corpo das mulheres africanas com dificuldades para ter filhos. Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	202
Figura 4.41: Respostas dos estudantes que visitaram o Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Do que você mais gostou na visita?” .....	211
Figura 4.42: Alguns animais empalhados do Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia. ....	212
Figura 4.43: Alguns esqueletos de animais do Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia. ....	212

Figura 4.44: Aplicação das Ações do Eixo 3 da Política Nacional de Museus no Estado da Bahia. ....	239
Figura 4.45: Implantação do Eixo 3 da Política Nacional de Museus: base conceitual e operacionalização. ....	243

## LISTA DE TABELAS

Tabela 4.1: Valores cobrados por visitante para a visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia e ao Museu Afro-Brasileiro. ....	123
Tabela 4.2: Escolaridade dos 215 estudantes entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia. ....	183
Tabela 4.3: Resposta dos estudantes entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você costuma visitar museus?” .....	185
Tabela 4.4: Respostas dos estudantes entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Pra você, o que é museu?”. ....	188
Tabela 4.5: Idade dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. ....	191
Tabela 4.6: Escolaridade dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. ....	192
Tabela 4.7: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual o objeto em exposição no museu que você mais gostou?”. ....	194
Tabela 4.8: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Do que você mais gostou na visita?”. ....	194
Tabela 4.9: Categorização sobre as respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “O que você esperava ver neste museu, mas que não viu?”. ....	195
Tabela 4.10: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Se você pudesse, o que você mudaria na exposição e na explicação do monitor?”. ....	196
Tabela 4.11: Categorização sobre as respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual a mensagem que o museu passou pra você?”. ....	198
Tabela 4.12: Escolaridade dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	199
Tabela 4.13: Idade dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	199
Tabela 4.14: Sexo dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia. ....	199
Tabela 4.15: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “O que você achou das salas do museu?”. ....	201
Tabela 4.16: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual o objeto em exposição no museu que você mais gostou?”. ....	202
Tabela 4.17: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Do que você mais gostou na visita?”. ....	203
Tabela 4.18: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Se você pudesse, o que você mudaria na exposição e na explicação do monitor?”. ....	203
Tabela 4.19: Categorização sobre as respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “O que você esperava ver neste museu, mas que não viu?”. ....	204
Tabela 4.20: Categorização sobre as respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual a mensagem que o museu passou pra você?”. ....	206

Tabela 4.21: Escolaridade dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia. ....	207
Tabela 4.22: Idade dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia. ....	208
Tabela 4.23: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “O que você achou das salas do museu?” .....	210
Tabela 4.24: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual o objeto em exposição no museu que você mais gostou?” .....	211
Tabela 4.25: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Se você pudesse, o que você mudaria na exposição e na explicação do monitor?”. ....	213
Tabela 4.26: Categorização sobre as respostas dos estudantes que visitaram o Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “O que você esperava ver neste museu, mas que não viu?”. ....	214
Tabela 4.27: Categorização sobre as respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual a mensagem que o museu passou pra você?”. ....	215
Tabela 4.28: Formação Acadêmica dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia. ....	215
Tabela 4.29: Idade dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia. ....	216
Tabela 4.30: Sexo dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia. ....	216
Tabela 4.31: Resposta dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Pra você, o que é museu?”. ....	216
Tabela 4.32: Quantidade de estudantes por turma dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia. ....	218
Tabela 4.33: Resposta dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você costuma visitar museus?”. ....	218
Tabela 4.34: Resposta dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você costuma levar seus alunos a museus?”. ....	218
Tabela 4.35: Cruzamento das respostas dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você costuma visitar museus?” com “Você costuma levar seus alunos a museus?”. ....	219
Tabela 4.36: Cruzamento das respostas dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você está trabalhando temas relacionados aos conteúdos apresentados no <i>Museu</i> , em sala de aula?” com “Você fez algum tipo de preparação específica para a visita ao museu?”. ....	220



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCMC	Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências
ACC	Atividade Curricular em Comunidade
AL	Alagoas
BA	Bahia
BAV	Banco de Áudio Visual
BDD	Banco de Dados Documentais
BHO	Banco de História Oral
BSCS	<i>Biological Sciences Curriculum Study</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBA	<i>Chemical Bond Approach</i>
CDCC	Centro de Divulgação Científica e Cultural
CE	Ceará
CEAO	Centro de Estudos Afro-Orientais
CECIBA	Centro de Ciência da Bahia
CECIMIG	Centro de Ciência de Minas Gerais
CECIERJ	Centro de Ciência do Estado do Rio de Janeiro
CECINE	Centro de Ciência do Nordeste
CECIRS	Centro de Ciência do Rio Grande do Sul
CECISP	Centro de Ciência de São Paulo
CEERT	Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades
CETAS	Centros de Triagem de Animais Silvestres
CIC	Congresso de Iniciação Científica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
CONSUNI	Conselho Universitário
CT-INFRA	Fundo de Infra-Estrutura
CTS	Ciência, Tecnologia e Sociedade
DEMU	Departamento de Museus e Centros Culturais
DIMUS	Diretoria de Museus
EUA	Estados Unidos da América
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
FFCH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FPMU	Fórum Permanente de Museus Universitários
IB	Instituto de Biologia
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBECC	Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
IBECE	Instituto Brasileiro de Ensino em Cursos Empresariais
ICOM	<i>International Council of Museums</i> - Conselho Internacional dos Museus

IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFQSC	Instituto de Física e Química de São Carlos
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MA	Maranhão
MAB	Museu de Arte da Bahia
MAC	Museu de Anatomia Comparada
MAE	Museu de Arqueologia e Etnologia
MAFRO	Museu Afro-Brasileiro
MAM	Museu de Arte Moderna
MAS	Museu de Arte Sacra
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
MEC	Ministério da Educação
MEV	Escola de Medicina Veterinária
MIB	Museu do Instituto Butantan
MIEIB	Movimento Interforuns de Educação Infantil do Brasil
MinC	Ministério da Cultura
MZ	Museu de Zoologia
NAPAs	Núcleos Avançados de Pesquisas Arqueológicas
ONU	Organização das Nações Unidas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
PADCT	Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro S/A
PI	Piauí
PNM	Política Nacional dos Museus
PSSC	<i>Physical Science Study Committee</i>
PUC/RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
SBM	Sistema Brasileiro de Museus
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SEC	Secretaria da Educação e Cultura
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SP	São Paulo
SPEC	Subprograma Educação para a Ciência
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
STC	Superintendência de Tecnologia e Capacitação
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCE	Universidade Federal do Ceará
UFF	Espaço Universidade Federal Fluminense

UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNICA	Universidade da Criança e do Adolescente
USP	Universidade de São Paulo

## RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo investigar os museus universitários divulgadores do conhecimento científico enquanto espaços de ensino não-formal. A pesquisa foi um estudo de caso de quatro museus da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi feita uma caracterização dos museus enquanto espaços de ensino não-formal e uma reflexão sobre o papel dos museus universitários, museus de ciência e tecnologia e as coleções científicas dos departamentos da universidade. Nesta reflexão incluímos a descrição e análise do Museu de Zoologia do Instituto de Biologia e o Museu de Anatomia Comparada da Escola de Medicina Veterinária. Estes não apresentam uma estrutura completa de um museu, na medida em que o primeiro não apresenta uma exposição enquanto o segundo carece de pesquisa, por exemplo. Foram descritos e analisados os programas educativos oferecidos pelo Museu Afro-Brasileiro, Museu de Arqueologia e Etnologia e Museu de Anatomia Comparada através de entrevistas com os respectivos responsáveis das instituições e questionários aplicados com 10% da média do público escolar mensal que frequenta cada um destes museus. Nesta análise constatamos que a maioria (69,8%) das visitas escolares foi feita por estudantes de escolas municipais, provavelmente por causa da ação das 'Quartas ao Museu' promovida pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, que estimula que as escolas visitem alguns museus da cidade. Os estudantes entrevistados (215) cursavam da 2ª série do ensino fundamental ao ensino superior, tinham entre 7 a mais de 30 anos de idade e a maioria (53,49%) era do sexo feminino. Impressionou os 56,3% das respostas que afirmaram ser a primeira vez que visitavam um museu. Mesmo que não fosse pretensão da pesquisa, foi constatada a triste realidade do analfabetismo funcional dos estudantes do ensino público, quando queríamos discutir a alfabetização científica nos museus. Todos os professores entrevistados (14) afirmaram que estavam trabalhando o conteúdo das exposições em sala de aula, sendo que a maioria (78,5%) referiu-se a conteúdos ligados à Lei 10.639 que inclui a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" na educação. Os relatos em relação ao programa de educação dos museus, tanto de educadores quanto de educandos, foi positivo de uma forma geral, com algumas ressalvas. Constatamos com essa pesquisa que a concepção de museu do dirigente da instituição influi de forma direta no desenvolvimento dos programas museológicos. Verificamos que os problemas e carências apresentadas pelos museus da UFBA, como por exemplo, a falta de verba e a deficiência no quadro de funcionários que administram e coordenam o espaço, não diferem da realidade dos museus baianos. É urgente que a Universidade reveja a sua política interna em relação ao patrimônio que está sob sua guarda e que conheça a situação destes espaços, para que então construa uma política interna para os museus.

**PALAVRAS CHAVE:** museus universitários, ensino não-formal, alfabetização científica, divulgação do conhecimento científico, público escolar em museus.

## ABSTRACT

The paper at hand aimed at investigating scientific knowledge-promoting university museums as non-formal teaching settings. The research was a case study based on four “Universidade Federal da Bahia” (UFBA) museums. A characterization of the museums as non-formal teaching settings has been made, alongside a reflection on the role of university, science and technology museums, as well as the scientific collections of the university departments. In the process, we included the description and analysis of the “Museu de Zoologia” from “Instituto de Biologia”, which doesn’t have the full structure of a museum, as exemplified by the lack of an exposition, and the “Museu de Anatomia Comparada” from “Escola de Medicina Veterinária”, which doesn’t carry research. The educational programs offered by the “Museu Afro-Brasileiro”, “Museu de Arqueologia e Etnologia” and the “Museu de Anatomia Comparada” have been described and analyzed through interviews conducted with the people responsible for the institutions and questionnaires applied to 10% of the monthly average of the school public who visits each one of those museums. In this analysis, we noticed that most (69,8%) of the school visits were comprised by students from municipal schools, most likely as a result of the “Quartas ao Museu” program, promoted by the “Secretaria Municipal de Educação e Cultura”, which encourages schools to visit some of the city museums. The interviewed students (215) ranged from second grade to undergraduate, were between 7 to over 30 years old and most (53,49%) was female. The 56,3% who stated that was their first time at a museum caused quite a shock. Even though it wasn’t intended by the research, the sad reality of the public education students’ functional illiteracy could be observed when we wanted to discuss scientific literacy in the museums. All the interviewed teachers (14) stated that they had been working with the content of the expositions in the classroom, and most (78,5%) made a reference to contents linked to the 10639 Law, which turned the “Afro-Brazilian History and Culture” theme mandatory in education. The reports on the educational programs of the museums, from teachers and students alike, were positive overall, with few negative comments. With this research, we noted that the museum director’s view of the institution has a direct influence on the development of programs. We also verified that the problems and needs found at UFBA museums, such as short budgets and not enough staff responsible for administering and coordinating the space, aren’t any different from the reality of the museums in Bahia. The University must reassess its internal policy in regards to the heritage under its guard and know the situation of these spaces urgently, so that it can build an internal policy for the museums.

**KEYWORDS:** university museums, non-formal teaching, scientific literacy, promotion of scientific knowledge, school public in museums.



# 1 INTRODUÇÃO

“Os Museus são meios importantes de troca cultural, enriquecimento de culturas e desenvolvimento da compreensão, cooperação e paz entre os povos”, este foi o slogan definido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM - *International Council of Museums*), para a criação, em 1977, do Dia Internacional dos Museus, comemorado todos os anos no dia 18 de maio (ICOM, 2005 a). Só em 1992 o ICOM estabeleceu que, para cada ano, este dia teria um tema (ICOM, 2005 b).

No Brasil, o Ministério da Cultura deu início às ações voltadas para o setor museológico apenas em maio de 2003, com o lançamento da Política Nacional de Museus. Só a partir deste momento, o então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, oficializou, por meio do Decreto do dia 31 de maio de 2004<sup>1</sup>, a Semana dos Museus, que é comemorada juntamente com os outros países filiados ao ICOM, no mês de maio de cada ano (IPHAN, 2005). Em 2007, sua quinta edição, a Semana Nacional dos Museus será celebrada entre os dias 14 e 20 de maio e terá como tema "**Museus e Patrimônio Universal**", a fim de estimular novos pensamentos e ações sobre o fazer museológico.

No dia 17 de março de 2006, no Museu Lasar Segall, em São Paulo, foi realizada a solenidade de abertura das comemorações do Ano Nacional dos Museus (Figura 1). Estavam

presentes: o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, o presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) Luis Fernando de Almeida, o diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU) José do Nascimento Júnior, e o presidente do Conselho Deliberativo do Museu Lasar Segall, Ministro Celso Lafer, além



Figura 1.1: Logomarca comemorativa do ano nacional dos museus – 2006.

FONTE: [http://www.cultura.gov.br/noticias/noticiasdo\\_inc/index.php?p=14399&more=1&c=1&tb=1&pb=1](http://www.cultura.gov.br/noticias/noticiasdo_inc/index.php?p=14399&more=1&c=1&tb=1&pb=1)

<sup>1</sup> Decreto não numerado, disponível no site oficial da Presidência da República, acessado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Dnn/\\_quadro.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Dnn/_quadro.htm)



de representantes da PETROBRAS<sup>2</sup> e de museus brasileiros (Ministério da Cultura - MinC, 2006).

Esta iniciativa do Ministério da Cultura ressalta a importância do tema “museus” e visa conscientizar o público acerca do valor dos museus e centros culturais na sociedade.

Preocupados com a relação entre os museus e o ensino das ciências, optamos em desenvolver esta pesquisa, investigando os Museus Universitários da Universidade Federal da Bahia, uma das mais importantes instituições de ensino do Estado, enquanto espaços de ensino não-formal. O objetivo principal foi caracterizar estes espaços e salientar suas contribuições em relação às ações educativas.

Neste primeiro capítulo apresentamos uma síntese da história dos museus e da sua relação com o ensino de ciências, a fim de perceber a articulação entre este tipo de espaço e a educação não-formal. Não houve a intenção de realizar um extenso levantamento sobre a bibliografia relativa ao tema, mas sim buscar entender e situar o leitor sobre o papel dos museus na área da educação. Neste capítulo, ainda levantamos uma questão importante para este trabalho, que é a definição das categorias de museus, ressaltando a importância dos Museus Universitários e as diferenças entre estes tipos de instituição e as Coleções Universitárias.

No Capítulo II, procuramos inicialmente apresentar referenciais teóricos como a Educação Científica, incluindo aí a Alfabetização Científica, o Ensino não-formal e a Popularização da Ciência, para o debate da questão dos museus enquanto espaços de ensino, uma vez que as publicações dos autores que se dedicaram ao universo dos museus de ciência se apropriam destes termos.

No capítulo III descrevemos o método utilizado nesta pesquisa. Para realizar a investigação acerca dos museus da Universidade Federal da Bahia, enquanto espaços de ensino não-formal, escolhemos o método do estudo de caso, com gravações de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com os representantes dos Museus escolhidos, que nos permitiu recolher grande quantidade de informações institucionais e opiniões

---

<sup>2</sup> Petróleo Brasileiro S/A - PETROBRAS



pessoais dos mesmos acerca do tema. Aplicamos também questionários com o público escolar, estudantes e professores dos diversos níveis de ensino, freqüentadores destes espaços, a fim de ouvir tanto quem coordena quanto quem usufrui o espaço.

O Capítulo IV apresenta os dados obtidos sobre os Museus da UFBA selecionados para a pesquisa, destacando pontos como a visão do dirigente da instituição sobre museus, e a opinião do público estudantil e seus professores que freqüentaram o espaço e discussão dos pontos selecionados como principais. Acreditamos que este trabalho possa representar uma contribuição importante para o debate da situação dos museus universitários, particularmente da UFBA, principalmente em relação às atividades voltadas para a educação.

## **1.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE OS MUSEUS E OS CENTROS DE CIÊNCIAS COMO ESPAÇOS EDUCACIONAIS.**

### **1.1.1 PROJETOS E PROPOSTAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO BRASIL**

A escola consiste no principal local de aquisição de conhecimentos científicos básicos do indivíduo, porém, é indiscutível que ela não tem a capacidade de fornecer uma quantidade de informações científicas o suficiente, para que o indivíduo compreenda, de fato, o mundo. É neste contexto que entram em ação outros espaços sociais de educação, onde identificamos diferentes tipos de iniciativas de alfabetização científica (KRASILCHIK & MARANDINO, 2004, p.27), que propiciam mais elementos para que o indivíduo compreenda o que se passa ao seu redor, ainda que, nem sempre seja com conteúdos do ensino formal. Não é pretensão destes espaços e nem queremos dizer aqui que eles substituem, ou dêem conta de fornecer as informações que a escola não consegue abranger.

O histórico da alfabetização científica no país nos mostra que ela vem crescendo desde a década de 1960 até os dias de hoje, em relação às atividades de educação seja no





campo do ensino formal, não-formal, ou informal. A este movimento soma-se a acentuada ampliação do número de centros e museus de ciências no país, entre as décadas de 1980 e 1990 (KRASILCHIK & MARANDINO, 2004, p.28) fomentando a alfabetização científica em espaços não-formais de ensino.

Para nos situarmos um pouco melhor quanto à popularização da Ciência no Brasil, e o papel dos museus, devemos começar com a evolução do ensino das ciências nas escolas, que, felizmente, vem sofrendo transformações. Isso é importante pois, ao que parece, segundo Marandino (2001b, p.32) a história dos museus de ciências foi influenciada por movimentos sociais, políticos e culturais e por concepções de ciência de uma dada época.

A ciência denominada “Filosofia Natural” (*natural philosophy*) foi introduzida nas escolas em meados da década de 1980. A teologia, os clássicos e humanidades eram literaturas destinadas à elite, enquanto as literaturas básicas, numéricas, religiosas e sobre habilidades domésticas eram destinadas à massa (MATTHEWS, 1994, p.12).

A Associação Educacional Nacional, em 1944, propôs uma aproximação liberal das ciências entre os jovens educandos. O Comitê de Harvard, em 1945, defendia um programa de ciência em que os fatos científicos deveriam ser compreendidos dentro de um contexto cultural, histórico e filosófico (MATTHEWS, 1994, p.15).

Em 1945, após o final da Segunda Guerra Mundial, os educadores brasileiros passaram a apontar mais enfaticamente a decadência do ensino de ciências com a aprendizagem mecânica. Em 1950 surgiu um movimento para enfatizar o raciocínio, as atividades de experimentação, as ciências como um produto de pesquisa, sempre em evolução. O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), ligado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) teve um papel muito importante, principalmente em São Paulo, onde patrocinou uma renovação curricular no ensino de ciências nas escolas (HAMBURGER, 2002, p.33).

Este movimento se intensificou em 1956, com a disputa pelo avanço tecnológico, e alguns programas foram lançados para o ensino de ciências nos EUA que foram traduzidos e adaptados no Brasil em 1960, tais como o PSSC (*Physical Science*



*Study Committee* - projeto dedicado a levar, para as escolas secundárias, os últimos avanços da Física, particularmente da Física Nuclear), CBS e CBA (*Chemical Bond Approach*) (projetos em Química, com ênfases um pouco diferentes), IPS (projeto para Introdução as Ciências Físicas, destinados aos estudantes mais jovens), BSCS (*Biological Sciences Curriculum Study*) e o *Nuffield* (projeto para a divulgação da Física) pela Inglaterra, (HAMBURGER, 2002, p.34). Estes projetos eram de difícil implantação no próprio país de origem, pois exigiam treinamento intenso do corpo docente, de forma que nenhum deles era adequado à situação das escolas brasileiras, cuja formação dos professores deixava muito a desejar.

O “Projeto Piloto de Ensino de Física”, executado em São Paulo entre os anos de 1963 e 64, com o auxílio de professores de diversos países latino-americanos, EUA e Suécia, foi uma interessante tentativa da UNESCO em promover uma maior contextualização, porém, o golpe militar de 1964 ocorreu durante o desenvolvimento do projeto (HAMBURGER, 2002, p.34).

Todos estes projetos tiveram um importante papel no ensino de ciências, porém, com as dificuldades de contextualização e capacitação dos docentes, eles não foram muito adiante.

Em 1965, foram fundados pelo Ministério da Educação os primeiros Centros de Ciências no país, dedicados principalmente ao treinamento de professores, encorajando as atividades de laboratório nas escolas. Eles estavam distribuídos em seis estados brasileiros: Rio de Janeiro (CECIERJ), São Paulo (CECISP), Pernambuco (CECINE), Bahia (CECIBA), Minas Gerais (CECIMIG) e Rio Grande do Sul (CECIRS) (HAMBURGER, 2002, p.34-35).

Posteriormente, foram desenvolvidos outros projetos curriculares brasileiros, inspirados nos projetos norte-americanos, porém voltados desde o início à realidade de nossas escolas, entre eles o "Física Auto-Instrutiva" e o “Projeto de Ensino de Física”. Finalmente, a partir da década de 1980 foram fundados novos centros de Ciências em todo o país e surgiram programas de apoio ao desenvolvimento científico (HAMBURGER, 2002, p.35), a saber:



- Eventos:
  - 1982: Congresso de Iniciação Científica - CIC / Instituto Brasileiro de Ensino em Cursos Empresariais – IBECC / Universidade de São Paulo - USP, São Paulo-SP.
  
- Programas:
  - Programa para Ensino de Ciências Subprograma Educação para a Ciência – SPEC / Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - PADCT – Banco Mundial / Ministério da Educação - MEC (apoio a centros, feiras, clubes, com ênfase experimental).
  - 1989: Fundação Vitae - Apoio para o Ensino de Ciências.
  - 1994: Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - PADCT / Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - / Subprograma Educação para a Ciência - SPEC - Edital Museus de Ciência.
  - 1995: Pró-Ciências/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES / Ministério da Educação - MEC (treinamento de professores de ciências).
  
- Espaços:
  - 1982: Centro de Divulgação Científica e Cultural – CDCC / Instituto de Física e Química de São Carlos - IFQSC / Universidade de São Paulo - USP, São Carlos – SP.
  - 1983: Espaço Ciência e Vida, Rio de Janeiro – RJ.
  - 1985: Museu de Astronomia e Ciências Afins –MAST / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Rio de Janeiro – RJ.
  - 1987: Estação Ciência Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, São Paulo – SP.



- 1988: Espaço Universidade Federal Fluminense - UFF de Ciências, Niterói – RJ.
- 1989: Estação Ciência da Paraíba – PB.
- 1989: Clubes e Casa da Ciência (Universidade Federal do Ceará - UFCE), Ceará.
- 1991: Usina da Ciência, Alagoas.
- 1994: Museus de Ciências Naturais (Universidade Federal do Paraná - UFPR), Paraná.
- 1995: Casa da Ciência (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), Rio de Janeiro.
- 1995: Estação Ciência, Superintendência de Tecnologia e Capacitação - STC, Recife – PE.
- 1998: Planetário/Museu do Universo, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro – RJ.
- 1998: Museu de Ciência e Tecnologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS).
- 1994 (inaugurado parcialmente), 1999 (ampliado): Espaço Museu da Vida (Fundação Osvaldo Cruz - FIOCRUZ), RJ.

### **1.1.2 DEFININDO O MUSEU**

Para Pavão e colaboradores (2002, p.215) os Museus, reconhecidos como espaços de aprendizagem informal, evoluíram conceitualmente apoiados pelo debate sobre sua função educativa, seu instrumental didático e os processos de aquisição do conhecimento que ali se operam.



Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2005) a concepção e a atuação dos museus começou a mudar nas primeiras décadas do século XX, quando o mundo passava por transformações desde a Revolução Industrial em meados do século XIX. Fernández (2001, p.107) diz que foi também nessa época, com o surgimento da diversidade dos museus, que começam as classificações e tipologias de museus, que serão discutidas mais adiante dentro desta seção.

As primeiras definições sobre museu surgiram a partir de 1946 e foram se modificando ao longo do tempo. O primeiro estatuto aprovado pelo ICOM para definir a palavra museu foi em 1961 (modificando o de 1951) e permaneceu em vigor até 1968, designando todo estabelecimento permanente, administrado em benefício do interesse geral para conservar, estudar, fazer valer por meios diversos, e, sobretudo, expor para o entretenimento e educação do público um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos e zoológicos e aquários. Da mesma forma, as bibliotecas públicas e os centros de arquivos que mantivessem salas de exposição de maneira permanente seriam assimilados como museus (FERNÁNDEZ, 2001, p.108).

O atual conceito de museu, mundialmente aceito, foi elaborado pelo ICOM na década de 1970 e reformulado algumas vezes, sendo a atualização mais recente publicada no ICOM *Statutes* em 2001, que traz no § 1º do art. 2º, definições que estabelecem que um museu é: uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer (ICOM, 2001).

Além dos museus, o ICOM inclui na mesma definição: as galerias de exposição mantidas permanentemente por bibliotecas ou centros de documentação; os monumentos históricos, as partes de monumentos ou suas dependências, sítios naturais, arqueológicos, etnográficos, assim como os tesouros das igrejas – desde que estejam abertos oficialmente à visita pública e realizem atividades de coleta,



pesquisa, conservação e divulgação; as instituições que abrigam espécimes vivos de plantas e animais, tais como os jardins zoológicos e botânicos, aquários e viveiros; os parques naturais; centros de ciência e os planetários (ICOM, 2001).

Diversas são as atividades de interpretação e uso realizadas por um museu com seu acervo, podendo variar de simples exposições visuais ou interativas, organização de cursos, palestras, seminários, oficinas, entre outras. No entanto, segundo os critérios que a definem, todas as atividades realizadas pela instituição devem estar fortemente identificadas com as expectativas da comunidade, demonstrando que o museu é uma organização a serviço do público (IPHAN, 2005).

### 1.1.3 BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DOS MUSEUS E CENTROS DE CIÊNCIA

A história dos museus é marcada pela investigação científica, pela educação, pelo ensino e pela divulgação do conhecimento. As origens do termo museu são do latim "*museum*", que, por sua vez, se origina do grego "*mouseion*", denominação, na antiga Grécia, do templo ou santuário das musas. Segundo a mitologia grega, havia nove musas que presidiam as chamadas artes liberais: história, música, comédia, tragédia, dança, elegia (poesia lírica), astronomia, a poesia épica e a eloquência. O termo não estava ligado às características físicas do local, mas sim a sua atmosfera de inspiração e meditação para as já citadas artes liberais. No século IV a.C., Ptolomeu I criou a primeira instituição de que se tem notícia com essa denominação: o Museu de Alexandria. A palavra era usada para designar o local destinado ao estudo das artes e das ciências, um lugar de inspiração e meditação, onde a mente podia se desligar da realidade cotidiana (FERNÁNDEZ, 2001, p.28). Aqui é possível identificarmos uma importante ligação para esta pesquisa, a relação entre universidade e museu, pois o Museu de Alexandria apresentava tanto características de um quanto de outro.

Embora tivesse algumas características que se assemelham à idéia atual de museu, como a guarda de algumas espécies de objetos, entre os quais, instrumentos cirúrgicos e astronômicos, peles de animais, trombas de elefantes e estátuas de filósofos,



abrigava ainda um parque botânico e zoológico, além da sua notável biblioteca. Era, sobretudo, uma instituição de ensino e pesquisa, com bolsistas residentes, mantidos através de subvenção oficial, para os quais o bibliotecário chefe era uma espécie de "*regius professor*", muitas vezes um poeta que desempenhava para eles a função de um tutor vitalício. Era sem dúvida um rico espaço de ensino-aprendizagem, com características semelhantes a uma universidade.

Diógenes Laércio (séc. III d.C.) registrou o termo museu como "*escola para o ensino da filosofia e biblioteca*". Esse termo só viria a ser utilizado associado a coleções séculos depois. O hábito de colecionar objetos variados é registrado desde a época pré-histórica, com os "tesouros" de conchas encontrados em sítios arqueológicos. Na Antigüidade já se encontravam coleções de objetos de arte ou de materiais raros ou preciosos, conforme referências registradas de Homero (séc. IX a.C.) a Plutarco (séc. I/II d.C.). Na Grécia antiga, eram comuns as construções de pequenos edifícios ao lado dos templos, com a finalidade de guardar oferendas, como troféus, esculturas e trabalhos de arte (Guia dos Museus: Museus do Brasil e do Mundo – GDM, 2004).

Durante a Idade Média, principalmente na Europa Ocidental, as coleções particulares passaram a ter tanto ou mais valor do que o dinheiro. Reis, senhores feudais e o alto clero possuíam tesouros (como vasos de ouro e prata, jóias, armas, roupas e substâncias mágicas ou medicinais) que representavam a fortuna e garantiam o poder, haja visto que, na época, não havia sistema bancário e moeda estável. Durante a renascença, os colecionadores começaram a voltar-se para a cultura e o prazer pessoal de possuírem determinadas peças, e passaram, então, a exibi-las aos estudiosos para que fossem analisadas e avaliadas. No entanto, não havia ainda exposições abertas ao público (GASPAR, 1993, p.8).

Contudo, o contínuo crescimento dessas coleções gerou a necessidade da criação de um espaço onde os colecionadores pudessem expor adequadamente a seus amigos e convidados. Surgiram então as galerias (do italiano, *galleria*), salas compridas e estreitas, destinadas, sobretudo, às obras de arte. As galerias consistiam, assim, em um local de estudo para novos artistas e também um recanto onde alguns nobres



encontravam a tranqüilidade necessária para o estudo e a reflexão. Presume-se então, que esses locais passaram a ser denominados museus como retomada da idéia do templo das musas. O significado da palavra então passou da atmosfera de inspiração e meditação para o lugar onde se guardavam coleções (GASPAR, 1993, p.6; Guia dos Museus: Museus do Brasil e do Mundo – GDM, 2004).

A criação do museu moderno, onde se faz pesquisa, se ensina e se difunde a cultura ocorreu entre os séculos XVII e XVIII, a partir das doações de coleções particulares às cidades, como a doação dos Grimani a Veneza, dos Crespi a Bolonha e dos Maffei a Verona. Em 1683, a partir da doação da coleção de John Tradescant, feita por Elias Ashmole, à Universidade de Oxford, criando o *Ashmolean Museum* (Museu Ashmoleano), surge o considerado como primeiro museu público de que se tem notícia, entretanto, reservado a visitantes credenciados, era um local de pesquisa destinado prioritariamente aos alunos da Universidade (GASPAR, 1993, p.10; Guia dos Museus: Museus do Brasil e do Mundo – GDM, 2004). Sendo assim, ele se caracteriza também por ser o primeiro Museu Universitário do mundo.

Em 1759, foi criado o segundo museu público, com a decisão do Parlamento Britânico em comprar a coleção de Sir Hans Sloane (1660-1753), naturalista e médico da corte, dando origem ao *British Museum* (Museu Britânico). Aproximadamente na mesma época, outros monarcas europeus começaram a permitir um acesso limitado do público às suas coleções de arte (GASPAR, 1993, p.10; Guia dos Museus: Museus do Brasil e do Mundo – GDM, 2004).

Foi a partir da Revolução Francesa, no fim do século XVIII, com o avanço do conhecimento, a influência dos enciclopedistas franceses e o aumento da democratização da sociedade, que os museus se transformaram em instituições educacionais. Apenas após 1789 é que se reconheceu que coleções de arte ou ciência deveriam ser abertas ao público, e não apenas a alguns privilegiados, pois, até então, as inúmeras coleções zoológicas, botânicas e de obras de arte existentes eram propriedade de nobres e adornavam seus palácios e castelos, aos quais poucos tinham acesso (GOLDEMBERG, 1998, p.33). Assim, o primeiro museu completamente aberto ao





público foi o *Musèe du Louvre* (Museu do Louvre), criado em 1793, com coleções acessíveis a todos, com finalidade recreativa e cultural. Neste mesmo ano o *Jardim des Plantes* de domínio real e privado passou para domínio nacional e público constituindo o *Muséum d'Historie Naturelle* (LOPES, 2003, p.64).

O século XIX é a época em que surgem muitos dos maiores e mais importantes museus em todo o mundo, quando as coleções particulares se tornam públicas (GASPAR, 1993, p.12).

Segundo Lopes (1997, p.11-12), os museus brasileiros se originaram concomitantemente com os marcos referenciais da cultura brasileira. A transição para o século XIX, caracterizada pela crise do Antigo Sistema Colonial e a transferência da sede da monarquia portuguesa para o Brasil, significou um implemento nas atividades sociais, políticas, econômicas e culturais. Além disso, a década de 1870 é tida como o período das idéias novas e da ebulição intelectual do país.

Assim, o primeiro museu foi criado por Dom João VI, em 6 de junho de 1818, o Museu Real, localizado na Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro. Em 1822 passou a se chamar Museu Imperial Nacional, e em 1889, com a proclamação da República, passou a se chamar Museu Nacional, como é conhecido atualmente. Hoje é órgão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (GASPAR, 1993, p.18-19).

Mais tarde, foram criados o Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (1862) e o Museu de Mineralogia e Geologia da Escola Nacional de Minas Gerais (1876). Os outros museus brasileiros foram fundados durante o século XX (Guia dos Museus: Museus do Brasil e do Mundo – GDM, 2004).

Machado (2005, p.137) chama a atenção para o fato de que uma constante formação cultural do Brasil foi o surgimento de museus históricos atrelados às conveniências políticas. Ela analisa o conjunto de políticas culturais do Brasil e destaca as influências do pensamento europeu acerca das instituições museais que após o século XIX passam a privilegiar os museus históricos, onde os objetos expostos possuem a função dupla de lembrar o passado e comprovar os fatos das histórias das nações.

O período entre 1892 e as primeiras décadas do século XX delimita a era dos museus como centro de pesquisa no Brasil, quando novos espaços institucionais são criados para melhor adequação dos fins da crescente especialização das Ciências Naturais, deslocando dos museus para os laboratórios a prioridade dos estudos experimentais (LOPES, 1997, p.24). Os primeiros museus de História Natural eram os grandes centros de pesquisa da área, porém, o desenvolvimento e a diversidade das Ciências Naturais, a partir do final do século XIX, trouxeram a necessidade da utilização de laboratórios, sobretudo no trabalho com organismos vivos, o que reduziu a importância destes museus como centros de pesquisas, em favor de uma fundação voltada predominantemente à educação (GASPAR, 1993, p.12).

Em novembro de 2004 foi criado o Sistema Brasileiro de Museus (SBM), através do Decreto nº 5.264, com a finalidade de facilitar o diálogo entre museus e instituições afins, objetivando a gestão integrada e o desenvolvimento dos museus, acervos e processos museológicos brasileiros. Um dos instrumentos criados pelo SBM foi o Cadastro Nacional de Museus, uma iniciativa do Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN, com o objetivo de conhecer e integrar o universo museal brasileiro. Desde o seu lançamento, em março de 2006, até os dias de hoje foram mapeados mais de 2.200 instituições museológicas em todo o país (Figura 1.2) (SBM, 2007).

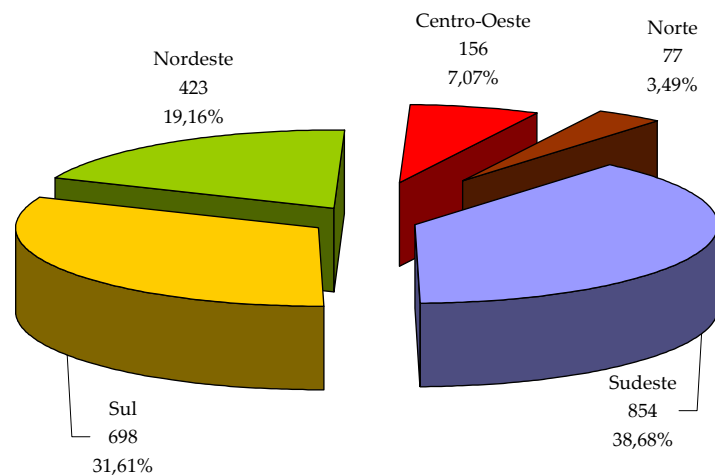


Figura 1.2: Número de Museus brasileiros em 2007, mapeados por região.

FONTE: Modificado de SBM, 2007.

Após extensa pesquisa bibliográfica, impressa e digital, constatamos que nos dias de hoje, existem cerca de 71 instituições intituladas como museu na cidade de Salvador, ou que se caracterizam como tal. Os dados do SMB apontam para 423 instituições museológicas na região Nordeste, sendo que a Bahia é detentora da maioria (137), seguida do Ceará (105), Pernambuco (68), Rio Grande do Norte (47), Alagoas (18), Sergipe (17), Maranhão (12), Paraíba (11) e Piauí (8) (Figura 1.3).

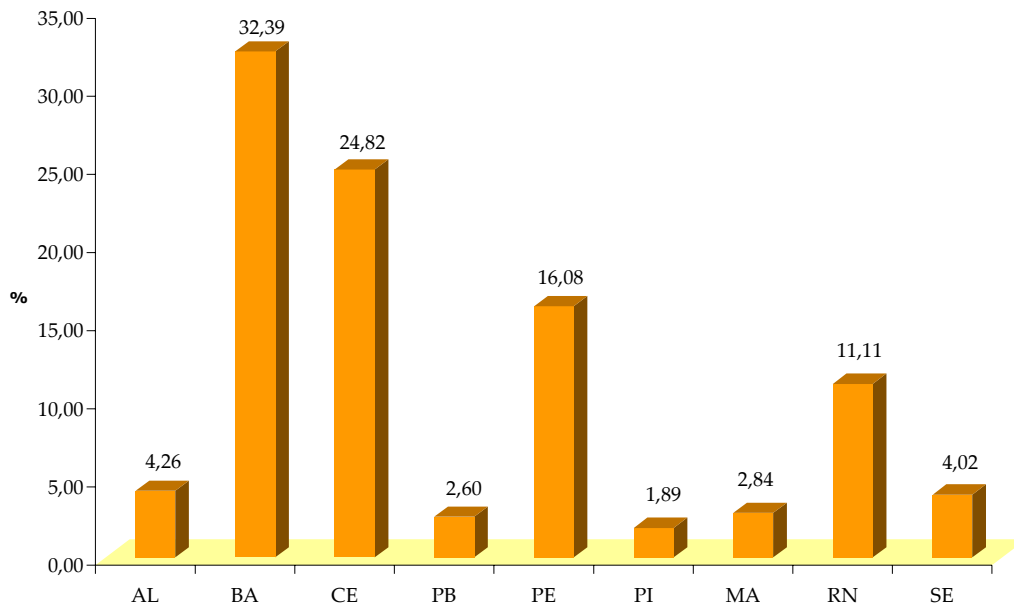


Figura 1.3: Percentuais dos Museus mapeados na Região Nordeste entre 2006 e 2007.

FONTE: Modificado de SBM, 2007.

Na Bahia, o primeiro museu foi instituído na cidade de Salvador. As datas de origem sobre o museu são controversas na literatura. Segundo a Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia (BAHIA, 2006 a), o Museu de Arte da Bahia (MAB) foi fundado em 1918 pelo historiador Francisco Borges de Barros, inicialmente sediado no Solar Pacífico Pereira (1931 a 1946), passando posteriormente a funcionar no Solar Góes Calmon (1946 a 1982), que hoje é sede da Academia de Letras da Bahia. Já para Edivaldo M. Boaventura (2004), o MAB foi fundado em 6 de novembro de 1970, através do apoio da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, no Solar Góes Calmon, onde permaneceu até 24 de julho de 1981, quando o então Governador Antonio Carlos Magalhães enviou

à Assembléia Legislativa da Bahia a solicitação da autorização para doar o Solar à Academia de Letras da Bahia, ação esta que se concretizou em 7 de março de 1983.

Atualmente, este museu funciona no Palácio da Vitória. Seu acervo é formado por coleções particulares constituídas a partir da 2<sup>a</sup> metade do século XIX e progressivamente adquiridas pelo Estado (BAHIA, 2006 a).

Em relação à Ciência e Tecnologia, o Estado tomou iniciativa em 1977, instituindo o Museu de Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia (BAHIA, 2006 b). Hoje em dia, este museu pertence à Universidade do Estado da Bahia e encontra-se praticamente desativado (Guia dos Museus: Museus do Brasil e do Mundo – GDM, 2004). Foi reinaugurado em 2006 durante a III Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, quando apresentou exposições temporárias de Física e Biologia<sup>3</sup>, feitas por professores da Universidade Federal da Bahia, através de um projeto apoiado pelo CNPq para a revitalização do museu, porém ainda não se encontra em atividade plena.

Em relação aos Centros e Museus de Ciência do mundo, a maioria está localizada nos EUA e Canadá. A América Latina ocupa a terceira posição juntamente com a Ásia (Figura 1.4). Segundo Padilla (2002, p.42) existiam cerca de 617 Centros e Museus Interativos de Ciências no ano de 2002, dos quais 333 estavam nos EUA e Canadá, e apenas 57 na América Latina.

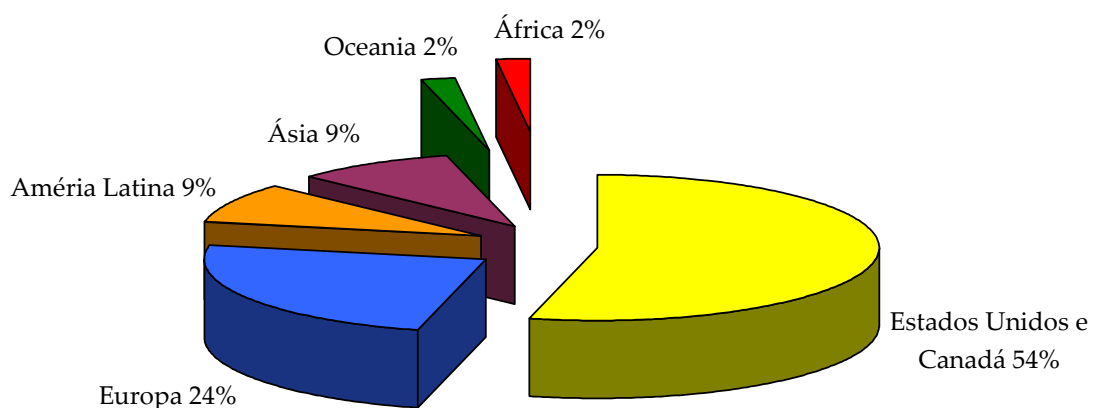


Figura 1.4: Distribuição mundial dos Museus e Centros de Ciências em 1999.

FONTE: PADILLA, 2002, p.42.

<sup>3</sup> Com a exposição da rede de Zoologia Interativa, que será abordada no capítulo IV.

De acordo com os dados da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC), em 1999 os 113 Centros e Museus de Ciências do país estavam localizados em sua maioria na região Centro-Sul do país (Amazônia 3, Nordeste 15, Centro-Oeste 9, Sudeste 49 e Sul 37), justificados por acompanhar a concentração de ensino superior e outros equipamentos culturais (HAMBURGER In PEREIRA , 2005).

O Guia dos Centros e Museus de Ciências lançado pela própria ABCMC em 2005 (ABCMC *et al.*, 2005,p.11-138 ) traz listados 111 espaços, dois a menos do que os referidos 113 para o ano de 1999. Neste guia, eles estão distribuídos nas Regiões Brasileiras conforme a Figura 1.5.

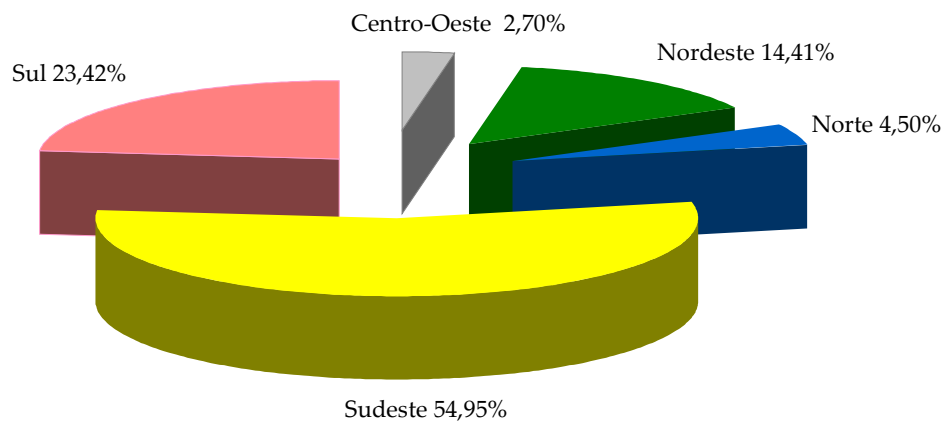


Figura 1.5: Distribuição regional dos Centros e Museus de Ciências no Brasil segundo a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC).

Fonte: Dados contidos em ABCMC *et al.*, 2005.

#### 1.1.4 OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Os Museus Universitários, principais objetos desta pesquisa, merecem um destaque especial nesta seção. Para Santos (2006) a idade de ouro para estes espaços ainda não aconteceu, nem do ponto de vista interno de gestão e infra-estrutura para o seu funcionamento, nem em relação ao processo de interação com a sociedade. No entanto, ela ressalva que talvez nunca se alcance esse grau de satisfação, o que considera salutar.



Embora apresentem aspectos semelhantes aos demais museus, eles possuem características particulares que os diferenciam dos demais, conferindo-lhes uma importante responsabilidade social, reforçando seu papel na interface “universidade e sociedade” e auxiliando na tarefa de conferir ao país aspectos tão necessários que vêm sendo implantados, tais como o desenvolvimento cultural, científico e tecnológico (RIBEIRO & PÔSSAS, 2006, p.8-9).

Os primeiros museus universitários surgiram com a doação das coleções particulares às universidades. Segundo Almeida (2001, p.13) a formação do museu universitário pode ocorrer de diversas maneiras: seja pela aquisição de objetos ou coleções de particulares por doação ou compra; pela transferência de um museu já formado para a responsabilidade da universidade; pela coleta e pesquisa de campo; ou pela combinação destes processos.

Os museus da América Latina de colonização ibérica surgiram atrelados às universidades<sup>4</sup>, provavelmente pela tradição universitária espanhola, que transferiu essa tradição ao império americano. Podemos citar como exemplo a Universidade do México (1551), na Guatemala a Universidade de São Carlos (1676), no Chile a Universidade de São Felipe (1738) e na Argentina a Universidade de Buenos Aires, que abrigaram alguns dos primeiros museus que surgiram desde o fim do século XVIII (LOPES, 2003, p.67).

No caso do Brasil, como não havia sido instituídas as Universidades, o já referido Museu Nacional do Rio de Janeiro teve a sua trajetória atrelada aos cursos de ensino superior existentes na Corte (LOPES, 2003, p.67).

Maria das Graças Ribeiro afirmou que não se sabe ao certo quantos museus universitários existem no Brasil, mas que de uma forma geral, o grande público são

---

<sup>4</sup> Devemos levar em consideração que a princípio a Universidade não dava aulas. O objetivo era a organização do sistema educativo nacional desde a educação primária, secundária até a superior, profissional. É ao longo do século XIX que a Universidade incorpora a docência e a pesquisa no processo de formação dos cientistas (LOPES, 2003, p.69).



estudantes de escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio (RIBEIRO In GIUDICE, 2006).

Recentemente, Almeida (2001, p.67) identificou cerca de 129 Museus Universitários no Brasil. Em pesquisas entre os museus universitários nacionais e estrangeiros encontrou diversos pontos em comum, tais como: dificuldades financeiras; falta de autonomia; relação por vezes íntima ou por vezes distante com os departamentos afins (relação que inclui os professores, estudantes e funcionários), com a comunidade universitária e com a comunidade regional; o abandono das coleções; a falta de espaço para armazenamento e para a exposição; falta de profissionais especializados em atividades museológicas, entre outros.

Chama a atenção que no capítulo IV deste trabalho, onde são descritos alguns dos principais problemas dos museus objetos desta pesquisa, são apontados muitos destes problemas supracitados, como a falta de espaço adequado para o armazenamento da reserva técnica no Museu Afro-Brasileiro; a falta de espaço para a exposição no Museu de Anatomia Comparada e no de Zoologia; a verba reduzida e a escassez de profissionais especializados no quadro de funcionários dos quatro museus pesquisados; a ligação entre os departamentos afins e estes museus, entre outras.

A década de 1990 caracterizou-se pela crise das universidades, públicas e privadas, em relação à diminuição de suas verbas, fazendo com que os museus universitários de diversos países sofressem as conseqüências. Este problema gerou a necessidade destes espaços buscarem outras fontes de iniciativas, públicas e privadas para manterem seu funcionamento, porém, muitas destas instituições não estavam/estão preparadas para essa competição, ou por serem burocratizadas demais ou carecerem de profissionais para lidar com este problema (ALMEIDA, 2001, p.13).

Existem encontros nacionais sobre os museus universitários, onde os profissionais destes espaços se reúnem para discutir problemas, propor soluções e inovações, etc. O primeiro encontro deste tipo foi o seminário "O Museu Universitário Hoje", realizado em Goiânia 1992, quando foi criado o "Fórum Permanente de Museus



Universitários” (FPMU). O objetivo da criação do FPMU foi promover o debate e a análise continuada de questões inerentes aos Museus Universitários, para dar cumprimento às funções primordiais da Universidade: ensinar, pesquisar e comunicar (ALMEIDA, 2001, p.13; UFMG, 2006).

Durante “IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários” e “II Simpósio de Museologia” com o tema “Museus Universitários – Ciência, Cultura e Promoção Social”, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, no período de 24 a 28 de julho de 2006, a professora aposentada da UFBA, Maria Célia T. M. Santos, chamou atenção para a situação de revitalização que o campo museológico se encontra no momento:

Este Fórum é o resultado da iniciativa de um grupo que vem, ao longo dos anos, repensando e buscando novas perspectivas para a universidade e para os museus universitários. Ele está acontecendo em um rico momento de revitalização do campo museológico e de reestruturação das universidades públicas. Momento em que tanto a pesquisa-ação quanto a ecologia de saberes situam-se na procura de uma reorientação solidária da relação universidade-sociedade. Aposto na continuidade da troca, a partir da iniciativa, da criação de espaços de convivência e da nossa inserção nesse rico processo, de forma prazerosa, considerando as diferentes identidades e reconhecendo as diferenças. A permanência desse Fórum, por exemplo, é o resultado do movimento de atores sociais comprometidos com a universidade, com os museus e, conseqüentemente, com um novo modelo de sociedade. É nossa responsabilidade dar continuidade a esse debate, tornando-o cada vez mais abrangente e enriquecido por outros olhares e que possamos criar as condições necessárias para que possa ser revertido em ganhos reais para a universidade, para os museus e para a sociedade, resultado de um exercício de prazer e encantamento, que brotará de cada um de nós e dos muitos sujeitos sociais que conosco estarão envolvidos nessa bela missão (SANTOS, 2006).

Uma importante discussão é acerca do papel que devem exercer os museus universitários. No início do século XIX, nos Estados Unidos, as funções básicas destes museus eram o ensino e pesquisa universitários. Em 1938 o então diretor da Universidade de Michigan, Carl Guthe, expôs uma discussão sobre o papel dos museus das universidades públicas. Para ele, atividades e exposições extramuros, serviços de identificação de espécimes, visitas para grupos escolares, cursos de extensão e de formação de profissionais de museus eram essenciais, além da pesquisa e do ensino (ALMEIDA, 2001, p.31-32).





Já outros autores, como Laurence V. Coleman, consideravam que os museus universitários, quer públicos ou privados, deveriam servir essencialmente à comunidade universitária (COLEMAN, 1939 *apud* ALMEIDA, 2001, p.32).

Em cidades que não possuem museus e coleções próprias, o museu universitário pode suprir essa ausência e desempenhar funções de museus municipais e regionais. Apesar de vantajoso para a cidade, algumas pessoas da universidade consideram esta situação prejudicial ao público universitário, uma vez que necessita criar programas para outros públicos (ALMEIDA, 2001, p.36), corroborando com a idéia supracitada de Coleman.

Almeida (2001, p.172-173), em seu trabalho de doutorado, considera que um museu universitário, idealmente, deve realizar todas as funções de um museu definidas pelo ICOM, e já citadas anteriormente nesta seção, além de realizar outras funções, tais como:

- Abrigar/formar coleções significativas para o desenvolvimento de pesquisa, ensino e extensão;
- Dar ênfase ao desenvolvimento de pesquisas a partir do acervo;
- Manter disciplinas que valorizem as coleções e as pesquisas sobre as coleções;
- Propor programas de extensão: cursos, exposições, atividades culturais, atividades educativas, baseados na pesquisa e no acervo;
- Manter programas voltados para diferentes públicos: especializado, universitário, escolar, espontâneo, entre outros, dependendo da disponibilidade de coleções semelhantes na região e do interesse de diferentes públicos. Esses programas também são frutos de pesquisas.



Santos (2006)<sup>5</sup> propõe novas ações para estes espaços e afirma que a atuação de um museu universitário deve ser parte de uma política universitária sistêmica e estruturante, resultando de um processo de planejamento estratégico, envolvendo o coletivo dos museus. Ela ressalta ainda que a construção dessa política só será possível se for considerada como uma proposta coletiva, buscando torná-la mais profunda, mais abrangente, mais plural, a partir de encontros e trocas entre os dirigentes responsáveis. Estes encontros devem ser incorporados ao cotidiano destes museus, departamentos, salas de aula dos segmentos responsáveis pela gestão universitária e, sobretudo, da disponibilidade em abri-los para outros segmentos da sociedade, buscando novas alternativas a partir de outros olhares e saberes.

Santos (2006)<sup>6</sup> destaca ainda a necessidade de atribuir ao planejamento dos museus universitários as dimensões social e educativa. Este planejamento não seria apenas uma técnica com o objetivo de melhorar a ação dos museus, e sim, um processo educativo de ação e reflexão, a ser alcançado com a participação de todos que estão envolvidos com a sua missão.

Em relação à UFBA, Santos (2006)<sup>7</sup> diz que este é um momento de novas propostas de ação, uma vez que o curso de Museologia está ampliando sua atuação junto à sociedade. Um exemplo disso é o envolvimento em ações do projeto-piloto de formação e capacitação em Museologia, Eixo 3 da Política Nacional de Museus (PNM) (que será relatado no capítulo IV com a entrevista da Assessora Técnica da Secretaria Municipal de Educação), acolhendo-o como projeto permanente de extensão com o apoio do Ministério da Cultura (MinC) e do DEMU (Departamento de Museus e Centros Culturais), do IPHAN. Outro importante passo é a elaboração do projeto de Mestrado em Museologia, formulado, também, no contexto do Projeto-Piloto, da PNM, que está estimulando a criação de núcleos de pesquisa, além de contribuir para reflexões sobre o curso da graduação.

---

<sup>5</sup> SANTOS, M.C.T.M.

<sup>6</sup> Vide nota anterior.

<sup>7</sup> Vide nota anterior.



No interior dos museus, percebe-se o início de um movimento para o trabalho de forma mais cooperativa e solidária. A construção de uma escada interligando os espaços do Museu Afro-Brasileiro e do Museu de Arqueologia e Etnologia (esta iniciativa será detalhada no decorrer do capítulo IV), que estão atuando com loja e bilhete único de entrada, talvez seja mais uma iniciativa importante dessa nova fase de interação e construção conjunta (SANTOS, 2006<sup>8</sup>). Pode ser destacado também o projeto do Museu de História Natural, formulado em cooperação entre o Museu de Zoologia, Herbário Alexandre Leal Costa e Museu de Anatomia Comparada (esta construção será detalhada no decorrer do capítulo IV).

### **1.1.5 TIPOLOGIA DOS MUSEUS: MUSEUS UNIVERSITÁRIOS X COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS**

Atualmente, segundo o IPHAN (2005) existem cerca de 1.300 instituições museológicas no Brasil. São museus com grande diversidade de caráter: nacionais, regionais, comunitários, públicos, particulares, históricos, artísticos, antropológicos, etnográficos, científicos e tecnológicos.

Segundo Fernández, como os museus se tornaram espaços de ensino surgiu a necessidade de se fazerem inteligíveis ao público escolar e ao visitante em geral. Assim, os museus foram agrupados em categorias de acordo com as disciplinas que constituem suas coleções. Foi especialmente no século XX, após a Segunda Guerra Mundial, que essa ordenação tipológica mais rigorosa surgiu. Mais rigorosa e específica, mais ampla e contrastada, porém, suficientemente flexível para não criar confusão e estreitar ainda mais as complexas estruturas e funções dos museus (FERNÁNDEZ, 2001, p.107).

Para Ceravolo (2006) é fato que em um museu os objetos são plurisignificavos, ou seja, eles permitem diversas interpretações pois podem servir à múltiplas inserções.

---

<sup>8</sup> Vide nota anterior.



Por exemplo, um telefone antigo pode estar num museu de tecnologia ou num museu de história. Os objetos só alcançam seu sentido se colocados em relação com outros.

Em 1963, surgiu a primeira categorização geral de museus, que os dividia em cinco blocos: museus de história, museus de arte, museus de etnologia, museus de história natural e museus de ciência e tecnologia. Neste mesmo ano, o ICOM criou Comitês Internacionais de Trabalho sobre problemas museográficos e se estabeleceram doze grupos de Comitês de Estudo, que categorizaram os museus de uma forma mais complexa. Posteriormente, o ICOM propôs um programa com oito categorias (FERNÁNDEZ, 2001, p.108).

Atualmente, diversos autores realizam estudos de tipologia de museus de acordo com diversos critérios e princípios, atendendo ao conteúdo da disciplina, ao caráter quantitativo ou específico, à propriedade, etc. (FERNÁNDEZ, 2001, p.108). Luigi Salerno, por exemplo, distingui aproximadamente sessenta categorias, além de uma primeira divisão entre os museus de antiga formação (onde estão incluídos os museus mistos e os públicos estatais) e museus da nova geração em relação ao conteúdo dos grupos: os documentais (histórico, geográficos, etnográficos, militares, científicos, de cera, etc.) e os de arte, desde a pré-história à idade contemporânea, segundo às divisões e subdivisões da história da arte (FERNÁNDEZ, 2001, p.108).

Hugues de Varine-Bohan divide os museus em apenas três categorias: artísticos ou estéticos, históricos e científicos. Geodfrey D. Lewis classifica em: museus gerais, museus de arte, museus de história e museus de ciência. Aurora León, importante pesquisadora na área, determina três tipologias de museus: segundo a disciplina, segundo a classificação do objeto, e segundo a propriedade (FERNÁNDEZ, 2001, p.108).

Muitos outros autores realizaram importantes estudos sobre a tipologia e classificação dos museus, como Germain Brazin, Luc Benoist, Jean-Yves Veillard, Jean Rose & Charles Penel, P. Bucarelli & Georges Henri Rivière, entre outros (FERNÁNDEZ, 2001, p.108).



Ainda segundo Fernández (2001, p.108), Timothy Ambrose e Crispin Paine sugerem alguns tipos de museus, mas questionam que outros tipos de museu pode-se pensar além dos inclusos nestas classificações:

- Segundo as coleções: museus de geografia, história, ciência, arqueologia, etnografia, arte, história natural, industrial, militar, generalizados, etc.
- Segundo quem os dirigem: museus do governo, universitários, independentes ou privados, municipais, do exército e de companhias comerciais.
- Segundo a área que servem: museus nacionais, regionais e locais.
- Segundo o público que servem: educativos, especiais e para o público em geral.
- Segundo o perfil dos colecionadores: museus tradicionais, ao ar livre e de mansões históricas.

Para o ICOM, o sistema de classificação atualmente utilizado atende às naturezas das coleções agrupando-os da seguinte forma (FERNÁNDEZ, 2001, p.109):

1. MUSEUS DE ARTE (sendo o conjunto: obras de belas artes, artes aplicadas, arqueologia)
  - 1.1 de pintura
  - 1.2 de escultura
  - 1.3 de gravuras
  - 1.4 de artes gráficas: desenhos, gravuras e litogravuras
  - 1.5 de arqueologia e antigüidades
  - 1.6 de artes decorativas e aplicadas
  - 1.7 de arte religiosa
  - 1.8 de música
  - 1.9 de arte dramática, teatro e dança.
  
2. MUSEUS DE HISTORIA NATURAL EM GERAL (compreendendo coleções de botânica, zoologia, geologia, paleontologia, antropologia, etc.)
  - 2.1 de geologia e mineralogia
  - 2.2 de botânica, jardins botânicos
  - 2.3 de zoologia, jardins zoológicos, aquários



## 2.4 de antropologia física

### 3. MUSEUS DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE

### 4. MUSEUS HISTÓRICOS

4.1 “biográficos” referidos a grupos de indivíduos, por categorias profissionais e outros

4.2 coleções de objetos e de lembranças de uma época determinada

4.3 comemorativos (relembrando um acontecimento)

4.4 “biográficos” referidos a um personagem (casa de homens célebres)

4.5 de história de uma cidade

4.6 históricos e arqueológicos

4.7 de guerra e do exército

4.8 da marinha

### 5. MUSEUS DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS

5.1 das ciências e das técnicas em geral

5.2 de física

5.3 de oceanografia

5.4 de medicina e cirurgia

5.5 de técnicas industriais, indústria do automóvel

5.6 de manufaturas e produtos manufaturados

### 6. MUSEUS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E SERVIÇOS SOCIAIS

6.1 de pedagogia, ensino e educação

6.2 de justiça e polícia

### 7. MUSEUS DE COMÉRCIO E DAS COMUNICAÇÕES

7.1 da moeda e sistemas bancários

7.2 dos transportes

7.3 de correios

### 8. MUSEUS DE AGRICULTURA E DOS PRODUTOS DO SOLO

Dentro desta discussão procuramos situar o que poderia definir um museu universitário, identificando que aspectos deste universo particular diferem dos outros museus. Assim como Almeida (2001, p.18), admitimos nesta pesquisa que um museu universitário é aquele que está parcial ou totalmente sob a responsabilidade de uma universidade (salvaguarda do acervo, recursos humanos e espaço físico).



Um importante ponto para esta pesquisa é a discussão entre museus universitários e coleções universitárias. Um trabalho desta década, realizado na Austrália, a fim de diagnosticar a situação dos museus universitários daquele país para sugerirem melhorias, ressaltou a importância desta separação (ALMEIDA, 2001, p.30-31)<sup>9</sup>.

Para eles um Museu Universitário (e Galeria) seria:

- Aquela unidade da universidade que adquire, conserva e pesquisa, comunica e expõe objetos, para estudo, educação e apreciação, evidência material das pessoas e de seu ambiente, e que exhibe parte ou toda a coleção em um espaço específico para isso, aberto ao público em horários regulares e pode exhibir material de outras fontes de vez em quando.

Uma Coleção Universitária (e Herbário) seria:

- Aquela unidade da universidade que adquire, conserva, pesquisa, para fins de estudo, educação, apreciação, evidências materiais das pessoas e de seu ambiente, as quais estão exibidas de forma limitada ou não expostas. Coleções que são mantidas apenas ou principalmente para uso dos estudantes universitários e que podem ter acesso restrito a eles, podem ser denominadas coleções de ensino.

No capítulo IV poderemos observar claramente que o Museu de Zoologia e o Museu de Anatomia Comparada se enquadram dentro da classificação de coleções universitárias, e não como museus, sendo que o segundo apresenta apenas uma coleção de ensino. Já os Museus de Arqueologia e Etnologia e o Afro-Brasileiro, se enquadram adequadamente às especificações de museus universitários.

Especificamente em relação à discussão dos museus universitários na área da Zoologia, artigos publicados na Revista Brasileira de Zoologia de novembro de 1988, mostram que esta classificação entre coleções e museus é presente. Ubirajara R. Martins

---

<sup>9</sup> Existem outras classificações de museus universitários, porém neste trabalho optamos pela classificação apresentada nesta seção.



(1988, p.623), então membro do Museu de Zoologia da USP, ressalta que instituições que conservam coleções zoológicas, produzem pesquisa científica com fundamento neste acervo, formam e/ou preparam pessoal especializado e veiculam cultura à população, nem sempre são museus. Para ele, no Brasil a maioria dos núcleos de pesquisa zoológica nas universidades está estabelecida em Departamentos, cujas coleções não podem ser rotuladas como museus.

Como exemplos de museus universitários com este tipo de acervo no Brasil, Martins (1988, p.624) cita o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, o Museu de Ciências da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e o Museu Nacional, pertencente a Universidade Federal do Rio de Janeiro. As principais colaborações destes espaços seriam relativas à formação de recursos humanos e especialmente ao nível de pós-graduação, com o oferecimento de disciplinas por parte dos pesquisadores dos museus nas universidades; o livre acesso dos pós-graduandos às coleções e bibliotecas para produção de dissertações e teses; expedições conjuntas; convênios educacionais e culturais, entre outras.

Ainda para Martins (1988, p.625), as coleções sem a denominação específica de museus (mesmo que amplas), vinculadas à pesquisa zoológica da universidade, são mantidas através dos Departamentos. Ele ressalta nos Departamentos onde se conservam as coleções de pesquisa, diferentemente da situação dos museus, o docente acumula a função didática (em cursos de graduação e pós-graduação) às funções de curadoria e pesquisa. Assim, como a função didática é a prioritária e normalmente exercida com grandes cargas horárias, as outras funções como produção científica e curadoria ficam prejudicadas.

A questão administrativa entre estes espaços é igualmente diferenciada, uma vez que os museus, geralmente, são representados por um diretor, e as coleções pelo chefe de departamento. As implicações estão na agilidade da tomada de decisões, pois em suma, o diretor reporta-se diretamente ao reitor, e entre o Departamento e a reitoria existem conselhos, chefias, congregações e pró-reitorias (MARTINS, 1988, p.626).





Um questionamento relevante levantado pelo autor sobre a contratação de pessoal é acerca da conveniência da admissão de pessoal do mesmo nível intelectual para a curadoria e para a pesquisa, com escassa ou nenhuma didática. Este assunto é polêmico pois tais profissionais seriam considerados privilegiados, ainda que ministrassem disciplinas nos cursos de pós-graduação.

Sobretudo é importante que as universidades entendam o papel dos museus como importantes instituições de pesquisa, ensino e cultura.

Será preciso manter em mente que a Cultura é o alimento do espírito. Mas, senhores, num país onde o alimento para o corpo é insuficiente, é possível priorizar o alimento espiritual? É imperativo que sim, custe o que custar. Um grande povo há que reunir indivíduos sadios, mas obrigatoriamente cultos (MARTINS, 1988, p.627).

## 1.2 A FINALIDADE DA PESQUISA

A Bahia carece de pesquisas na área de museus e centros de ciências, assim como de outros espaços não-formais, como Jardins Zoológicos e Botânicos. Não sabemos o nível de conhecimento que a população tem destes espaços, e também pouco sobre o impacto deles no ensino formal, seja relativo à educação propriamente dita, aos educandos, à práxis do educador ou mesmo à coordenação pedagógica das escolas.

Os estudos de público vêm sendo realizados de uma forma geral pelos setores educativos dos museus, porém, outras instituições como universidades se interessam em fazer parte deste contexto, desenvolvendo pesquisas e projetos nesse campo (STUART *et al.*, 2003, p.129).

O foco da pesquisa realizada foi a investigação dos Museus da Universidade Federal da Bahia como espaços de ensino não-formal. O objetivo principal do trabalho consiste em caracterizar estes museus, bem como suas ações museológicas, em relação às atividades de ensino.

Para tanto, procuramos responder às seguintes questões norteadoras:



1. Como se caracterizam atualmente os museus da UFBA?
2. Quais os objetivos educacionais propostos pelos museus da UFBA?
3. Qual a relação entre a concepção de museu dos responsáveis pelos Museus da UFBA e os projetos museológicos desenvolvidos?
4. Como se caracteriza e o que pensa o público escolar que visita os museus da UFBA?
5. Como se desenvolve o projeto de popularização dos museus da Secretaria Municipal de Educação junto às escolas do município?

## 2 EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO-FORMAL, INFORMAL, ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA: SITUANDO CONCEITOS E CONTROVÉRSIAS

### 2.1 A EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO-FORMAL E INFORMAL

A atual preocupação com o ensino de ciências fez com que surgisse um grande número de estudos e publicações sobre as diferentes formas educacionais. Nestas literaturas, onde são discutidos os espaços e as formas de ensino, a educação é geralmente não-formal e/ou informal. Portanto, faz-se necessário neste trabalho apresentar algumas definições e/ou discussões sobre os termos.

É notória a ampliação do conceito de educação, antes restrito aos processos de ensino-aprendizagem no interior de unidades escolares formais (ensino formal), ampliado para fora dos muros da escola, adentrando os espaços da casa, do trabalho, do lazer etc. Sendo assim, estruturam-se novas modalidades de ensino: a educação informal e a educação não-formal (GOHN, 2001, p.7).

Coombs, Prosser e Ahmed (1973, *apud* SMITH, 2001) definem a educação formal como um sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, que vai da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional.

Para Bianconi & Caruso (2005, p.20) a educação formal pode ser resumida *“como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado”*.

Próximo a estes conceitos, Moacir Gadotti diz que ela tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades.

Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação (GADOTTI, 2005, p.2).

Maria da Glória Gohn afirma que até os anos oitenta a educação não-formal representava apenas um pequeno campo no Brasil, tanto nas políticas públicas quanto entre os educadores, que se preocupavam apenas com o ensino formal (GOHN, 2001, p. 91). De uma forma geral, a educação não-formal era vista como *“um conjunto de processos delineados para alcançar a participação de indivíduos e de grupos em áreas denominadas extensão rural, animação comunitária, treinamento vocacional ou técnico, educação básica, planejamento familiar etc.”* (GOHN, 2001, p. 91-92).

Coombs e colaboradores (1973, *apud* Smith, 2001) afirmam que a educação não-formal se caracteriza por qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação - operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla - que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem.

Em 2001 Gohn, apresentou o conceito de educação não-formal baseado na referência supracitada:

Uma atividade educacional organizada e sistemática, levada a efeito fora do marco de referência do sistema formal, visando propiciar tipos selecionados de aprendizagem a subgrupos particulares da população, sejam estes adultos ou crianças (GOHN, 2001, p.91).

Gohn o aprimorou, dividindo em quatro campos de abrangência:

A educação não-formal designa um processo com quatro campos ou dimensões, que correspondem às suas áreas de abrangência. O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos (...). O segundo, a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. O terceiro, a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos (...). O quarto é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados (GOHN, 2001, p. 98-99).

Moacir Gadotti em um artigo que reflete sobre este conceito, traz a definição de La Belle publicada na década de 1980:

Toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população (LA BELLE, 1986 *apud* GADOTTI, 2005, p.2).

Maria Lucia Bianconi e Francisco Caruso definem brevemente a educação não-formal como “*qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino*” (BIANCONI & CARUSO, 2005, p.20)

Assim, como podemos perceber nas definições apresentadas acima, Gohn afirma que usualmente a educação não-formal é definida por uma ausência em comparação com o que há na escola:

Usualmente define-se a educação não-formal por uma ausência, em comparação ao que há na escola (algo que seria não-intencional, não-planejado, não-estruturado), tomando como único paradigma a educação formal. Concluímos que os dois únicos elementos diferenciadores que têm sido assinalados pelos pesquisadores são relativos à organização e à estrutura do processo de aprendizado (GOHN, 2001, p.100).

Essa observação também é feita por Gadotti (2005, p.2), ressaltando que dentro da definição de ensino não-formal a expressão “*executada fora do quadro do sistema formal*” mostra a ambigüidade dessa modalidade de educação, uma vez que ela se define em oposição (negação) a um outro tipo de educação, a formal.

Usualmente define-se a educação não-formal por uma ausência, em comparação com a escola, tomando a educação formal como único paradigma, como se a educação formal escolar também não pudesse aceitar a informalidade, o “*extra-escolar*”. Gostaria de definir a educação não-formal por aquilo que ela é, pela sua especificidade e não por sua oposição à educação formal. Gostaria também de demonstrar que o conceito de educação sustentado pela Convenção dos Direitos da Infância ultrapassa os limites do ensino escolar formal e engloba as experiências de vida, e os processos de aprendizagem não-formais, que desenvolvem a autonomia da criança (GADOTTI, 2005, p.2).

Em relação a educação informal, Coombs e colaboradores (1973, *apud* SMITH, 2001) a definem como o verdadeiro processo de aprendizagem realizado ao longo da vida, onde cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – na família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa.

Similar a este conceito, Gohn diz que:

A educação transmitida pelos pais na família, no convívio com os amigos, clubes, teatros, leituras de jornais, livros, revistas, etc. são considerados temas da educação informal. [...] A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar (GOHN, 2001, p. 98-99).

O conceito apresentado por Bianconi & Caruso é similar:

Aquela na qual qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos, através de experiência diária em casa, no trabalho e no lazer (BIANCONI & CARUSO, 2005, p.20).

Paulo Freire traz uma interessante reflexão sobre o assunto:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE In GADOTTI, 2005, p.2).

Gohn diferencia a educação não-formal da informal de acordo com a intencionalidade do sujeito:

O que diferencia a educação não-formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. [...] a educação informal ocorre nos espaços de possibilidades educativas no decurso da vida dos indivíduos, como a família, tendo portanto caráter permanente (GOHN, 2001, p. 99-100).

Ela também afirma que a educação não-formal não pretende substituir ou desvalorizar a educação formal, mas sim, somar-se a ela com o intuito de promover ações transformadoras da educação (GOHN, 2001, p.99).

Quanto às diferenças entre a educação formal e não-formal, Moacir Gadotti aponta que:

A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema seqüencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração

variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem (GADOTTI, 2005, p.2).

Ele, assim como Gohn, defende a idéia de complementaridade entre os dois sistemas de ensino:

[...] defendo a complementaridade entre o sistema formal e a grande variedade de ofertas de educação não-formal, inclusive para enriquecer a educação formal, reforçando modos alternativos de aprendizagem. Os obstáculos são muitos, inclusive de superação de certas mentalidades que tentam avaliar a educação não-formal através de critérios formais, o que reduz muito a riqueza do saber construído pelas organizações e movimentos sociais no campo da educação não-formal. O desafio é grande mas não é insuperável. Com essa integração todos temos a ganhar tanto em relação ao currículo escolar, quanto à metodologia, à avaliação da aprendizagem, à gestão escolar e à convivência social (GADOTTI, 2005, p. 10).

Ernest Hamburger acha que esta discussão é irrelevante e diz que a principal vantagem/diferença entre os três sistemas é a avaliação:

Existem especialistas da área que fazem questão dessas distinções, entretanto, eu não acho tão importante. O formal é o que está organizado na escola, mas se pode dizer que o ensino à distância também é um ensino formal, pois se insere dentro de uma estrutura onde o aluno será examinado de alguma forma e irá obter um certificado. Resumindo, a característica do formal pressupõe que o aluno tenha um interesse pré-determinado, para poder se qualificar para um certo emprego, um certo exame, diploma ou coisa desse tipo. A grande vantagem do ensino informal e do não formal é que não existe esse exame e esse emprego posterior (HAMBURGER In PEREIRA, 2005).

Para ele, mais importante do que definir os sistemas de educação, é a qualidade dos profissionais em exercício:

Então a pessoa está indo pelo seu próprio interesse e isso tem conseqüências importantes. O professor em sala de aula acredita que os alunos têm que assistir aula e aprender tudo que está sendo ensinado. Por isso mesmo, sendo uma obrigação, ele não precisa fazer nenhuma concessão para conquistar o interesse dos alunos. Num museu de ciências ou em um ambiente de ensino não formal e informal em geral, primeiro precisa-se captar o interesse do visitante ou aprendiz. Se não conseguir alcançar esse objetivo, o visitante irá embora e não ocorrerá a interação. Na verdade, essa dinâmica também vale para o professor em sala de aula, pois se o professor que não conseguir despertar o interesse do aluno, este não aprenderá. Por isso eu acho essa distinção pouco importante, porque um bom professor formal também será um bom professor informal (HAMBURGER In PEREIRA, 2005).

Para Gadotti (2005, p.4) é prudente, nos dias de hoje, que não se estabeleça rígidas fronteiras entre o formal e o não-formal, uma vez que na escola e na sociedade, interagem diversos modelos culturais:

Os currículos monoculturais do passado, voltados para si mesmos, etnocêntricos, desprezavam o “não-formal” como “extra-escolar”, ao passo que os currículos interculturais de hoje reconhecem a informalidade como uma característica fundamental da educação do futuro. [...] O currículo intercultural engloba todas as ações e relações da escola; engloba o conhecimento científico, os saberes da humanidade, os saberes das comunidades, a experiência imediata das pessoas, instituintes da escola; inclui a formação permanente de todos os segmentos que compõem a escola, a conscientização, o conhecimento humano e a sensibilidade humana, considera a educação como um processo sempre dinâmico, interativo, complexo e criativo (GADOTTI, 2005, p. 4).

Marandino e colaboradores (2003, p.5), preocupados com essas definições utilizadas nas literaturas sobre o ensino de ciências se aprofundaram em uma pesquisa sobre os termos educação não-formal, informal e formal. Com os resultados coletados em ampla revisão bibliográfica e depoimentos de profissionais da área constataram a existência de diferenças de definições nas literaturas anglofônica e lusofônica.

Os autores de língua inglesa usam os termos *informal science education* e *informal science learning* para todo o tipo de educação em ciências que usualmente acontece em lugares como museus de ciência e tecnologia, *science centers*, zoológicos, jardins botânicos, no trabalho, em casa etc. Já os de língua portuguesa subdividem a educação em ciências fora da escola em dois subgrupos: educação não-formal e informal, sendo o último relativo aos ambientes cotidianos familiares, de trabalho, do clube etc. (MARANDINO *et al.*, 2003, p.5).

Isto poderá ser percebido no decorrer deste capítulo, em que apresentaremos falas de diversos autores sobre a divulgação científica.

Após reflexões sobre este assunto em relação ao tema da pesquisa (os museus como espaços de ensino), entendemos que, quando a visita a um museu ou centro de ciências é feita de forma direcionada, ou seja, com um objetivo específico de construir determinados conteúdos, podemos dizer que este espaço está servindo para a educação não-formal. No entanto, quando as visitas são feitas de forma aleatória pelos visitantes,



um pai levando seu filho ao museu como atividade de lazer e cultura, por exemplo, podemos dizer que está ocorrendo a aprendizagem através do ensino informal, haja vista que o ensino informal se diferencia do ensino não-formal pela intencionalidade dos sujeitos.

## 2.2 ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

Krasilchik e Marandino (2004, p.6) afirmam que a relação do desenvolvimento científico com o desenvolvimento econômico e tecnológico, bem como suas conseqüências, resultou em um importante movimento pedagógico denominado “Ciência, Tecnologia e Sociedade” (CTS):

Essa tendência leva em conta a importância atual da ciência na tecnologia, desta na indústria, na saúde e, de modo geral, na qualidade de vida, envolvendo uma visão interdisciplinar que desconsidera rígidas fronteiras dividindo campos do conhecimento (KRASILCHIK & MARANDINO, 2004, p. 6).

O Movimento de popularização da Ciência intitulado Movimento Ciência Tecnologia e Sociedade (CTS), preza pela “ciência para todos”, sendo útil a todos os cidadãos, independente dos estudos que pretendam seguir posteriormente, haja vista que os conhecimentos e habilidades requeridas nos futuros estudos acadêmicos se dirigem de acordo com o interesse e motivações de cada estudante (ROSA, 2002).

Vale ressaltar que este movimento não tem como finalidade única a popularização da ciência. Teixeira (2003, p.180-181) faz um breve histórico sobre o tema e pontua, segundo diversos autores, os principais objetivos do movimento CTS. Ele afirma que este movimento iniciou-se na década de 1970, derivado de um conjunto de reflexões sobre o impacto da ciência e da tecnologia na sociedade moderna. Destaca que para alguns autores o objetivo central é o desenvolvimento de uma cidadania responsável (individual e social) para lidar com problemas de dimensões científicas e tecnológicas. Já para outros, os objetivos são definidos segundo alguns aspectos como: a promoção do interesse dos aprendizes em relacionar ciência com aplicações

tecnológicas e os fenômenos da vida cotidiana; a abordagem das aplicações éticas e sociais relacionadas ao uso da ciência e tecnologia; e a compreensão da natureza da ciência e do trabalho científico.

De forma geral, pode-se dizer que para a maioria dos pesquisadores os objetivos do Movimento CTS referem-se às preocupações com a formação do indivíduo para a cidadania, incluindo, a capacidade de tomada de decisão por meio de uma abordagem que articula ciência, tecnologia e sociedade, concebendo a ciência como um processo social, histórico e não-dogmático (TEIXEIRA, 2003, p.184-185).

Krasilchik & Marandino (2004, p.8) afirmam que foram diversos os movimentos paralelos de renovação do ensino que convergiram para uma análise da concepção de ciência que vai além de tê-la como uma ferramenta para descobrir fatos e estabelecer conceitos gerais, para considerá-la como processo e como instituição. A reflexão e definição sobre o conceito de ciência, assim como o da tecnologia, pela população em geral, demanda um amplo esclarecimento, não só pela complexidade e desafios de definição, mas também pela influência dos meios de comunicação de massa que muitas vezes deturpam informações deste tipo.

Essa preocupação com a aproximação entre a ciência, tecnologia e sociedade não ficou restrita aos espaços escolares. Krasilchik e Marandino (2004, p.10) identificam essa tendência em diversas ações de divulgação, nos museus, centros de ciência, revistas e publicações destinadas ao público. Para elas, estas iniciativas representam um amplo movimento de alfabetização científica.

Afinal, de quem será o papel de alfabetizar cientificamente, dos docentes de ciências? Entendemos que a maior parte da responsabilidade cabe, de fato, à escola, afinal, é ela que dá aos indivíduos as noções básicas, desde a alfabetização propriamente dita às primeiras operações aritméticas, que permitirão às pessoas a aquisição de uma cultura científica básica. Porém, nos dias de hoje, com a crescente explosão de tecnologia e informação, é preciso refletir se a escola, com sua atual estruturação dos currículos, programas e horários pode acompanhar o explosivo desenvolvimento científico atual.

A escola utiliza como base para educar seus alunos o conhecimento fornecido pelos livros e segundo Gaspar (1993, p.38), este fato retarda a sua atualização, já que as conquistas da ciência e da tecnologia não acompanham a seqüência curricular, e vice-versa. A inclusão de novos conceitos (ou novas descobertas) no currículo exige tempo, tanto em função das dificuldades materiais, e até mesmo burocráticas, como pela prudência em esperar a solidificação do novo conhecimento.

É fato que o ensino de ciências, hoje em dia, apresenta uma visão mais interdisciplinar da ciência, na qual o contexto da pesquisa científica e suas conseqüências sociais, políticas e culturais são importantes elementos (KRASILCHIK & MARANDINO, 2004, p.6).

Chassot (2003, p.31) ressalta que a maior responsabilidade em ensinar Ciências é fazer com que os discentes se tornem cidadãos mais críticos, agentes de transformações do mundo em que vivem. À luz dessa ambição, em que os cidadãos tornem-se alfabetizados cientificamente, define **alfabetização científica** (*science literacy*) como um conjunto de conhecimentos que facilita aos seres humanos a realização da leitura do mundo onde vivem, e os **alfabetizados cientificamente** aqueles que não só possuem esses conhecimentos, mas que também entendem as necessidades de transformar o mundo em que vivem, e para melhor<sup>10</sup> (CHASSOT, 2003, p.38).

Segundo a revisão bibliográfica sobre a alfabetização científica feita por Lorenzetti & Delizoicov em 2001 o conceito mais aceito e utilizado atualmente, foi definido por Miller (1983 *apud* LORENZETTI & DELIZOICOV, 2001, p.3) e diz que a alfabetização apresenta dois diferentes significados:

- Um mais denso, que estabelece uma relação com a cultura, a erudição, implicando em cidadão alfabetizado aquele que é culto, erudito, e ilustrado;
- E outro, que se restringe à capacidade de ler e escrever, que ampliado para a expressão **alfabetização científica**, pode vir a ser

---

<sup>10</sup> Não faz parte da discussão deste trabalho o conceito de ciência, porém, é válido ressaltar que para Chassot (2003, p.37) a Ciência é uma linguagem para facilitar às pessoas a leitura do mundo.

entendida como a “capacidade de ler, compreender e expressar opinião sobre assuntos de caráter científico”.

Marandino & Krasilchik (2004, p.26) consideram que a expressão alfabetização científica engloba a idéia de letramento (entendida como a capacidade de ler, compreender e expressar opiniões sobre a ciência e tecnologia), mas além disso a participação oportuna do cidadão na cultura científica .

John Durant (2005, p.14-15) distinguiu três diferentes abordagens da alfabetização científica, que partilham de uma semelhança: não-cientistas que vivem numa cultura científica e tecnologicamente complexa, deveriam saber um pouco sobre ciência. A primeira abordagem enfoca o conteúdo científico; a segunda, acentua a importância dos procedimentos mentais e manuais da ciência; e a terceira nas estruturas sociais, na cultura científica.

Existe uma extensa bibliografia que discute e trata deste tema que apresenta múltiplos significados e interpretações, porém, o fato de estarem sempre presentes, quer seja na bibliografia especializada, quer seja nos meios de comunicação de massa, indica a importância da ciência no nosso dia-a-dia (KRASILCHIK & MARANDINO, 2004, p.16).

Marandino e colaboradores realizaram um trabalho em 2003 no qual o principal objetivo foi definir e aprofundar os conceitos geralmente associados à alfabetização científica. Foi feito um levantamento teórico e de depoimentos de profissionais que atuam nesta área, e os dados obtidos mostram que não existe um consenso de definições. Este fato é apontado principalmente pelo uso de critérios diferenciados para definição dos termos. Este é um importante resultado que aponta para a falta de uma linguagem comum entre aqueles que “pensam”/“praticam” atividades relacionadas a eles. Este dado pode ser entendido como um indicativo da relevância do assunto, que se mostra atual e recente (MARANDINO *et al.*, 2003, p.11).

Para reforçar, e de certa forma justificar este fato, é importante destacar a pluralidade dos profissionais que vêm atuando nesta área como cientistas, educadores,

jornalistas, museólogos, agentes de saúde, entre outros, que vêm divulgando a ciência para um público diverso (KRASILCHIK & MARANDINO, 2004, p.16).

## 2.3 POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Você conseguiria viver nos dias de hoje – e com uma boa qualidade de vida – sem energia elétrica, sem atendimento médico e medicamentos, sem conhecer os efeitos de substâncias tóxicas em seu organismo ou sem valorizar a importância de realizar exercícios físicos e viver em um ambiente saudável? (KRASILCHIK & MARANDINO, 2004 p. 12).

Certamente a sua resposta para essa questão será negativa, pois é inegável nos dias de hoje a presença da ciência e tecnologia no nosso cotidiano, quer seja por impactos causados ou através dos produtos consumidos a todo instante. Além disso, elas trazem contribuições para a nossa compreensão do mundo e a compreensão do nosso lugar nele, entre tantas outras influências que exercem nas nossas vidas.

Neste novo milênio, a educação vem sendo apontada como uma potência transformadora da humanidade, capacitando-a para os novos desafios da globalização e dos avanços tecnológicos.

No século atual, estamos tendo de lidar com uma série de desafios relacionados ao que será o ensino no século XXI. Identificar e aprender a usar uma grande variedade de novos equipamentos, materiais, programas de computador e recursos originários da Internet no ensino e na aprendizagem da ciência é apenas parte de um contexto mais amplo. Existem ainda desafios maiores, como por exemplo, o desafio do relativo despreparo, e em muitas de nossas escolas e distritos escolares, a carência de oportunidades para o desenvolvimento profissional e de muitos professores (bem como de seus alunos) para o ensino da ciência em geral.

O ensino das ciências necessita de uma nova realidade. Para tanto, faz-se necessário reconhecer que: a juventude do século XXI será muito diferente das demais; a educação é para toda a vida; a tecnologia tem um papel muito importante na educação das próximas gerações e na formação de mentalidades; uma visão de mundo

é construída a partir da infância, na família, e tem o seu ponto de inflexão na escola, durante a juventude; seus projetos profissionais, em qualquer que seja a área de atuação ou situação, devem estar ligados a uma contribuição para a humanidade (MARCOVITCH, 2000, p.43).

Para Caruso & Bianconi ensinar ciências é:

[...] mais que promover fixação dos termos científicos; é privilegiar situações de aprendizagem que possibilitem ao aluno a formação de sua bagagem cognitiva. A construção dessas situações é tarefa árdua para os profissionais preocupados com o ensino (CARUSO & BIANCONI, 2005, p.20).

Para um profissional ensinar é necessário muito mais do que saber os conteúdos e ter boa didática. A construção do conhecimento científico, a paixão pela pesquisa, o contato com novas tecnologias e instrumentos usados hoje em dia e a vontade de adotar uma nova postura na sala de aula, fazem grande diferença, segundo pesquisa desenvolvida com docentes do ensino de ciências. Além disso, estes profissionais devem estar em formação permanente, relacionando a pesquisa científica e pedagógica à prática docente. Para isso, a formação continuada de professores, deve ser feita mostrando e discutindo a construção da ciência, junto daqueles que a fazem, fazendo com que o professor vivencie os episódios de pesquisa, assim como a abordagem e implementação sobre novos temas em sala de aula devem ser feitas junto aos pesquisadores da área de ensino (VIANNA & CARVALHO, 2001).

Precisamos, enquanto educadores e popularizadores da ciência, associá-la com aspectos construtivos e profundos, com a arte, a cultura, a história, a filosofia e também tirar o mistério que envolve tanto a ciência como os cientistas, professores e trabalhadores da ciência em geral. É necessário mostrar que a ciência é uma possível ferramenta, entre tantas, a ser utilizada para clarear as idéias, entendimentos e noções sobre a natureza, a sociedade, enfim, sobre o mundo.

Diante das discussões no campo da História e Epistemologia das Ciências, diversos foram os trabalhos que reivindicaram uma história social e cultural das ciências e colocaram em xeque, entre outras coisas, a noção de universalidade dos

enunciados científicos<sup>11</sup>. Outros trabalhos discutem aspectos como a importância de estudos que aumentam o conhecimento do espaço de cada ciência, o que significa conhecer o processo de “aclimatação” das ciências no âmbito de cada país ou região (ALVEZ, 2001, p.21).

[...] a aparente universalidade dos enunciados científicos<sup>12</sup>, o fato de que eles sejam descritos como verdade e todo lugar e compreendidos nos mesmos termos por todos, não pode constituir um bom ponto de partida para uma análise histórica das ciências. Se os saberes científicos (como as outras formas de saberes) circulam, não é porque são universais. É porque eles circulam – ou seja, porque são reutilizados em outros contextos e que um sentido lhes é atribuído por outros – que eles são descritos como universais (PESTRE, 1995, p. 498, *apud* ALVEZ, 2001, p.21).

A educação científica em espaços de ensino não-formal vem sendo discutida já há muito tempo sob diversos aspectos, como por exemplo, a controvérsia do aprendizado informal/não-formal dos conteúdos de ciências nestes espaços e as críticas e restrições, feitas pela própria comunidade científica, em relação à divulgação científica. Gaspar cita que:

Joseph Henry, um dos maiores físicos americanos, quando da criação do Instituto Smithsonian, em 1846, opôs-se a que a instituição destinasse verbas para divulgação científica sob a alegação de que, nos Estados Unidos, havia centenas de instituições destinadas a esse fim, mas não havia uma só que apoiasse a produção e o incremento científico (GASPAR, 1993, p. 12)

Nos dias de hoje, parece que acontece o inverso! Muitos pesquisadores estão deixando de lado as pesquisas estritamente específicas de uma determinada área da ciência, para voltarem-se às pesquisas relativas à educação científica. Por exemplo, o pesquisador George Hein, PhD em Química, que abandonou a pesquisa em laboratório para tornar-se educador especialista em avaliação de programas educacionais, inclusive em centros de ciências.

---

<sup>11</sup> Não faz parte do escopo do trabalho a discussão entre universalismo e multiculturalismo apresentada neste argumento, sendo assim, não nos aprofundaremos neste assunto.

<sup>12</sup> Vide nota anterior.

Michael Shortland, da Universidade de Oxford, ligado a um projeto de alfabetização científica, manifesta sérias dúvidas quanto a algumas propostas de educação não-formal de ciências :

Quando a educação e o entretenimento são apresentados juntos, num mesmo nível, a educação será a perdedora [...] em centros interativos de ciências as crianças se divertem participando de uma série de "experimentos", mas elas aprendem pouca ciência e podem adquirir muitas concepções errôneas que, no mínimo, não combinam com o que é proposto na sua apresentação. [...] Que idéias e imagens da ciência (e, por extensão, do cientista) estão sendo cultivadas aqui? Ciência como um simples jogo, como um inocente entretenimento?" (SHORTLAND, 1987 p. 213-214).

Leon Tratchman, da Universidade de Purdue nos Estados Unidos, manifesta preocupação semelhante quanto à divulgação da informação científica. Ele diz que quando não adequada, além de inútil, e pode causar mais prejuízos que benefícios:

Quando há um consenso científico, não há necessidade de informar o público, exceto como agir adequadamente. Quando não há consenso porque inundar o público com ambíguos e contraditórios relatos sem oferecer nenhum meio de avaliá-los? [...] Na realidade uma pessoa imersa em informações sobre ciências pode não estar em melhor situação do que uma pessoa quase totalmente desinformada (TRACHTMAN, 1981, p.10-15).

Contradizendo este ponto de vista, o então presidente da *Technical Education Research Center* em 2005, Dennis Bartels, defende que estes espaços, por não terem a formalidade do ensino em que a aprendizagem do estudante é sempre imposta e avaliada, propiciam uma aprendizagem sobre a ciência de forma mais espontânea. Ele afirma que:

As escolas têm exames, provas, obrigação, enquanto os museus não tem nada disso. O museu é um currículo não linear, sem regras. É um espaço onde os visitantes podem fazer suas próprias escolhas, ajustar seus desafios, interagir e questionar livremente. Eles não estão lá para ser aprovados. Ele funciona como um espaço "transformal" onde as pessoas podem cruzar informações e transformá-las em conhecimentos. A Ciência deve ser algo que possa contribuir para a vida (BARTELS In ROSENFELD, 2005 b).

O professor Henrique Lins de Barros, então diretor do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, também questiona a ciência divulgada não formalmente:



Eu não tenho certeza de que tipo de ciência nós pretendemos divulgar, pois o método científico<sup>13</sup> não é passível de divulgação. Nós podemos divulgar os resultados da ciência mas isso não é divulgar ciência. Tentar conciliar um aspecto lúdico com um aprendizado extremamente abstrato, que é o que a ciência oferece hoje, eu, pessoalmente, considero impossível. [...] o La Vilette não pretende divulgar ciência mas pretende fazer uma ode à indústria francesa [...] um visitante pode se esforçar muito mas ele pouco vai entender do que está ali. No La Vilette tudo é muito bonito e bem montado mas ali, ou o visitante já entende previamente o assunto ou sai dali sem entendê-lo (BARROS, 1991 *apud* GASPAR, 1993, P.77-78).

Jorge Wagensberg, Físico, divulgador da ciência e diretor geral do Museu Cosmo Caixa, em Barcelona, afirma que um dos problemas da divulgação científica é que poucas pessoas entendem o que é a ciência. A ciência está no dia-a-dia das pessoas, mas passa despercebida. Contrapondo os pontos de vista de Henrique Lins de Barros e de Leon Tratchman acima, ele afirma que:

A comunidade científica tem por objetivo criar ciência e educar novos cientistas, em geral, não se dedica à divulgação científica. O que é normal. Na Espanha, os cientistas quando precisam divulgar seus resultados vão até o Museu e pedem sua intermediação junto à comunidade e à imprensa. Ou seja, recorrem diretamente aos divulgadores, àqueles que estão aptos e acostumados a falar com todos. Na minha opinião, e para dar um exemplo, as melhores revistas especializadas em ciências são editadas por jornalistas, profissionais capazes de ver quando uma reportagem está compreensível ou não. [...] é importante explicar o método científico<sup>14</sup> e não só o produto final para que elas possam compreender e acreditar que aquilo é real e tem algum significado na sua vida. Caso contrário, acham que as invenções científicas são dignas apenas de pesquisadores e cientistas profissionais, enquanto qualquer pessoa pode se aventurar nesse mundo repleto de surpresas. Sem saber, aprendemos ciência consertando um carro. De maneira informal aprendemos muitas coisas e, por isso, precisamos estimular esse tipo de educação. A ciência está presente em tudo no dia-a-dia (WAGENSBERG In ROSENFELD, 2005 a).

Concordo com Gaspar (1993, p.78) que, estas opiniões que questionam e discordam da popularização e da educação informal/não-formal da ciência são devidas ao fato de que, ainda hoje, muitos encaram o ensino de ciências apenas levando em conta a sua estrutura formal, com um currículo lógico de conteúdos e, assim, um ensino

---

<sup>13</sup> Discordamos do autor neste ponto. Entendemos que na ciência não existe um método, e sim métodos, porém não faz parte deste trabalho esta discussão.

<sup>14</sup> Vide nota anterior sobre metodologia científica.

de ciências lúdico, informal, torna-se inaceitável. Alguns autores que comungam desta opinião questionam, inclusive, a idéia da alfabetização científica, pois, para eles, é perfeitamente concebível um mundo em que uma pessoa quase totalmente desinformada sobre as ciências pode viver igualmente aos que estão imersos a ela.

Gaspar (1993, p.78) também afirma que esta visão conservadora, onde apenas o ensino formal é valorizado, provavelmente decorre de uma concepção equivocada do processo ensino-aprendizagem que privilegia o conteúdo em vez do aprendiz, contradizendo a tendência pedagógica dominante atualmente, da aprendizagem significativa, em que o educando faz parte do processo, e depende, não somente, dos seus mecanismos de conexão aos subsunçores, mas principalmente da sua vontade em aprender<sup>15</sup>.

As idéias de George Hein são similares às de Alberto Gaspar. Quando questionado sobre as diferenças entre um centro de ciência e uma escola, durante o 4<sup>o</sup> *Science Centre World Congress* (4<sup>o</sup> Congresso Mundial de Centros de Ciências), realizado entre os dias 10 e 14 de abril de 2005, no Rio de Janeiro, respondeu o seguinte:

Um centro de ciência pode proporcionar mais oportunidades de aprendizagem. O fato de existirem muitas atrações simultâneas não é um problema dos centros de ciência, mas é meramente uma de suas principais características. O visitante possui autonomia para escolher o que fazer na ordem que quiser (aprendizagem por livre escolha). Entretanto, prefiro enfatizar os pontos em comum entre a educação formal e a não formal. A similaridade mais importante é que o aprendizado **depende fortemente da motivação e do envolvimento pessoal de cada indivíduo**<sup>16</sup> (RUBINI, 2005 a).

---

<sup>15</sup> Segundo Moreira (1999), a aprendizagem significativa surgiu com David Ausbel, na década de 60, quando a escola sofria influência behaviorista. Joseph Novak no fim da década de setenta ajudou na difusão do conceito e imprimiu uma conotação humanista, desenvolvendo estratégias facilitadoras da aprendizagem significativa. Moreira (1999) define a aprendizagem significativa como um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se, de maneira substantiva (não-literal) e não-arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo. Uma terminologia constantemente utilizada dentro da teoria da aprendizagem significativa são os subsunçores. Estes são os conceitos, idéias, proposições, etc., já existentes na estrutura cognitiva do indivíduo em aprendizagem, é o ancoradouro de uma nova informação/significado para o sujeito. Esta é uma terminologia utilizada dentro da teoria da aprendizagem significativa.

<sup>16</sup> Grifos do autor.

O físico Ernst Wolfgang Hamburger, então coordenador da “Estação Ciência”, também defende esta idéia. Hamburger parte da premissa de que um Centro ou Museu de Ciências quer primeiramente conquistar a audiência do público, e que, os professores analogamente, devem ter como primeira preocupação captar melhor a atenção de seus estudantes mesmo no ensino formal nas escolas. Quando questionado sobre a possibilidade de um indivíduo adquirir algum aprendizado em um Centro de Ciências, sem possuir conhecimentos prévios do assunto abordado na exposição, e sobre qual a diferença e quais as conexões entre ensino formal, não formal e informal ele diz que:

Todo aprendizado se baseia em um conhecimento anterior, qualquer que seja o assunto você estará acrescentando e modificando o seu conceito anterior. O museu deve acolher e aceitar conhecimentos prévios e variados. Portanto, devem existir no museu atividades específicas para quem tem um conhecimento maior e outras atividades que devem ser destinadas aos indivíduos que não detêm esse conhecimento, como uma criança ou alguém que não possui nenhuma experiência com a ciência. Em geral, nós tentamos em uma mesma exposição, coisas que são mais fáceis e imediatas de aprender e outras que sirvam de desafio para aqueles que já possuem conhecimentos maiores e querem avançar (HAMBURGER In PEREIRA, 2005).

É notória a importância dos Centros de Divulgação Científica, tais como os espaços não formais já mencionados, para a popularização da ciência, esta que é tão mistificada, confundida e até mesmo temida, uma vez que não está incorporada à nossa cultura enquanto temas de discussão e interesse, tal como o futebol ou música, por exemplo, por não ser compreendida no do dia-a-dia de crianças e adultos que crescem fora deste ambiente (HAMBURGER, 2002, p.38).

Acredita-se que estes espaços possam auxiliar no antigo sonho pedagógico da formação de indivíduos empiricamente universais, ou seja, alfabetizados cientificamente (LORENZETTI & DELIZOICOV, 2001, p.8-9).

De acordo com PAVAN (1998, p.141), desde a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), o então ministro Renato Archer reiterou que a criatividade e a capacidade de inovação são os segredos que possibilitam a população se manter livre, e de conferir condições de vida compatíveis com a dignidade do homem. Sem a ciência

incorporada à cultura, não é possível um desenvolvimento sustentado e criativo do ser humano.

Diante desta realidade é necessário discutir sobre as formas e estratégias da divulgação científica fora dos muros da escola. Segundo Hamburger (2002, p.33), diversos são os espaços de popularização das Ciências, tais como: Centros e Museus de Ciências, Parques Zoológico, Botânico e Ecológico, Parques temáticos, Bibliotecas e centros culturais, escolas e faculdades.

Para tanto, faz-se necessário divulgar a ciência de forma adequada, com uma filosofia de divulgação, e não de vulgarização grosseira, para que ela possa se tornar parte da vida dos indivíduos, e não ser um mero apêndice acadêmico ou tecnológico. Uma divulgação grosseira, seria aquela apresentada sem um cuidado com os referenciais teóricos abordados, distante de uma abordagem histórico-filosófica, sem uma contextualização, em que conceitos científicos são simplesmente reproduzidos. Um exemplo, seriam as exposições das feiras de ciências promovidas por muitas escolas, em que os estudantes simplesmente reproduzem modelos com isopor entre outros materiais, sem um devido cuidado. Uma divulgação de ciência adequada, é capaz de melhorar a cidadania, o indivíduo, ampliando sua visão do meio que o cerca, uma vez que promove a alfabetização científica. Um bom exemplo deste tipo de divulgação é a exposição do Planetário do Rio de Janeiro, que expõe objetos e experimentos de forma contextualizada e cuidadosa.

É claro que a apropriação da ciência ou dos conceitos científicos é um processo cognitivo que, obviamente, não se completa numa visita a um espaço não-formal. O então presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Ennio Candotti, diz que de nada adianta se o museu for encarado pelos visitantes apenas como diversão, ou seja, caso não haja conhecimento cumulativo, a visita será apenas um entretenimento (CANDOTTI In ROSENFELD, 2005b). Assim, as exposições de um museu ou Centro de Ciências podem, no mínimo, funcionar como ampliadores do universo de conceitos, quer sejam espontâneos ou científicos, do visitante.

Nesse sentido, parecem irrelevantes as indagações sobre que tipo de ciência se pretende divulgar, dúvidas a respeito da possível aquisição de concepções errôneas, ou ainda, preocupações em relação a prejuízos que uma abordagem lúdica possa provocar. Quanto a isso Gaspar diz que:

A aprendizagem de qualquer conceito científico, mesmo partindo de seu enunciado formal, contextualmente correto, não garante a eliminação de concepções errôneas correlatas que podem se originar, tanto a partir da interferência de concepções espontâneas prévias, como comprovam inúmeras pesquisas nessa área, como a partir de dificuldades cognitivas, deficiências de comunicação etc. O que importa é estarmos conscientes de que concepções errôneas não são privilégio da educação informal nem são, obrigatoriamente, definitivas (GASPAR, 1993, p. 80).

Um outro aspecto relevante diz respeito ao professor, que nem sempre é preparado ou atualizado, devido a uma deficiência nas políticas da formação inicial e continuada, fazendo com que se crie um sério obstáculo à introdução de novos conteúdos ou nas estratégias que permitam um ensino voltado à realidade ou aos acontecimentos do dia-a-dia, embora previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (LIRA-DA-SILVA & SMANIA-MARQUES, 2005, p.38).

A formação do professor de ciências deve incorporar na metodologia de ensino/prática a articulação entre os saberes pedagógicos e os específicos da ciência, capacitando-os de forma a tornarem-se educadores integrais, que primem não só pelo conteúdo científico, mas também pela ética, estética e moral, assim como diz a Lei Federal 9.394/96 Art. 61(CARDOSO & SOUZA, 1996), sobre a formação de professores, parágrafo I, que ressalva a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço.

As diversas Licenciaturas no campo das Ciências deveriam garantir esses conhecimentos em suas matrizes curriculares de forma teórica e prática. O estreitamento entre a metodologia e a prática está na relação entre os saberes pedagógicos e científicos, onde o ensino não-formal e a divulgação científica constituem-se em questões atuais e articuladas com a educação geral (MARANDINO, 2003, p.59-76).

Os educadores, bem como as políticas públicas do país, até os anos 80 concentravam-se apenas na educação formal. A partir dos anos 90 as ações que permitem ao indivíduo agregar novos valores culturais e habilidades extra-escolares passaram a ganhar maior importância no país, devido às mudanças na economia, sociedade e no mundo do trabalho, inclusive com apoio de agências e organismos internacionais, tais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (GOHN, 2001, p.92).

Diante da “Lei de Diretrizes e Bases da Educação” (Lei Federal 9.394/96, CARDOSO & SOUZA, 1996), Art. 81 que caracteriza o estágio a ser realizado pelo discente, surgem diversas discussões, que, muitas vezes, levam a conclusões perigosas sobre a valorização do estágio escolar como único local a ser privilegiado pela prática pedagógica. Segundo Marandino (2003, p.59-76) este tipo de valorização da escola, mais precisamente da sala de aula, faz com que novos espaços pedagógicos, que necessitam de estudos a partir de referenciais do campo educacional, sejam deixados à margem da educação.

Nos dias de hoje ser professor implica aquisição de saberes das diferentes práticas pedagógicas desenvolvidas em outros espaços educativos fora do espaço formal, como nos museus, por exemplo.

Um Museu e/ou um Centro de Ciência com seus experimentos e instalações, não substituem a existência de laboratórios nas escolas, nem o papel do educador como um dos principais responsáveis pela transmissão de conhecimento a sociedade. Mas cumpre duas finalidades básicas: inspirar as pessoas com relação à beleza e à importância da ciência e à maneira pela qual ela pode resolver os problemas práticos; e permitir a melhor compreensão das Leis científicas, por meio de demonstrações que revelam a intimidade dos fenômenos (*insights*) (GOLDEMBERG, 1998, p.34). Vários são os visitados, inclusive, por crianças de três, quatro anos de idade, formando desde cedo o gosto pela ciência.

Jorge Wagensberg comenta de modo muito pertinentemente esta questão, quando questionado sobre os Museus de Ciências como extensões da sala de aula:

[...] Muito pelo contrário. Quando um museu de ciências tiver que oferecer ensino básico, significa que a educação como um todo está com deficiências graves. A escola é um sistema formal de ensino. O Museu é o local onde qualquer visitante pode pensar por si mesmo, refletindo sua sociedade, cultura e questionar os dogmas. [...] Mas, evidente que este museu não pode ter uma estética infantil, como a maioria dos centros de ciências nos Estados Unidos (WAGENSBERG In CAVALCANTI, 2005).

Os Museus e Centros de Ciência constituem, dessa forma, uma importante ferramenta no processo de popularização da ciência e da alfabetização científica do cidadão, e assim, têm despertado o interesse de educadores, cientistas e administradores públicos em todo o mundo. Faud Daher Saad, membro da Academia Brasileira de Ciências, diz que cada vez mais, estudantes e a população em geral procuram esses espaços culturais, acentuando a importância que vem assumindo no processo educativo. Uma vez que nem sempre o desenvolvimento científico e tecnológico é acompanhado de sua apropriação por parte dos estudantes e da população em geral, esses espaços culturais atuam como faróis para uma alfabetização científica (SAAD, 1998, p.22).

Sobre o mesmo assunto o físico Ildeu de Castro Moreira apresenta argumento controverso:

Os museus e centros de ciência brasileiros embora tenham crescido nos últimos anos, têm ainda pequena capacidade de difusão científica e as universidades, apesar de esforços localizados, pouco fazem nesta linha. Enquanto em países desenvolvidos da Europa e nos EUA existe uma rede grande de museus e centros de ciência, freqüentados anualmente por parcela significativa da população, no Brasil a disponibilidade de locais e a taxa de visitação a tais instituições alcançam níveis ainda muito baixos. Não se pode esquecer que existem também desigualdades regionais na distribuição de tais instituições e no acesso à informação qualificada sobre a ciência, seus conteúdos e seu funcionamento. Grande parte dessas iniciativas estão altamente concentradas em São Paulo e no Centro-Sul do país e, mesmo aí, em áreas privilegiadas econômica e socialmente (MOREIRA, 2003).

No entanto, investigações junto a professores de ciências (MARANDINO, 2003, p.59-76) constataam a falta de reconhecimento destes espaços como instituições de pesquisa e educação. A maioria desconhece a história e o papel social destas instituições. Os estudantes das Licenciaturas, em sua maioria, desconhecem o potencial



educativo desses locais, apesar de reconhecerem a existência histórica de atividades extra-classe realizadas nestes espaços por professores.

Além disso, existe, ainda nos dias de hoje, um grande preconceito com a palavra "museu", que é normalmente associada a velharias, antigüidades e artefatos sem vida. Comumente, ouve-se a expressão "peça de museu", designando coisas velhas e imprestáveis. Segundo Gaspar (1993, p.6), esse preconceito, infelizmente, também ocorre por parte de professores e pesquisadores que se interessam pela educação informal, mas, quase sempre, procuram evitar usar a denominação museu para referir-se às instituições voltadas para essa área de atuação, sobretudo quando dirigidas ao ensino de ciências. Mesmo quando utilizada, ela é acrescida de algum adjetivo, como, por exemplo, "museu vivo" ou "museu dinâmico", reforçando o pré-conceito.

Além do discutido público escolar nos museus, existe um outro importante visitante destes espaços: o adulto que já está fora das escolas. Pesquisas indicam que o conhecimento deste tipo público sobre temas científicos atuais e relevantes advém da divulgação científica através da mídia eletrônica de qualidade e dos museus de ciências (MARANDINO, 2003, p.59-76).

Os cientistas, de uma forma geral, possuem conhecimentos específicos de determinada área, e em geral são rápidos para avaliar novas informações/descobertas em sua área. Em relação às novas afirmações em outros campos do conhecimento eles podem pensar em como elas se ajustariam a outras descobertas já bem estabelecidas, podem tirar dúvidas com outros colegas que sabem mais sobre o assunto para formar um ponto de vista, buscar detalhes em um periódico especializado ou simplesmente podem esperar para ver como a novidade se comportará. Estes comportamentos são possíveis pois possuem uma experiência com a pesquisa de forma direta em suas vidas, o que lhes garante alguma sensibilidade para lidar com questões complexas envolvidas na avaliação de qualquer informação (DURANT, 2005, p.25-26).

Já o público, de uma forma geral, não tem contato direto com a pesquisa. Os conhecimentos do ensino formal constituem a sua única base em relação aos conhecimentos científicos, que são insuficientes e distintos dos conteúdos científicos



apresentados no dia-a-dia com novas descobertas. Para tentar amenizar este problema, o ensino formal vem incorporando em seus currículos material sobre a natureza da ciência, ao mesmo tempo em que a educação informal/não-formal vem tentando transmitir informações sobre o espírito científico em exposições interativas, por exemplo (DURANT, 2005, p.25-26).

Pesquisas indicam que a popularização das Ciências no Brasil ainda é modesta, no entanto, cresce aceleradamente, em busca de uma meta bastante ambiciosa: que os assuntos científicos sejam discutidos nos bares e botequins com interesse comparável ao futebol e às novelas, pois neste dia, certamente, o país terá sistemas de Ciência e Tecnologia, de Educação e de Comunicação muito mais avançados que os atuais (HAMBURGER, 2002, p.38).

Cabe aqui também ressaltar que os espaços museais investigados na UFBA por esta pesquisa possuem em seus acervos e/ou exposições material fruto de pesquisas científicas, ou seja, são espaços potencialmente divulgadores do conhecimento científico.

A definição dos conceitos como alfabetização científica e popularização da ciência ainda não são consensuais, assim como os conceitos de Educação Formal, Não-Formal e Informal. Nestes termos assumimos a Educação Científica (*Science Education*) como um ramo amplo que inclui alfabetização científica, popularização da Ciência e divulgação científica, como seus três eixos principais. Apesar disso, não é pretensão deste trabalho a definição e busca de consenso destes termos.

## 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS

Para investigarmos os Museus da Universidade Federal da Bahia (M/UFBA) como espaços de ensino não-formal, optamos pela abordagem quali-quantitativa.

George Hein, educador especialista em avaliação de programas educacionais (inclusive em centros de ciências), em entrevista concedida ao Espaço Ciência Viva em 2005, comentou sobre as pesquisas de público e a aprendizagem nestas instituições:

Diversos projetos de educação científica surgiram durante a década de 1950 nos EUA e havia a necessidade de avaliar a eficácia de seus resultados. Assim surgiram as pesquisas de avaliação em centros e museus de ciências. Estas pesquisas eram dominadas pela escola comportamentalista e, portanto, utilizavam-se de métodos quantitativos de avaliação. Com o passar do tempo, o sócio-construtivismo ganhou força e atualmente é a escola de referência. A introdução de métodos qualitativos de pesquisa em centros de ciência constitui uma de suas principais contribuições na área. Ambos os métodos, qualitativos e quantitativos, possuem pontos positivos e negativos e respondem a questionamentos diferentes. No caso particular dos centros de ciência, uma abordagem qualitativa além de ser mais coerente com a proposta de ensino não formal, traz uma maior compreensão do processo de interação e aprendizagem dos visitantes nas exposições. (RUBINI, 2005 b).

A metodologia qualitativa permite a descrição das idéias e relato dos fatos, facilitando caracterização do objeto desta pesquisa e de suas atividades. A metodologia promove ainda a compreensão e comparação das atividades realizadas pelos Museus Universitários em questão com os de outras instituições.

Além disso, essa abordagem abrange várias estratégias e fornece diversas ferramentas que proporcionam uma variedade em termos de interação do pesquisador na obtenção de certos tipos de dados supracitados.

Bogdan & Biklen (1994) afirmam que a pesquisa qualitativa tem cinco características principais, dentre elas o fato de que dados são em geral frutos de transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos, entre outros.

1. O ambiente natural da pesquisa como a fonte direta de dados, sendo o investigador o instrumento principal, utilizando-se de anotações, gravações de vídeo, áudio, etc.;
2. A pesquisa é descritiva, os dados são em forma de palavras ou imagens e não números. Nesta pesquisa fica bem clara a divisão dos dados numéricos, tratados quantitativamente com programa estatístico, e os dados qualitativos, recolhidos com observações e gravações de áudio, dando a forma descritiva da pesquisa;
3. O interesse da pesquisa qualitativa está também no processo e não só no produto; nesta pesquisa este fato é relevante tanto para a obtenção dos dados quantitativos quanto qualitativos. Por exemplo, as dificuldades encontradas para a obtenção dos dados dos questionários dos estudantes demonstram um grave problema da educação, principalmente nas séries iniciais da rede pública de ensino.
4. Análise indutiva dos dados – os dados não são recolhidos para tentar confirmar hipóteses, as abstrações são construídas à medida que os dados são agrupados;
5. O significado é de importância vital – a perspectiva dos participantes em relação ao objeto de estudo é muito importante na pesquisa qualitativa, e neste trabalho tivemos o cuidado de ouvir tanto os responsáveis pelos museus quanto seu público.

### 3.2 OS DADOS

Os dados deste trabalho foram obtidos de:

- ⇒ Entrevistas semi-estruturadas realizadas entre os meses de janeiro e julho de 2006 com os responsáveis pelos museus selecionados;
- ⇒ Fotografias da autora dos espaços analisados, tiradas nos anos de 2006 e 2007, que ilustram para o leitor os espaços investigados;

- ⇒ Questionários aplicados aos estudantes que visitaram os museus nos meses de novembro de 2006 e fevereiro de 2007;
- ⇒ Textos acerca dos espaços analisados impressos em folhetos e guias, projetos e outros capturados digitalmente da Internet.

Dentro do método qualitativo, a investigação baseou-se no estudo de caso, que consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, ou acontecimento específico. Um estudo de caso pode ser comparativo, quando realizados dois ou mais estudos de caso, comparados e contrastados (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

Desta forma, as entrevistas semi-estruturadas com os representantes dos Museus Universitários da UFBA tiveram o objetivo de descrever as atividades museológicas desenvolvidas por cada um deles, em particular, as de cunho educacional.

Aproveitamos ainda o caráter descritivo da metodologia qualitativa para descrever as opiniões dos profissionais que estão à frente destas instituições sobre museu e sua relevância para educação.

### **3.3 A SELEÇÃO DOS OBJETOS DA PESQUISA**

Inicialmente, foram levantados os museus que funcionam dentro da Universidade, quer fossem institucionalizados legalmente pela instituição como Órgão Suplementar, ou que se intitulassem como Museus. Assim, delimitamos que seriam investigados os seguintes espaços (por ordem alfabética):

1. Museu Afro-Brasileiro (MAFRO) – Órgão Suplementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da UFBA;
2. Museu de Anatomia Comparada (MAC) – vinculado ao Departamento de Anatomia dos Animais Domésticos da Escola de Medicina Veterinária da UFBA;
3. Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) – Órgão Suplementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da UFBA;

#### 4. Museu de Zoologia (MZ) – vinculado ao Departamento de Zoologia do Instituto de Biologia da UFBA.

A UFBA possui ainda outros museus e espaços de conservação e exposição, que serão citados na introdução do capítulo IV, porém não se enquadravam no recorte escolhido para a pesquisa.

As descrições dos Museus investigados neste trabalho foram feitas com base nos depoimentos gravados, observações da autora, documentos impressos como folhetos e guias disponibilizados pelos museus, além de textos capturados pela Internet.

### 3.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos selecionados para a investigação foram os profissionais que dirigem e/ou coordenam, enfim, os responsáveis por cada um dos museus selecionados.

Com a finalidade de constatar os projetos de divulgação ou incentivo para a visitação dos museus por parte da Secretaria Municipal de Educação de Salvador, entrevistamos a responsável (Assessora Técnica) pelo projeto “O caminho da Arte”, que desenvolve a ação das “Quartas ao museu” (será melhor detalhada no capítulo IV) com o objetivo do enriquecimento cultural dos discentes das escolas públicas.

Foi enviado para cada um dos profissionais um convite em forma de ofício impresso e/ou eletrônico com o objetivo principal da pesquisa (Anexo I). Após o aceite do convite, as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade de horário dos entrevistados.

No **Museu de Anatomia Comparada** foi realizada entrevista com a Diretora (Professor 03), profissional que possui graduação em Medicina Veterinária pela UFBA (1983), Mestrado em Clínica Cirúrgica Veterinária pela Universidade de São Paulo – USP (1987) e Doutorado em Clínica Cirúrgica Veterinária também pela USP (1995). Atualmente, é professora titular do Departamento de Anatomia da Escola de Medicina Veterinária da UFBA.

No **Museu de Zoologia** – MZ, foram dois entrevistados, dos três profissionais convidados. O MZ é representado por três curadores que foram igualmente convidados a participar da pesquisa. O curador sênior<sup>9</sup>, responsável pelas coleções de invertebrados aquáticos, não aceitou o convite, alegando não ter informações relevantes, contributivas, para o trabalho, uma vez que o MZ nem sequer é institucionalizado como museu junto à UFBA e não realiza atividades de ensino e popularização da ciência.

O curador sênior responsável pelas coleções de vertebrados (Professor 01) é Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula (1990), Mestre em Ciências Biológicas com ênfase em Zoologia pelo Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995) e Doutor em Ciências Biológicas com ênfase em Zoologia pela mesma instituição (2000). Atualmente, é Professor Adjunto I do Departamento de Zoologia da UFBA.

O curador sênior responsável pelas coleções de invertebrados terrestres (Professor 02) é graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1989), Mestre em Ciências Biológicas com ênfase em Zoologia pela Universidade Federal da Paraíba (1994) e Doutor em Ciências Biológicas com ênfase Entomologia pela Universidade de São Paulo (1999). Atualmente, é Professor Adjunto I do Departamento de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.

No **Museu de Arqueologia e Etnologia** o entrevistado foi o Diretor (Professor 04), Bacharel em Ciências Sociais (1975) e Mestre em Sociologia da Cultura pela UFBA (1979). Tem ainda mestrado em Antropologia (1982), Phd em Antropologia (1988), e Pós-doutorado pela University of California Los Angeles – UCLA (2002). Atualmente, é Professor Adjunto IV do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

No **Museu Afro-Brasileiro** o entrevistado foi o Coordenador (Professor 05), Bacharel em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (1992), Mestre em Informação Estratégica pela Universidade Federal da Bahia (1999) e Doutor em História

---

<sup>9</sup> Esta função será explicada no Capítulo III, item 3.5, na caracterização específica do MZ.

pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Atualmente é Professor Assistente do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia.

Na Coordenação Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Salvador, foi ouvida a Técnica Licenciada em Dança pela UFBA responsável pelo projeto “O caminho da Arte”, que, dentre outras atividades, desenvolve a ação das ‘Quartas ao museu”. Nesta ação, todas as quartas-feiras, escolas da rede municipal de ensino visitam os museus de Salvador previamente selecionados pela Secretaria Municipal de Educação.

### 3.5 OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados da pesquisa foram os protocolos e gravações em áudio das entrevistas com os profissionais que dirigem ou coordenam as atividades dos museus, os questionários aplicados com os estudantes que visitaram os espaços e a análise documental e bibliográfica.

As perguntas das entrevistas foram elaboradas de acordo com os dados pré-existent na literatura específica e baseados nos questionários da tese de Doutorado de Marandino (2001b).

#### ⇒ A ENTREVISTA

Para Bogdan & Biklen (1994), as entrevistas são vitais na pesquisa qualitativa e se caracterizam como conversas intencionais, entre duas ou mais pessoas, dirigidas por uma delas, que objetiva obter informação das demais. Ela permite que o investigador perceba diretamente a idéia dos sujeitos acerca do tema em questão. Os autores consideram que este instrumento pode ser a estratégia dominante ou ser usada em conjunto com outras técnicas. No caso desta pesquisa, esta foi a principal técnica para a coleta dos dados.

A entrevista adotada foi do tipo semi-estruturada, feita com base em um roteiro, “protocolo da entrevista”, elaborado de acordo com pesquisa bibliográfica e

com base em protocolos pré-existentes para o mesmo fim. O protocolo é formado por tópicos e questões encadeadas de forma lógica, de acordo com o tema. A organização e formulação das questões de forma antecipada permitiu que as mesmas perguntas fossem feitas a todos os entrevistados, promovendo a comparação das respostas, além de facilitar a organização e análise dos dados. As perguntas de caráter subjetivo permitiram que os entrevistados não só expusessem suas idéias acerca do objetivo da pesquisa, como também permitiram uma caracterização mais abrangente dos sujeitos (aptidão e opção pelo cargo, envolvimento com o museu, entre outros).

Foram elaborados dois roteiros, um direcionado aos profissionais responsáveis pelos Museus e outro para a Secretaria de Educação da Prefeitura de Salvador. O primeiro protocolo foi constituído com cerca de dezenove pontos principais, com o objetivo de obter informações institucionais e opiniões pessoais (Anexo II.1). A estrutura foi formada por três blocos: a primeira questão tratava de uma caracterização pessoal do profissional em relação ao cargo que ocupa no museu; as oito perguntas seguintes se referiram a questões de opinião pessoal sobre museu, museus de ciências, alfabetização científica, popularização da ciência e planejamento pedagógico; as demais perguntas eram específicas sobre a instituição.

O segundo protocolo contou com cinco questões principais, com o objetivo de obter informações específicas do projeto desenvolvido pela Prefeitura de Salvador em relação à popularização dos Museus junto às escolas da rede municipal de ensino (Anexo II.2).

Com os Professores 03, 04 e 05 foram realizadas visitas comentadas às exposições dos museus, nas quais o entrevistador e entrevistado percorreram todo o espaço da exposição e foi possível coletar dados sobre a exposição e a visão dos profissionais sobre as mesmas.

Ao todo, foram realizadas seis entrevistas, sendo duas com Curadores, duas com Diretores e uma com Coordenador dos Museus, e uma com a técnica da Secretaria Municipal de Educação.



Antes de iniciar a entrevista, cada sujeito foi consultado sobre a permissão para a gravação do áudio em fitas microcassetes, posteriormente transformadas em arquivos tipo mp3 (MPEG-1 camada 3, um formato para armazenar arquivos de áudio em computadores ou mídias), com o auxílio do programa Freecorder 2.3, obtido gratuitamente através do site <http://applian.com/index.php>. As entrevistas foram então transcritas pela autora e outros profissionais e todas revisadas pela autora (Apêndice I).

Após a consulta e o consentimento da gravação, assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo III) pelo entrevistador e pelo entrevistado, a entrevista era iniciada.

#### ⇒ OS QUESTIONÁRIOS

Foram elaborados dois tipos de questionários, um para estudantes e outro para professores, que participaram da visita monitorada aos museus estudados.

Os questionários mistos (com perguntas subjetivas e objetivas) foram confeccionados de acordo com os dados pré-existentes na literatura específica, como no trabalho realizado por Martha Marandino em 2001 (MARANDINO, 2001b) e por Adriana Mortara Almeida em 1995 (ALMEIDA, 1995). A escolha do questionário foi baseada na necessidade de um instrumento que permitisse a obtenção de dados precisos dos sujeitos e o reconhecimento das suas opiniões acerca dos espaços visitados.

No que se refere particularmente a dados sobre o público, como impressão sobre a exposição, opiniões sobre o espaço e sobre a visita, entre outras questões de opinião pessoal, foram feitas perguntas abertas. Já para outros tipos de dados mais diretos como idade, sexo, entre outros, foram utilizadas questões fechadas.

Este instrumento nos ofereceu a possibilidade de inquirir um grande número de pessoas quase em simultâneo, economizando tempo, garantindo o anonimato aos inquiridos, proporcionando uma maior liberdade de resposta e uma maior facilidade no tratamento estatístico dos dados.

Se por um lado ele permite a coleta de dados de várias pessoas ao mesmo tempo, por outro gera imprecisão das respostas. Apesar dos pontos positivos, este

instrumento também apresenta problemas. Muitas respostas estavam incompletas, curtas demais ou com grafias ilegíveis. As perguntas de múltipla escolha foram respondidas preferencialmente, mas ainda assim com erros, como por exemplo, na questão onde deveria ser marcada apenas uma opção, sendo esta observação explícita na questão, os inquiridos assinalaram mais de uma alternativa, às vezes até mesmo todas as opções. Outro problema detectado durante a tabulação dos dados foi a cópia das respostas. Notamos que questionários de uma mesma turma apresentavam respostas idênticas, sugerindo que os estudantes responderam em grupo e copiando uns dos outros. Devido ao grande número de estudantes respondendo simultaneamente não tínhamos como controlar este fator. As perguntas abertas que necessitavam respostas mais elaboradas foram em grande parte deixadas em branco como pode ser observado nas tabelas do capítulo IV, sessão 4.3.

#### ✓ AS PERGUNTAS

Inicialmente aplicamos um questionário piloto com cerca de quarenta e seis estudantes de turmas e turnos diferentes, que visitaram os museus universitários do Terreiro de Jesus. Constatamos alguns problemas com a linguagem de algumas questões que foram reelaboradas. Não foi constatado nenhum problema para o questionário piloto dos professores e o mesmo foi mantido sem alterações.

Como as perguntas dos questionários, obtivemos informações pessoais dos inquiridos, opiniões sobre museus em geral e sobre o museu visitado.

Ambos questionários começavam com um cabeçalho para a obtenção de informações sobre idade, instituição de origem, sexo, bairro residente, série (no caso dos estudantes a qual cursavam, e dos professores na qual lecionavam). Para os professores foram feitas ainda perguntas como: número de alunos envolvidos na visita, área de formação e atuação.



- OS PROFESSORES

A primeira pergunta dos questionários foi: “1. Pra você, o que é um museu?”. Um dos objetivos deste trabalho era constatar o conceito de museus pelos seus visitantes.

A segunda pergunta “2. Você costuma levar seus alunos à museus? ( ) NÃO ( ) SIM. Quais?” foi importante, pois para a pesquisa era relevante saber se o professor tinha o costume de levar seus educandos a este tipo de espaço, e não só isso, as próximas questões referiam-se ao tema trabalhado em sala de aula versus a visita ao museu e à preparação dos estudantes para a visita ao espaço: “3. Você está trabalhando temas relacionados aos conteúdos apresentados no *Museu*, em sala de aula? ( ) NÃO ( ) SIM. Quais?”. “4. Você fez algum tipo de preparação específica para a visita ao museu? ( ) NÃO ( ) SIM. De que maneira?” .

A quinta questão tratava dos recursos didáticos que os professores costumam utilizar em suas aulas, a fim de saber se diversificam a forma de abordar os assuntos: “5. Você utiliza outros materiais para desenvolver suas aulas como vídeos, dvds, slides, aulas práticas, estudos de meio, etc.? ( ) NÃO ( ) SIM. Quais?”.

As perguntas 6, 7 e 8 trataram de questões sobre o hábito pessoal do professor em relação aos museus e seus hábitos culturais:

6. Você costuma visitar museus?  
( ) NÃO ( ) SIM. Cite um: \_\_\_\_\_
7. Você já tinha visitado este museu antes?  
( ) NÃO ( ) SIM. Quantas vezes? \_\_\_\_ Quando? \_\_\_\_\_ Com quem? \_\_\_\_
8. Qual das atividades abaixo relacionadas que você mais freqüenta/faz?  
(Assinale apenas uma alternativa)  
( ) Ir ao cinema  
( ) Ir ao teatro  
( ) Ir à praia  
( ) Assistir espetáculo musical/dança  
( ) Visitar exposições/museus  
( ) Assistir TV e vídeo  
( ) Outro. Especifique: \_\_\_\_\_



As perguntas seguintes foram formuladas a fim de saber suas impressões sobre o museu visitado:

9. A visita a este museu despertou a vontade de conhecer outros museus?  
( ) NÃO ( ) SIM
10. Quanto tempo você levou para visitar o museu? \_\_\_\_\_
11. O que você achou do local em que está a exposição?
12. Você leu as etiquetas e os cartazes apresentados na exposição?  
( ) NÃO ( ) SIM Quais \_\_\_\_\_
13. As informações escritas apresentadas são suficientes? ( ) NÃO ( ) SIM
14. Qual objeto mais chamou a sua atenção? Por quê?
15. Do que você mais gostou na exposição?
16. Se você pudesse fazer alguma alteração na exposição ou na apresentação da exposição, qual seria?
17. Do que você sentiu falta na exposição?
18. Quais as mensagens, idéias que as exposições estão tentando passar para os visitantes?
19. Faça as observações que desejar.

- OS ESTUDANTES

Assim como para os professores, a primeira questão foi “1. Pra você, o que é um museu?”.

Como no questionário piloto constatamos que a maioria dos estudantes estava visitando um museu pela primeira vez, colocamos esta alternativa como possível resposta para a segunda questão: “2. Você costuma visitar museus? ( ) Esta é a 1ª vez ( ) NÃO ( ) SIM Cite um:”.

A quarta questão foi igual à oitava do questionário dos professores, e com a mesma finalidade, de obter informação sobre o hábito cultural dos entrevistados:

4. Qual das atividades abaixo relacionadas que você mais freqüenta/faz?



(Assinale apenas uma alternativa)

- Ir ao cinema
- Ir ao teatro
- Ir à praia
- Assistir espetáculo musical/dança
- Visitar exposições/museus
- Assistir TV e vídeo
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

As demais perguntas foram específicas para colher impressões pessoais sobre o museu visitado:

3. Você já tinha visitado este museu antes?  NÃO  SIM Quantas vezes? \_\_\_\_\_ Quando? \_\_\_\_\_ Com quem? \_\_\_\_\_
5. A visita a este museu despertou a vontade de conhecer outros museus?  
 NÃO  SIM Por que?
6. O que você achou das salas do museu?
7. Você leu os textos das paredes e plaquinhas do museu?  NÃO  SIM  
Sobre o que?
8. Qual objeto em exposição no museu que você mais gostou? Por quê?
9. Do que você mais gostou na visita?  
 As salas  
 Os objetos  
 Os textos  
 As fotos  
 A história  
 Outro. Especifique: \_\_\_\_\_
10. Se você pudesse, o que você mudaria na exposição e na explicação do monitor?
11. O que você esperava ver neste museu, mas que não viu?
12. Qual a mensagem que o museu passou pra você?
13. Faça as observações que desejar.

### ✓ A APLICAÇÃO

Todos os estudantes e professores que adentravam aos museus investigados eram esclarecidos e convidados a participar da pesquisa. Alguns professores recusaram por terem pouco tempo disponível. Outros concordaram, porém, ao término da visita quando os questionários deveriam ser aplicados, os professores se recusaram por não terem tempo disponível. Ficávamos o dia inteiro no museu à espera das turmas marcadas.

Devido ao Museu de Zoologia não possuir as portas abertas, apenas os museus com programas de monitorias a estudantes foram avaliados.

Nos museus do Terreiro de Jesus (MAE e MAFRO) foram feitas entrevistas com as turmas que se disponibilizaram durante o mês de novembro de 2006, até a obtenção do número desejado, ou seja, cinco turmas em cada um dos museus. Quando chegavam turmas que não haviam marcado, o monitor permitia a sua entrada, porém não as guiava alegando estar esperando a turma agendada. Muitas vezes a turma agendada não chegava, e o monitor acabava ficando ocioso.

O caso do MAC é particular, pois o museu tem as portas abertas apenas para as escolas agendadas. Houve falha na comunicação com o museu e as visitas não foram comunicadas. Foi acompanhada apenas uma visita, totalizando os 10% das visitas de 2006, e a turma foi avisada previamente que participaria da pesquisa.

O tempo médio da visita em cada um dos três museus foi de 40 minutos. Ao final da visita os estudantes recebiam o questionário e uma caneta. O tempo médio para responder os questionários foi de 20 minutos. As primeiras perguntas, o cabeçalho, eram lidas em voz alta e explicado que não era necessário identificação pessoal de cada um, embora muitos estudantes quisessem ser identificados. As demais dúvidas eram esclarecidas no decorrer do preenchimento pela autora e por uma estudante do curso de Museologia da UFBA que auxiliou e acompanhou essa parte da pesquisa.

### ⇒ A OBSERVAÇÃO

A observação é uma forma do pesquisador se aproximar com mais intensidade dos sujeitos. Segundo Ludke e André (1986 *apud* MARANDINO, 2001b), este procedimento é importante para as pesquisas qualitativas, uma vez que permite ao observador apreender melhor o significado do objeto da pesquisa. Durante a coleta dos dados quali-quantitativos dos museus pude observar a dinâmica diária tanto da parte administrativa como de atendimento ao público.

Todas as exposições foram fotografadas a fim de melhor descrever os espaços selecionados. A seleção das imagens deste trabalho levou em consideração as que pudessem fornecer uma boa visualização do espaço como um todo, incluindo a arquitetura, os módulos, os objetos e os textos expostos.

### ⇒ A ANÁLISE DOCUMENTAL

A pesquisa documental constitui, neste trabalho, uma técnica secundária, a fim de complementar as informações obtidas através da técnica primária (Entrevista). Foram utilizados materiais como projetos, folhetos e guias disponibilizados pelos museus, além de textos capturados pela Internet.

### ⇒ A ANÁLISE DOS DADOS

Durante toda a pesquisa foi feito o levantamento bibliográfico sobre os temas abordados nesta pesquisa, para que pudessem auxiliar a análise dos dados obtidos. São temas como a alfabetização científica, museus universitários e ações educativas em museus e espaços de ensino não-formal. Também foi feita uma pesquisa sobre a Museologia geral e específica na área dos museus universitários e os debates entre museus de ciências, museus universitários e coleções didáticas presentes nas universidades, além de pesquisas sobre a história dos museus em geral.

Os dados quantitativos foram tratados estatisticamente no programa SPSS® for Windows 9.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*) (1998) onde são permitidas a combinação e análise das variáveis. Foram feitas medidas de frequência simples, e para

alguns casos o teste de Independência do Qui-quadrado (*crosstabs*), que permite verificar se duas variáveis (categóricas) estão relacionadas, como a independência entre os grupos. Deseja-se saber, por exemplo, se os sujeitos de um grupo dão respostas diferentes de sujeitos de outro grupo. Neste caso, quando o nível de significância é inferior a 0,05 ( $p < 0,05$ ), rejeita-se a hipótese nula, que afirma que as respostas de um grupo são semelhantes à resposta de outro grupo.

Os dados obtidos no questionário, mesmo a partir de questões abertas, foram categorizados e tratados estatisticamente. A categorização foi feita com o agrupamento de respostas similares para uma mesma questão e pode ser observada no Anexo IV que mostram os bancos de códigos utilizados para as respostas dos professores e estudantes.

Os dados qualitativos foram descritos, comentados e discutidos no decorrer do capítulo IV.



## 4. OS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA ENQUANTO ESPAÇOS DE ENSINO NÃO-FORMAL

### 4.1 A UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA: UM BREVE HISTÓRICO

O ensino superior no Estado da Bahia teve o seu início em 1808, quando a corte portuguesa determinou a criação da primeira escola de ensino médico do país, a Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus. Alguns anos depois foram instituídas a Faculdade de Farmácia (1832), Escola de Belas Artes (1877), Faculdade de Direito (1891), Escola Politécnica (1897), Faculdade de Ciências Econômicas (1905), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1943) e a Escola de Biblioteconomia (1942) (UFBA, 2006a).

A Universidade da Bahia foi fundada em 8 de abril de 1946, através do Decreto-Lei 9.155/1946 (UFBA, 2006a). É reconhecida atualmente como a mais importante instituição de ensino superior do Estado, na medida em que se diferencia das demais instituições pela sua vasta área de pesquisa e extensão (SANTOS, 2006<sup>17</sup>).

No início, intitulava-se “Universidade da Bahia” tendo sido formada pela união da Faculdade de Medicina e suas escolas anexas (Odontologia e Farmácia) com as Faculdades de Filosofia, Ciências Econômicas, Direito e a Escola Politécnica. No dia 2 de julho de 1946, foi efetivada a instalação da UFBA no local mais antigo de ensino superior do país: a Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (UFBA, 2006a), local onde hoje em dia se situam o Memorial da Medicina Brasileira, Museu de Arqueologia e Etnologia e o Museu Afro-Brasileiro.

No dia 4 de dezembro de 1950, o governo federal sancionou a Lei 2.234, que definia o Sistema Federal de Ensino Superior, federalizando então a “Universidade da Bahia” quatro anos depois de sua instituição. Foi a partir desta data que ela deixou de

---

<sup>17</sup> SANTOS, R.S.

ser assim chamada e passou a ser denominada Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2006a).

Uma das primeiras universidades do país, possui atualmente seis Campi na capital da Bahia em diferentes bairros da cidade (Canela, Vale do Canela, Ondina, Federação, Piedade e Graça) e um no interior (Faculdade de Agronomia – Cruz das Almas). O Campus de Agronomia foi cedido recentemente para a nova Universidade Federal baiana, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) (UFBA, 2006b; UFBA, 2006c).

Em 2007 começaram a funcionar mais dois novos Campi, o Campus Professor Edgard Santos na cidade de Barreiras, onde foi instalado o Instituto das Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável com os cursos de Engenharia Sanitária e Ambiental, Geologia, Ciências Biológicas, Geografia, Química e Administração, e o Campus Anísio Teixeira na cidade de Vitória da Conquista, onde foi instalado o Instituto Multidisciplinar em Saúde com os cursos de Enfermagem, Nutrição e Farmácia.

A UFBA possui atualmente 30 unidades de ensino, oferece 67 cursos de Graduação em Salvador, 6 em Barreiras e 3 em Vitória da Conquista; 125 cursos de Especialização, Aperfeiçoamento e Atualização (*Lato Sensu*); 48 cursos de Mestrado (sendo 3 destes profissionalizantes) e 31 cursos de Doutorado (*Stricto Sensu*). A instituição preocupa-se em produzir, socializar e aplicar o conhecimento nos diversos campos do conhecimento através do ensino, da pesquisa e da extensão para contribuir com o desenvolvimento cultural, social e econômico do estado e do país. Os cursos estão distribuídos em cinco áreas do conhecimento: Área I – Ciências Físicas, Matemática e Tecnologia; Área II – Biológicas e Profissões da Saúde; Área III – Filosofia e Ciências Humanas; Área IV – Letras e Área V – Artes (UFBA, 2006b).

## 4.2 OS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

No ano de 2006 em que a UFBA completou 60 anos, com o apoio do Ministério das Relações Exteriores (Governo Federal do Brasil), foi lançado um guia dos Museus da UFBA, que consiste em três livretos ilustrados que contam um pouco da história, acervo e projetos museológicos desenvolvidos pelos Museus. Na introdução de cada um dos livretos, o então Reitor da Instituição, Naomar Monteiro de Almeida Filho registra sua opinião acerca da importância dos Museus Universitários, em específico dos Museus da UFBA, transcrita abaixo.

As instituições de conhecimento, arte, cultura que merecem o nome de 'universidade' portam alguns símbolos da sua identidade. Não se concebe uma verdadeira universidade sem bibliotecas sistêmicas e abrangentes, sem instâncias produtoras de artes (como, por exemplo, grupos de dança e teatro, orquestras e corais) e, em especial, sem museus. Todas as grandes universidades, no mundo inteiro, notabilizam-se pela qualidade e riqueza dos seus museus ou coleções icônicas e documentais.

A Universidade Federal da Bahia tem consolidado e ampliado sua rede de museus. Ao Museu de Arte Sacra, obra inspiradora do nosso Reitor Fundador, em parceria permanente com a Arquidiocese de Salvador, agregou-se o Museu de Arqueologia e Etnologia, iniciativa do Reitor Macedo Costa. Por sua significância, a coleção de arte e cultura afro-brasileira do CEAO, torna-se o Museu Afro-Brasileiro de fato. Novas possibilidades se abrem, unificando outras coleções e memoriais, e em breve enriquecerão este elenco: O Museu de História Natural, a Estação Ciência, o Memorial da Saúde Brasileira e o Memorial Edgard Santos.

Esperamos que os cidadãos e cidadãs, além de pesquisadores e estudiosos, que nos dão a honra de visitar nossos museus, neles encontrem, preservados, valorizados e promovidos, traços e elementos estruturantes da nossa

identidade como povo, como nação e como cultura. Naomar Monteiro de Almeida Filho, Reitor da UFBA (ALMEIDA-FILHO In ETCHEVARNE, 2006).

Dentre os três museus reconhecidos como Órgãos Suplementares, Museu Afro-brasileiro – MAFRO, Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, e o Museu de Arte Sacra – MAS, o primeiro museu a ser instituído foi o MAS, em 1957, quando o então Reitor Edgar Santos promoveu um convênio entre a UFBA e a Arquidiocese de Salvador.

O Museu de Arte Sacra da UFBA não constituiu objeto desta pesquisa uma vez que sua temática não apresenta divulgação de conhecimentos científicos, porém, não podemos deixar de ressaltar aqui a sua importância enquanto Museu Universitário, visto que constitui um dos mais importantes museus da América Latina do gênero. Ele funciona no antigo Convento de Santa Teresa de Ávila, fundado pelos Monges Carmelitas Descalços em meados do século XVII, na área do Centro Histórico declarada "Patrimônio da Humanidade" pela UNESCO em 1985 (LIMA & SANTOS, 2006 b, p.5).

O MAFRO foi o segundo a ser instituído, em 7 de janeiro de 1982. No ano seguinte instituiu-se o MAE, completando a tríade de Museus Universitários institucionalizados pela UFBA.

Além dos museus citados, se enquadram também como Órgãos Suplementares da UFBA outras unidades, a saber (UFBA, 2006 b):

- ↪ Biblioteca Central Reitor Macedo Costa – BC
- ↪ Centro de Estudos Baianos – CEB
- ↪ Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público - ISP
- ↪ Centro Pediátrico Prof. Hosanah de Oliveira – CPPHO
- ↪ Centro de Pesquisa em Geofísica e Geologia
- ↪ Centro de Processamento de Dados - CPD
- ↪ Centro de Recursos Humanos - CRH
- ↪ Editora Universitária – EDUFBA

- ↪ Hospital de Medicina Veterinária Renato de Medeiro Neto – HOSPMEV
- ↪ Hospital Universitário Professor Edgard Santos - HUPES
- ↪ Maternidade Climério de Oliveira - MCO
- ↪ Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM
- ↪ Núcleo de Serviços Tecnológicos - NST
- ↪ Núcleo de Manutenção Politécnica - NUMEP

Existem ainda na Universidade outros espaços que aspiram a condição de museu, como por exemplo, o Memorial da Medicina Brasileira, a Coleção de Experimentos Matemáticos, Coleções de Arte, entre outros, e espaços que se autointitulam museus, apesar de não serem institucionalizados, como é o caso dos dois outros Museus que foram objetos desta pesquisa: Museu de Anatomia Comparada – MAC e Museu de Zoologia – MZ.

Nos dias de hoje, para Santos (2006<sup>18</sup>), novas perspectivas de ação, devem acontecer em relação à inserção dos museus universitários no contexto da universidade, com o objetivo de destacar a missão dos museus, no processo de construção e reconstrução da instituição, no momento em que se busca a construção de projetos pedagógicos inovadores, articulados à produção crítica do conhecimento, integrados à ações criativas de mudança, tentando alargar as bases do compromisso social da universidade.

A universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão e atribuir uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental e na defesa da diversidade cultural. Os museus universitários não poderão ficar ausentes dos programas e projetos de extensão, pois possuem um grande potencial a ser explorado (SANTOS, 2006<sup>19</sup>).

---

<sup>18</sup> SANTOS, M.C.T.M.

<sup>19</sup> vide nota anterior.

Santos (2006<sup>20</sup>) destaca ainda que nos dias de hoje é possível apontar alguns aspectos importantes para a aplicação de um processo museológico transversal, social e educativo, que poderão abrir novas perspectivas para os museus universitários:

- Abertura de espaços democráticos;
- Compartilhamento de poder e de saberes;
- Abertura de novos espaços de participação;
- Articulação de setores sociais distintos, heterogeneidade de atores e lugares;
- Construção coletiva;
- Criação de novos espaços de comunicação e utilização da tecnologia da informação –TI, para a democratização da ação museal;
- Produção de resultados parciais palpáveis, alimentando setores e pessoas, por meio de um processo contínuo de avaliação;
- Integração entre pesquisa, ensino e extensão;
- Circuitos abertos de produção, com a realização de ações multiprofissionais, interinstitucionais e intersetoriais;
- Contextualização social do conhecimento;
- Compreensão do planejamento como um ato educativo e de participação.

Seguiremos o capítulo com a caracterização detalhada de cada um dos espaços selecionados como objetos da pesquisa, discutindo, entre vários aspectos, a relevância das atividades desenvolvidas enquanto potenciais espaços de ensino não formal.

---

<sup>20</sup> vide nota anterior.

#### 4.2.1 MUSEU AFRO-BRASILEIRO

Em 1959 o Professor Agostinho Silva criou o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) que funcionava como um canal de diálogo entre a universidade e a comunidade afro-brasileira e entre o Brasil e os países africanos e asiáticos. Hoje é um Órgão Suplementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da UFBA, ao qual o Museu Afro-Brasileiro (MAFRO) está subordinado.

O Centro de Pesquisas Afro-Orientais ele é bem anterior ao CEAO, [...] desde quando foi criado, já se pensava que ele devia ter um museu, sempre. No estatuto, então foi definido que o centro teria um museu. O museu então, muitos anos depois, foi criado [...], apesar de nunca sequer ter sido feito um estatuto e uma articulação, o museu existe, no regimento do centro está dito, na relação de setores do centro está lá: museu ponto (Professor 05).

O MAFRO (Figura 4.1) surgiu a partir de um Programa de Cooperação cultural entre o Brasil e países da África, através de convênio firmado entre os Ministérios das Relações Exteriores e da Educação e Cultura, o governo da Bahia, a prefeitura da cidade de Salvador e a UFBA, com a finalidade de desenvolvimento de estudos voltados para a temática afro-brasileira. Sua inauguração ocorreu em 7 de janeiro de 1982.

O projeto da concepção deste museu era muito mais ambicioso, como nos contou o Professor 05, então diretor do MAFRO:

O Museu Afro-Brasileiro foi criado em setenta e quatro e inaugurado em oitenta e dois. Essa exposição já é a segunda versão que a gente tem. O museu na verdade foi pensado em setenta e quatro, com o projeto Pierre Verger em que a idéia era ocupar os onze mil metros quadrados do edifício e atingir com a exposição todo o universo africano, independente desse universo africano ter ou não tido relação com o Brasil, ou seja, a Costa Africana, África do Sul, África Austral e tudo mais. O projeto era muito ambicioso e inexecutável, por exemplo, e acabou sendo por várias outras questões, mas em si conceitualmente era muito difícil. Porque tanto pensava em falar da África como um todo como pensava em falar do Brasil como um todo (Professor 05).



Figura 4.1: Logomarca do Museu Afro-Brasileiro (MAFRO).

A proposta inicial de Verger era mostrar para o público o contraponto entre Brasil e África em três módulos : “o fazer” (tecnologia e cultura material), “o crer” (religiosidade) e “a memória”.

[...] o conceito da exposição era grandes núcleos culturais baseados na questão étnica e na questão geográfica. Então eram grandes módulos onde vários temas seriam trabalhados nessa perspectiva. [...] A exposição reproduziria o próprio mapa da África e o próprio mapa do Brasil. Quando o museu foi inaugurado em oitenta e dois, então, esse conceito muda e primeiro porque é uma outra exposição pensada com módulo inicial, oitocentos metros quadrados no lugar de onze mil [...] era uma abrangência de acervo que pegava basicamente a Africana Ocidental, principalmente, Benin e Nigéria. E aí não era mais a questão das grandes áreas culturais, mas, enfim, uma coisa que tinha muito a cara do Verger, que era o contraponto de Brasil e África. Então, eram três módulos. Um módulo chamado “fazer” que era um módulo que explorava bastante tecnologia de cultura material, onde objetos da África e objetos do Brasil eram misturados em vitrines, buscando contrapontos e similaridades entre uma coisa e outra, África e Brasil através de cultura material. Um segundo módulo que era o módulo “crer”, que era dedicado a questão da religiosidade, as matrizes religiosas, as mães e pais de santo [...] a gente tinha também o contraponto dos objetos religiosos africanos com objetos religiosos brasileiros. E um terceiro módulo que era chamado “memória”, [...] a idéia era trazer à exposição objetos que falassem de grupos do movimento afro, fossem eles grupos de carnaval, fossem blocos de carnaval ou afoxé, ou mesmo capoeira, ou na parte da memória também tinha como que uma, se falava de mães e pais de santos importantes (Professor 05).

Atualmente, assim como o MAE, o MAFRO funciona no mesmo local onde foi instalado, no prédio da primeira Escola de Medicina do Brasil localizada na Praça XV de Novembro, nº 17, Terreiro de Jesus, Centro Histórico da cidade de Salvador, Bahia. A entrada dos dois museus é unificada pela portaria principal do MAFRO onde funciona a bilheteria (Figura 4.2).





Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.2: Recepção única para a entrada ao Museu de Arqueologia e Etnologia e ao Museu Afro-Brasileiro, pertencentes a Universidade Federal da Bahia. Destacado com a **seta 1** a impressora dos bilhetes de acesso; **seta 2** o livro de registro das visitas; **seta 3** as pastas com traduções de todos os textos dos museus em espanhol, inglês e francês.

O MAFRO foi restaurado em 1997, com atualizações conceituais e uma nova visão museográfica. Segundo o atual coordenador, empossado na época da restauração, o então Reitor Felipe Serpa tinha uma concepção de museus como centro de difusão e interlocução dos conhecimentos produzidos nos departamentos, colegiados e grupos de pesquisa da UFBA para as comunidades de Salvador. Além disso, ele dizia que a UFBA deveria assumir a vocação de quando surgiu, privilegiando as artes e humanidade. Assim, ele deu apoio a uma série de ações não só no MAFRO, mas também no MAS e MAE.

[...] ele apoiou então o Centro de Estudos Afro-Orientais que aí nesse momento resolveu o que era inevitável era inadiável fazer isso porque o museu estava literalmente caindo aos pedaços, vitrines, textos mofados, textos desatualizados, mapa, por exemplo, de África de localização com uma apresentação geopolítica de dez anos passados da época que o museu foi inaugurado, ou seja, o museu era obsoleto em vários os aspectos da informação, precisava de uma mudança. Então foi formada uma equipe, que eu vim coordenar, a equipe como museólogo e eu fui ampliando. Conseguimos duas implantações orçamentárias de projetos, enfim o museu foi reestruturado ele ganhou uma nova cara (Professor 05).

O Professor 05 contou algumas conseqüências administrativas que o MAFRO sofre por estar ligado ao CEAO, apesar de todo apoio e autonomia.

[...] sempre, eu falo sempre a partir do momento em que eu estou já há mais de dez anos, o CEAO dá toda autonomia ao museu para desenvolver as suas coisas, seus projetos, e dá toda autonomia dá todo apoio, dá todo apoio. Mas há uma limitação, por exemplo, a medida que o museu faz parte do grupo do CEAO determinadas estruturas que o museu precisava ter o museu não tem porque essa estrutura está no CEAO, como por exemplo uma secretaria, o museu não tem como ter uma secretaria porque o órgão só tem uma secretaria que é a secretaria do CEAO. Por exemplo, uma outra coisa é que por ser um setor do CEAO, a parte financeira do museu por exemplo, os rendimentos que o museu tem com bilheteria não são do museu, são do CEAO, que, felizmente, isso eu aponto como problemas que poderiam ser piores se a gente tivesse uma administração no CEAO que não reconhecesse a autonomia necessária do museu [...] todas as coisas que o museu precisa fazer, que precisa desse orçamento o museu faz sem problema, mas esse orçamento precisa ir, e por fazer parte também, esse orçamento do museu que é basicamente o orçamento, a receita, que é uma receita que vem da bilheteria, que não é, agora é uma receita até razoável, com o programa educativo, mas é uma receita mínima para o museu, mas que ela também tem que colaborar com gastos do CEAO, então ou seja, administrativamente não tem sido um problema porque as diretorias sucessivas desde que eu estou no museu, já estou na terceira ou quarta diretoria do CEAO, sempre respeitaram muito a autonomia do museu, respeitaram muito as decisões do museu (Professor 05).

Desde sua criação até a reforma de 1997 não existia uma coordenação do museu. Ela foi criada informalmente, quando assumiu o coordenador que exerce o cargo até hoje, e somente cerca de dois, três anos depois foi formalizada.

[...] o museu não tem diretoria, ele tem uma coordenação [...] é muito engraçado, porque acaba por um status de diretoria, [...] toda correspondência, por exemplo, da própria Universidade, que vem para o museu, para o coordenador vem como diretor. Ele acaba tendo um peso de diretoria um status de diretoria e uma, e também uma certa autonomia que é uma autonomia, engraçado, o museu faz parte do CEAO, [...] o diretor do museu na realidade é o diretor do CEAO [...] (Professor 05).

Atualmente, a organização interna do museu carece de melhor infra-estrutura, como uma secretaria, por exemplo, já citado anteriormente. O coordenador afirma que desde sua implantação nunca teve o corpo técnico necessário devido às conseqüências de ser um componente do CEAO (Figura 4.3).

[...] o museu foi pensado com o quadro técnico já na década de setenta, que era um quadro técnico bastante plural, com pesquisadores, a parte administrativa e tudo mais. Ele nunca teve um corpo técnico mínimo que deveria ter, [...] ele sempre foi mantido pelos funcionários que são responsáveis pela logística de funcionamento, portaria, fiscalização, tudo mais e dois outros funcionários

envolvidos com a parte administrativa. [...] tem uma determinada estrutura que precisava ter como secretaria, contabilidade e mais uma série de coisas, que ele não tem porque não é previsto a ele ter, porque ele está ligado a um órgão, que é o órgão que deve ter. Só que o que dificulta, é que, o que na verdade é um órgão, o CEAO contribui bastante, quer dizer, a gente conta com o apoio do CEAO, mas, a própria, o próprio distanciamento físico, o museu está num prédio e o CEAO está no outro, a própria estrutura, o museu é uma estrutura muito grande dentro de uma outra estrutura grande, então é complicado isso no dia-a-dia, porque o museu não tem um quadro pessoal suficiente [...] a carência do museu é tão grande, por exemplo, [...] a área administrativa dele corresponde a um corredor, que eu acho que deve ser menor que 10m<sup>2</sup> [...] (Professor 05).

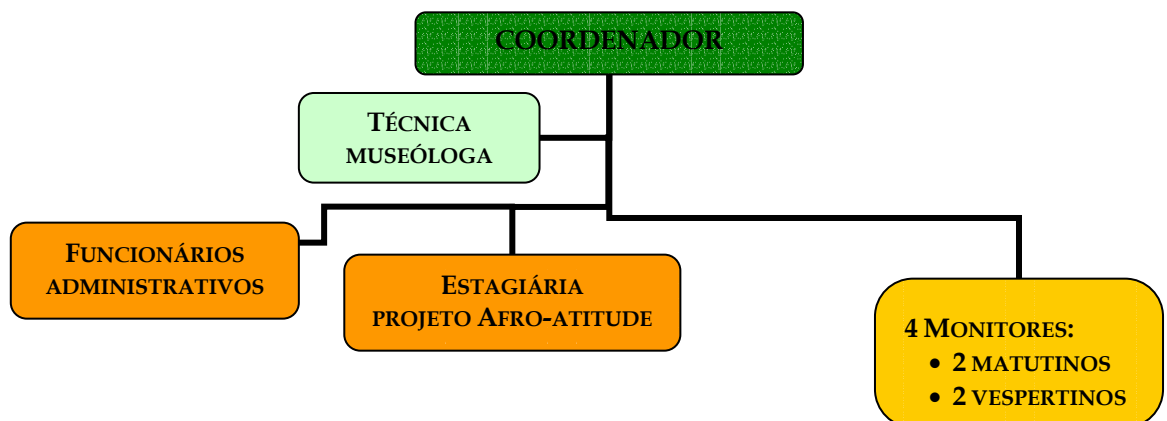


Figura 4.3: Organograma do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal Bahia.

O coordenador afirma que gostaria de ter mais estudantes envolvidos com o Museu, no entanto, a sobrecarga de tarefas devido ao pequeno espaço das instalações administrativas e ao déficit de funcionários não permite que ele acompanhe muitos trabalhos simultaneamente.

Nós poderíamos ter muito mais estudantes, mesmo como voluntário num processo de aprendizagem dentro do museu, só que é impossível, a gente não consegue, porque a gente não tem espaço físico, [...] e chega um momento que nós mesmos não conseguimos dar conta do acompanhamento das atividades deles todos. Já teve momentos, por exemplo, que eu [...] seis estagiários do curso trabalhando [...] e chega um momento que fica impossível acompanhar qualitativamente as ações de cada um, e articular as ações aqui com o projeto [...] você ter um grupo que é mínimo, acaba fazendo que sem uma logística, sem um pessoal de apoio, de secretaria e tudo mais, implica que nós que já somos poucos a gente tem que cuidar de todo o resto, é desde controlar a abertura e o fechamento das portas [...] até a interlocução com a reitoria, a formulação de projeto, vai desde formular o projeto a botar o projeto no correio (Professor 05).

Em uma visão mais ampla, o Professor 05 disse que um museu é um espaço complexo. Ele ressalta duas visões extremas de museu: uma negativa e uma extremamente positiva que também acaba sendo prejudicial à sua popularidade.

[...] “o que é um museu?”, primeiro um espaço extremamente complexo [...], as dificuldades que um museu em si começam daí da complexidade dele. Dentro da Universidade é uma instituição muito pouco entendida, até mesmo por quem trabalha, tem muita gente que trabalha num museu. Então é uma instituição que tem em torno dela um referencial de idealização que vai desde o espaço obsoleto, sujo, onde coisas velhas são guardadas, até um espaço que ninguém se interessa, que ninguém quer dizer, que ninguém se interessa porque seja sujo, velho, obsoleto, até que é o referencial mais negativo na perspectiva de alguma coisa que não tem importância nenhuma, até um outro referencial que está na outra ponta aí dessa linha que é o que vai do caminho contrário mas também extremamente prejudicial, que é aquele que é um lugar tão especial, um lugar tão bem elaborado, um lugar tão importante, que também as pessoas não se sentem convidadas a irem porque acham que é um lugar do qual elas não fazem parte e que elas não vão entender, então o primeiro é esse (Professor 05).

Destaca outro aspecto da complexidade: o fato do museu universitário ser uma instituição ponte, ou seja, ela é a responsável pela conexão entre a pesquisa produzida na universidade e o público, gerando uma troca de conhecimentos:

[...] E num segundo momento é um lugar de complexidade porque, aí para que uns é um pré-conceito, e as idéias pré-concebidas, porque é um espaço de difusão, e muito mais do que um espaço fim é um espaço meio, essa eu acho que é a primeira coisa que a gente precisa entender, algumas instituições elas são instituições fins, mas o museu ela é muito mais uma instituição meio, ela é por onde as coisas passam, um pouco como um filtro, se a gente compara no caso da universidade, ela não é o fim, mas ela poderia ser pensada como um local que é filtro e caminho para que o conhecimento que é produzido na universidade escoe para os vários setores, e ao mesmo tempo para que outros conhecimentos possam entrar para a universidade (Professor 05).

O Professor 05 falou da subutilização destes espaços, que deveriam ser pensados em um lugar de pluralidade:

[...] então, o museu pode ser pensado, deve ser pensado, na perspectiva que é uma perspectiva dada hoje, uma perspectiva como fórum, deveria ser pensado, na realidade é muito difícil realizar esse fórum, [...] é muito difícil de realizar esse caminho, esse encontro, mas um lugar de encontro um lugar que é basicamente um lugar de comunicação. Maior dificuldade ainda se apresenta,

que se a gente está pensando em fórum, a gente tem que pensar em pluralidades, que na realidade é muito difícil de realizar, se a gente pega os nossos museus da Universidade, pluralidade que é difícil de realizar primeiramente pela falta de recursos. Faltam os vários olhares, os vários discursos, várias vivências, várias possibilidades e abordagens aos nossos museus, porque faltam os indivíduos que se aliam a essa abordagem. Faltam também essas abordagens porque o público, por conta dessas imagens pré-existentes também se afasta e também não se sente a vontade de se aproximar, ou seja, é um lugar com uma extrema capacidade de fomento, produção e difusão do conhecimento, mas que na verdade é subutilizado (Professor 05).

Essa sub-utilização foi constatada por ele em nível internacional. O Professor 05 ressaltava também o problema da “Torre de Babel” criada dentro de um museu com profissionais de diferentes áreas:

Não é uma questão nossa, a gente pode dizer ‘Ah, mas é uma questão do Brasil’, eu acho que esse é um problema do museu, [...] esse é um problema do museu, em viagens e contatos que eu fiz fora com outros profissionais, e mesmo contatando instituições fora, essa é, o museu na verdade pra mim é um grande problema, porque mesmo quando você otimiza o museu, mesmo quando você tem uma instituição que tem então todos os setores que você possa imaginar, um grande museu, por exemplo, que tenha, o Museu de Arqueologia e de Etnologia como alguns que eu conheço fora daqui que tem todos os grupos de pesquisadores que um museu como esse deve ter, desde o que tange ao âmbito da Museologia até [...] o refinamento mais detalhado da especialização de uma determinada área do conhecimento, mas aí você tem um fator, que acaba sendo um fator que se de um lado ele é um fator positivo porque você tem esses vários olhares, você tem uma questão que é uma questão crucial, que aí é um outro problema que a gente vê nos museus, que é a incapacidade de estabelecimento de diálogo entre os diversos setores e entre diversos indivíduos, então, [...] você tem os mais capacitados pesquisadores, mas que primeiro não conseguem transformar o seu discurso científico num discurso inteligível, até mesmo para o seu par que é de uma outra área, mas que também não conseguem, se não conseguem para o par imagine para o público em geral, [...] ou seja, o que você acaba tendo das instituições que eu conheço, na verdade são pequenas igrejinhas falando pra si mesmo, fazendo exposições para eles mesmos, [...] pensando numa política de acervo [...] para estas próprias pesquisas,

Para ele, profissionais que não conseguem separar o público do particular e acabam privando o acesso dos materiais coletados é um agravante desta situação:

[...] com o agravante, com uma questão que eu também percebo é a confusão que as pessoas fazem, daquilo que é público, daquilo que é delas própria. Por exemplo, é comum você ver nesses grandes centros de referencial em museologia onde se produz muito, mas cada coisa é de cada um. Ou seja,

grupos de pesquisa que não dão acesso [...], é sempre material coletado pra tese, pra pós-doutorado, é sempre tudo muito fechado e sempre muito dependendo de uma dinâmica de cada um em relação àquilo, e na verdade é o grande absurdo que na maioria das vezes essas pesquisas são feitas com recursos da instituição, para a instituição e tudo mais [...] (Professor 05).

Para concluir o seu pensamento em relação à complexidade da instituição museu, o professor fala da importância do diálogo entre as diferentes áreas e da transposição didática do conhecimento científico para a exposição:

[...] ou seja, é uma instituição extremamente complexa, porque você tem desde uma complexidade do imaginário sobre ela até o cotidiano que é muito complexo. Muito mais do que, por exemplo, e quando a gente está falando então do museu de ciência, ou do um museu departamental, qual o implicador, é que se o laboratório de pesquisa, um departamento de pesquisa já é complicado, a complicação aí é que, o departamento tem que sempre pensar numa coisa global da relação com os outros departamentos, e por outro ele tem que sempre estar pensando que ao contrário da produção científica que está fundada, baseada numa terminologia específica, que é a terminologia específica que difere, que dá credibilidade, que chancela o discurso de uma determinada área, no museu isso é importante, é essencial, mas o máximo de qualidade é conseguir transformar esse discurso, que é um discurso fechado na própria ciência que está se praticando, num discurso que seja compreensivo por qualquer pessoa, e aí eu acho que é um grande desafio, não só nos museus de ciências, mas no museu de uma forma geral (Professor 05).

Tecnicamente, para o Professor 05, um museu é:

[...] tecnicamente o museu implica uma determinada coleção, um determinado conjunto de coisas e de objetos e de referenciais ao qual ele faz, a partir dos quais eles formalizam, as suas coisas e um corpo técnico preparado para poder fazer isso à luz da museologia e implica, para ser museu ele tem que ser utilizado, ele tem que possibilitar a acessibilidade do público, que na verdade esse é um dos pontos mais cruciais que a gente tem, porque a acessibilidade ela tem vários problemas, ela nem sempre é eficiente (Professor 05).

Ele destaca a importância do acervo de um museu:

Museu então é [...], pensando um pouco até no que é discutível hoje, [...] não vou repetir a classificação, a definição do ICOM, mas um pouco pensando no ICOM. Museu implica num acervo, então implica um acervo, implica uma coleção. Que aí essa ideia de acervo e coleção hoje é completamente estendida. Partindo da ideia de uma coleção fechada, específica, inerte, [...] a uma coleção inteiramente controlada [...], e passando para uma visão mais estendida que é assim, quando eu falo que um museu tem uma coleção, essa coleção por exemplo desse museu, ela obrigatoriamente não precisa estar nas quatro



paredes desse museu e aí gente passaria para a categoria de uma coleção operacional, uma coleção que é aquela coleção a partir da qual as coisas se operacionalizam, uma operação que permite o desenvolvimento das pesquisas, uma operação que, mas enfim, mas a não só a questão da coleção, o museu implica um foco num determinado conjunto de objetos de coisas referenciais, [...] (Professor 05).

Complementa que não basta ter uma coleção para que uma instituição se constitua como um museu:

[...] não basta ter uma coleção para se constituir como museu, então o museu implica em um corpo técnico minimamente capacitado para desenvolver questões que são específicas para ao museu. Voltando para aquela questão, não adianta ser o pesquisador que entende tudo de uma determinada categoria, mas tem que ser o pesquisador que entende das técnicas necessárias para transformar aquele conhecimento em informação que seja transformado em novo conhecimento. Então um corpo técnico minimamente preparado, ou seja, o museu precisa de pessoas preparadas à luz da museologia. O museu precisa de desenvolvimento de pesquisa, então o museu precisa para ser um museu, precisa ter uma pesquisa e um plano de difusão que obrigatoriamente não precisa ser, porque o museu, o museu é uma instituição que implica em uma relação com o público, [...] enquanto você também tiver uma coleção, tiver um grupo que está pesquisando, pesquisando, chegando as considerações mais importantes para ciência e para o conhecimento de um modo geral, mas isso ainda não é um museu. O fato museológico que é o fato que está ligado, que caracteriza a museologia, o que caracteriza este espaço museológico é a relação de interação que se estabelece entre alguém e alguma coisa que está dando algum valor patrimonial ou valor similar, ou seja, pensar o museu implica em pensar que esse museu tem que estar otimizando ao máximo o acesso da população e a informação que estão produzindo ao público (Professor 05).

O acervo do MAFRO conta com cerca de 800 peças, entre elas as que foram frutos de pesquisa nas décadas de 70 e 80 na continente africano e peças brasileiras correlatas às da África. Estas são especialmente de origem religiosa, chamadas no museu de afro-brasileiras, adquiridas em mercados específicos de cultura afro ou doados pela comunidade afro-baiana e por representantes das casas religiosas da Região Metropolitana de Salvador e agremiações culturais (LIMA & SANTOS, 2006 a). Em geral, representam a cultura material africana, expressando desde a cultura cotidiana, as estruturas de poder, o sistema de crenças até a produção do conhecimento.

Como dito anteriormente neste capítulo, a falta de funcionários/técnicos nos museus da UFBA é uma questão prioritária. No MAFRO, por exemplo, além do problema já citado com a falta de um setor administrativo, o Professor 05 disse que não existe um profissional específico para o setor de conservação. Atualmente ela não é feita em um local ideal, segundo o Professor 05, pois além da falta deste profissional, a segurança é insuficiente:

[...] as peças elas [...] passaram, no momento da reestruturação, [...] no final de noventa, articulando com o projeto da universidade, na época eu era professor da disciplina de conservação e com o recurso do projeto da reestruturação, todas as peças passaram por limpeza, todas as peças foram embaladas e hoje essas peças estão nessa sala, que não é ideal, nessa reserva técnica. [...] Que não é ideal, mas que até, por exemplo, no ano passado, nós tínhamos uma bolsista, que também não foi possível se manter, na verdade ela se formou, e é ela a pessoa que é chave para isso, que como profissional a gente não tem como, quando ela era estudante ela tinha bolsa e que cuidava, praticamente ela ficava aqui e dona da reserva. A reserva não é ideal, tem problemas, é um espaço que tem que estar monitorado no olho [...] (Professor 05).

A reserva técnica atualmente é mantida em uma pequena sala, sem as condições ideais segundo o professor 05:

Nós temos [...] uma sala com 10m<sup>2</sup>, que obviamente mesmo o acervo não sendo um acervo imenso as coisas estão simplesmente estocadas lá dentro, da melhor forma possível, mas completamente ainda fora do padrão ideal e [...] nós descobrimos e demos conta de uma área contígua a essa área da reserva técnica que é uma sala fechada, com todas as paredes cegas, que ficou perdida, uma área perdida porque uma parte dela é tomada pelo interior de uma escada que é uma área que a gente pressupõe que tem uns 10m<sup>2</sup> de área útil e agora vai ser nosso grande mistério, ganhamos o edital que consiste em ampliar a reserva técnica. Nós derrubamos a parede que dá pra essa sala para descobrir o que é que tem do outro lado, mas independente do que tem ou não essa área, uma área que já existe, enfim a gente vai ter agora esse projeto inclui mobiliário com mobiliário recomendado, vai ser um mobiliário de reserva técnica, armários deslizantes, embalar todas as peças como devem ser embaladas, climatizar, vai ter um sistema de climatização com controle ambiental permanente, com um programa que a gente vai adquirir, ou seja, não é exatamente um programa mas é uma ação que começa, a gente está na fase de ajuste de planilha, deve começar dezembro ou janeiro (Professor 05).

Em relação à documentação, o Professor 05 pretende que esta atividade seja uma ação de pesquisa, gerando conhecimento, porém ainda não foi possível. Além disso, existem alguns problemas com duplicatas de fichas para uma mesma peça, de



épocas diferentes, com informações contraditórias, além da necessidade do acréscimo dos dados sobre medidas, entre outros:

[...] falta, se você pensar a documentação como um controle das peças com a resposta a algumas questões como dimensão, uma documentação básica muito mais baseada no formal e no histórico imediato, doação que foi, mas o que hoje a gente precisa, nossa documentação o que a gente aos poucos tem iniciado, mas é uma coisa que é muito contínua é a articulação da documentação com a pesquisa, [...] é pesquisa que vai desde tirar dúvida, tem por exemplo, às vezes controvérsia de fichas de épocas diferentes com informações [...] sobre uma mesma coisa, por exemplo, [...] para algumas fichas é possível encontrar em determinado momento registrado um doador tal e para um outro momento outro doador. Então há alguma informação, mais formal e mais da história, que precisa ainda tirar medidas, precisamos das medidas, mas ainda não foi feito a medida, [...] são medidas básicas, são altura, largura só que tem peças que merecem um detalhamento de medidas maior, uma dimensão que tem uma variante, uma variedade muito grande de medidas e tudo mais [...] e fora isso, a questão de conteúdo, essa documentação é muito mais uma documentação até hoje operacional, quase que uma carteira de identidade das peças do que uma documentação como a gente sabe que tem que ser uma documentação, fundamentada em pesquisas que permitam que você explore o máximo de conteúdo daqueles objetos. Então, desde uma documentação que faça análise de significados semi-óticos, até a questão da contextualização de cada objeto, nós temos algumas peças de parte do acervo, já essa parte avançada, mas a grande maioria ainda não. Então a articulação de pensar a documentação como uma ação de pesquisa, de pesquisa e produção do conhecimento, isso ainda não é uma realidade (Professor 05).

O setor de pesquisa do museu é articulado com o Departamento de Museologia, com duas linhas de pesquisa: uma sobre história e documentação oral e outra sobre documentação e criação de textos sobre referências contemporâneas:

A pesquisa é articulada juntamente com o departamento que, com o departamento, então hoje nós temos, [...] duas linhas de pesquisa, na verdade todas articulando ou um estagiário de graduação, ou dentro das próprias disciplinas, a gente acaba puxando as disciplinas pra cá pra dentro [...] algumas disciplinas a gente consegue fazer isso. [...] a pesquisa é sempre feita articulando com o curso de museologia e relacionando com pesquisas dos professores, [...] atualmente tem duas pesquisas ativas. Uma pesquisa, que é essa que é específica, que é piloto para a criação do núcleo de história, de documentação oral e uma outra que visa, exatamente, uma pesquisa que está acontecendo desde que o museu foi reestruturado, que a idéia é levantar material bibliográfico, documental, referências e criar textos críticos para ser utilizado no módulo, que no museu ainda não existe, que é o módulo das referências contemporâneas (Professor 05).

O Professor 05 falou um pouco mais sobre a pesquisa e criação do módulo sobre as referências contemporâneas:

[...] esse módulo que resolveria o problema de quando a gente fala de cultura afro só falar de religião, então esse módulo é um módulo complementar que a idéia é partir desde o século XVI, desde os quilombos até a atualidade, saindo dos quilombos até chegando aos projetos afirmativos contemporâneos e tudo mais, então eu tenho um grupo de pesquisas que na verdade existe uma proposta de pesquisa, existe uma pesquisa articulada, [...] ela funciona [...] assim, a cada semestre, a medida que nós temos estudantes, ou no estágio ou nas disciplinas, que a gente consegue articular com o projeto, então é uma pesquisa que fica latente e permanente. [...] ela funciona muito na dinâmica do curso, na medida que você tem alunos que vão fazer monografia, alunos que vão fazer pesquisas para as disciplinas, o tempo que é possível a gente articula com os sistemas [...], então já tem o banco de dados da capoeira, samba de roda, tem muito ainda relacionado a manifestações culturais mais, ou por exemplo [...] (Professor 05).

O museu também está articulado com pesquisas de outros grupos, inclusive em outros estados e até mesmo fora do país:

[...] hoje o museu nós estamos articulados com além da professora Joseania Freitas, e articulação também, o museu está articulado com o Instituto de Investigação Científica Tropical de Lisboa e com o centro também de pesquisa que é um núcleo de estudos do Carybé que fica em Goiás, um grupo de estudos do Goiás. O museu hoje está articulado na pesquisa, também, a parte da professora Ana Freitas, sobre o carnaval do Caribe o carnaval das Antilhas (?) que é um carnaval afro lá da Colômbia e o carnaval da Bahia. O museu articula a pesquisa da Irmandade da Boa Morte que aí passa a questão de gênero e associativismo, [...] com uma pesquisadora portuguesa que trabalha com [...], com um grupo associativo feminino na África, uma portuguesa, então hoje [...] o museu consegue e tem conseguido, articular inclusive em uma rede de pesquisa internacional, mas é sempre assim, deve estar muito relacionado às próprias iniciativas individuais de cada professor, não é que exista nem uma programação, e nem que exista um incentivo e um cenário que favoreça isso por parte do museu, [...] (Professor 05).

Algumas pesquisas implicam na reflexão sobre a musealização dos resultados, e enfrentam o problema da falta do corpo técnico:

[...] por exemplo, articulando a questão associativa hoje a gente tem uma pesquisa essa já bem avançada que é uma pesquisa que trabalha questão da Irmandade do Rosário dos Pretos e a questão de gênero [...], porque tem toda uma composição de forças, baseada em gênero também da irmandade, mas é

muito mais uma questão associativa negra da irmandade, mas aí tem uma outra vertente, articulando com o curso, ao mesmo tempo que tem o pensar a questão associativa da irmandade, tem toda uma reflexão que a gente está fazendo, de como, uma reflexão crítica sobre a dificuldade de musealizar, dar um tratamento museológico, museográfico em princípio esperado para um museu, a um espaço que não é museu que é o espaço da igreja, é tudo que há de complicado de vantajoso nisso aí, [...] só que essas pesquisas dependem [...] muito de um fluxo, é o fluxo da existência do aluno interessado, a existência do voluntário, então é meio que se a gente tivesse um grupo permanente de pesquisa [...] que ao longo do tempo a gente vai voltando a ela, se afastando, a Boa Morte estava há meses sem a gente fazer nada com a Boa Morte, desde junho, agora a gente vai voltar, [...] (Professor 05).

O professor fala sobre a dificuldade dos recursos financeiros para a pesquisa:

[...] é sempre assim, é sempre tudo muito improvisado, é sempre muito precário, por exemplo, “qual é o grande elemento de passividade para a nossa pesquisa com a Boa Morte?” [...] a gente tem na museologia uma pesquisadora que tem sido formada em pesquisa com a gente, tem [...] muita competência e tem uma vantagem de ser uma pessoa que é nascida e criada em Cachoeira, tem uma proximidade com a irmandade, certo, e que tem uma articulação, [...] e seguramente, e aí, assim a gente não tem recurso nenhum pra bancar a estagiária em Cachoeira a estagiária só vai pra Cachoeira porque a mãe dela mora em Cachoeira, então ela está em Cachoeira, [...] vai visitar a mãe e vai fazendo os trabalhos da pesquisa [...] mas também a gente sempre diz assim, se a gente pensa em parar, é, começar a fazer quando tivesse recursos a gente não fazia mais nada, [...] então esses recursos é muito fruto do empenho individual de cada um (Professor 05).

Segundo o Professor 05 não existe um programa permanente de exposições. A exposição de longa duração do museu foi montada por uma equipe que envolvia profissionais de diversas áreas, que contribuíram para a formação de uma exposição que tem como idéia conceitual o diálogo entre a apresentação da África e da cultura local.

As exposições, como nós não temos um programa permanente de exposições, a exposição permanente, essa, de longa duração, essa foi pensada dentro de um projeto, que foi um projeto com recursos então havia um grupo, um grupo básico, formado por mim museólogo, Emília museóloga, havia sociólogo, havia uma historiadora de arte-africana, antropóloga, com [...] consultores da área de história, antropologia, sociologia, estagiários, [...] e com o referencial teórico [...] das diversas áreas [...], então cada consultor trouxe [...] idéias, e sempre nessa perspectiva de tornar o espaço com o discurso mais claro possível e pensando, [...] alguns norteadores, por exemplo a questão [...], pensar uma exposição em um texto que reforçasse a auto-estima e que permitisse a percepção de referencial pra formação de identidade, tentar construir um discurso sobre, por

exemplo, religiosidade afro-brasileira, tentando se distanciar da questão do sincretismo, ou melhor, tentando construir um discurso que nem sempre é fácil mas tentando construir um discurso que não precisasse falar, por exemplo, de santos católicos para poder falar de orixás, e por aí vai, então houve todo um escopo teórico conceitual trazido por cada um desses consultores, mas com essa idéia, que é [...] a idéia conceitual é apresentar mínima que fosse, uma idéia de África, e de uma África com diversidade, uma África com estágio de desenvolvimento complexo, com estruturas complexas e apresentar a cultura local como dialogando com essa cultura de África, esse é o conceito norteador básico e daí foi trabalhado nas diversas áreas [...], dos textos e de tudo mais (Professor 05).

Com a restauração, o museu perdeu uma das salas inicialmente propostas e ganhou nova roupagem, diferente da proposta inicial de Verger. A exposição está agora na sua segunda versão e ao invés dos 3 módulos que mostravam a relação da cultura Brasil/África, a concepção atual tem o espaço dividido em dois módulos principais: Cultura Africana e Cultura Afro-brasileira. O principal objetivo é desmistificar pré-conceitos em relação à cultura e nações afro.

Quando o museu no final da década de 90 ele passou por uma estruturação, perdendo inclusive naquele momento alguns espaços, perdeu o espaço da “memória”. Essa sala inicialmente o museu perdeu e hoje conseguiu recuperar, [...] aí ele ganha a configuração que tá agora. A configuração que tá agora tem algumas idéias conceituais. Primeiro, ao contrário do que antes era procurado pelo Verger, o contraponto com Brasil e África, esse contraponto agora não é mais dado dentro da própria vitrine, mas em duas salas específicas. [...] O conceito agora é conceito de matriz e de referência. Então matriz e referência e a questão de cultura produzida a partir de uma matriz. [...] essa primeira sala, que é uma sala voltada para questão da África que em certo sentido a gente saiu do conceito tendendo da frase “fazer” que na outra exposição era muito grande, [...] Essa tem muita similaridade, ou seja, também como naquela exposição o eixo aqui dessa parte é a questão de cultura material e tecnologias. [...] a gente começa uma introdução apresentando a África, a idéia é um pouco mostrar ao público algumas referências da geopolítica da África e da questão histórica, então tem uma introdução com alguns mapas, na seqüência então a gente tem passando pela metalurgia, cerâmica, questão da escultura, de máscaras, a questão dos tecidos, instrumentos musicais e um módulo, [...] eu acho que é muito importante [...] que é um módulo que a gente chama de módulo da linguagem proverbial. Uma idéia que a gente tem aqui na verdade é um pouco desconstruir uma série de preconceitos e de noções que se tenha sobre a África. E tem aquela velha idéia de que o continente africano, assim como outros territórios ditos de povos não civilizados e povos primitivos, digamos assim (Professor 05).

A exposição permanente começa com mapas diversos, entre eles o geopolítico da África, destacando as regiões de origem das peças expostas no museu; o mapa do mundo com as principais rotas de tráfico de escravos nos séculos XVI ao XIX, mapas políticos da África pré-colonial, colonial e contemporânea (Figura 4.4).



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.4: Entrada e primeiro módulo do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal Bahia, com a exposição de mapas.

Após os mapas vem a exposição da Cultura Africana, com o módulo de Máscaras e Tecidos. Ali pode ser observada uma variedade de máscaras Geledé que são usadas em ritos agrários, funerários ou de iniciação. Elas simbolizam manifestações ou representações de forças normalmente invisíveis através de suas cores, formas e materiais. Diferente do conceito habitual de máscaras, para os africanos a máscara é todo o conjunto desde a vestimenta até o próprio mascarado em movimento (LIMA & SANTOS, 2006 a) (Figura 4.5).



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.5: Máscara Geledé da etnia Iorubá, originária da República Popular do Benin, esculpida em madeira por Casimir Lanigbá. Neste tipo de máscara os animais simbolizam virtudes e comportamento humanos. A cobra por sua frieza está associada à calma e tranqüilidade (Texto adaptado da etiqueta de identificação da peça exposta no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia).

Os tecidos foram fabricados na África tradicional por homens, porém a matéria prima (plântio e tratamento dos fios) é um trabalho feminino. No museu tem destaque o adiré, pano-da-costa e as tapeçarias ideográficas. O adiré, entre os iorubás, era um tecido decorado por um processo que utiliza goma de mandioca e banho de anil para formar os desenhos. O pano-da-costa é confeccionado na região litorânea e era trocado por ouro, escravo, marfim, entre outros. As tapeçarias ideográficas são tecidos em algodão que retratam provérbios e ditados em forma de símbolos, em linguagem proverbial. Esta é uma forma de comunicação nas sociedades tradicionais africanas, utilizada para transmitir códigos e valores de comportamento para as gerações mais novas e retratar histórias de feitos importantes das dinastias reais do reino de Daomé (Figura 4.6). Estas ilustrações também eram feitas em fachadas de palácios, tendas e objetos de uso pessoal (LIMA & SANTOS, 2006 a).





Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.6: Tapeçaria de Abomé, atual República Popular do Benin, confeccionada por Yémadje, representando os 12 reis do antigo Daomé (Texto adaptado da etiqueta de identificação da peça exposta no Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia).

Neste módulo também podem ser apreciados alguns instrumentos musicais e jogos africanos. A música desempenha um importante papel na sociedade africana, tanto na parte espiritual quanto na social e funciona como veículo para a educação e transmissão de conhecimentos. Os materiais dos quais são feitos os instrumentos, bem como as técnicas de produção, forma, tipo e modo de tocar são muito diversos. Podemos observar por exemplo o “kora”, feito com uma cabaça, couro e bambu utilizada pelos contadores de história, o “sino duplo” feito de ferro e o “tambor falante” feito de cordas, couro e madeira, utilizado para transmitir mensagens verbais ecoando sons das línguas tonais como o iorubá. Na parte dos jogos há um painel explicativo sobre a infinidade de jogos na África, relatando a atividade lúdica como um componente importante nas sociedades. O jogo exposto é o Ayô (também conhecido em outras regiões como Wari, Woro, Awèle, Kboo, Ayoayo, Kale e Aghi), jogo de estratégia realizado a base de contagem e cálculos matemáticos, da etnia iorubá, em madeira e sementes (Fotos 4.7 e 4.8).



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.7: Módulo de Máscaras e Tecidos. Ao fundo em destaque com a seta branca a sessão com instrumentos musicais e jogos do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.8: Jogo Ayô exposto no o Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.

Após o módulo de “máscaras e tecidos” vem o módulo da metalurgia e cerâmica. Este módulo chama bastante atenção dos estudantes, principalmente a sessão de metalurgia, pelas peças em metal, principalmente a espada de Ogum (Figura 4.9). Um dos principais objetivos é mostrar as avançadas técnicas de fundição e os moldes que eram utilizados e a qualidade excepcional da execução (LIMA & SANTOS, 2006 a). A sessão de cerâmica mostra uma arte feminina, embora em algumas regiões, como no nordeste da Etiópia, seja feita por homens (Figura 4.10). Não há registro da utilização de



tornos, sendo moldada por combinações de técnicas de manipulação. É uma das mais antigas atividades e a finalidade é suprir a necessidade cotidiana de uso doméstico e ritual.



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.9: Módulo de Metalurgia do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.10: Módulo de Cerâmica do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.

Após o 2º Módulo existe uma sessão com vitrines que expõe esculturas em madeira, peças que são destaque na cultura africana, pois refletem a integração dos aspectos da vida social, política, econômica, educativa e religiosa (Figura 4.11).



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.11: Vitruines com esculturas em madeira do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.

O módulo seguinte apresenta a cultura afro-brasileira, destacando principalmente a religião dos orixás, que era cultuada originalmente entre os nagô-iorubá (Nigéria/Benin); dos voduns entre os evê-fon (Togo/Benin), e dos inquices, na África Banto (Congo, Angola, Zaire, etc.) (Figura 4.32). Os orixás, voduns e inquices representam ao mesmo tempo forças da natureza e ancestrais divinizados e estão ligados à noção de família numerosa proveniente de um mesmo antepassado que engloba os vivos e os mortos. Assim, de acordo com esta procedência africana, os terreiros da Bahia dividem-se em nações (LIMA & SANTOS, 2006 a). Nessa seção está inclusa a sala com os 27 painéis de Carybé, que representam orixás do candomblé da Bahia, com seus atributos e animais litúrgicos (Figura 4.33). Estas obras, que ficam expostas em uma sala ampla, foram originalmente encomendadas para a decoração do antigo Banco da Bahia S.A., atual BBM S.A., e foram emprestadas ao museu, estando atualmente incorporadas ao acervo.



Fotos: Roberta Smania Marques.

Figura 4.12: Sala com exposição da cultura afro-brasileira do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.



Fotos: Roberta Smania Marques.

Figura 4.13: Sala de Carybé do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia e detalhe do painel Babá Abaolá.



O Professor 05 disse que a sala de Carybé é um dos módulos mais impactantes do museu, tanto pelo tamanho dos objetos, quanto pelo valor das peças no mercado das artes. Mas, para ele, a exposição como um todo se mostra equilibrada. No entanto, seu preferido é o setor de máscaras e esculturas.

Uma coisa que é muito impactante, e eu até combato muito isso, quer dizer combato, porque, a construção pode vir daí uma construção muito complicada de referência, é uma coisa muito impactante [...] a sala de Carybé. Quando você chega pela própria monumentalidade da peça. O perigo disso, eu sempre, em entrevistas, por exemplo, os jornalistas, querem porque querem, que eu diga que aquilo é o mais importante. Dentro do mercado de arte obviamente se a gente pensa como obra de arte num olhar ocidental sim, aquilo é efetivamente é uma coisa monumental estupenda, só que aí um exercício que eu falo é assim, aquilo que é mais marcante na realidade, o cara, o Carybé, só consegue fazer aquilo porque ele teve todo aquele resto que se tem no museu. E tudo que está ali naquela obra dele está lá espalhado pelo museu, as ferramentas de orixás, as referências dos mitos e tudo mais, mas, fora isso, eu gosto, pra mim é muito forte a parte das máscaras, na verdade assim eu não teria o que é mais marcante, talvez pelo meu próprio envolvimento com a exposição, assim, uma exposição que é muito equilibrada assim, ela não tem por exemplo, nenhuma obra prima de referencial, não tem, ela é uma exposição que é muito simples, e que tem um grupo de objetos que é muito equilibrada a importância e a força de cada um deles. Certo, eu não diria, deixa lá, talvez pela própria museografia, eu gosto muito do setor de máscaras e esculturas (Professor 05).

Embora não exista um programa de exposições temporárias, elas acontecem circunstancialmente em um espaço recuperado entre a sala de Carybé e a sala com a exposição da cultura afro-brasileira.

[...] as salas que são temporárias ele tinha perdido o espaço para a Faculdade de Medicina. Recuperamos há um tempo atrás não a sala de exposição temporária, mas uma sala alternativa. Nessa sala alternativa por uma circunstância, essas exposições temporárias estão começando a acontecer, não porque exista um programa, é pela circunstância [...] (Professor 05).

Ainda não existe um programa de avaliação no MAFRO, porém o Professor 05 almeja sua implantação.

O principal público espontâneo que o museu recebe são os turistas e o Professor 05 relatou sobre opinião sobre o assunto:

Assim, público espontâneo turista. Pensar em público espontâneo é turista, [...] tanto nacional como estrangeiro, eu acho que é até equilibrado. A gente recebe

muito, isso muito mais pela própria, duas coisas, [...] o museu além [...] da colocação do anúncio no jornal, nota de jornal, no guia, e dos guias, o museu não tem condição nem nunca fez nada, nunca houve um programa de captação de visitantes, mas a própria localização do museu, né? Estar aqui no Terreiro de Jesus, nesse prédio que por si só já é referência, e o tema do museu, então [...] acaba chamando atenção. Então de público espontâneo turista (Professor 05).

Em relação aos moradores de Salvador, o principal público são os estudantes:

Da cidade, mas a gente tem um público muito grande dos moradores da cidade, mas não como público espontâneo, mas como público controlado, que é o público estudantil. Então vai desde a educação básica até a universidade, aí nós temos muito, [...] também equilibrado no que diz respeito à escola pública ou escola particular, [...] é muito grande hoje a procura, as escolas tem procurado muito, chegou a um ponto que a gente agora abre aos Sábados, e as escolas estão visitando o museu aos Sábados e Domingo, temos escolas marcando visitas para o Domingo (Professor 05).

O Professor 05 calcula que cerca de dois mil estudantes passam pelo museu por mês:

Olha eu não posso te dar números exatos, mas pensando empiricamente, assim, nós temos, sem quantidades fechadas mas hoje da uma média de três turmas, podem ser três escolas, pode ser a mesma escola, mas três turmas por turno, certo, a gente tem tido um número muito grande, ultrapassando as vezes não posso dar o número exato mas dois mil alunos por mês, mais ou menos (Professor 05).

Houve uma divulgação junto às escolas municipais e estaduais sobre o programa de monitoria, assim, as escolas que antes simplesmente chegavam no museu agora agendam a visita para participarem:

As escolas chegam a gente, assim, nós sempre recebemos escolas. Sempre recebemos escolas, independente de existir ou não um programa, o público escolar sempre foi muito grande. Tanto público, como privado. Então [...] o público que está vindo aqui é o público que vinha antes. A diferença é que assim, essas escolas ligavam pra marcar a visitação e ainda nós não tínhamos o programa, ligava não, a maioria nem ligava, já chegava. A partir do momento que temos um programa, quando elas começavam a chegar, elas começavam a tomar conhecimento do projeto. Mas também quando o programa existiu, ou foi criado, foi feita uma estratégia a fim de divulgação, principalmente nas escolas da rede municipal e da rede estadual, [...] então houve uma divulgação, mas hoje é muito mais por um contíguo de atividades, ou seja, são os mesmos professores que vieram e sempre vieram que passam a participar deste programa (Professor 05).

O Professor 05 relatou que apesar de cobrarem das escolas particulares, e essa vem sendo a principal renda gerada para o museu, isso não é um impedimento para que elas visitem, a política é que ninguém volte:

[...] é essencial que elas paguem, quer dizer é uma política *Robin Hood* assim, são essas escolas particulares que mantêm o programa pra todo mundo, mas uma política que a gente estabeleceu, assim, obviamente [...] isso é uma política da casa, assim, a idéia é que nenhuma escola vai voltar da porta. Mesmo que seja uma escola particular que vai alegar “não posso pagar, não posso pagar, não quero pagar”, ela vai, a gente faz de tudo, desde regatear de R\$2,50 passar para R\$1,00, para R\$0,50, até ser de graça, a idéia é não, que a cobrança não seja um impedimento pra visita (Professor 05).

Apesar da entrada ser gratuita para os estudantes da UFBA, o Professor 05 afirma que eles quase não freqüentam o museu:

Muito pouco. Os estudantes da UFBA não visitam o museu porque os professores da UFBA não visitam o museu. Os professores da UFBA, e aí eu não posso falar do Museu da Zoologia que eu não conheço, mas posso falar do Museu de Arte Sacra enfim, os três maiores museus, os museus da UFBA não são usados. Eles são usados como espaços pra aula muito mais por professores de fora da UFBA do que da UFBA. Praticamente pela experiência que eu tenho, todo professor da UFBA que trouxe os estudantes pra cá, quase a maioria, eram professores que estavam envolvidos com projetos daqui. Que aí, acabavam trazendo, mas não, nem os estudantes nem os professores, apesar do museu, ser pra comunidade da UFBA, por exemplo, ele é gratuito, mas ele não usa (Professor 05).

Para o Professor 05 o público é a essência do museu, e que sem ele o museu não faz sentido. Além disso coloca a questão da sobrecarga do público no espaço:

Primeiro que não existe, o público é o sentido do museu, como eu falava, pensar em classificar museu implica em falar em público, o público é a visita do museu, agora eu acho também que mais do que pensar na visita do público no museu, ele tem muito que ver é a qualidade dessa visita, é uma ansiedade muito grande que eu vejo de vários museus, de várias pessoas, de números, quantos visitaram, quantos visitaram, porque tem que ter. Agora aqui no museu a gente começa a enfrentar isso. A gente criou um programa educativo, programa educativo pensado com uma determinada estrutura, que em princípio é uma estrutura que cada monitor trabalharia num turno com uma escola e a demanda é tanta, e as dificuldades outro lado, por exemplo, a gente tem escolas que, o ideal da visita é uma visita de quarenta alunos, mas tem escolas que mandam 70, porque é a oportunidade da escola que nunca consegue o ônibus, que vem de longe, e aí tem que aproveitar para colocar o máximo de alunos que conseguir para ir fazer a visita (Professor 05).

O MAFRO fez uma parceria com a prefeitura em relação à conscientização dos professores sobre os museus enquanto espaços de ensino.

Sim, nós fomos parceiros. Há um projeto que eu não participei, não estava aqui na época, estava afastado para o doutorado, acompanhei de longe, mas que coincidiu com a época desse, da preparação desse programa pedagógico nosso. Então há um projeto realmente, eu conversei com algumas professoras na visita que elas fizeram. Há um projeto que tem essa articulação do museu com o espaço pedagógico, não sei como ele funcionou com outros espaços, mas com o museu, os professores, aconteceram duas sessões [...], específicas, desse curso específico de formação para professores da prefeitura, são professores que trabalham com isso, mais específicos nesse curso falaram muito mais da questão da cultura mesmo do que a questão dos museus, e esse professores desse grupo participaram de visitas aqui no museu, eles vieram, foram guiados como clientela, e depois voltaram com turma. Então em relação ao museu foi um projeto que efetivamente aconteceu nessa parceria com esse núcleo da prefeitura (Professor 05).

Ao que parece, a prefeitura ainda se mantém ativa em relação a isso:

[...] eu sei que por exemplo, a professora uns dias passados ligou pra marcar uma visita por conta, me parece que é um grupo que ainda está atento, porque, por conta da exposição temporária de máscaras que a gente tem, uma professora que salvo engano que é coordenadora, uma das coordenadoras desse projeto ligou para agendar visita de vários grupos de estudantes da prefeitura (Professor 05).

O programa educativo do museu consiste em uma monitoria direcionada aos estudantes que o visitam. Os monitores acompanham os visitantes com uma sacola de onde tiram gravuras de mapas, fotos específicas, entre outros, que os auxiliam a explicar os assuntos abordados nos diferentes módulos.

Ao final de algumas visitas eles realizam uma atividade que consiste em um jogo de combinações de elementos para “construir” um orixá. Existem 12 fichas com o nome e arquétipos de orixás onde estão descritas algumas das principais características de cada um que são distribuídas entre os estudantes, que a depender do tamanho da turma, trabalham em dupla. Pelo chão, são espalhadas de forma aleatória doze ferramentas em miniaturas dos orixás e doze contas (colares em miniatura) com as cores de cada um. O objetivo do jogo é que cada ficha de arquétipo fique junto com a conta e ferramenta respectivas.

A atividade é realizada ao final da visita no espaço com as obras de Carybé, onde além dos painéis existe um quadro com o desenho colorido de alguns orixás e um quadro com as suas características. Para auxiliar as combinações, os estudantes podem consultar estas informações, além é claro da memória sobre a monitoria do museu.

Quanto à importância da realização desta atividade o diretor do museu destacou que:

Na verdade é um jogo de percepção que se faz no grupo pra discutir, [...] a idéia, na verdade cada um pega a ficha guia, que é a ficha do arquétipo, e aí cada um vai tentando descobrir no meio daqueles objetos relacionados ao arquétipo e com a memória da visita qual seria o objeto relacionado aquele. No final a idéia obviamente existem trocas de fichas, sempre vai haver alguém no grupo que não vai casar todas as fichas, então isso é, propicia que um a um vá se discutindo então, “por que que você pegou esse e não esse?”, “é aquele”[...] essa é a atividade ideal quando ela acontece plenamente [...] (Professor 05).

Segundo observação da autora e depoimento do diretor, nem sempre a atividade pode ser realizada, pois requer tempo (15 a 20 minutos), tanto da escola quanto dos monitores. Como são marcadas até três turmas por turno, quando iniciam a visita, os monitores devem se programar para que a próxima escola que chegue não fique esperando. Assim, se a turma chega com atraso já é avisada que a visita será feita de forma mais rápida para que a próxima turma não se prejudique ao chegar no horário. Em geral, observei que quando a escola marcava diversas visitas para uma semana, quando faltava na primeira visita, faltava também nas demais, fato este que se deve a não ter conseguido transporte para os estudantes, afirmaram os próprios funcionários do museu.

[...] quando a gente tem por exemplo uma tarde que tem três escolas, é impossível fazer essas oficinas, faz em uma e não faz outra (Professor 05).

Foi observado que a maioria das escolas “passa” pelo museu com bastante pressa, pois os professores sempre diziam frases como: “o ônibus está lá fora esperando, marcamos como motorista tal hora!”, “a escola fica muito longe e eu ainda tenho que voltar para casa que é num bairro distante de lá”, “ainda temos que visitar outros espaços aqui do Terreiro de Jesus”, ou seja, mesmo que os monitores tivessem



disposição para realizar a atividade com todas as turmas, isso só seria possível se fosse redimensionada a visita. Talvez se houvesse uma limitação dos espaços a serem visitados no museu, enfocando a visita em apenas um determinado aspecto. Na realidade, o que aqueles professores e estudantes esperam da visita? Que conhecimentos almejam aqueles visitantes? Talvez se essas perguntas fossem feitas na marcação das turmas houvesse um melhor aproveitamento do conteúdo do museu.

Segundo as entrevistas com os professores que acompanharam os estudantes nas visitas, 100% (n=14) das respostas foram positivas em relação a estarem trabalhando os conteúdos do museu em sala.

Na maioria dos casos (78,5%, n=11), o assunto trabalhado tinha a ver com a Lei nº 10.639, publicada em 9 de janeiro de 2003 que altera a Lei nº 9.394, publicada em 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. A lei de 2003 inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", entre outras providências como:

Art. 1º A Lei nº 9.394, acrescida artigos 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (SILVA & BUARQUE, 2003).

O coordenador do museu afirmou que a confecção do material impresso e o desenvolvimento da atividade pedagógica estão relacionados com o cumprimento desta lei. O material foi impresso com patrocínio político visando oferecer recursos para que o docente pudesse executar melhor suas atividades didáticas.

[...] a emenda parlamentar, que veio de um deputado, que é um deputado negro, [...] tinha como objetivo, equipar o museu afro e dar atendimento a comunidade, mas ao mesmo tempo propiciar as obras da comunidade afro-brasileira um processo de aprendizagem de informação. [...] Esse projeto nosso pedagógico tem muito a ver, esse era também um dos objetivos do Luis Alberto, dar suporte para a lei, a lei que institui obrigatoriedade do ensino de cultura africana e afro-brasileira no ensino oficial brasileiro [...], em todos os níveis, então, é uma percepção, é uma realidade que existe ainda uma carência muito grande de material didático para que os professores trabalhem. Então foi introduzido também nesse projeto, foram produzidos dois manuais de professores, existem textos básicos sobre estes temas existem ilustrações, e há um manual para o aluno. O manual do professor contém o manual do aluno. [...] o manual do aluno, é um manual relacionado a visita, então é um exercício de leitura pra reflexão posterior, pra levar pra casa. No projeto original cada aluno receberia um e levava pra casa, na medida que hoje a gente tem uma demanda estourada, e é um material que é muito importante, que a gente não consegue, não tem recurso pra reproduzir na quantidade que a gente precisaria então, hoje a gente faz assim, a escola que vem recebe o Kit, e infelizmente não dá pra ser pra todo mundo e recebe três ou quatro, a depender do tamanho da turma, depois ele vai sortear ou botar na biblioteca ou fazer o que valha, mas tem esse kit que é material complementar da visita (Professor 05).

Como dito anteriormente, como a agenda estava lotada de visitas a atividade pedagógica não estava sendo realizada, porém, em um dia em que as visitas pelo turno vespertino estavam em menor quantidade, foi combinado com os monitores e o diretor do museu, que a atividade fosse realizada para que pudesse ser observada. Ao final da explicação usual de um dos monitores, eu e o grupo de três estudantes nos encaminhamos para a Sala de Carybé, onde outra monitora nos aguardava.

Lá estavam espalhados sobre o chão os objetos e a atividade ocorreu como descrita pelo diretor anteriormente. Após relacionarmos os objetos com as fichas, iniciamos a discussão. Quando estávamos discutindo sobre Yemanjá um dos estudantes levantou uma questão sobre a verdadeira origem dos mares e oceanos. Na explicação do outro monitor, Yemanjá foi relatada como uma mulher de seios fartos, originando os mares e oceanos, deles transbordados. O estudante então, questionou para esta monitora:

Aquela história que o rapaz contou, sobre os mares e oceanos terem saído dos seios de Yemanjá, não é verdade, é? Não foi assim que se originaram os mares e oceanos, foi? (Estudante da 8ª série do ensino fundamental).

A monitora prontamente disse que não. Ela começou a relatar que na realidade, eles tinham se originado da decepção de Yemanjá, que insatisfeita com os problemas

matrimoniais se desfez em águas. Enfim, relatou um outro mito sobre o orixá. A pergunta no entanto, tinha cunho científico, o estudante questionava sobre conhecimento religioso versus científico, porém faltou sensibilidade da monitora em perceber o ocorrido. O estudante após ouvir a explicação da monitora não fez outro tipo de pergunta desta natureza. Questionei então o diretor do museu para saber se nestes casos a orientação era manter informações sobre mitos do candomblé, já que anteriormente, ele havia me dito que a intenção do museu ora nenhuma era catequizar, converter ou impor idéias religiosas aos visitantes. Em sua resposta, o diretor afirmou que a orientação é de trabalhar o mito como mito, e não contrapor mito com ciência ou vice-versa.

A questão é uma questão operacional aí, normalmente quem faz o acompanhamento é o mesmo monitor até o fim, essa é a primeira questão. Por alguma questão operacional nesse dia, quer dizer, o que que acontece, se você tem mais de um monitor pelo processo? Acontece provavelmente o que aconteceu, por exemplo, ela não deve ter entendido na perspectiva de que ele estava conflitando ciência com o mito. Porque não é a perspectiva, nós não trabalhamos aqui com a perspectiva de substituir ciência por mito. O que deve ter acontecido, exatamente porque ela não veio da primeira pergunta, é que, como ela, e aí a questão do mito você tem vários mitos, pra uma mesma coisa você tem vários, pode encontrar mitos dos mais diversos, ela na verdade acabou indo pelo caminho do mito, entendendo, é contrapondo o mito dele com o mito dela e não se deu conta de que tinha um esclarecimento que era de perspectiva mesmo de conhecimento científico [...] Eu acho que foi isso, quer dizer, não é uma orientação de, que na verdade o que eu acho é que pela operacionalização é por isso mesmo que a gente busca que seja sempre o mesmo que vá do começo até o fim, o que houve que o fato de ter mudado acabou dando nisso, agora a orientação realmente e que tem sido a prática é trabalhar o mito como mito, e não como, eu acho que se ela não entendeu e contrapôs. Até isso é mais vantagem você ter o mesmo, porque esquecendo a questão, a perspectiva científica da pergunta, ela acabou um pouco que negando o que ele tinha dito e acaba um pouco passando pra esse grupo que ele tinha errado e que ela tinha acertado, mas não. Na verdade ele não errou e ela acertou, ele contou um mito e ela contou outro, só que aí acabou nisso, mas não que haja [...] um encaminhamento pra isso (Professor 05).

Este programa educativo tem ajudado a arrecadar uma maior bilheteria para o museu, e é ele, por exemplo, que sustenta o pagamento dos monitores:

[...] o orçamento, a receita, que é uma receita que vem da bilheteria, que não é, agora é uma receita até razoável, com o programa educativo, mas é uma receita mínima para o museu [...] hoje, por exemplo, os monitores são sustentados com o próprio programa, é o próprio programa que gera receita para que eles sejam, para que eles atendam (Professor 05).

O Professor 05 fala da necessidade de fazer um levantamento dos espaços potencialmente museológicos da UFBA, criando um setor específico para isso. Ele comenta que já existe a iniciativa de um grupo do Departamento de Museologia, que começou as atividades neste ano de 2007.

[...] há muito tempo, há uma idéia de criação de [...] uma coordenação de museus pra UFBA, uma idéia não, uma demanda mais do que uma idéia, uma demanda do Departamento de Museologia, do programa de museus que exista uma coordenação de museus. Nos últimos tempos tem crescido e parece que é uma indicação que foi muito forte neste momento do ano passado, e agora por exemplo [...], ainda não vai ser uma realidade mas vai estar sendo criado, [...] um conselho deliberativo para os museus da UFBA, e eu inclusive participei de reunião com o Pró-Reitor de Extensão, ligado a Pró-Reitoria de Extensão e a idéia é exatamente que a gente comece a perceber melhor os museus da UFBA, uma idéia, uma notícia boa, por exemplo, e isso é de num nível completamente, talvez seja *off* ainda, mas de primeira mão, [...] o Departamento de Museologia também criou agora um núcleo de pesquisa e extensão que um dos pontos chaves é exatamente entender melhor o que é essa museologia da UFBA, [...] esse é um problema das Universidades como um todo, quer dizer, tem uma potencialidade museológica imensa, com uma série de centros que já tem, voltando à aquela classificação de museus, você tem desde centros que ainda não tem nenhuma capacidade de serem entendidos como museus, mas que [...] já se autodenominam museus, e ao mesmo tempo você centros, você já tem espaços que deveriam ser entendidos como tal, mas ainda não são percebidos como tal, eu por exemplo, tem pouquíssima percepção dessa realidade, e a idéia, por exemplo, recentíssima, e ainda ontem a gente selecionava estagiário, e vai dar certo, é que a gente vai partir agora para um diagnóstico pra gente ter uma idéia dessa “cara da UFBA” qual é o potencial museológico da UFBA, quais são as coleções, quais são os locais que tem aqueles elementos que eu tinha falado que são essenciais [...], não adianta eu ter uma super coleção, não adianta ter, e por exemplo nenhuma disponibilidade ou nenhuma perspectiva de atendimento, de estar aberto ao público, por exemplo. Então desse encontro do ano passado, alguns frutos, foram, brotaram e um deles é agora essa criação de um conselho, desse centro no Departamento de Museologia, esse núcleo de pesquisa e extensão que vai estar articulado com esse conselho que é um primeiro passo para uma futura coordenação de museus da UFBA (Professor 05).

#### 4.2.2 MUSEU DE ANATOMIA COMPARADA

O Museu de Anatomia Comparada (MAC) fica na Escola de Medicina Veterinária (MEV) da UFBA, na Av. Adhemar de Barros, nº 500, Campus de Ondina, na cidade de Salvador, Bahia.

Segundo a Professora 03, diretora do museu, os passos iniciais para a criação do MAC ocorreram no início do semestre 1998.1, com a montagem das primeiras peças anatômicas, abrigadas em uma sala da MEV, cedida pelo Prof.<sup>o</sup> e então Diretor Ricardo Castelo Branco Albinati. Em julho do mesmo ano, em reunião plenária do Departamento de Anatomia dos Animais Domésticos da MEV, foi instituído oficialmente o MAC, em um espaço específico, aberto para a visitação pública. No projeto “Museu Interativo de Anatomia Comparada: Museologia, Ecologia e Convivência – Projeto de Ampliação e ganho estrutural” (PINTO, 2003) confeccionado pela própria Professora 03 encontramos que o museu foi instituído oficialmente em 7 de janeiro de 2002, em reunião plenária o MAC/VET/UFBA, com sede no mesmo local e aberto a visitação pública. No primeiro semestre deste mesmo ano a Pró-Reitoria de Extensão aprovou o Projeto do MAC dentro das atividades de experiência educativa, cultural e científica da ACC (Atividade Curricular em Comunidade, que articula ensino, pesquisa e extensão, desenvolvida por professores e estudantes da UFBA em parceria com a comunidade).

A criação do MAC se deu a partir da iniciativa da Professora 03, que se animou a montar peças para a exibição na Escola de Medicina Veterinária, ao regressar do mestrado e doutorado na Universidade de São Paulo (USP), onde pode participar da construção inicial, ainda em um barracão, do Museu de Anatomia Comparada daquela instituição, auxiliando na mudança para um espaço melhor.

[...] devido ao meu mestrado e doutorado na USP [...] os alunos eram obrigados a preparar a peça e deixar [...] no museu. [...] quando eu retornei aqui pra Salvador, comecei a montar, não era um museu, a gente não tinha vontade de montar um museu, eu tinha vontade de botar umas peças, entendeu, num lugar, assim parecido né? Mas nunca sonhei que fosse chegar, conseguir [...] nós começamos com a Angélica que é a nossa égua, aqui nossa

mascote né? Que já é bem conhecida na UFBA toda, montamos Angélica e primeiro ela ficou na sala de aula, futuramente a gente invadiu esse espaço, que foi invadido, né? O espaço do museu e montamos o museu. Mas é que eu tinha vontade mesmo de, no início eu tenho uns esqueletos, a intenção era ter uns esqueletos na sala de aula (Professora 03).

Inicialmente a idéia era contribuir com o a melhoria do ensino da graduação, porém aos poucos foi chamando a atenção de outros espaços de ensino:

Inicialmente nós, não tínhamos a intenção de que fosse um museu, né, então era mais para os alunos de graduação. Porém com o tempo, as pessoas foram ajudando colaborando, a imprensa também, que ajudou muito (Professora 03).

Apesar de fazer parte da Escola de Veterinária, a Professora 03 afirma que o museu foi construído com seu próprio recurso e a ajuda de voluntários, que participaram temporariamente das atividades do museu:

Tudo voluntário, né? Porque o dinheiro[...] foi dinheiro meu, dinheiro próprio, e eu tive um artista plástico, que fez pra mim praticamente de graça, o que eu paguei foi pedreiro. [...] Então eu tive artista plástico, que fez essa parede daqui da frente que todo mundo [...] gosta bastante, eu tive uma museóloga que fez também voluntariamente, que é a museóloga do zoológico, [...] depois eu tive o taxidermista que olhou, ele deu curso aqui, de taxidermia, que ficaram hospedados na minha casa<sup>20</sup>, porque eu não tinha condições de pagar hospedagem. Ele ficou aqui comigo, tá aqui na Bahia até hoje. É, e depois veio uma pessoa para trabalhar comigo na informática direto, é voluntário também [...] depois uma, [...] relações públicas, eu tinha uma equipe, tá entendendo? Eu tinha essa menina que era da especialização, só que eram voluntários, e voluntários não pode ficar na universidade, assim muito tempo, hoje eu tenho uma monitora, [...] que é monitora da ACC (Professora 03).

A diretora e fundadora do MAC relata que se emocionou durante a primeira visita que receberam no museu:

[...] como as crianças falam, né? Que queriam ajudar aqui, ficaram encantadas, assim nunca tinham entrado num museu na vida [...] primeira escolinha pública que veio lá do Vale das Pedrinhas, eu chorei no dia, de emoção de ver tanto essa popularização da ciência, de despertar vocações, pessoas que nunca tiveram oportunidade de ver como os esqueletos, os animais empalhados, então a gente já tinha um lugar onde eles possam conhecer essas estruturas (Professora 03).

---

<sup>20</sup> Profissionais que vieram de Goiânia.

Existe um projeto para unificar alguns espaços da UFBA em um museu de História Natural, do qual o MAC faz parte<sup>21</sup>. Este projeto foi discutido em uma reunião, da qual a professora 03 fez parte, devido a insistência do diretor do museu e dos articuladores da reunião.

O Sr. [...] me telefonou “[...], eu quero que você participe da uma reunião com a gente”, eu disse “professor eu não me cadastrei.” “Não [...], faço questão porque eu quero aproximar os pequenos museus, nos grandes museus, porque só os grandes museus conseguem alguma coisa”. Pois na primeira reunião o que foi que aconteceu, o Museu de História Natural está começando lá por Biologia, [...] eu tô querendo ir lá [...] pra ver o que tá faltando, pra gente correr atrás, porque até que tá bem encaminhado, é um projeto que já tá há alguns anos, nos conselhos, eu não sei porque tá parado!

Para ela um museu é uma instituição que preserva a memória, como declarado quando questionada sobre a sua concepção:

Então, a minha idéia de museu, eu não tinha idéia nenhuma de museu, [...] só que hoje eu sou apaixonada por museus. [...] a minha concepção de museu são locais, é que vão preservar a memória, é no caso dos nossos museus de ciência, vão trazer principalmente para o público carente, né? Crianças de escolas públicas [...] (Professora 03).

É bem verdade que a diretora mostrou-se temerosa em afirmar que o MAC é um museu, pois reconhece que ainda tem muitas lacunas a serem preenchidas, mas julga que o público reconheceu aquele espaço como um museu e que constantemente a mídia faz referências ao espaço como museu:

[...] um professor [...] já me deu indireta, que eu não posso chamar isso aqui de museu, né? Ai eu brinco assim, né? Que não posso chamar isso aqui de museu, mas eu chamo mesmo, porque você já apareceu na TV Bahia quantas vezes ao vivo? Na Record, Varela, TV Itapuã, Aratu, tudo o que eu tenho direito! Correio da Bahia não sei quantas vezes! Aí fico brincando[...] eu recebi o catálogo dos museus de Bahia, lindo!! Aí tem lá Museu Interativo da Anatomia Comparada, e foi um Museólogo que fez, ai eu achei ótimo! Então eu, eu sou humilde para não dizer que isso ai é um museu (Professora 03).

---

<sup>21</sup> Este projeto será melhor abordado na descrição do Museu de Zoologia.



Quando questionada sobre a instituição se tratar de um museu de ciências, a diretora, em princípio, hesitou conceituar o MAC, porém, apesar das ressalvas, no final a resposta foi positiva, ressaltando que apesar do espaço limitado, vêm atendendo satisfatoriamente ao público recorrente:

Olha, para começar, eu não sei se eu chamo de museu, porque [...] o nosso trabalho, na realidade, a parte do museu é uma estrutura bem pequenininha, nosso trabalho é educação ambiental, então a proposta nossa, é ter um espaçozinho que é pequenininho [...] É, considero, né? Porque eu trabalho com anatomia comparada e a gente além das peças que nós montamos tem também, tem acesso aos formolizados, do Departamento, que a gente também, considera também, como sendo do museu também (Professora 03).

No entanto, parece que a diretora ainda não está muito certa sobre o real conceito do seu espaço, por achá-lo pequeno demais para ser um museu:

Entrevistador – Quando a senhora começou a responder, a senhora falou assim: “ah eu não sei, não sei nem se chamaria aqui de museu”.

Professora 03 – Não, é porque não está enquadrado em museus assim.

Entrevistador – Por quê?

Professora 03 – O catálogo...

Entrevistador – Ah! Por causa do catálogo!

Professora 03 – Está no catálogo! [...] eu recebi o Catálogo dos Museus de Bahia, lindo!! Ai tem lá “Museu Interativo da Anatomia Comparada”, e foi um Museólogo que fez, ai eu achei ótimo! Então eu, eu sou humilde para não dizer que isso ai é um museu. Você tá entendendo?

Entrevistador – Mas por que professora, assim, é dentro de que conceito você diz que não é um museu?

Professora 03 – Menina, é o tamanho [...].

Entrevistador – Só o tamanho?

Professora 03 – Só, é porque é pequeno, entendeu?

Entrevistador – Mas, o quê?



Professora 03 – Eu tenho consciência de que, [...] chamando uma, uma área que eles acham pequena, porque no início, a Escola tinha vergonha de mostrar, porque o espaçozinho é pobre, tá entendendo? Simplezinho, mas aí quando tomou ponto com a imprensa, quando a TV Bahia teve aqui ao vivo, ficou a manhã inteira, a TV Bahia foi acabar três horas e meia, [...] tá entendendo? Aí depois disso, entendeu? [...] Mas eu não sou idiota pra dizer que eu tô aqui, isso ai é **museu**<sup>22</sup>. Não sou não, entendeu? Eu realmente sei que as crianças gostam, sei que é útil e tudo, mas...

Segundo as normas do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), elaboradas na década de 70 (§ 2º, 3º e 4º arts. do Estatuto – ICOM, 2001), o tamanho não interfere na definição de um espaço como museu, desde que ali sejam realizadas em conjunto as atividades de pesquisa, conservação, aquisição exposição e divulgação das evidências materiais e bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer.

A professora admite que tem muito para melhorar e pretende que com novas parcerias e apoio, principalmente do Reitor, as melhoras possam ser mais rápidas e efetivas.

[...] parece assim que eu estou me menosprezando, não é, eu até que sou um pouquinho vaidosa, com esse museu [...] porque foi uma coisa que eu montei praticamente escondido da escola, né?, então, mas eu sei, né? que tem muita coisa para fazer, agora mesmo eu estou aqui querendo correr atrás mesmo, usar todas as minhas forças, que as pessoas que eu fiz um relacionamento, o próprio Reitor que ele gosta demais do meu trabalho, assim que ele assumiu ele veio logo aqui, eu nem conhecia, eu nunca nem votei nele, ele veio visitar o museu com a esposa dele em pleno sábado, imagina? Eu nunca vi Reitor saindo de lugar nenhum para ir pra, em pleno sábado? Onde é que ele quer estar no sábado? Numa boa, né, curtindo (Professora 03).

Para a Professora 03 um museu não tem sentido sem o público:

[...] eu acho que o público é fundamental, e o público que me interessa, eu ter alí, uma coisa linda, [...] porque o que eu gosto, é inserir a comunidade dentro da Universidade, né? Dentro desses museus, como eu tenho vários depoimentos de crianças, que ficam assim, que não tiveram muita oportunidade de ter essa cultura, eu acho que o público é que define. Como aqui o nosso! O nosso não é simplezinho? Uma áreazinha? Mas que o público foi que definiu, [...] o público foi que [...] fez com que fosse aceito. Então o

---

<sup>22</sup> A professora 03 enfatizou na entonação da palavra museu, querendo dar idéia de que não era um museu completo, mas que ainda assim era um museu.

público é que define tudo. Sem o público eu não vejo porque ter um museu (Professora 03).

A diretora relata que se preocupa com a popularização da ciência, e que tem desenvolvido atividades e projetos que permitam que o conhecimento chegue de forma correta à população:

A minha intenção é trazer a comunidade pra cá, né? Então a preocupação nossa mesmo é trazer os jovens como já estamos fazendo [...] temos a bolsa PIBIC Júnior, [...] já peguei meninos de rua, daqueles que queriam desenvolver um trabalho comigo, meninos mesmo, que cheiram cola, já vieram aqui me visitar, inclusive eu morava no Chame-Chame, eu conheci lá, vieram aqui, [...] não sei se a minha idéia de Popularização da Ciência está realmente correta, né? Porque pra mim trazer os alunos de escola pública, pros laboratórios, e fazer com que nós sejamos entendidos, porque nós temos uma linguagem anatômica, né? Nós temos uma linguagem anatômica, porque nós usamos a nomenclatura anatômica, que também nos interessa, para passar para as escolas essa nomenclatura, porque as vezes sai, aprendem lá, e chegam aqui com a nomenclatura toda errada, chamado aurícula de átrio, né? Então, válvula, valva de válvula, [...] essa linguagem anatômica a gente tem, tem vontade de passar, tem passado, né? Mas também nós nos preocupamos de que essa ciência seja entendida a todos os níveis, principalmente a toda a população, né? (Professora 03).

Atualmente, a estrutura organizacional conta com uma Diretora, um Monitor, um Estagiário, um Museólogo, um Jornalista, um taxidermista e cerca de seis professores do Departamento de Anatomia da MEV, vinculados ao museu através de um projeto permanente de extensão. O taxidermista é um profissional autônomo, não vinculado à UFBA (Figura 4.14).

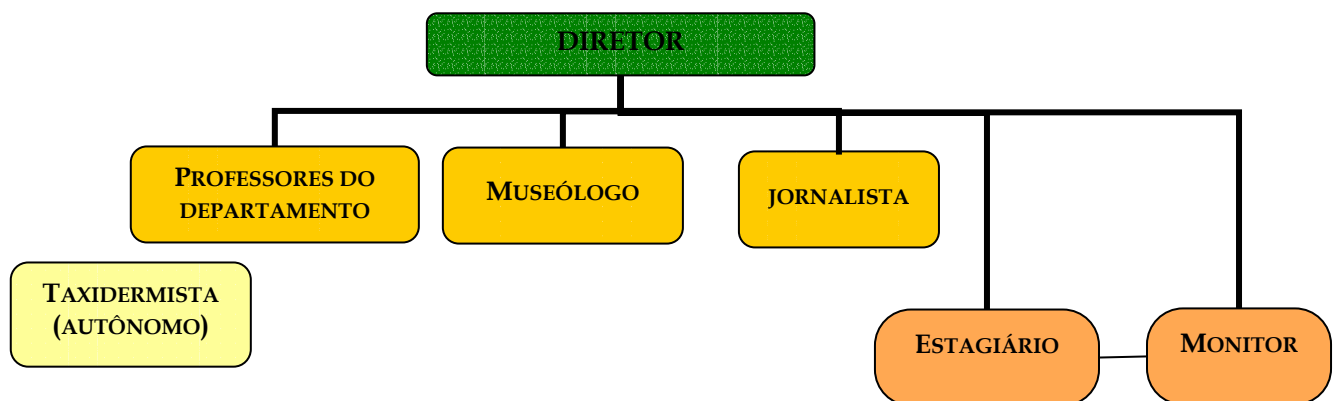


Figura 4.14: Organograma do Museu de Anatomia Comparada (MAC/UFBA).

O Museu dispõe de um acervo de anatomia animal com cerca de 300 peças preparadas com diversas técnicas de conservação, tais como: maceração, taxidermia, corrosão, diafanização, entre outras. As peças estão distribuídas entre coleções de ovos e de bicos de aves, peças taxidermizadas, formolizadas, diafanizadas e esqueletos de diversos grupos animais. A maioria das peças é de mamíferos, inclusive parte de esqueleto humano. Os animais taxidermizados são na maioria da fauna brasileira como arara, onça, preguiça, tucano, iguana, jaguatirica, lobo guará, entre outros. As peças formolizadas são em geral serpentes e órgãos de animais (encéfalo, coração, pulmão, fígado e rins, entre outros). Os esqueletos estão articulados ou desarticulados, pertencentes a diversas espécies animais como eqüinos, bovinos, serpentes, roedores, aves, além da coleção de crânios.

Os animais taxidermizados inicialmente foram conseguidos através da realização de um curso:

[...] esse curso nós participamos no zoológico, com o professor José Ildázio, que é de Goiânia, aí fui para um congresso em Goiânia, e lá no congresso [...] conheci uma pessoa de Sorocaba, estava fazendo um estágio lá com ele, aí essa pessoa veio dar o curso em Salvador e nós adquirimos através desse curso algumas peças que são pra exposição, eu consegui tudo, dos recursos próprios mesmo, mas em compensação, alguns alunos se inscreveram, e as peças ficaram pro museu. E a partir daí a gente têm conseguido algumas outras peças (Professora 03).

A parte externa do museu possui uma decoração especial na parede, com modelos animais (Figura 4.15). A exposição permanente encontra-se em uma pequena sala de aproximadamente 49m<sup>2</sup>, situada em um anexo junto da MEV. A sala possui um corredor central que divide as exposições dos nichos, que simulam o habitat com animais taxidermizados, e a dos esqueletos, estes que ocupam cerca de um terço do total do espaço (Figuras 4.16 e 4.17). A área reservada ao fundo serve para a montagem de exposições temporárias, de acordo com a solicitação das escolas visitantes. No museu, não existe um espaço destinado a acervo bibliográfico.

Além das exposições permanentes e temporárias, o Museu realiza exposições itinerantes quando solicitado, a depender a disponibilidade da equipe.



Figura 4.15: Detalhes da parede externa e do Museu da Anatomia Comparada, da Universidade Federal da Bahia.



Figura 4.16: Um dos nichos que abriga os espécimes taxidermizados da exposição do Museu da Anatomia Comparada, da Universidade Federal da Bahia.





Fotos: Roberta Smania Marques.

Figura 4.17: Exposição dos esqueletos do Museu da Anatomia Comparada, da Universidade Federal da Bahia, e ao fundo em destaque com setas brancas as mesas com as coleções de crânios e espécimes formolizados e para o acesso ao espaço das exposições temporárias, que se encontra em reforma.

De acordo com observações e o relato da Professora 03 a exposição nas galerias não segue uma classificação específica sobre os animais:

Então, a gente separa [...] assim, essa galeria aqui, a gente coloca mais animais, alguns mamíferos, alguns animais que estão em extinção, e sempre nessa galeria<sup>23</sup> fica mais as cobras, né, a jibóia, essa preguiça e recentemente a gente adquiriu esse macaco-aranha do Planeta Zôo. Essa galeira aqui a gente dá, é uma galeria que a gente organizou com aves, tucanos, e também alguns mamíferos, também, né? E essa aqui, essa galeria tem mais, com animais aquáticos, né, tem um pouco de mistura ainda com algumas aves, mas com mais animais aquáticos, que vivem mais na água; as aves também, que ficam mais assim, na água. Dentro das cavernas, a gente colocou alguns ossos (Professora 03).

Quando questionada “O quê que você acha mais marcante na exposição?” ela respondeu:

Mais marcante? Ah, eu acho os animais empalhados, é, teve um jornalista aqui [...], fez uma reportagem, e ele deu vida a tudo, o rato do banhado [...] os esqueletos eu já sou apaixonada, por esqueletos, então o que eu gosto são os animais empalhados, né, que parece que estão vivos, [...] eu gosto mesmo dos animais empalhados, dos animais em extinção<sup>24</sup>, porque é importante, a gente tem esses animais aqui, no museu, então imagina? Algumas espécies em extinção, esses animais não vão ser mais encontrados, estou com um animal

<sup>23</sup> Referindo-se a uma segunda galeria.

<sup>24</sup> Este pensamento reforça o seu conceito sobre museu.

agora que a gente empalhou, um macaco, um macaco aranha, ainda não está no museu [...](Professora 03).

Estes animais são provenientes de doações da Cetrel<sup>25</sup>, Jardim Zoológico de Salvador, e do Planeta Zôo<sup>26</sup>. O museu já possui a autorização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA para expor estes animais, mas a diretora confessa que levou um susto:

[...] eu tenho a autorização do IBAMA, para ter esses animais mortos aí, mas eu não sabia, um dia chegou [...] Biólogo, ele trabalha no IBAMA, [...] me deu o maior susto! Que para ter esses animais aqui, silvestres, eu tenho que ter uma autorização do IBAMA (Professora 03).

De acordo com os relatos da entrevista da Professora 03, foi constatado que não são realizados vários tipos de atividades museológicas.

Quando questionada sobre a ação educativa, a Professora 03 relatou que existe uma monitoria específica apenas para grupos de escolas públicas e particulares, dos diversos níveis de ensino (pré-escolar, fundamental, médio e superior), visto que não há monitores ou museólogos disponíveis durante todo o período em que o museu permanece aberto, para atender ao público de visitas não agendadas. Pode-se notar durante a entrevista que o público-alvo das exposições do MAC são grupos agendados de discentes, seja de instituições de ensino público, particular, ou demais instituições de ensino.

[...] a gente recebe creches, criança com câncer, ONG<sup>27</sup>, escolas, [...] escolas técnicas federais do interior, escolas de Valença, escolas de Amargosa, uma escola de Santa Inês, que veio quatro dias aqui, já está marcando para vim novamente, então hoje o público da gente, a gente recebe todas as idades, com a, tem a parte também da, de especiais, visuais, e toda hora, Pestalozzi [...] (Professora 03).

O público em geral não, né? Por exemplo, se eu sou transeunte, se eu quero entrar aqui... (Entrevistadora)

Não, pode vim, na época que a gente não tinha Museólogo, a gente não tinha quem recebesse, a não ser monitor, então eu não, se a pessoa vier o museu está

---

<sup>25</sup> Cetrel S/A - Empresa de Proteção Ambiental do Pólo Petroquímico de Camaçari.

<sup>26</sup> Zoológico particular em Lauro de Freitas

<sup>27</sup> Organizações Não Governamentais.

aberto o dia todo, só que não tem uma pessoa lá para, se bem que lá dentro é pequenininho né, abafado, é complicado, mas se uma pessoa vier a gente atende, ou então marca, comigo (Professora 03).

Para que estas visitas ocorram a professora conta com a ACC e a divulgação na imprensa:

Então o ACC faz a gente movimentar, né? Então agora tá retomando escola que já visitaram já estão ligando, já estão agendando, a gente precisa, que esses dias [...] eu tô um pouquinho, não tô muito na mídia, então eu tenho que criar fatos para botar na imprensa, [...] porque se a gente não procurar, a imprensa não vem, né? Quando já tá muito naquela fase, e então tô até retomando agora, né? (Professora 03).

O Museu recebe turmas agendadas pelo celular particular da professora, pelo telefone da MEV ou por e-mail, com no máximo 40 estudantes, embora tenham escolas que queiram extrapolar este limite.

A capacidade do museu são só de 15 alunos, eu se a turma tiver quarenta, a gente não recebe mais do que isso, já teve gente aqui, que quis trazer oitenta crianças (Professora 03).

A diretora relatou que as exposições foram montadas pelo Museólogo e por uma estagiária, segundo referenciais teóricos de livros de ciências adotados pelas escolas.

Ah, a gente usa, a gente usa, eu tenho coleção de livros, todos os livros de ciências, então a gente se baseia, porque, as escolas, é, com o tempo a gente vai observando, que as escolas, elas não trabalham aleatoriamente, como falou o diretor né, eles vão perder tempo, o que é que adianta álcool bonitinho, e a gente não estar ajudando nada na formação deles, então é de acordo com os conteúdos que as escolas têm [...].

Essa montagem segue um plano pedagógico que consiste em adaptar a exposição do Museu ao conteúdo programático que esteja sendo abordado pelo grupo da visita. Além disso, são montadas as exposições de curta duração específicas, voltadas às necessidades solicitadas pelos grupos escolares.

Entrevistador – Então, mas aí esse plano, qual o objetivo desse plano pedagógico que vocês tem para a visita do Museu? Então é isso, de se adequar às escolas, de se adequar a cada escola?

Professora 03 – De se adequar a cada escola, de acordo com o assunto né, se a escola está dando meio ambiente, ela vai procurar a gente para falar de meio ambiente.

A Professora 03 ressalta que o principal objetivo das exposições é, além de atender a necessidade da complementação do currículo escolar com atividades extra-classe, a popularização do conhecimento científico e o despertar de vocações.

Olha o principal objetivo da gente é despertar vocações, né, e também fazer, o que eu mais gosto é quando vem crianças de escolas públicas, que vem aqui né, para conhecer a universidade pública também né, ter essa oportunidade, então a gente visa é, manter um elo didático entra a universidade e a comunidade em geral, despertar vocações.

Principalmente também, o conhecimento das ciências, anatomia mesmo é uma disciplina, uma disciplina que ninguém gosta né, formol, tem que estudar muito, [...] muitas pessoas jamais imaginaram que existia um esqueleto, lá no Shopping Barra mesmo, o pessoal ficava “Poxa eu nunca imaginei que existisse”, então imagina, você ver como é que é uma articulação [...] (Professora 03).

Em diversos momentos da entrevista a diretora reconhece que o espaço da exposição é pequeno e que deve ser melhorado, mas ressaltou que o mais importante para ele é passar o conhecimento:

[...] o pessoal quando chega aqui toma um susto, eu não, porque eu não ligo para a parte física, como o povo chega aqui “ah, porque a UNIME”<sup>28</sup>, isso não quer dizer nada, tá entendendo, a parte importante não é a parte física, o importante é passar, né? (Professora 03).

Nas atividades de monitoria guiada, são realizadas outras atividades além da visita à exposição do Museu. São oferecidas palestras com sete temas diferentes (sistema nervoso, sistema urinário, sistema circulatório, sistema digestório, sistema respiratório, sistema genital masculino, sistema genital feminino); exibição de vídeos (mamíferos, aves, répteis, dinossauros e tubarões); visita ao ranário, aprisco, laboratórios, Centros de

---

<sup>28</sup> Referência à coleção de peças anatômicas (humanas e animais) que está sendo preparada no laboratório da Medicina Veterinária desta instituição de ensino superior.



Atendimento das Aves e ao criatório de peixes<sup>29</sup> e explanação sobre zoonoses (raiva, leishmaniose, leptospirose). Além disso, os estudantes podem visitar o Memorial da Mata Atlântica do Campus de Ondina/UFBA (Figura 4.18).

Então, nós temos esse museu pequeno, o espaço é muito pequeno, mas a gente trabalha com outras áreas, trabalha com a mata, Memorial da Mata Atlântica, [...] lá tem uma casinha, que era do biotério. Eu desativei, ela estava toda lacrada, eu abri, limpei, e nós fizemos a trilha, uma trilha, nossa, nessa trilha, a gente recebe escola, nessa trilha, a gente em parceria com Biologia nós botamos para crianças, crianças de todas as idades, de doze anos de idade até idosos, as crianças vão, e a gente vai mostrando para a criança a parte botânica. As principais árvores, [...] a função, pra que [...] serve, e a importância [...] medicinal [...]. Então essa trilha a gente recebe escolas na mata, também a gente mostra a parte de zoonoses, que são os animais, ratos, que foram do biotério, camundongos a gente tem animais só pra isso, pra falar da leptospirose, da raiva, também trabalhamos com o laboratório de aves, com a criação de peixes, [...] Biologia!



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.18: Trilha no Memorial da Mata Atlântica da Universidade Federal da Bahia.

Na questão da conservação, não existem projetos relacionados às pesquisas de campo e/ou laboratório; há apenas a manutenção técnica do acervo em exposição nas reservas técnicas, que é feita com dificuldades, devido a falta de profissionais especializados recursos financeiros.

---

<sup>29</sup> O ranário por um período passou a ser o criatório de peixes, porém está voltando a sua formação original.

Faço, faço conservação das peças, e atualmente está sendo uma coisinha meia cara, porque a área lá dentro agora está todo úmido, porque [...] nós colocamos um gesso, e daí a escola está nos ajudando bastante, foi pingando, pingando, e aí com a chuva, eu fiquei com medo do teto cair, [...] mas aí eu consegui, o pessoal da prefeitura colocou as telhas, aí na época eles estavam dando uma assistência a escola, eu paguei uma pessoa, para serviço prestado, só que ele ficou úmido, aí o taxidermista tava cobrando, toda vez que ele vinha no museu era R\$200,00, para fazer algumas instalações [...] está ficando caro, porque ele está vindo, pra ver a parte do mofo [...] então tem que fazer essa parte de conservação, nossa parte de conservação é essa de osso e taxidermia (Professora 03).

A parte da avaliação das visitas é feita através de depoimentos dos estudantes, e é produzido um relatório técnico no fim de cada semestre referente às atividades desenvolvidas na ACC.

As escolas, as crianças que vêm visitar, geralmente a gente pede para elas fazerem, depoimentos né?, desenho [...] a gente pede também para falar o que, que a gente está errando, né?, o que é que a gente precisa melhorar, agora tem uma avaliação técnica que a gente faz (Professora 03).

Em relação à documentação também não existem projetos que visem à coleção como suporte material para produção do conhecimento. Os objetivos específicos são apenas a catalogação das peças, que foi feita por uma estudante e publicada em forma de trabalho apresentado ao curso do Bacharelado em Museologia da UFBA.

A Professora 03 afirmou, com veemência, em diversas falas que não realizam quaisquer atividades de pesquisa, sendo uma instituição dedicada exclusivamente à exposição com atividades de educação e lazer, apesar de reconhecer que a pesquisa seja uma parte importante e que faz falta.

Sendo assim, concluímos que o atual espaço definido como Museu de Anatomia Comparada deve realizar outras atividades, como de conservação, documentação e pesquisa, por exemplo, para que seja reconhecido como Museu. A definição de Coleção Universitária de Ensino apresentada no Capítulo I enquadra o MAC de forma satisfatória, uma vez que o acervo é destinado apenas ao ensino, inicialmente dos estudantes de Veterinária, e posteriormente para outros educandos, mas algumas ações ainda precisam ser implantadas, ser formulado um projeto museológico, enfim, para



que ganhe o status de museu universitário. O MAC não é cadastrado como órgão suplementar da UFBA, porém aspira ser assim que sair a aprovação do Conselho Universitário (CONSUNI) para o Museu de História Natural.

[...] a gente sabe também que museus pequenos, eles não têm muito futuro, é por isso que é importante para gente, já que nós estamos sendo convidados a participar do Museu de História Natural, é importante que nós abraçamos esse, esse processo né? Do museu de História Natural [...] (Professora 03).

### 4.2.3 MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

O Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) (Figura 4.19) nasceu em 1983 com a doação de coleções resultantes das pesquisas arqueológicas da UFBA. Juridicamente, foi constituído como Órgão Suplementar da UFBA doze anos depois, em 1995 (MAE, 2005).



Fonte: ETCHEVARNE, 2006, capa.

Figura 4.19 – Logomarca do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

O MAE está situado na Praça XV de Novembro, nº 17, Terreiro de Jesus, Centro Histórico da cidade de Salvador, Bahia. Corresponde a uma parte do que foi o Real Colégio dos Jesuítas (séc. XVII), tendo servido, posteriormente à expulsão dos Jesuítas em 1779, como hospital militar. Depois foi demolido em grande parte para a edificação da sede da Faculdade de Medicina da Bahia, primeira Escola de Ensino Superior de Medicina do Brasil (fim do séc. XIX, 1808), que funcionou ali até a década de 1960 (MAE, 2005; ETCHEVARNE, 2006, p.8).

Foram as plantas desenhadas no século XVIII pelo engenheiro português José A. Caldas que permitiram que o pesquisador em arqueologia da UFBA, Valentín Caldeirón, realizasse prospecções que resultaram na descoberta das estruturas murarias remanescentes, soterradas pelas construções da Escola de Medicina, transformando os vestígios seiscentistas em um sítio arqueológico colonial (ETCHEVARNE, 2006, p.9).

Possui cerca de 700m<sup>2</sup> de espaço, distribuídos em seis galerias. Algumas galerias são construídas de blocos de rocha arenítica e em tijolos com abóbadas em aresta, com arcos que se abrem para um pequeno pátio com cisterna, mostrando a construção de duas épocas distintas (Figura 4.20 e 4.21). A parte interna refere-se à construção do Colégio dos Jesuítas e a parte externa são reforços construídos para auxiliar a sustentação do prédio da antiga Faculdade de Medicina. É bastante interessante o fato de que o museu que expõe peças arqueológicas do período pré-colonial, que chegam a ter até 7.500 anos, esteja situado dentro de um sítio arqueológico colonial (MAE, 2005; ETCHEVARNE, 2006, p.9).



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.20 – Galeria de tijolos com abóbada em aresta do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.21 – Módulo com exposição indígena do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.



De acordo com o Regimento do Museu (MAE, 1995, p.1), as finalidades do MAE são:

I - Coletar, recolher, salvar, catalogar, preservar e expor objetos de valor arqueológico e etnológico, especializando-se nas populações, sociedades e culturas ameríndias e atuando nas seguintes áreas, indicadas em ordem prioritária: o território atual do Estado da Bahia, o território brasileiro e o continente americano, sem excluir a possibilidade de atuar subsidiariamente em outras áreas e temáticas;

II - Articular-se com as atividades de pesquisa e ensino realizadas em seu campo de especialização pelas áreas de arqueologia e antropologia do Departamento de Antropologia e Etnologia e do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas;

III - Proporcionar ao curso de Museologia da UFBA condições para a realização de atividades didáticas e de pesquisa museológica, nos diversos setores do Museu;

IV - Empreender e estimular atividades de extensão cultural e educativa junto às instituições educacionais do Estado e ao público em geral, com o fim precípua de informar e promover o respeito pelas diferenças étnicas e a diversidade cultural.

Para o Professor 04, a principal função do Museu Universitário é expor os resultados das pesquisas realizadas na Universidade, então, ele relatou seu pensamento sobre a visão tradicional apresentada pelos museus da UFBA:

[...] vejo os museus universitários particularmente, [...] tem alguns museus que não tem pesquisa, mas eu vejo os museus universitários como museus sendo fundamentalmente um local de pesquisa. E a exposição, a amostra, ela é fundamentalmente o resultado da pesquisa, né? A pesquisa é ligada ao ensino, não, é a pesquisa que está relacionada ao ensino fundamentalmente, um lugar de busca, um lugar de fazer novos materiais, fazer novas exposições, usar novas técnicas, tanto de produção de patrimônio dos acervos do museu, quanto de [...] expor, [...] tornar isso público, que é o grande problema, [...] os museus da universidade, são, no caso da UFBA, de forma geral, eles padecem de um grande problema, que é o tradicionalismo em termos da visão que se tem de museu. Nós temos o curso de Museologia, que é um dos poucos, aliás que era único que nós tínhamos no Brasil, vamos ter o segundo agora, que é Cachoeira, [...] mas apesar de ter um curso de Museologia, a visão que se tem de museus na UFBA é extremamente tradicional, são museus velhinhos, coisas velhas, coisas guardadas, quando eu vejo museu como algo que deve ser dinâmico, devem trazer as pessoas para a educação, devem promover a educação, de todos os níveis, eu acho que o

museu universitário tem a obrigação não só de ser um local de aprendizado, de educação, de pesquisa, da própria universidade, professores, estudantes de várias áreas, o museu se caracteriza exatamente por essa multidisciplinaridade [...] (Professor 04).

Um dos objetivos do Professor 04 para o MAE é a ampliação da visão arqueológica, já que, segundo ele, a apresentada ainda é restrita:

[...] claro que você tem um museu como esse, que permite você a trabalhar na área de arqueologia, com seu patrimônio arqueológico e na área de patrimônio etnológico, e a visão que se têm aqui, é de patrimônio, que se mantêm aqui ainda hoje, eu quero ver se a gente muda de visão arqueológica, é uma visão estreita de arqueológico fundamentalmente indígena [...] arqueológico colonial, não é? E a visão de patrimônio etnológico é restrita a questão indígena, então estamos brigando [...], lutando em torno de se ampliar esta visão de etnologia em todos os seus aspectos, etnologia indígena, etnologia afro-brasileira, etnologia afro, [...] luso-brasileira, européia-brasileira, né? Fica parecendo que branco não é uma questão de etnologia, fica só restrita a negro e índio, [...] quando são todos questões de etnologia, você tem um museu de etnologia tem que compor exatamente todo esse aspecto (Professor 04).

O Professor 04 relatou a sua insatisfação em relação à fragmentação entre o MAE e o MAFRO, alegando que ambos tratam de questões antropológicas e da cultura baiana/brasileira. Disse que o problema foi amenizado, conseguindo-se, inclusive, a unificação da entrada, o que elevou muito a visitação do MAE que antes era de difícil acesso, mas que ainda existe rivalidade entre os museus.

[...] a UFBA tem uma questão que é extremamente estranha, que é dois museus na mesma área que competiam e competem ainda entre si, competiam [...] que é o Museu Afro-Brasileiro e o Museu de Arqueologia e Etnologia, que são ambos Museus da Cultura Baiana, da Cultura Brasileira, Museu de Antropologia, e quando eu cheguei aqui esses museus não se comunicavam, hoje se tem uma entrada única, única entrada, um único bilhete, um único ingresso, o acesso se faz por dentro, a gente acabou de abrir a escada pra favorecer isso, e a gente tem certa integração, ainda com muita dificuldade de se ter um suporte das pessoas [...] em termos das resistências consolidadas, que são muito fortes, as pessoas são muito tradicionalistas, e são muito competitivas, há uma competição, ainda hoje muito forte, entre os dois museus, o Museu Afro-Brasileiro é impermeável, praticamente, às questões ligadas a etnologia, [...] apesar de não ser a etnologia afro-brasileira, [...] etnologia africana [...] etnologia afro-brasileira, mas é como se fosse, se a afro-brasileira fosse diferente [...] e o outro fosse inferior é um pouco discriminatória, [...] Então uma questão que me parece fundamental é você pensar os recursos da universidade como recursos que devem ser utilizados para aquilo que se fazem

necessários, e as pessoas ainda como propriedades como feudos, [...] é um problema que eu tenho críticas também, [...] nós temos dois museus, nós somos dois museus, pra conseguir operar junto foram 24 anos, para conseguir abrir as portas juntos, para ter uma portaria única, era uma entrada lá em cima, uma entrada aqui em baixo, dois bilhetes, [...] aí aqui era invisível, as pessoas difícil, você veio aqui por fora, né? É difícil de entrar, ... não tinha visibilidade nenhuma, não tinha em nenhum lugar que aqui existe um museu, [...] quando eu cheguei aqui tinha uma visitação semanal de [...], um museu importa a visitação, não é? Você põem abertas as portas é pra ser visitado, uma visitação mensal de trinta, quarenta pessoas. Hoje nós temos essa visitação [...] dificilmente diária, é sempre mais do que isso, raramente acontece só esse número, nossa média hoje é de três a seis mil visitantes por mês (Professor 04).

O Professor 04 falou da importância da exposição do MAE e ressaltou novamente o valor da ligação entre os dois museus:

Então tudo que nos guia em termos de, de mostrar o museu é isso, não é, que o Brasil tem várias facetas, né, e você não pode generalizar isso, a integração com o museu afro-brasileiro nos permite, também, mostrar essa faceta do [...] elemento [...] africano [...] que antecedeu a chegada ao Brasil, depois você tem toda a mesclagem de culturas [...] entre os dois museus [...] tem a transfusão justamente de promover este caboclo, naturalmente você conhece com o nome caboclo que é o índio, categorizado como caboclo e o índio, naturalizado [...] como caboclo ainda com vestimentas bem semelhantes, bem interessantes, [...]

Com a implantação da escada que liga os dois espaços é cobrada uma única taxa que permite a visita aos dois museus, conforme a tabela 4.1.

Tabela 4.1: Valores cobrados por visitante para a visita ao Museu de Arqueologia e Etnologia e ao Museu Afro-Brasileiro.

VISITANTE	INGRESSO EM REAL (R\$)
ADULTOS	5,00
CRIANÇAS ATÉ 5 ANOS	GRATUITO
JOVENS ENTRE 6 E 12 ANOS:	2,50
CIDADÃOS BRASILEIROS ACIMA DE 60 ANOS	2,50
ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS E COMUNIDADE UFBA	GRATUITO
ESTUDANTES DE ESCOLAS PARTICULARES	2,50

Fonte: Tabela construída com os dados disponíveis em <http://www.ceao.ufba.br/mafro/funcionamento.htm>.

Quando questionado sobre alfabetização científica, o Professor 04 disse entender que é:



Fundamentalmente a introdução de elementos da ciência na cultura de forma geral, na educação, em todos os níveis, inclusive das pessoas que são cegas a ele, [...] muitas vezes a questão do leigo, [...] vou conceituar aqui o leigo, o visitante que não pensa o museu, ele vê o museu apenas, [...] você vai transmitir pra ele [...] com o museu essa larga idéia de que aquilo pode ser pensado de outras maneiras aquele objeto não é algo apenas estanque, lúdico, mas tem todo um significado outro que está por trás.

Então, questionado sobre a preocupação do MAE em relação à alfabetização científica e à popularização da ciência, o Professor 04 enfatizou que uma função do museu é despertar o público para o conhecimento e é necessário fazer com que ele não só admire, mas que também entenda a exposição. Sobre a visita, o professor disse que a idéia do MAE conflita com a proposta do MAFRO:

Com certeza né, a nossa meta é exatamente isso, eu não quero trazer aqui o visitante, para ficar, particularmente com as escolas, para ele apenas contemplar o museu. Eu quero que ele entenda a razão de se ter um museu, [...] e de se colocar objetos no museu, e os significados que têm esses objetos, [...] daí a minha visão de visita ao museu não ser essa de você ter que percorrer todo museu, tem que se preservar determinados aspectos do museu para conhecer, [...] e uma visita a um museu não se faz de uma vez, [...] aquela idéia de que tem que fazer de uma vez e esgotou, [...] lamentavelmente a visão dos museólogos é muito essa, eu vou visitar o museu e percorrer o museu todo, é um conflito nosso com o Afro-Brasileiro, eles acham que tem que ver o museu todo, [...] tem que ter ver aqueles aspectos do museu que vão contribuir com o conhecimento que a pessoa vem em busca de, [...] o que nós podemos é despertar elas para, acho que o museu tem essa função de despertar as pessoas para o conhecimento, às vezes alguém que entra aqui, entra meio perdido, [...] e o museu tem que ter essa função [...] (Professor 04).

O Professor 04 deu exemplos de como mostrar o valor das peças em exposição:

[...] tecnologia dos tempos pretéritos, [...] aquelas pedras lascadas, [...] aquele lascamento bruto não é uma mera pedra, mas é uma pedra que sofreu uma intervenção, passou por uma intervenção, [...] intencional, para se tornar algo significativo, e útil, [...] e aí você vai [...] fazer disso [...] de modo mais utilitário possível, técnico, do ponto de vista do significado ritual, do significado [...] que isso tem para as pessoas, do ponto de vista estético, do ponto de vista ritual, bocado<sup>30</sup> de ponto de vista, religioso, [...] se não fica uma coisa estática. [...] então você faz pensar que pedras lascadas, [...] ou pedra, que o lascamento bruto, tem um significado muito grande aos povos que fizeram aquilo e resolviam a necessidade deles, e eram passadas e cuidadas com extremo zelo porque se você

---

<sup>30</sup> Expressão regional que significa “muitos”. A sentença seria para expressar que são diversos os pontos de vista.

perdesse você ia ter que lascas outro, e aquele que você tem, tem uma tradição, tem um valor pra você, do ponto de vista de quando você fez, como você fez, para quem você fez, todo esse significado tem que ser pensado para quando você estiver diante de uma pedra [...] (Professor 04).

Em relação a isso, ele relatou experiências de associações equivocadas sobre as peças do museu:

[...] os agentes da polícia federal, quando os agentes da polícia federal vieram aqui uma vez porque eles queriam aprender, [...] não sei se você viu no jornal de, um material paleontológico imenso no Mercado Modelo que estava sendo vendido, está aqui conosco, [...] nós guardamos, pensamos em expor mas não houve oportunidade, o custo para expor aqui é alto, [...] eles vieram aqui e eu fui mostrar para eles o patrimônio, [...]. daqui do patrimônio e eles não sabiam o que era patrimônio, fui mostrar pra eles, e quando eu cheguei lá na vitrine, tinha um material lascado bruto, um deles fez “puxa, eu já joguei tanta pedrinha batida dessa, rapaz” [...] então, é esse tipo de coisa, pra ele não tem significado, quando ele viu ali lembrou de coisas semelhantes, eventualmente as formas convencionais, [...] que ele pensou, mas uma das nossas monitoras aqui, funcionárias, nós tivemos que segurá-la, porque ela fazia comparação que o instrumento lascado era equivalente um garfo ou uma faca, [...] quando não tem nenhuma relação, garfo e faca começou a chegar no Brasil no séc. XVIII, [...] chegaram na colônia, comiam de mão mesmo, [...] a história destes significados, você busca mostrar para as pessoas o que determinado elemento tem, não é a peça em si, mas o que está por trás de uma peça [...] (Professor 04)

Pelo fato de o museu ser um órgão suplementar da UFBA, ele é administrativamente subordinado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH).

De acordo com o Regimento (MAE, 1995, p.2) são órgãos do MAE:

- I. Conselho Deliberativo;
- II. Diretoria;
- III. Comitê Técnico-Científico;
- IV. Divisão de Administração e Apoio;
- V. Divisão de Museologia e Reserva Técnica;
- VI. Divisão de Laboratórios de Pesquisa: Arqueologia, Etnologia e Museologia
- VII. Núcleos Avançados de Pesquisas Arqueológicas – NAPAs. (que aspira-se alteração para Núcleos ou Centros Avançados de Pesquisa)

Ainda de acordo com o regimento supracitado (MAE, 1995, p.2), O Conselho Deliberativo, órgão de supervisão, coordenação e direção superior do Museu de Arqueologia e Etnologia, têm a seguinte composição:

- I. Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas como presidente;
- II. Diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia;
- III. Um representante do Departamento de Museologia (FFCH), eleito pelo mesmo;
- IV. Um representante do colegiado do curso de Museologia (FFCH), eleito pelo mesmo;
- V. Um representante da área de Arqueologia do Departamento de Antropologia e Etnologia (FFCH) eleito pelo mesmo;
- VI. Um representante da área de etnologia do Departamento de Antropologia e Etnologia (FFCH) eleito pelo mesmo;
- VII. Um representante do curso de Mestrado em Sociologia (FFCH), eleito pelo seu Colegiado;
- VIII. Um representante do corpo de servidores do MAE, por eles eleito;
- IX. Um representante eleito pelos estudantes bolsistas em atividades no MAE;
- X. Um representante do corpo técnico do Museu;
- XI. Um representante da Reitoria;
- XII. A viúva do Prof<sup>o</sup>. Valentín Calderón, como representante de seu espólio científico, cedido ao MAE em comodato, com direito a voz e voto e em caráter vitalício.

Atualmente, de acordo com o relato do Professor 04, a estrutura organizacional conta com a diretoria, vice-diretoria, um técnico responsável pela restauração e conservação, um técnico responsável pela programação visual e quatro monitores do curso de graduação em Museologia da UFBA. Existe um conselho formado pelos Departamentos de Museologia e Antropologia da FFCH e o Colegiado de Graduação de Museologia que formam um conselho gestor juntamente com os professores que desenvolvem projetos no museu (Figura 4.22).

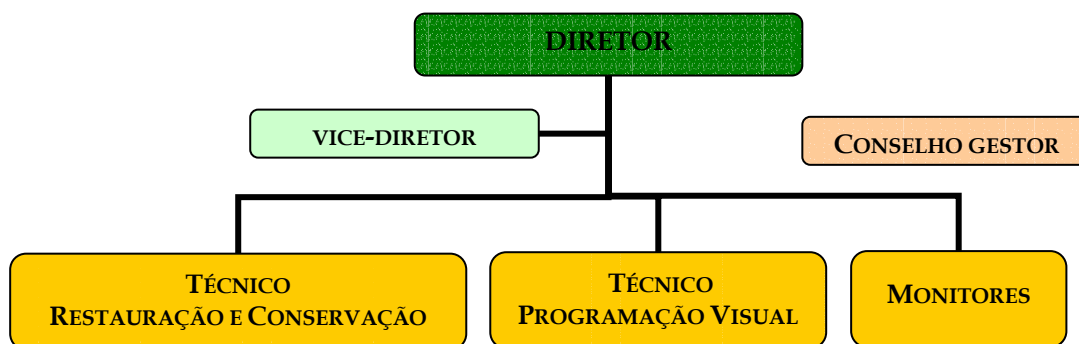


Figura 4.22: Organograma do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal Bahia.

Apesar da estrutura organizacional representada na figura 4.22, o Professor 04, enfatizou o problema da falta de qualificação e empenho de alguns funcionários, fazendo com que ele próprio acumule diversas funções. Ao que parece, a questão da ausência de uma boa infra-estrutura funcional não é um problema exclusivo do MAE, e sim dos museus da UFBA em geral.

[...]eu faço do projeto à fiscalização se está limpo o banheiro, hoje ele está, saber quanto papel higiênico tem e que dia vai acabar, se a lâmpada queimou, se o porteiro veio, se o monitor foi atender quem chegou, [...] o empenho para poder comprar as coisas, a captação de recursos, a atender os visitantes, pois é, atender a, enfim, quando eu não estou tem problema, né? A parte de gerenciar o dinheiro, né, depositar o dinheiro no banco, fazer um estudo depois para gastá-lo, os projetos para comprar né, passam por mim, um problema que deu aqui foi dado em torno disso, [...] um desvio de recursos, acusações das mais diversas possíveis, então tudo isso tem que passar por mim, então eu me desdubro em ser professor, pesquisador e [risos] gestor de museu. Não! E tem mais, montar as exposições, sou eu que monto também. [...] (Professor 04).

Essa fala denota um acúmulo de tarefas para o Diretor da Instituição, enquanto certas atividades deveriam ser desenvolvidas por profissionais ou funcionários ou estagiários específicos. Por exemplo, caberia a um Museólogo a função da montagem das exposições, que é feita por ele, um Antropólogo. Inclusive, o professor salienta esta necessidade e aponta que mesmo nos setores onde existem funcionários específicos para as funções designadas, ainda existem problemas.

[..] sim, ter alguém na área de, quer dizer um museólogo, nós temos aqui a Vice-diretora, mas alguém da área de[...] auxiliar, [...] precisa ter uma pessoa na área de programação visual, [...] precisa ter uma pessoa na área de educação, [...] para que ele possa de fato serem escolhidos através da universidade e aí ter como pessoas permanentes, mas infelizmente nós não temos, e temos também um problema muito sério com a restauração, [...] conservação, restauração, [...] nós não temos reposição, [...] do pessoal, o que implica em uma dificuldade grande com qualidade[...] (Professor 04).

O acervo do MAE representa o patrimônio arqueológico do território da Bahia, bens culturais tangíveis e intangíveis dos povos indígenas contemporâneos, em parte do território do Brasil e da Bahia. Ele é constituído basicamente de coletas assistemáticas (coleccionadores particulares e curiosos) e fruto das pesquisas realizadas pelos próprios

professores da UFBA ligados ao Museu. É o resultado de estudos que foram feitos sobre sociedades pretéritas (incluindo sociedades indígenas), contemporâneas e coloniais brasileiras (CAROSO In ETCHEVARNE, 2006, p.5).

Em relação às coleções doadas, as principais são as seguintes:

- ⇒ Vital Rego, médico, coleção de materiais arqueológicos, adquirida no início do século XX.
- ⇒ Professor Carlos Ott, etnólogo, coleção de materiais arqueológicos, adquirida na metade do século XX.
- ⇒ Thales de Azevedo, antropólogo, coleção de cachimbos indígenas e afro-brasileiros.
- ⇒ Professor Pedro Agostinho, coleção Xinguana de objetos indígenas, década de 1960.

São diversos os projetos de pesquisa que contribuíram para o acervo, tais como:

- ⇒ Coleção Valentín Caldeirón (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas).
- ⇒ Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico.
- ⇒ Projeto de Salvamento Arqueológico Itaparica do São Francisco.
- ⇒ Projeto Arqueológico Piragiba.
- ⇒ Projeto de Intervenção Arqueológica da Antiga Igreja da Sé.
- ⇒ Projeto de Intervenção Arqueológica do Pátio dos Estudos Gerais do Colégio dos Jesuítas, fim da década de 1980 e início da década de 1990.
- ⇒ Escavações em Morro do Chapéu e no Vale do Jequiçá.

As coleções arqueológicas e etnológicas asseguram a preservação do patrimônio cultural de grupos humanos e apresentam uma seleção de objetos representativos de uma sociedade, organizada de modo tal, que permitem a análise e interpretação (MAE, 2005).

Segundo o Professor 04, existem ainda cerca de trezentas e oitenta mil peças arqueológicas que pertencem ao acervo do MAE que estão em Porto Seguro, onde será

assinado um convênio com a prefeitura local, que cederá um prédio para a abertura de um Museu da Cultura Baiana. Inicialmente, o museu será locado na Casa da Lenha, na parte baixa da cidade, próximo à região das balsas.

Em um segundo momento o Museu será transferido para a cidade alta, em um prédio que já está em construção. Este Museu contará com exposições de arqueologia, etnologia, etnologia-brasileira e etnologia-afro-brasileira. O Professor 04 disse que essa idéia se justifica porque o principal objetivo deste museu, que será ligado ao MAE, é a descompartimentação que existe hoje em dia nos museus da UFBA em relação à cultura brasileira.

[...] eu acho é que a UFBA tem que ter o seu museu da cultura, [...] e isso é tudo, envolve afro-brasileiro, envolve índio, envolve [...] arqueologia, envolve etnologia contemporânea, envolve etnologia passada, [...] e isso tudo é muito importante que se seja pensado, tenho uma visão diferente dessa compartimentação, cada um com o museu na sua casa, [...] eu acho que os grandes museus são importantes porque atraí o público, [...] facilita a instalação, diminui o custo de operação, e sobre tudo disponibiliza para o público [...] (Professor 04).

Com os dados obtidos nas entrevistas, pôde-se constatar que, em relação aos projetos museológicos, o MAE procura desenvolver atividades em todas as áreas que o ICOM definiu em seu estatuto, §1º do Artigo 2º, para que uma instituição seja enquadrada como Museu (ICOM, 2001).

Quanto à conservação, são realizados projetos relacionados às pesquisas de campo e laboratório de Arqueologia e manutenção técnica do acervo em exposição nas reservas técnicas.

A documentação está sendo feita por um profissional da área de História, dado que a parte de catalogação andava pouco cuidada há muito tempo, segundo o Professor 04, gerando um desconhecimento acerca do acervo.

As exposições do MAE, em geral, refletem o passado pré-colonial e colonial, com a presença lusitana e de outros elementos culturais europeus, a formação da nação brasileira

e as populações indígenas pretéritas e contemporâneas no país e no estado da Bahia (CAROSO In ETCHEVARNE, 2006, p.5).

O objetivo central dessas exposições é retratar a diversidade de organização social, cultural e características étnicas e raciais dos povos antecessores e atuais no território do Brasil, para despertar no visitante a consciência, através da compreensão e do reconhecimento das semelhanças e diferenças da diversidade entre grupos humanos, promovendo integração e solidariedade entre povos e culturas que se mesclam na constituição da nação, da nacionalidade e das identidades brasileiras (CAROSO In ETCHEVARNE, 2006, p.5).

A exposição permanente com coleções arqueológica e etnológica de longa duração do MAE intitula-se “Do período Pré-colonial à Atualidade”. O roteiro da exposição se inicia com as exposições sobre os índios da Bahia e índios xinguanos, depois o módulo das pinturas rupestres, seguindo com a parte da arqueologia pré-colonial, arqueologia colonial, e por fim as peças líticas (mostrando os diferentes momentos sócio-históricos através das modificações da morfologia e tecnologia dos objetos) e cerâmicas, principalmente da Tradição Aratu e Tupi-guarani.

O material arqueológico é apresentado expograficamente considerando a diacronia no processo de ocupação do território baiano. Sendo assim, os módulos expositivos levam em consideração a pertinência dos objetos, conforme sejam originados por grupos de caçadores coletores, por sociedades de cultivadores ceramistas ou pelos colonizadores portugueses.

A exposição etnográfica faz parte da exposição de longa duração e é composta principalmente pelas coleções de artefatos dos Povos Indígenas Kamauyrá e Waurá, que vivem no Parque Nacional do Xingu (localizado na Região do Alto Rio Xingu, no estado do Mato Grosso) e pela coleção Pankararé (que habitam a Região do Raso da Catarina, nos municípios da Glória, Paulo Afonso, Macururé, com maior concentração na localidade de Brejo do Burgo), um dos treze povos indígenas que vivem no estado da Bahia (ETCHEVARNE, 2006, p.12). Em geral, são artefatos de cerâmica, têxtil, plumário, cestaria, objetos de madeira, osso, ferramentas de cultivo, caça, coleta, instrumentos musicais,

adornos corporais, além de ricos registros fotográficos. A exposição retrata múltiplos aspectos da vida cotidiana e cerimonial destes grupos.

O professor 04 enfatizou que os Povos Indígenas contemporâneos também são retratados com peças que refletem particularidades dos aspectos culturais destes povos, que sobreviveram às transformações culturais da colonização européia. Os registros fotográficos exprimem o processo de etnogênese pelo qual vêm passando esses povos, que vivem em áreas que foram ocupadas e economicamente incorporadas mais cedo pelos europeus e neobrasileiros.

Em relação à exposição indígena, um dos principais objetivos é informar sobre os índios que vivem no Norte do Brasil, isolados, pouco contatados, e desmistificar a imagem do índio contemporâneo.

[...] tirar a idéia de que o índio tem que necessariamente vestir tanga e dançar, não é, índios não são mais isso [...] tem um índio que está terminando o Doutorado [...] índios urbanos, e estudantes universitários, [...] até professor já tem, ou seja, nós queremos mesmo realmente trazer a idéia, que, ou seja, índio é gente como a gente! [risos], não é? Não é diferente não [...] (Professor 04).

O professor 04 contou como foi montada a exposição Pankararé:

[...] um pessoal que trabalha com a gente a etnobiologia, que essa exposição sobre os Pankararés foi montada por índios Pankararés, da Universidade de Feira de Santana, não sei se você conhece Fábio Bandeira, [...] ele trabalha com a etnobiologia, fez etnobiologia no México, [...] foi nosso estudante de Biologia aqui, acho que ele está com quase quarenta anos hoje, e Fábio me propôs fazer esta exposição Pankararé, eu tinha trabalhado com Pankararé em 75, desde 80 que eu não tenho nenhum contato, e aí no fim acabou juntando um material meu, de muitos anos atrás, [...] fotografias [...] e eles trouxeram algumas coisas aqui, e foi surpreendente [...] eles estão trabalhando com a gente intensamente, tem mais de dez anos [...] com os Pankararés [...] (Professor 04).

Relatou alguns distintos pontos de vista entre as equipes e a importância em se conhecer a fundo os objetos expostos, para que a informação passada para o público seja a mais correta possível:

como nós tínhamos visões bem diferenciadas [...] dos objetos que traziam, apesar deles terem essa sensibilidade para a questão etnobiológica, [...] e foi como antes e conseqüentemente e tal, mas o que significa o tolã, não é, eles não sabiam nem o nome era tolã, eles sabiam o que era tonã, mas não sabiam o quê que era



exatamente a diferença entre o tolã, [...] é dança o tonã é a roupa, mas eles nunca tinham feito a relação entre os dois, nem todo significado que tem aquela roupa, aquela roupa na verdade, máscara, aquela vestimenta, ela não é um, um objeto indígena, Pankararé, aquela roupa é encantada, [...] no momento em que ele [...] veste [...] aquela saia e o capuz, ele perde a personalidade, desaparece a pessoa e surge um personagem que é encantado, e ele passa a atender pelo nome do personagem que é encantado, então a roupa guarda todo esse poder de transforma o indivíduo, então não é uma vestimenta qualquer, [...] a pessoa não pode chegar e dizer e que roupa de, que vestimenta de sisal, pouca gente sabe que o que é palha, sisal, então a gente tem que esclarecer aqui para essa gente, o significado que ela tem, e o poder de transformação que ela tem, elas são batizadas [...] no momento em que ela é batizada, só o indivíduo que usa ela deve tocá-la, e ninguém mais deve tocar, essa daí por sinal é batizada e veio pra cá, [...] mandaram pra cá, mas tem um dono lá que permitiu que viesse [...] ela pronta, ela feita, ao término ela passa por um ritual de batismo, e nesse ritual de batismo o indivíduo passa a ser responsável por ela [...] e a partir daí ele incorpora [...] aquela entidade, aquele encantado, e aquele encantado vai exatamente ser, [...] enfim, toda relação dele com o universo imaginário, religioso, Pankararé.

A exposição de arte rupestre é formada por painéis fotográficos e materiais de escavações ou demolições que constituem peças como pilões com inscrições rupestres e gráficas (Figura 4.23), um pedaço de uma rocha explodida na qual existiam pinturas rupestres, e uma projeção com imagens de pinturas rupestres da Bahia.



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.23: Pilão de pedra exposto no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

As representações rupestres são focalizadas principalmente na Chapada Diamantina (região centro-oeste da Bahia), uma vez que nesta região se concentra a maior quantidade de sítios, abrigos e grutas com este tipo de vestígio. São expostas fotografias com motivos naturalísticos, com figuras antropomorfas e zoomorfas em composições em que predominam movimentos em ações coletivas (Figura 4.24). Essas características classificam esses sítios na tradição pictórica denominada Nordeste, por ter sido localizada em quase todo território nordestino (ETCHEVARNE, 2006, p.13).



Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.18: Foto de pintura rupestre exposta no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

As peças líticas incluem desde as aprimoradas pontas de projétil (lascamento) às lâminas de machado polidas (Figura 4.25), relatando um vasto espectro de instrumentos criados para diferentes atividades econômicas, por grupos indígenas antecessores à colonização portuguesa (ETCHEVARNE, 2006, p.12).

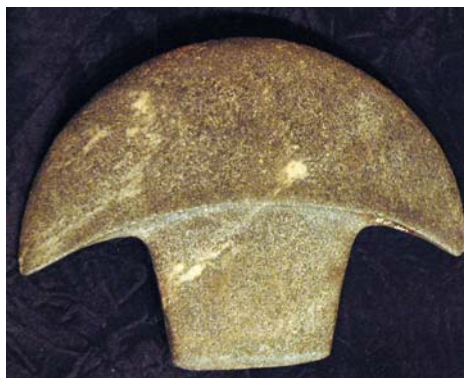


Foto: Roberta Smania Marques.

Figura 4.25: Lâmina de machado de pedra, confeccionada por técnica de polimento. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

O material cerâmico mostra duas grandes tradições ceramistas, Aratu e Tupi-guarani, provindas de sociedades indígenas que ocuparam do litoral ao cerrado da Bahia. Os objetos como vasilhames de uso doméstico para o processamento da mandioca em conjunto com objetos ritualísticos como as urnas funerárias permitem uma demarcação cronológica, além de constituírem documentos da prática cotidiana desses povos (ETCHEVARNE, 2006, p.13) (Figura 4.26).



Fotos: Roberta Smania Marques.

Figura 4.26: Na primeira foto “assadores”, vasilhame de cerâmica utilizado para o processamento da mandioca. Na outra foto um detalhe dos desenhos decorativos da assadeira, com pequenas machadinhas regularmente desenhadas e agrupadas. Essa peça pertence ao conjunto de objetos dos grupos Tupi. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

O acervo e o espaço em que a exposição está disposta permitem que o visitante faça uma verdadeira viagem no tempo.

[...] uma entrada no tempo, você vai conhecer a história, a própria história do Brasil, o testemunho arquitetônico da história do Brasil [...] você está entrando em quase quatrocentos e cinquenta anos de história [...] tem aqui registros arqueológicos, arquitetônicos dos mais antigos em Salvador, talvez os mais antigos desse tipo [...] (Professor 04).

Nessa viagem, o Professor 04 disse que o público entra em contato com a ciência:

Porque reproduzir fundamentalmente o conhecimento científico, o que é que nós temos aqui como resultado, o resultado da atividade arqueológica e etnológica, né, da antropologia fundamentalmente, é um Museu de Antropologia, não é? E você tem o resultado do estudo que se faz a respeito de sociedades pretéritas [...] de sociedades contemporâneas, no caso de gente, [...], as sociedades pretéritas que incluem sociedades indígenas, prol de indígenas, indígena e [...] sociedade colonial brasileira, [...] então nós estamos avançando bastante em relação a isso, nós promovemos agora início de julho o congresso, não, fórum, Fórum Luso-Afro Brasileiro [...], onde nós fundamentalmente apresentamos registros coloniais, [...] é o olhar da ciência, ciência aqui não significa (risos) química, biologia, não é (risos) o olhar da ciência, aliás, quando pensamos em antropologia temos os dois lados, não é, tem o lado da antropologia sócio-cultural, a antropologia biológica não é, que é uma antropologia [...],então o olhar da ciência sobre a cultura, é isso que nós fazemos fundamentalmente, então sem dúvida é um museu de ciência (risos), as ciências moles também são ciência, e ciência é parte da cultura, é isso que as pessoas precisam, não ciência [...] como se fosse algo externo, não é? (Professor 04).

O material exposto é plurisignificativo pois além de representar importantes peças para estudos etnológicos, exhibe antigas tecnologias utilizadas por sociedades pretéritas, que auxiliavam no dia-a-dia daquelas pessoas:

[...]então o que é que nós temos aqui é, um museu de tecnologia, nós somos um museu de tecnologia literalmente, tecnologia extremamente sofisticada, extremamente avançada em sociedades pretéritas, [...] e em sociedades contemporâneas, [...] as pessoas julgam, em geral, o leigo, que [...], um artefato produzido por um grupo indígena para solucionar seus problemas de sobrevivência não é tecnologia, não é, ou pensa até como algo menor, mas não convém, eles são extremamente sofisticados. Pensar em um arco e uma flecha como acumulador de energia, [...] quando ele faz uma arma, mas uma arma extremamente sofisticada, uma bomba atômica é um acumulador de energia fundamentalmente, [...] então se você pensar que são em dimensões diferentes, soluções tecnológicas para problemas de sobrevivência, [...]soluções técnicas, soluções tecnológicas [...] maneiras de operar da sobrevivência [...] (Professor 04).

Como exemplos dessa tecnologia, o Professor 04 citou (Figuras 4.17 e 4.18):

[...] instrumentos líticos do lascamento bruto, [...] servem às necessidades de caça, pesca, comércio, [...] corte, derrubada de árvores, [...] machados, [...], mas [...] quando olha parecem pedras, rombudas, [...] não tem nada, são só pedras, lascadas, as pedras foram lascadas para atender a essa necessidade, [...] e que davam conta a necessidade daquele momento, [...] e você tem a evolução destes instrumentos, do lascamento bruto ao polimento, instrumentos polidos, [...] ou os desenhos, todo um padrão de desenhos [...], tem uma coisa incrível ali, um assador que ele é todo decorado internamente com pequenos machados, encaixados um no outro, num padrão geométrico que cobre toda a área e sem irregularidades, em qualquer lugar, não tem um maior outro menos, são exatamente iguais, é inacreditável realmente como aquilo envolve todo um cálculo matemático, toda uma previsão de fatos, lógica, então a tecnologia que é tão sofisticada quanto, a tecnologia de ponta [...], se você olha o momento que ela é produzida e a necessidade que ela atende, [...] necessidade que a sociedade tem e a forma como ela atende perfeitamente a essa necessidade [...] (Professor 04).

As pesquisas urbanas incrementaram o acervo do MAE com materiais arqueológicos referentes ao dois primeiros séculos de ocupação colonial portuguesa. Os materiais são variados, incluindo cerâmicas vermelhas e vidradas, faianças portuguesas, materiais construtivos, objetos do universo feminino, como dedais, agulhas, botões, espelhos, pentes, e do universo masculino, como munições, pederneiras, dados de jogos,

peças religiosas como medalhas e crucifixos. Estes materiais revelam informações sobre os hábitos da sociedade da Salvador colonial (ETCHEVARNE, 2006, p.13).

Além das exposições de longa duração, em determinados espaços do museu são realizadas exposições de curta duração, com temáticas variadas, em colaboração com a FFCH e a Escola de Belas Artes da UFBA (MAE, 2006).

Aos estudantes interessados, o MAE oferece um pequeno acervo de referências bibliográficas sobre Arqueologia Baiana e Etnologias Indígenas, que podem ser consultados no próprio local (MAE, 2006).

Em relação às ações educativas do MAE, o Professor 04 disse que são oferecidas atividades de monitoria específica<sup>31</sup> aos grupos escolares e visitantes esporádicos.

A importância do museu para público segundo o Professor 04 é a de oportunizar o contato com fatos da realidade que o estudante e o visitante em geral normalmente desconhecem, como, por exemplo, o fato da existência de índios na Bahia, que as escolas normalmente tratam de forma idílica. Além disso, ajuda a desmistificar a questão da “descoberta” do Brasil pelos portugueses, uma vez que muito antes dos portugueses estavam presentes aqui populações pretéritas:

[...] então os estudantes, aliás, o visitante tem idéia [...] de que isso [...] você traz aqui pra dentro de um pouco da realidade que ele desconhece, [...] que ele ignora inteiramente, que tem índio na Bahia e muitos acham que não, que fala do índio, na escola se fala do índio sem uma, você vai falar do índio genérico, o índio no Brasil, o índio no Norte do Brasil, [...] esse índio [...] idílico [...] idealizado, [...] de repente passam de índios que estão ali, na nossa Bahia, pele negra, [...] misturada, extremamente mestiços, [...] tem uma exposição fotográfica bem forte, [...] e também houve uma parte de índio xinguanos, [...] índios mais, aquele índio idílico, aquele índio selvagem, que está lá distante, [...] que a gente também tem em exposição. E por outro lado para mostrar que o Brasil não é essa coisa que os portugueses descobriram, [...] muito antes dos portugueses estavam populações pretéritas aqui que datam de dez, doze mil anos, [...] nessa parte de arqueologia eu quero justamente mostrar isso (Professor 04).

Ao adentrar no museu, o público tem a oportunidade de “viajar no tempo”, disse o Professor 04, que descreveu a importância histórica e cultural do espaço e do acervo:

---

<sup>31</sup> Abordaremos melhor a questão entre monitoria e ações educativas na Discussão. No capítulo IV trataremos da forma como foi relatada pelo entrevistado.



[...] você [...] viaja no tempo, você chega aqui, por exemplo, você viaja no tempo, e [...] reforça muito na monitoria é que você está entrando em quase quatrocentos e cinquenta anos de história, [...] você tem aqui registros arqueológicos, arquitetônicos dos mais antigos em Salvador talvez os mais antigos desse tipo, essa arquitetura única que se tem aqui, [...] uma abóbada [...] de aresta, você tem aqui e embaixo do mercado modelo, num ducto de escavação. É então interessante enfatizar muito nisso, você está pagando uma entrada no tempo, você vai conhecer a história, a própria história do Brasil, o testemunho arquitetônico da história do Brasil, neste lugar a gente expõe exatamente o acervo arqueológico da Praça da Sé, tento enfatizar o Colégio dos Jesuítas, tento enfatizar mais a Sé, e conhecer, por exemplo, populações que estão presentes da Bahia, que, os Pankararés, por exemplo, eram considerados extintos até 75, né, constavam até na literatura que eles estavam extintos [...] e hoje a gente tem exposição Pankararé, com os objetos que eles usavam, os objetos que seus aspectos rituais [...] (Professor 04).

O professor 04 falou sobre o seu ideal de visita do público ao museu, em que são valorizados determinados aspectos do museu em cada visita, não sendo fundamental a passagem no museu como um todo, mas sim destacar histórias relevantes de cada módulo da exposição.

[...] museu é uma entrada, uma porta de entrada no universo é, cultural que nós não sabemos o que fazer, não é, a intenção que nós temos aqui, trazer um grupo de estudantes para dizer, olha aqui, tá vendo esse cantinho aqui?, uma tarde falar sobre o cantinho, mostrar [...], uma outra que nós estamos preparando agora de pinturas rupestres<sup>32</sup>, nós vamos fazer a idéia de [...] arte rupestre [...] mas o que significa tudo aquilo, [...] são cenas do cotidiano que as pessoas pintam, o que significam aquelas cenas, [...] e você pode passar uma hora falando sobre isso com os estudantes do nível [...] mais básico, você pode passar horas falando com eles sobre isso, claro sem chateá-los, [...] aprender exatamente a universidade, nós como museus universitários temos que aprender essa linguagem, a pedagogia [...] do transmitir o conhecimento a cultura, transmitir conhecimento sobre a nossa própria cultura e outras culturas que estão dentro da nossa cultura, não é, de maneira prazerosa, para que os meninos [...], para que os visitantes de uma forma geral, possam dizer “puxa eu visitei o museu e vi uma coisa interessante! Não precisei visitá-lo todo para ter ido ao museu.” Da visita ao museu, “não precisei passar correndo”, [...] “não, quarenta minutos dá tempo de visitar tudo porque pagamos para visitar tudo, porque a viagem para chegar aqui custou tanto de ônibus” como acontece na maioria das vezes (Professor 04).

---

<sup>32</sup> A exposição já se encontra em exibição, e estava presente no momento em que o público foi ouvido nessa pesquisa.

Como exemplo, ele citou um dos primeiros módulos na entrada do MAE (Figura 4.19):

[...] Então isso tudo tem que ser passado para as pessoas, então até você mostrar isso, você mostra [...] aquele cantinho ali, tem um quarto que é exclusivo de homens, é um quarto ritual se pratica ciência de caboclo, [...] o fogo tem uma função fundamental nisso, ou aquela roupa só os homens usam, [...] as danças são realizadas geralmente em um determinado período, [...] aquela roupa ao entrar ali o indivíduo desaparece, surge a personagem, entidade e não adianta você falar ali fulano de tal que ele não vai te atender, [...] ele não pode, ele é o encantado naquele momento, então é um cantinho que você pode passar uma hora falando para uma dúzia de pessoas [...] e essa visita rápida e caceteira [...] que se faz a museu acaba desvalorizando tudo isso, não é? [...](Professor 04).

As visitas escolares podem ser agendadas pelo telefone. Existe grande empenho na tentativa de aproximar principalmente os estudantes das escolas públicas do MAE, firmando parcerias com empresas a fim de subsidiarem o transporte e a alimentação destes estudantes. Afirmou o Professor 04 que o público-alvo prioritário são os estudantes de escolas públicas, que como mostra a tabela 4.1, têm a entrada gratuita.

[...] nós temos uma prioridade, o público é muito importante, mas em termos de prioridades é, pra mim existe a prioridade do estudante de escola pública, acho que este estudante não tem acesso a absolutamente nada, ele não pode pagar o parque de diversões que as escolas privadas levam, né, basicamente, teatro, [...] então nós priorizamos a visitação ao estudante de escolas públicas, que é gratuita [...] no ano passado a gente conseguiu ter vinte mil visitantes de escolas municipais, o que é bastante razoável, esse ano está crescendo de novo, nós queremos chegar a isso, ou então passar disso, escolas estaduais também, [...] então a nossa prioridade, estudantes de escola pública e é o nosso grande público hoje, [...] nós voluntariamente temos esse público gratuito [...](Professor 04).

Em segundo lugar, o Professor 04 disse que viriam os estudantes das escolas privadas:

[...] em segundo lugar obviamente, nós temos, claro que é tão importante quanto, mas é secundário pra gente, estudantes de escola privada, [...] que a gente investe muito a medida que [...] apesar de todo o espaço de diversão que as escolas montam eles não têm a experiência de bons equipamentos culturais, [...] eles vão pra teatro, eles vão pra cinema, eles vão pra expo, Expo Bahia, Expo Rural, [...] mas não vão pra museus, são muito esquecidos, e experiência do museu é única (Professor 04).

O público em geral também é alvo do museu. O Professor 04 enfatizou que as pessoas da cidade deveriam conhecer os museus de Salvador e relatou ações do MAE que oportunizam esta experiência.

[...] óbvio que a gente tem em alvo também o público em geral da cidade, [...] eu acho que antes de mais nada você tem que pensar que as pessoas de Salvador devem conhecer os museus de Salvador, o que não conhecem [...] A gente tenta promover isso, esse ano, a gente tem deixado, por exemplo, gratuito para, [...] pessoas residentes, nascidas em Salvador, o Gregório de Matos nos propôs isso, gratuito para em determinado dia, no ano passado estávamos gratuitos para afros-descendentes, [...] e aí não o povo se identifica como tal, [...] o porteiro chegou pra mim e disse que tivemos afro-decendente loiro [...] “cabelo clarinho, clarinho, olhos azuis, dizendo que era afro-decendente”, e “você deixou ele entrar?” “claro que eu deixei, o senhor disse que era pra entrar todo mundo” [...] (Professor 04).

Há uma preocupação em que as pessoas da própria universidade conheçam o MAE.

2 de julho esse ano, a gente está pensando em deixar aberto o museu para que as pessoas da Universidade possam conhecer, porque grande parte dos próprios professores, funcionários, o ano passado, eu estava aqui, o museu não abriu 2 de julho, e comentando tinham várias pessoas [...] dizendo, “ah nunca vim aqui, eu não sei onde é”, mas esse ano a gente vai deixar aberto, [...] tem até o cortejo da UFBA, para que essas pessoas possam entrar no museu da UFBA, porque nunca entraram (Professor 04).

O Professor 04 comenta que os turistas também fazem parte do público que visita o MAE, mas relatou o problema entre o museu e os agentes de turismo.

[...] e hoje tem uma coisa que é muito importante que é o visitante externo, o visitante de Salvador, eu odeio a palavra turista! É o visitante de Salvador que a gente tenta atrair também, esses daí é espontâneo, as pessoas que passam descobrem e vêm, vê o museu entra, e também a captação através das agências de turismo, o que é meio problemático, porque as agências de turismo é sempre problemático, então, eles querem vender a Bahia barato, então eles não pagam, [...] eles chegam aqui falam que vão pagar depois, [...] só pagam quando vem trazer outro grupo, a gente não vai segurar o grupo na porta porque não pagou, as vezes só pagam um e entram dez, então você tem o turismo predatório fundamentalmente, a gente não está preocupado com o turismo predatório, [...] a gente está querendo construir novos mecanismos de controle para que ele se torne mais [...] agenciador, que contribua para [...] a própria cultura, [...] porque ele é predatório, quem promove o predatório [...] são os nossos agentes de turismo, guias de turismo que são extremamente predatórios [...] egoístas, predatórios, desonestos, inclusive nas informações que fornecem [...] turista [...] somente trazido aqui como um boi, porque realmente eles tratam os turistas como boi, [...]



um dia, por exemplo, apareceram na mesma hora com seiscentas pessoas para visitar, óbvio que nenhum museu de Salvador tem como atender seiscentas pessoas [...] em uma hora, [...] e todo mundo passando em frente as coisas, [...] visitaram da maneira mais superficial possível, [...] mas, limita muitas vezes a visita a alguns aspectos e acabou-se, e porta pra fora, muitas das informações que eles passam para as pessoas são incorretas, essa relação que precisa ser melhorada, e a gente tem um papel fundamental nisso, a gente tem que exigir [...] que eles passem a outro tratamento [...] ao patrimônio cultural [...] ao patrimônio que nós estamos apresentando, o patrimônio natural, patrimônio cultural, ou seja, eles têm obrigação de fazer isso [...] ao patrimônio científico (Professor 04).

Visando amenizar este problema, o MAE tomou iniciativa de construir novos mecanismos para tentar contorná-lo, como a confecção de um catálogo com os três museus institucionalizados da UFBA (MAE, MAFRO e MAS), impressos com o apoio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Além disso, estão sendo confeccionados para a distribuição gratuita folder e mapas dos museus de Salvador, ambos em português e inglês, para atingir de forma mais eficaz o visitante espontâneo.

[...] por isso a gente está tentando contornar, construindo mecanismos próprios, um catálogo do museu, que deve estar pronto agora, [...] que a gente conseguiu via Ministério das Relações Exteriores, [...] o Ministro nos visitou aqui, o porteiro disse que ele estava aqui, eu fui cumprimentá-lo [...] acabou [...] a gente saiu para almoçar, com o reitor, [...] e ele nos ofereceu como uma forma de ajudar o museu o catálogo, o que acabou que a gente propôs para os três museus da UFBA, que hoje estão de portas abertas, o de Arte Sacra o Afro-Brasileiro e a gente, [...] é belíssimo, [...] e de forma gratuita vamos distribuir no mundo todo, nas embaixadas brasileiras, alianças portuárias, e vamos dar parte da edição pro civil, pra gente distribuir, concluindo a gente está elaborando [...], folder [...] e [...] mapas dos museus de Salvador, em português e inglês, [...] pra ser distribuído gratuitamente, de uma forma que você busque atingir mais esse cara espontâneo, turista espontâneo, visitante espontâneo, que fique em albergue [...] (Professor 04).

Essa ânsia pela transmissão de informações é um reflexo da meta de que o MAE se torne conhecido pelos vários segmentos, particularmente pela comunidade na qual se insere e da qual é parte integrante.

#### 4.2.4 MUSEU DE ZOOLOGIA

O Museu de Zoologia (MZ) está localizado no segundo andar do Instituto de Biologia (IB) da UFBA, Departamento de Zoologia, na Avenida Barão de Geremoabo, nº 147, Campus Universitário de Ondina, na cidade do Salvador, Bahia. A logomarca criada para o museu representa o mapa da Bahia com as iniciais da Instituição (Figura 4.27).



Fonte: <http://www.amphibia.ufba.br/>

Figura 4.27: Logomarca do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.

Ao longo de 30 anos de pesquisa realizadas por professores do Departamento de Zoologia do IB/UFBA, foram coletados muitos espécimes animais, predominantemente regionais. Inicialmente estes espécimes eram depositados nos próprios laboratórios dos pesquisadores e/ou na sala de Coleções Zoológicas. Esta sala ficava no espaço onde se constitui o atual espaço denominado Museu de Zoologia, e foi implantada, sem data precisa, na gestão da professora Tânia Kobler Brazil, atualmente aposentada, através de financiamento do Projeto “Coleções Científicas” pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O Professor 02, contratado pela UFBA em abril de 2002, relatou que anteriormente a sua chegada não existia um “museu formal”, até que um grupo de pesquisadores propôs a sua instituição.

Quando eu cheguei aqui na UFBA, [...] a gente tinha aqui algumas coleções zoológicas, [...] apenas um espaço de coleção, não era um museu formal, e um grupo de professores do qual eu fazia parte, porque eu trabalho com sistemática de insetos, a gente decidiu propor a criação de um Museu de História Natural, [...] o museu, junto com o herbário, [...] então de certo modo nós propusemos a criação do Museu de Zoologia que associado ao herbário vai formar o Museu de História Natural se Deus quiser, né? Já está bem encaminhado aí (Professor 02).

Segundo informações do Professor 01, o MZ se constitui nos dias de hoje, em virtude da Portaria 01/2004 emitida pela direção do IB/UFBA, em 2004. Ele enfatizou que a escolha dos cargos deve ter sido por reconhecimento da formação dos profissionais:

Esse cargo é derivado de uma Portaria da direção do Instituto de Biologia, [...] a diretora, na verdade, determinou a minha função nesse cargo. Então, junto comigo existem mais dois curadores. A professora [...], que é curadora das coleções de vertebrados aquáticos e o professor [...] que é curador das coleções de vertebrados terrestres. Acredito que a decisão da direção para essa Portaria, se deu sobre a concepção de que os três elementos, [...] os três pesquisadores, têm não só aptidão, como têm uma competência de formação em cima dessas áreas. Então no caso eu sou Zoólogo, tenho uma experiência já dentro de taxonomia e de museu, o professor [...] é um professor que é sistemata, então tem uma experiência em taxonomia e sistemática, a professora [...] é taxonomista de esponjas tem uma experiência também com coleções e com taxonomia. Então os três estão dentro da área de taxonomia que é uma área, é fundamental pra, para o desenvolvimento de museu. [...] a aptidão, acho que ela está bem calcada em cima do porquê esses elementos são curadores, porque eles trabalham com esses materiais teoricamente publicam, [...] trabalhos em artigos em periódicos nacionais e internacionais com esse material e são pessoas que têm uma competência prévia, pela sua própria formação, em organizar e administrar uma coleção (Professor 01).

O Professor 02 disse que chegou ao cargo de curador devido a sua aptidão e qualificação profissional:

[...] eu acho que virei curador um pouco pela, [...] aptidão por trabalhar com Sistemática e por ser pouca das pessoas que trabalham com Sistemática, especialmente de invertebrados terrestres, eu sou o único que trabalha com isso (Professor 02).

O Professor 01 fez observações em relação a função de um Curador no espaço museológico, destacando a carência de funcionários do MZ:

Uma coisa ainda que você me disse sobre aptidão, [...] para muitas pessoas, Curadoria, é, como eu já ouvi uma vez em uma reunião, é por álcool no vidro, então na verdade, Curadoria não é por álcool no vidro, isso é um serviço técnico, na verdade eu não deveria fazer isso, é que os museus no Brasil carecem de funcionários e no final nós também fazemos isso. Mas um curador antes de tudo ele é um pesquisador que deve ter por intuito, [...] pesquisar com o material ali depositado. Então, fazer aquela coleção ser conhecida no meio científico através de publicações e essas publicações de bom nível. Então o curador tem que ser um pesquisador. Cabe ao curador além de fazer pesquisa, de movimentar essas coleções, cabe ao curador, [...] o sistema de classificação e de organização da coleção. Então como ele trabalha com a área, ele é um taxonomista, ele deve ter noções, obviamente, das hierarquias das categorias e de como é que esse material vai ser, não só analisado, como vai ser disponibilizado. Então o curador ele não é o elemento que deveria se preocupar em comprar o vidro ou comprar o álcool, ou tirar o mofo do bicho, nós fazemos isso [...] mas na verdade não é a função (Professor 01).

Os entrevistados relataram a proposta de criação do Museu de História Natural como Órgão Complementar do Instituto de Biologia. Foi encaminhada no dia 30 de outubro de 2003 a proposta que seria a união do Museu de Zoologia da UFBA com o Herbário Alexandre Leal Costa (ligado ao Departamento de Botânica do IB/UFBA), e o Museu de Anatomia Comparada da Escola de Medicina Veterinária. Este museu seria locado em um prédio específico, com espaço e profissionais que atenderiam a todos os critérios básicos de um Museu. No entanto, ainda falta aprovação do CONSUNI para o seu funcionamento.

O Museu de História Natural ele compõe o Museu de Zoologia e o Herbário Alexandre Leal Costa. Junto com o Museu de Veterinária ele vai formar o Museu de História Natural, que teoricamente vai ter um prédio independente e nesse prédio independente vai ter tudo isso que os grandes museus no Brasil de História Natural tem, sem exceção. Tudo isso que é preocupação de alguém que tá num museu, teoricamente tem que existir lá, tudo, inclusive com salas de exposição, teatro, cinema, tudo isso foi idealizado, [...] já foi inclusive enviado junto com uma proposta a outra vez ao CONSUNI pra que a própria Faculdade de Arquitetura na UFBA pudesse projetar então esse prédio.[...] o Museu de História Natural, esse tem um regimento mais complexo, o de Zoologia tá funcionando com parte do regimento de História Natural, História Natural tem coordenador etc. e tal[...] o regimento que foi aprovado no Departamento, aliás, foi aprovado nos três Departamentos<sup>33</sup>, foi aprovado na Congregação e foi aprovado no CONSEPE<sup>34</sup> e só falta a aprovação do CONSUNI e não é por nenhum impedimento, não foi aprovado por uma morosidade da UFBA em aprovar isso. (Professor 01).

Quando questionados sobre a concepção de museu, os professores deram respostas bem distintas. O Professor 01 afirmou discordar da concepção adotada pelos Museólogos atualmente, que segundo ele, é uma concepção antiga, relativa aos primeiros museus do mundo. Ele também falou do seu ponto de vista sobre a carência de disciplinas do curso de Museologia da UFBA em relação aos Museus de História Natural.

Porque na verdade a concepção de museu, essa concepção de museu mais holística que existe, ela, acho, no Brasil, principalmente, ela é um pouco, problemática porque por exemplo, até onde eu sei, [...] os cursos de Museologia

---

<sup>33</sup> No Instituto de Biologia da UFBA existem três Departamentos, a saber: Departamento I – Biologia Geral; Departamento II – Botânica e Departamento III – Zoologia.

<sup>34</sup> CONSEP - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, que aprovou em 2005.

[...] o da UFBA, pelo que eu já tive me informando, ele carece, por exemplo, de disciplinas específicas sobre Museus de História Natural, então [...] parece que a museologia tá muito voltada à questão da aquisição de uma reserva técnica como quadros, peças, cerâmicas, [...] e da exposição dessas peças pro público. Os primeiros museus começaram com, vamos dizer assim, reservas técnicas de nobres, então essa concepção [...] ela é ainda muito feudal, eu acho, que tem na Museologia. É, o Museu de História Natural, a meu ver, embora ele tenha começado assim, em séculos [...] atrás, com as coleções particulares [...] dos nobres e dos reis, eu acho que a gente não deve continuar com essa visão dos reis. Acho que mudou um pouco, né? Depois do século XIX quando [...] os proletários começaram a invadir a Biologia, né? Pessoas como Darwin começaram a ficar [...] cada vez em menor quantidade, [...] os nobres começaram [...] a não ser os únicos exclusivos pesquisadores de besouro, [...] nós também proletários, com salários muitas vezes minguentes, maioria das vezes, exercemos essa função [...] (Professor 01).

Para ele, um museu é algo mais complexo do que o MZ, e define sua concepção de Museu de História Natural, com três principais elementos que o formam. Primeiramente, destaca o setor da pesquisa, que para ele, é a responsável pela formação da reserva técnica, e a parte mais importante de um museu, pois com a pesquisa é possível gerar trabalhos científicos que promovem o museu e seus pesquisadores para órgãos de fomento à pesquisa.

[...] um museu [...] é algo bem mais complexo do que nós temos aqui. [...] É mais fácil falar às vezes do que eu tenho aqui junto com vocês, mas um museu pra mim ele tem três áreas principais. [...] eu vou falar de museu [...] da parte de ciências naturais no caso eu vou falar de história natural. [...] Ele tem uma área voltada [...] à parte de pesquisa [...] na verdade [...], eu acho que o museu de história natural tem três elementos muito importantes: ele tem a pesquisa, que vai justamente ser a responsável [...] pela administração, pelo manejo [...] e preservação dos espécimes [...] biológicos, sejam eles os próprios animais ou plantas, ou [...] restos ou [...] enfim, qualquer outro tipo de [...] elemento que sirva para ser depositado no museu, [...] como fezes de animais, ninhos e outras coisas mais, elementos produzidos pelos seres [...]. Ele tem então a função de desenvolver pesquisa [...] com esse acervo, e ter uma boa produção científica, eu acho que isso é muito importante e a parte principal, porque, no nosso caso, é aí que as reservas técnicas acabam sendo produzidas. Quê que é uma reserva técnica? Nada mais do que um monte de elementos, zoológicos no nosso caso, que são guardados em armários, em vidros, em estantes. A nossa reserva técnica é isso, então hoje o que o Museu de Zoologia da UFBA tem é uma reserva técnica que tá sendo produzida, e [...] tem que se gerar produção [...] intelectual com essa com essa reserva né? [...] a gente ter um monte de bicho numa estante e não se produzir artigos científicos de qualidade [...] com isso aí, então a pesquisa é fundamental e é ela que vai nos inserir em diversos órgãos

de fomento como CNPq, como CAPES<sup>35</sup>, como o próprio [...] Ministério do Meio Ambiente, Ministério de Ciência e Tecnologia, ou seja, [...] ela, ela nos coloca no mapa dos pesquisadores no Brasil e fora do Brasil (Professor 01).

Em seguida o Professor 01 discorre sobre o fato do MZ ainda se encontrar na fase inicial de sua formação, e afirma que um bom acervo, como a reserva técnica que estão preparando, é o “embrião” do que o museu pretende se tornar.

Bom, [...] o segundo ponto, uma vez que, que a gente tem esse embrião que é a reserva técnica, porque sem reserva técnica, ou seja, sem coleção não existe museu, né? Imagina você uma exposição de quadros onde não há quadros, que é que a gente faz? A gente não faz nada, não tem quadros né? [...] Então a gente precisa de ter essa reserva. Pronto. Nós estamos fabricando essa reserva, e a partir daí acabou o museu? Não. Na verdade isso é nada mais do que um embrião mesmo, é um girino que está ali sendo colocado e sendo preparado para virar [...] sapo. [...] (Professor 01).

No entanto, ao decorrer da pesquisa, o Professor 01 deixa claro que a reserva técnica que estão preparando é estritamente de cunho científico, ou seja, não são peças com pretensão de exposição, e sim, de consulta técnica, para especialistas.

O Professor 01 destaca o curso de pós-graduação como o segundo elemento essencial para a formação de um Museu, já que se constitui em um importante veículo de transmissão do conhecimento, haja vista movimentar a pesquisa, o acervo e resulta em importantes publicações científicas.

Depois você tem dois elementos que são muito importantes. Você tem o segundo elemento que tá diretamente atrelado ao desenvolvimento dessa pesquisa no museu, geralmente pesquisas em museus são feitas através de cursos em programas de pós-graduação. Afinal você sabe, nós estamos aí já, quem sabe o ano que vem, se tudo der certo, enviando a proposta de [...] Mestrado para Zoologia. [...] você começa a passar então, [...] cria um meio de passagem de conhecimento dessa reserva acumulada, desses artigos acumulados, da experiência e do conhecimento desses pesquisadores que estão se aglomerando num museu, dentro e no entorno dele, com pesquisadores associados e outros, você tem como criar então um programa de pós e começar a passar isso através de educação. [...] eu tô muito preso ainda à parte de pós-graduação, porque [...] ‘tamo falando de uma coisa muito técnica. [...] animais gera-se pesquisa científica, artigos publicados, então se cria [...] um, um meio de passagem de conhecimento pela pós-graduação. [...] a pós-graduação não é o único meio de passagem de conhecimento, não deve ser único, mas no

---

<sup>35</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

momento que você cria esse embrião você possibilita a pós-graduação e continua tudo muito dentro do meio acadêmico (Professor 01).

O Professor 01 esclarece de forma mais detalhada a ênfase dada para o programa de pós-graduação e fala da importância da criação de um setor de museologia dentro do museu, que na sua opinião seria o setor responsável por fazer a transposição da pesquisa em exposição, enquanto o pesquisador tem o papel de gerenciar as coleções científicas e produzir trabalhos científicos. Aproveita para dizer que a falta de um espaço para a exposição é um problema que preocupa a todos.

Quando eu falei em educação em pós, eu falei porque a gente tá muito embriônico na UFBA ainda, em termos [...] do Museu de Zoologia ou História Natural, então o que é mais fácil é a pós, mas no momento em que você cria, inclusive um setor de museologia [...] que é o que eu chamo de SEMU, quando você cria esse setor de museologia, você cria também os *links* para [...] áreas como ensino médio, ensino básico, ensino fundamental, porque aí você tem um setor especializado que vai tentar levar essa informação através de como vocês fazem<sup>36</sup>, de kits, ou através de exposições itinerantes, ou através exposições temáticas sobre determinados assuntos, inclusive com setores responsáveis por ter exemplares para empréstimos para escolas públicas, como [...] os setores de museologia têm, [...] o próprio setor de museologia responsável pelo cronograma de visitação de escolas pra essa exposição. [...] os museólogos que 'tão ali controlando todas essas coisas que eu te falei, porque o pesquisador não fica lá armando o dinossauro ou verificando quais fósseis tá hoje. O pesquisador, ele tem que produzir através de pesquisa, ele tem que ser responsável pelo controle, administração dessas coleções, e eu devo ter [...] um funcionário competente, formado com essa competência, pra cuidar disso. Se nós temos isso? Com certeza! É [...] não só temos idéia, como já é um problema que eu tenho certeza que está nós, a todos, [...] incomodando muito, que é a falta de um espaço pra se criar a exposição e um serviço de museologia associado (Professor 01).

O Professor 02 não tem a mesma opinião em relação à preocupação de todos, e afirmou que a exposição não é prioridade do MZ no momento. Ele citou a exposição de animais taxidermizados que fica em um móvel, próximo ao corredor do museu, que poderia ser integrada ao mesmo.

---

<sup>36</sup> O professor se refere aqui a um programa, do qual eu faço parte, de popularização da zoologia do Núcleo Regional de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia (NOAP), intitulado Rede de Zoologia Interativa (REDEZOO), onde utilizamos diversos recursos e atividades didáticas, além das exposições itinerantes, para passar informações ao público em geral, prioritariamente o estudantil.



A gente tem aquela exposição, alguma exposição que a gente tem aí no corredor que não é ligado diretamente, relacionada ao museu, mas é o museu que toma conta. Ela já existia,[...] a gente até poderia falar que faz parte do museu, mas [...] hoje não é a preocupação. [...] Acho que é do Departamento de Zoologia, né, mas tá lá meio abandonada, como boa parte das coleções científicas também estavam [...](Professor 02).

Enfatizando que sua conceituação, bem como o MZ, até o momento estão restritos à área acadêmica, o Professor 01 aproveita para demonstrar a sua insatisfação com a concepção de museus como um espaço prioritário à exposições para o público, enquanto a parte da pesquisa fica escondida nos bastidores.

Com você tá notando, ainda é tudo muito acadêmico [...] o acesso ao, ao público, vamos dizer assim leigo, à comunidade como um todo, ainda é complicada porque você ainda não tem um terceiro elemento preparado que é a exposição. E no Brasil, [...] eu noto muito [...] pelo discurso dos museólogos, que no Brasil, [...], talvez seja no mundo, mas eu sou brasileiro não conheço lá fora, [...] o museu ele está limitado à exposição. É coisa mais importante do mundo é ter reserva técnica e expor. [...] A pesquisa em si, a produção científica parece que não é uma coisa importante para muitas pessoas, esse discurso, pra nós é. No momento que você tem então uma exposição, 'cê tem já, [...] um início da utilização disso em educação que seria a pós graduação, por incrível que pareça para mim é o mais fácil inicialmente, pela própria formação dos pesquisadores que hoje estão no nosso museu você passa então a ter uma exposição (Professor 01).

Por fim, o Professor 01 caracteriza a exposição como o terceiro elemento para a instituição do museu, e embora reconheça que esta seja um elemento importante, pois para ele, ela faz a ponte entre o acervo e a pesquisa, para o público, não a considera a parte mais importante do conjunto.

A exposição [...] é o elo justamente ao meu ver, esse é o link entre [...] a linguagem rebuscada, complexa, muitas vezes inalcançável do pesquisador e a comunidade como um todo. [...] e o trabalho da exposição ele é muito importante, a presença justamente de pessoas preparadas a preparar as exposições que sejam [...] digeríveis por aqueles que vão ver, no caso o museólogo entra muito aí, ele faz esse *link* entre a pesquisa, [...] o acervo que se tem disponível, inclusive, não é qualquer acervo, você sabe, que pode ser disponibilizado em exposição, e o público em geral. E essa exposição, [...] geralmente, ela é o que mais aparece para o público em geral. Você tem um prédio bonito, você tem um monte de dinossauros montados dentro dos stands, tatus e borboletas, cobras e as pessoas "Olha que bacana!", isso é o museu, então a concepção que se fica a meu ver, é que esse terceiro elemento sempre aparece muito mais e se dá o valor muito maior a ele do que, o que está por trás,



eu pessoalmente acho que a exposição é justamente o *link*, mas ela é a ponta do iceberg, por trás da exposição você tem um *staff* imenso com coleções homéricas, onde você pegou meia dúzia de coisinhas e colocou lá para expor selecionadas dentro de, de concepções temáticas que tem uma boa capacidade didática para que [...] esse público como um todo possa aprender um pedacinho dessa informação, mas ele é um pedacinho, o que 'tá por trás na verdade é o que sustenta essa exposição é, eu acho, que essas três coisas formam o museu, o museu sem essas três coisas, não existe.

Para arrematar seu pensamento em relação à concepção de museu, o Professor 01 admite que os trabalhos do MZ ainda estão em fase inicial, e que ainda não possui os três setores que julga fundamental em museu. Ele justifica que os museus acadêmicos de hoje em dia não começam como os de antigamente. Ressalta a importância em se ter uma exposição aberta ao público, para que o trabalho do museu se torne visível, mas reforça que ela funciona apenas como uma vitrine do real trabalho que existe em um museu.

Então a exposição, [...] ela parece ela é muito importante porque ela é o *link* com as escolas, repito ensino médio, básico, fundamental, inclusive tem outras séries. Sem a exposição, essa visibilidade, ela desaparece, e o conhecimento acaba por ficar restrito ao meio acadêmico. Não é que isso, ser restrito ao meio acadêmico seja o fim do mundo [...] não deve ser o fim que o museu deve ter, ele não pode ter apenas [...] esta finalidade. Hoje após dois anos [...] de montado [...], aquele embrião nós [...] ainda não temos [...] justamente a exposição. Então falta uma coisa muito importante que é o *link* [...] mas os museus acadêmicos [...] eles não começam hoje em dia como os museus dos nobres da idade média ou da moderna começavam. Eles começam através de ações de pesquisadores, começam diferentes, então não adianta a gente querer colocar uma exposição e depois de um tempo a pesquisa, uns curadores uns pesquisadore, isso está na minha opinião fadado a ser um fracasso. Porque, repito, pra mim hoje [...] a exposição [...] é a ponta do iceberg, o que está por trás, [...] obviamente com a cabeça aberta que é importante, muito importante, é a exposição, é que vai manter essa visibilidade que a gente quer, que é a exposição. Então são as três coisas (Professor 01).

A concepção de museu do Professor 02 é diferente da apresentada pelo Professor 01. Para ele existem dois tipos de museu: o acadêmico, destinado a pesquisa, e o expositivo, para o lazer cultural e informativo.

Professor 02 - Eu acho que existem duas concepções de museu, talvez no meu entendimento, que podem estar, geralmente estão juntas mas, não necessariamente. Então o que a gente tem mais comum de se imaginar museu, é

um museu de exposição, né? Então mesmo um museu, por exemplo, museu de arte, a maioria das pessoas que vão num museu de arte, vão para ver as obras, não vão para estudar as obras, vão para ver as obras, pra [...] observar, pra ficar encantada com a pintura tal, mas não para fazer um trabalho acadêmico em cima disso. Eu imagino, eu entendo que também museus de ciências também tem isso, é muito para a visitaçã vamos dizer, de público leigo, que vai visitar a exposição, que vai ficar também admirado com os animais, mas também não tem a idéia de que se faz um trabalho acadêmico lá.

Entrevistador – Então pra você são coisas diferentes, o museu ele pode ser ou expositivo ou é, científico, é isso?

Professor 02 - Olha, eu acho que o ideal no museu, de um Museu de Zoologia, é que ele tenha as duas coisas, né? Mas são [...] partes que podem trabalhar bem distintamente, tá? Não precisam trabalhar juntas.

Entrevistador – Então pra você um museu pode ser só de pesquisa, ou ele pode ser só de exposição?

Professor 02 - Isso, isso.

O Professor 02 relatou que sua visão sobre museus mudou de um espaço de lazer, para um espaço de pesquisa, após ingressar na carreira acadêmica, e iniciar trabalhos com coleções científicas. Ressaltou a importância dessas coleções serem de acesso restrito a especialistas, pois o manuseio e a exposição deterioram o material zoológico e salienta que, ao seu ver, era essa a intenção do MZ quando foi convidado a trabalhar ali.

Como eu trabalho com sistemática, eu sempre fui sei lá, lógico sempre fui em museu desde criança, ia no Museu do Ipiranga, enfim, mas ia em um passeio, como você vai pro zoológico você vai para o museu. Já na[...] academia, na universidade eu comecei a trabalhar no museu, academicamente nesta parte sistemática de díptera, então eu comecei a ver o museu com essa outra visão, tá? Uma visão que o público leigo não conhece, então eu comecei a ir nas coleções científicas propriamente ditas, entender que lá é feito um trabalho para pessoal especializado, onde ao contrário da outra área, da outra concepção o acesso é restrito e tem que ser restrito mesmo, [...] são pessoas que trabalham com aquilo que devem ter acesso, [...] geralmente é material delicado, muita manipulação estraga até [...] exposição a luz, [...] a temperaturas altas, umidades, isso não é bem vindo, então o ideal é que seja restrita a visitaçã dessa parte do museu, [...] esse acesso a essa parte do museu, a essa parte científica do museu, então [...] quando eu fui trabalhar foi mais com essa área, né? Área de referência bibliográfica, né? E quando a gente veio pra cá, acho que a idéia era essa (Professor 02).

Em relação ao MZ enquanto um museu de ciência, o Professor 02 afirmou que o mesmo se enquadra, uma vez que tem a parte científica. Para ele, o MZ deu uma grande contribuição em relação ao cuidado com as coleções de animais que estavam depositadas na antiga sala, e disse que um museu científico deve ser um espaço prioritariamente de armazenamento, preservação e cuidado; a exposição não é algo essencial .

Do meu conceito sim, talvez não do conceito dessa associação<sup>37</sup>, porque a gente determinou o conceito, como eu disse, [...] aqui a gente tem quase estritamente do museu [...] essa parte científica, né? [...] quer dizer então o museu aqui, isso é muito interessante, porque pra muitos não é um museu científico porque não tem exposição, mas quanto a parte científica, no meu entender, houve um ganho absurdo em termos de museu mesmo, a idéia de que museu é um lugar em que o que está depositado vai ser conservado, porque acho também, que você ter uma idéia de museu, seja com exposição ou seja sem, mas que não tenha um cuidado, quer dizer, que museu que é aquele, né? Você entra no museu e está tudo caindo aos pedaços, eu não sei se vale a pena também (Professor 02).

Inicialmente o Professor 01 hesitou em admitir que o MZ seja um museu, preferindo chamar o espaço de “embrião de um museu”, alegando que ainda esteja em fase construção e com lacunas. Apesar disso, ao final da resposta, ele disse que, não chamar o que construíram de museu seria uma desvalorização do trabalho realizado.

[...] dentro dos parâmetros que eu conheço, eu acho que nós temos um embrião apenas [...]. [...] quando a gente tiver uma exposição numa área de cinquenta metros quadrados bem locada, aí eu vou dizer pra você que eu me enquadraria, tá? Mas eu acho que [...] como embrião se enquadra [...] então se eu disser pra você, [...] que eu acho que o embrião que foi montado aqui, [...] ele não constitui nada eu estaria, [...] simplesmente dizendo que o que a gente fez não vale nada! E eu não acredito nisso. Eu acho que nós temos sim um museu, que tem carência de duas áreas nesse momento, há uma carência da parte de pós graduação, que está sendo feito via Instituto de Biologia, via Departamento de Zoologia e uma carência muito séria que é a parte de exposição e esse *link* que a gente sente muita necessidade de fazer que é levar essa informação mais científica ao resto da comunidade, então eu acho que nós temos um embrião sim, mas eu acho que nós temos na verdade, [...] dentro do que eu conheço de Museu de História Natural eu acho que teria uma exposição, teria as pós graduações [...] obviamente a parte de coleções científicas, eu acho que a gente tá capenga, mas não deixa de ser um museu (Professor 01).

---

<sup>37</sup> O professor se refere ao ICOM.

Em outro momento da entrevista, o Professor 01 esclarece, que, no seu ponto de vista o MZ seria um museu acadêmico, que segundo ele, tem uma concepção diferente dos demais museus. Para ele um museu acadêmico então seria:

São museus que são criados dentro da universidade, são muito voltados a pesquisa, os seus curadores principais são pesquisadores mesmo, por exemplo, você pega os diretores do museu nacional, são todos pesquisadores, bem qualificados geralmente, tem exceções, mas geralmente são pesquisadores bem qualificados, não é um administrador, não é um museólogo, que é o, que é o diretor. Os diretores são os pesquisadores um atrás do outro e vão continuar sendo, porque ele tem essa, essa vertente que é ciência. Você entende isso? (Professor 01).

O Professor 01 critica a política de apoio financeiro aos projetos, e disse que primeiro foi necessário implantar um “embrião” do museu, para depois pedir auxílio para o seu aprimoramento.

[...] como embrião [...] eu digo isso com um pouco de preocupação, eu vou explicar porque [...], infelizmente, [...] no Brasil, eu não sei também se é fora do Brasil, [...] pra você ter apoio, [...] primeiro você tem que fazer algo, para depois pedir o apoio. Eu [...] não concordo com essa metodologia, eu acho que quando há uma demanda se investe nisso e se produz algo, mas parece que é ao contrário, aqui a gente tem que criar as coisas antes, para depois mostrar aquilo que foi criado e precisa de ajuda de manutenção (Professor 01).

A estruturação que o MZ possui hoje em dia deu-se principalmente através de dois projetos, a saber: o CT-INFRA<sup>38</sup> III FINEP<sup>39</sup>/CNPq e o Projeto de Reestruturação da Coleção Ictiológica (FAPESB<sup>40</sup>). A estrutura organizacional conta com nove professores do Departamento de Zoologia, responsáveis por uma ou mais coleções. Estes professores estão divididos nas funções de curadores seniores e assistentes. O cargo de curador “sênior” foi referido pelo Professor 01 com a expressão “entre aspas”, uma vez que na realidade tal denominação não existe, sendo uma nomenclatura fictícia apenas para diferir dos demais em relação às responsabilidades:

---

<sup>38</sup> Fundo de Infra-Estrutura (CT-INFRA).

<sup>39</sup> Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP).

<sup>40</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

[...]três curadores, que nós chamamos vulgarmente de curadores sênior, esse nome sênior não existe, existem três curadores por portaria de direção[...]. [...] eu como curador, entre aspas, sênior, só pra diferenciar dos outros[...] (Professor 01).

Os três curadores “seniores” dividem-se em três áreas principais do conhecimento da zoologia: vertebrados, invertebrados terrestres e invertebrados aquáticos, como pode ser observado no organograma da figura 4.28. Eles contam com a colaboração dos curadores assistentes para a organização, identificação e manutenção das mesmas. Além disso, os curadores “seniores” acumulam funções de curadores assistentes, por terem responsabilidade sobre algumas coleções específicas, além do gerenciamento geral das coleções.

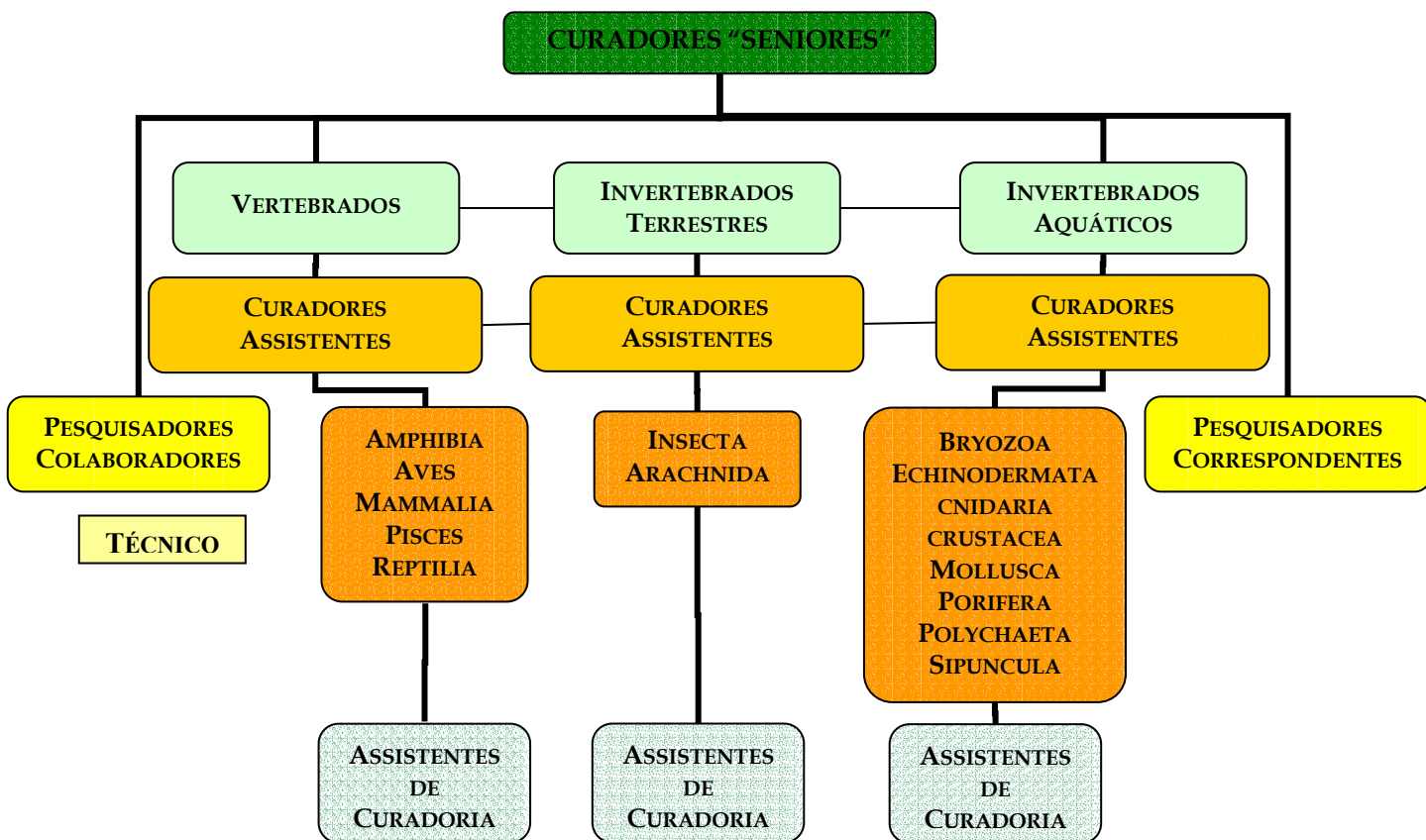


Figura 4.28: Organograma do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.

Como subordinados aos curadores, é concedida a permissão de dois assistentes de curadoria para cada coleção pela qual o professor seja responsável. Estes assistentes são estudantes (de graduação ou pós-graduação) ou profissionais graduados, que estão

vinculados aos laboratórios destes curadores, e que exercem algum tipo de atividade junto ao Museu, tendo livre acesso às salas de curadoria.

Além dos professores do Departamento existem os pesquisadores colaboradores, que são profissionais indicados pelos pesquisadores seniores, com aprovação do plenário do Departamento de Zoologia do IB/UFBA, que estão no museu com frequência, porém pertencem a outras Universidades do Estado. Atualmente, são seis pesquisadores colaboradores, porém apenas três têm freqüentado efetivamente.

Existem ainda os pesquisadores correspondentes, que são de outros Estados do Brasil, ou de outros países, e enviam animais para serem depositados e/ou identificados, bem como auxiliam na organização das coleções. No momento, existe apenas um pesquisador assim cadastrado.

Existe um técnico sem formação específica, que auxilia nas atividades gerais do museu. Ele é orientado pelos curadores seniores e assistentes, realizando funções de secretário e de manutenção das coleções, cuidando da reposição de álcool e naftalina, limpeza e desinfecção de animais contaminados por fungos. Sua principal função é zelar pelo acervo do museu de uma forma geral, sendo ele o responsável pelo empréstimo de material biológico, de consumo e permanente, controlando sistematicamente tudo o que sai e entra no museu.

As salas de coleções são de acesso restrito aos curadores, assistentes de curadoria e ao técnico. Ao todo, são cerca de trinta e cinco pesquisadores trabalhando diretamente no museu, distribuídos conforme o cronograma organizacional (Figura 4.28). Este alto número de profissionais associados ao MZ se deve a própria metodologia e objeto de pesquisa do zoólogo, associado ao fato do museu estar subordinado ao Departamento de Zoologia da UFBA.

O espaço físico conta com cerca de 150m<sup>2</sup> distribuídos em: duas salas de triagem, uma sala de curadoria, uma sala de coleções secas, uma sala de coleções úmidas e o hall de entrada (figuras 4.29 a 4.33). As instalações são devidamente climatizadas assegurando as condições necessárias para a boa conservação e manutenção do acervo. Existe ainda o controle de incidência de luz sobre o acervo. A



sala de coleções secas conta ainda com um desumidificador para melhor manutenção dos espécimes. As alas de triagem são azulejadas com pias de aço inox, garantindo melhor higienização.



Figura 4.29: Sala de Curadoria do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.



Figura 4.30: Sala de triagem 02 do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.



Figura 4.31: Sala de triagem 01 do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.



Figura 4.32: Sala de coleções secas do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.



Figura 4.33: Sala de coleções úmidas do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.

O Professor 01 afirma que o espaço do museu não se limita aos cento e cinquenta metros quadrados. Segundo ele, os laboratórios dos professores ligados ao Departamento de Zoologia constituem expansões do museu, e as salas de curadoria, triagem e de coleções funcionam como um espaço comum, de acesso irrestrito a todos que necessitarem<sup>41</sup>.

[...]A gente estava falando de braços, os espaços que têm montados e o espaço comum que serve a todos os pesquisadores que trabalham com as coleções do museu, indistintamente sem regalias, ele tem tentáculos, e esses tentáculos são os laboratórios[...], se um dia a gente fosse para um prédio, essas pessoas vão, e essas salas vão, por isso que eu falo que o museu não se limita a cento e cinquenta metros quadrados [...] (Professor 01).

Além dos espécimes regionais, o acervo conta com lotes de exemplares provenientes de outras regiões, e até mesmo de outros países, dos taxa Porifera, Arachnida, Amphibia e Pisces. Este acervo é armazenado em recipientes devidamente etiquetados, e depositados em armários deslizantes ou gavetas apropriadas, a depender do tipo do material.

As coleções zoológicas totalizam cerca de 100.000 espécimes, distribuídos da seguinte maneira (MZ, 2007):

- ⇒ Porifera (3.000)
- ⇒ Cnidaria (600)
- ⇒ Mollusca (18.600)
- ⇒ Polychaeta (16.000)

---

<sup>41</sup> Dois professores do IB/UFBA que participaram da banca de qualificação desta dissertação, questionaram esta colocação, ressaltando que, provavelmente, nem todos os professores do Departamento de Zoologia concordassem com a informação.



- ⇒ Annelida (1.189)
- ⇒ Bryozoa (5.170)
- ⇒ Crustácea (70 lotes)
- ⇒ Sipuncula e Echinodermata (invertebrados cujo acervo ainda não foi contabilizado)
- ⇒ Arachnida (Scorpiones – 3.000 e Araneae – 2.600)
- ⇒ Insecta (11.000 além de: Hymenoptera – 10.000, Lepidoptera – 6.000, Hemiptera – 1.000, Coleoptera – 1.000 e Diptera – 1.000)
- ⇒ Artrópodes de solo (lotes ainda não contabilizados)
- ⇒ Pisces (2.400)
- ⇒ Amphibia (7.000)
- ⇒ Reptilia (Serpentes – 1.674 e Lagartos – 881)
- ⇒ Mammalia (Chiroptera – 384 e Cetacea 60)

Em relação às atividades museológicas, o MZ desenvolve aquelas que são importantes para a manutenção das coleções científicas, estas que são vitais às pesquisas dos profissionais associados ao museu. Este fato se justifica pela forma como foi concebido em 2004:

[...] Então a principal preocupação há dois anos atrás<sup>42</sup> foi a seguinte: vamos criar um regimento, que vai reger esse Museu de Zoologia, vamos salvar o acervo que está [...], estragando, está sendo doado, vamos, [...] depositar esse acervo num espaço comum que nós chamamos de Museu de Zoologia, e vamos criar meios pelos quais a ausência de determinados professores ou por aposentadoria ou por descaso não levem sistematicamente à perda do material que é patrimônio público, e além disso o animal que foi morto que não deveria estar sendo perdido porque alguém resolveu ir embora ou resolveu não por mais álcool no vidro. [...] a [...] preocupação inicial é, foi essa, as pessoas que ali se juntaram para resolver o problema, foi montar um sistema em que na ausência de um determinado responsável por uma coleção específica, houvesse outros responsáveis em hierarquias maiores que ficassem responsabilizados legalmente por aquilo ali (Professor 01).

---

<sup>42</sup> Entrevista realizada em 2006.

A conservação e manutenção das coleções, por exemplo, são realizadas devido à própria metodologia de pesquisa da área. Esta atividade é fruto de projetos relacionados às pesquisas de campo e de laboratório, dos professores ligados ao Departamento de Zoologia ou dos pesquisadores colaboradores e correspondentes.

Quanto à documentação que executam, assim como a manutenção, também é em função das pesquisas científicas. A finalidade da sistematização é cadastrar a maior quantidade de dados possível sobre cada animal das diversas coleções. Não há um tombamento para a prestação de contas ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ou seja, o registro e seu gerenciamento não ocorrem por questões técnicas de procedimento museológico.

O registro dos espécimes, bem como de suas informações, tais como local de captura, medidas, peso, entre outras, é feito de forma digital em um banco de dados no programa ACCESS®. Este programa efetiva o registro de tombo, gerenciamento e o controle das coleções. Apesar de funcionar bem, o programa ainda está em fase de aperfeiçoamento. Cada curador sênior, curador assistente ou o assistente de curadoria têm acesso para cadastro e alteração dos dados de registro dos espécimes que compõem a coleção.

Existiu uma verba para a confecção de um programa específico e direcionado à sistematização destes dados, no entanto, por problemas da empresa contratada, o programa não foi entregue. Com esta verba destinada pelo CTINFRA foi construída a página do Museu Virtual de Zoologia (que será abordada mais adiante nesta seção), somada aos recursos da FAPESB. A informatização inclusive é uma exigência do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), segundo o Professor 01.

[...]na iminência de se informatizar, uma exigência [...] do próprio IBAMA, uma exigência do, da própria Sociedade Brasileira de Herpetologia que quer ter informações, inclusive disponibilizadas na Internet, das principais coleções, e das distribuições dos animais, [...] eu acabei montando um banco é, em ACCESS® [...] (Professor 01).

Com essa informatização pretende-se uma futura disponibilização eletrônica na Internet dos dados existentes no museu, inclusive com textos informativos sobre as espécies animais. Estes textos serão dirigidos tanto para pesquisador especialista, que busque informações sobre a biodiversidade local ou distribuição de espécies, e ao leigo que queira informações mais gerais sobre a zoologia. A iniciativa, pretensiosamente chamada pelo Professor 01 de museu virtual, é uma tentativa de aproximação do público ao museu, que ainda não tem as portas abertas. Aqui mais uma vez ele declara que o MZ na conformação atual não é um museu completo.

[...] nós temos um projeto da FAPESB, que é a criação do museu virtual, e esse museu virtual nada mais é do que uma página que vai ser um pouquinho mais elaborada, [...] que tem por intuito prover informações para a comunidade científica de acesso restrito, e prover informações sobre o museu, sobre os espécimes ali depositados, ao público em geral, [...] “puxa [...], mas é virtual”, é ele é virtual, vai possibilitar a informatização, a informatização faz parte desse plano, nós vamos disponibilizar parte dos dados informatizados ao público, nós vamos tentar [...] ilustrar de uma maneira bem didática o máximo possível sobre o que é o museu, sobre como é que funciona, o quê que se destina, quais são os frutos esperados, quem sabe daqui a dez anos, [...] informar sobre os grupos taxionômicos ali, disponíveis de uma maneira didática e interessante, já que a gente não tem essa exposição ainda.[...] eu acho que isso já é um elo de comunicação importante com o público em geral, mas não é o que [...] gostaria, [...] embora seja importante e legal, [...] e eu sou o coordenador desse projeto, é muito mais importante essa exposição hoje, no momento eu que eu tiver a exposição e você me perguntar de novo, “[...] vocês têm um museu de zoologia agora?”, eu vou dizer, “Nós temos” (Professor 01).

O Professor 02 mostra-se mais modesto em relação ao assunto, e diz que apesar de comumente chamarem de museu virtual, a página seria um portal de informações específicas e gerais sobre a zoologia, além da disponibilização dos dados científicos dos espécimes depositados no museu.

Tem um projeto que foi aprovado que [...] a gente costuma chamar um pouco de museu virtual, [...] mas na verdade seria [...] a passagem dos livros de tombo, pra [...] digitação dessas informações, [...] colocar em acesso aí pelo computador, [...] colocar essa informação e disponibilizar parte dessa informação também pro público em geral, [...] com informação sobre a coleção, sobre espécimes que a gente tem, sobre distribuição geográfica. Isso está sendo feito, [...] em graus diferenciados conforme a coleção, então tem coleção que já está toda informatizada, [...] tem coleção que está menos, tem coleções que não está nada

informatizada [...] Sem duvida, [...] a idéia era essa aí mesma, [...] era disponibilizar, talvez [...] ter informações em graus crescentes de dificuldade, então a gente [...] teria coisa para público leigo, completamente leigo, para pesquisadores alguma parte, já com alguma informação mais refinada, inclusive com distribuição geográfica mais refinada, mas a idéia seria ter também essa parte para o público leigo sim com texto, inclusive dados de algumas espécies que a gente aqui, [...] óbvio, até pelo tamanho teria que elencar algumas espécies, a gente iria colocar foto, contar um pouco da biologia do grupo, alguma coisa interessante, relacionada a isso (Professor 02).

No mês de abril de 2007 a página oficial do MZ (<http://www.mzufba.ufba.br/>) entrou no ar com novas informações, porém o link da página oficial do IB (<http://www.biologia.ufba.br/index.html>) ainda apresenta as informações antigas. O link atual para a página do MZ está vinculado à página do Laboratório de Anfíbios (<http://www.amphibia.ufba.br/>).

Sobre o histórico do museu, a página apresenta a história das coleções zoológicas que iniciaram o MZ, com datas e nomes dos pesquisadores que as mantinham em seus laboratórios, até o agrupamento delas com o projeto “Coleções Científicas”, já mencionado anteriormente no início deste capítulo. Sobre as coleções foram disponibilizados dados como quantidade de espécimes de acordo com classificação zoológica, fotos de alguns exemplares depositados no museu e locais de procedência.

Na página disponibilizou-se também alguns documentos como: a proposta de criação e regimento do Museu de História Natural; as Normas Gerais do MZ que descrevem regras de manutenção do equipamento de uso comum, regras para a organização geral das coleções e regras para o acesso e uso de material biológico; descrição de categorias de pesquisadores vinculados ao museu (colaborador e correspondente); modelos e formulários para solicitação de empréstimo de material zoológico, material de consumo e de equipamentos, e para o cadastro de auxiliares de curadoria.

Uma informação nova em relação às curadorias foi a criação da função de “Curador dos Materiais de Acesso ao Patrimônio Genético”, devido à crescente diversificação de atuação do MZ. Na página pode ser observado um organograma de

organização hierárquica (Figura 4.28) diferente do proposto neste trabalho (Figura 4.34). O organograma, destaca um coordenador geral do museu, porém, isto difere das informações da própria página (que relata a existência de três curadores pré-tempore, designados pela então diretora quando da instituição do museu, para gerenciar e normatizar o MZ) e as informações concedidas nas entrevistas (sobre a função dos três “curadores seniores” em coordenar o MZ).

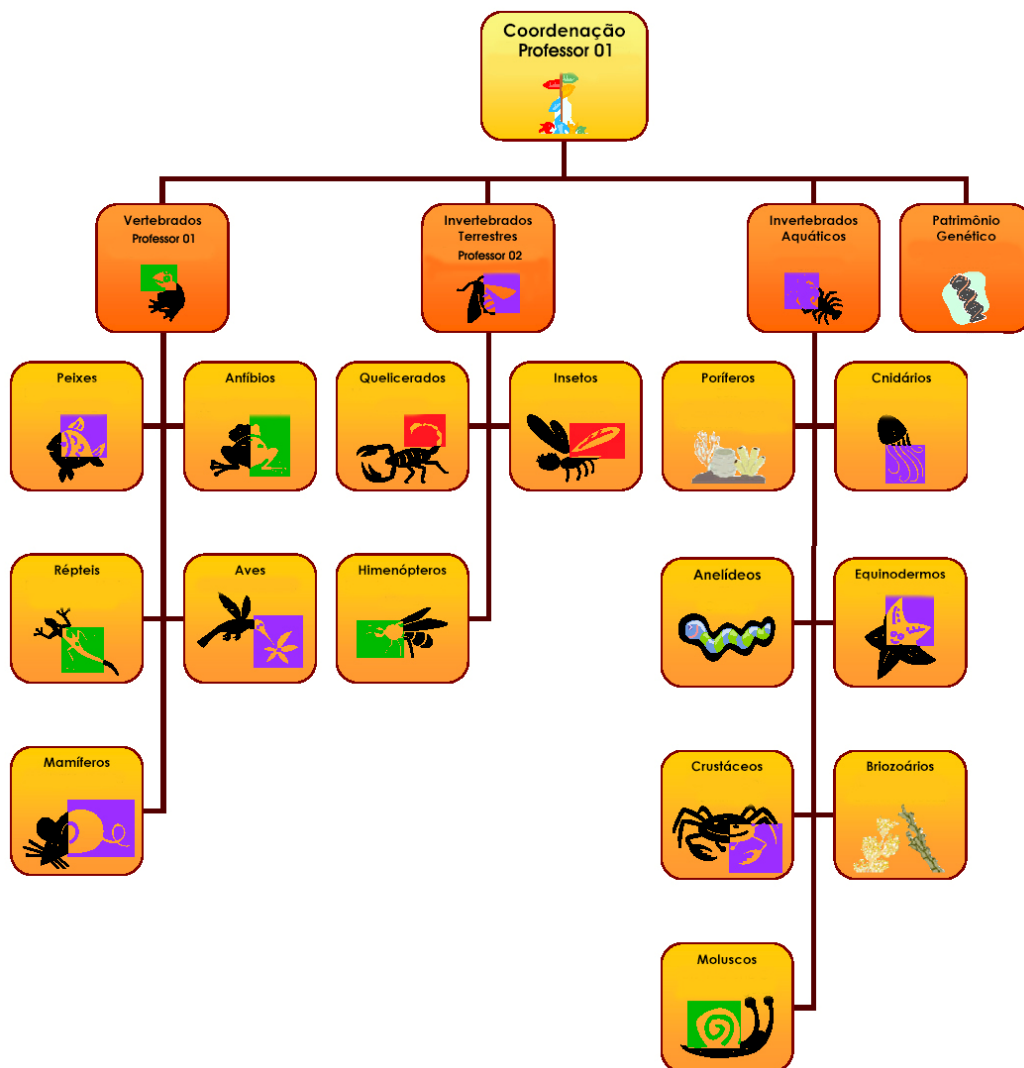


Figura 4.34: Organograma Hierárquico do Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia.

Fonte: Modificado de MZUFBA, 2007.

Em relação às atividades de pesquisa das Coleções Zoológicas, existem diversos projetos executados independentemente pelos professores do Departamento de Zoologia, pesquisadores colaboradores e pesquisadores correspondentes, que geram

grande quantidade de material para produção do conhecimento. Segundo o sistema de *curriculum lattes*, os curadores citados nas entrevistas possuem uma média de dezesseis artigos completos publicados em periódicos, que varia entre um e vinte e nove artigos (pesquisa feita em setembro de 2006). Na página da Internet foram listadas as seguintes ações:

**Museu de Zoologia** da Universidade Federal da Bahia – MZUFBA tem sua pesquisa centrada em três **Programas** (reunião ordinária de 08/XI/2006).

1. Programa Mata Atlântica e Zona Costeira
2. Programa Caatinga
3. Programa Cerrado

Estes **programas** objetivam estudar os quatro biomas envolvendo todas as **equipes** de zoólogos do MZUFBA. Os estudos desenvolvidos estão inseridos em quatro **Linhas de Pesquisa** principais; são elas:

- i. Taxonomia, Sistemática e Biogeografia de grupos recentes (este último incluindo padrões geográficos de variação morfológica, bioacústica e/ou genética.
  - ii. Ecologia de populações e comunidades, história natural e comportamento animal.
  - iii. Conservação da biodiversidade e definição de áreas de endemismo.
- Entre os produtos que esperamos obter nos próximos dez anos (2006-2012), destacam-se:

- a. Construção do conhecimento sobre a fauna da Bahia, subsidiando a definição de áreas prioritárias para conservação e de políticas públicas de gestão e monitoramento ambiental.
- b. Formação de coleção zoológica rerepresentativa dos biomas representados no estado da Bahia e Região Nordeste.
- c. Formação de acervo e reserva técnica para a composição de exposições públicas, permanente e itinerante.
- d. Intercâmbio de pesquisadores docentes e discentes com instituições de pesquisa nacionais e internacionais, visando a melhor qualificação profissional e divulgação do MZUFBA.
- e. Consolidação do MZUFBA como Centro de Excelência em Taxonomia, Sistemática e Biogeografia.
- f. Criação e consolidação, junto ao Departamento de Zoologia, de Programa de Pós-Graduação em Zoologia, com ênfase nas linhas de pesquisa já salientadas.
- g. Construção de imóvel próprio para abrigar o Museu de Zoologia, incluindo salas de coleções, salas de permanência dos curadores, salas de pesquisa e pavimento para exposições permanentes e temporárias (MZUFBA, 2007)<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> Grifos do autor.

O museu não apresenta exposições permanentes ou temporárias, como dito previamente. Existe um projeto para a confecção de uma exposição itinerante, porém, não foi efetivado por falta de tempo dos responsáveis, e por falta de pessoal técnico específico:

[...] O outro projeto em que tá aí já na conta da gente, e com possibilidade de estágio de duas alunas de museologia, que já começaram, já sentaram comigo, [...] um projeto itinerante de coleções, vamos tentar montar uma coleção itinerante e precisamos de um taxidermista, porque, entenda, [...] por mais que a gente ponha besouros, sapos, as salamandras e cobras, as aves e os mamíferos têm um poder apelativo muito grande junto [...].às pessoas. Quando uma pessoa olha uma cobra ela quer matar, o que é muito deprimente, mas quando ela olha um Mico Leão, e o Mico Leão pisca pra ela, ela se comove profundamente com aquele mamífero peludo e fofo que está piscando pra ela pedindo “me salve! me salve! me salve!”, e a cobra não tem esse poder de apelativo, então é muito importante utilizar nas exposições temáticas, que podem ser grandes ecossistemas, caatingas, evolução, [...] animais que sejam mamíferos e aves também, e agente precisa de mais taxidermistas, né? (Professor 01).

Em virtude da ausência das exposições, o MZ não executa ações educativas. Segundo o Professor 02, existem diversas atividades educativas realizadas independentemente pelos professores dos laboratórios do Departamento de Zoologia, ao qual o MZ está ligado. Assim, geralmente os grupos de instituições de ensino solicitam aos professores especialistas, e não ao museu diretamente. Estas atividades funcionariam então como um complemento às atividades do MZ, uma vez que os laboratórios são considerados extensões do museu<sup>44</sup>, como já dito anteriormente pelo Professor 01.

[...] O museu, até pela própria estrutura dele, que as pessoas não são exclusivamente vinculadas ao museu, então todo mundo tem as suas outras obrigações, são todos docentes do Departamento, e com laboratórios também que não fazem parte diretamente do museu, todo esse contato é feito [...] via laboratório, o meu laboratório aqui de inseto mesmo, de sistemática de inseto, recebe constantemente escolas pra visitar, e aí a gente prepara uma coleção, e aí a gente tem desde criança de quatro anos, até [...] pré-adolescente, acho que o mais velho que a gente teve aqui foi, aqui no insecta, foi isso, doze anos, e aí a gente prepara um pouco da coleção e [...] um pouco de uma apresentação também que as próprias escolas geralmente pedem que seja uma apresentação curta, não muito longa, né, uns quinze, vinte minutos, depende um pouco das perguntas, né?, sempre abre para pergunta, mas a gente está constantemente

---

<sup>44</sup> Lembrando a ressalva de que talvez, nem todos os professores destes laboratórios concordem com isso.



recebendo isso, isso como eu disse a gente tem a vinculação principalmente aos laboratórios, mesmo porque essas apresentações muitas vezes são feitas com coleção didática, não é coleção científica que você vai, não é recomendado inclusive que você faça, você pode até em alguns casos é feito isso, a gente mostra o museu, dá uma volta no museu, mas não deixa que tenham acesso à coleção (Professor 02).

Na página da Internet do MZ podemos encontrar as seguintes atividades enquadradas como atividades de ensino e extensão ligadas ao MZ:

I. AÇÕES DO MUSEU DE ZOOLOGIA:

**Museu de Zoologia Virtual:** Esta iniciativa encontra-se inserida no Projeto matriz "Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia: Adequação das Coleções Zoológicas para Construção e Implementação de Acervo Digital". Buscou-se inicialmente a disponibilização de textos e imagens como meio de subsidiar pesquisas em zoologia de alunos dos ensinos básico, fundamental e médio. Todavia, ao longo do processo, resolveu-se criar uma exposição virtual mais elaborada, sendo tais objetivos reunidos sob o título de **Museu de Zoologia Virtual (MZV)**. O **MZV** foi idealizado como um espaço virtual intuitivo, onde o usuário terá à disposição um meio criativo e elegante de conhecer um pouco sobre o estudo da zoologia através dos espécimes zoológicos baianos.<sup>45</sup>

**Coordenador:** Marcelo Felgueiras Napoli

**Finaciador(es):** FAPESB / FINEP - Auxílio financeiro.

II. Ações individuais de pesquisa-dores do Museu de Zoologia:

**Rede de Zoologia Interativa:** Este projeto trata da implantação de um programa de produção de conhecimento e popularização da Zoologia através de exposições permanentes e itinerantes, esta última constando de kits zoológicos (Zookits), aquários e terrários (Zoologia viva) e implantação de uma ludoteca (Zooteca). Inclui ainda a produção de multimídia (CdZoo e Portal na internet Zoonet). É direcionado a nuclear a criação, implantação e manutenção de Centros de Ciências nos municípios de Salvador e Lauro de Freitas, favorecendo o resgate do acervo do Museu de Ciências e Tecnologia da Bahia. São partícipes o Departamento de Zoologia da UFBA e o Curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Agrárias e da Saúde da UNIME.

**Coordenador:** Rejâne Maria Lira da Silva

**Finaciador(es):** CNPq - Auxílio financeiro.

**Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio - PNLEM:** Implantado em 2004, o PNLEM prevê a distribuição de livros didáticos para os alunos do ensino médio público de todo o País. O Catálogo para a escolha do livro pelos professores é enviado às escolas, na forma impressa, no mês de maio. Este catálogo reúne resenhas de diversos livros, produzidas após severo crivo de professores e pesquisadores de diversas universidades. Neste caso, pesquisa-dores do MZUFBA, enquanto docentes do Instituto de Biologia da UFBA, participaram efetivamente do

---

<sup>45</sup> Até o dia 26 de abril de 2007 não estava disponibilizado o MZV.



catálogo de 2007 como avaliadores, dando importante contribuição à educação de ensino médio do Brasil.

**Participantes do MZUFBA:** Blandina Felipe Viana, Elianne Pessoa Omena, Marcelo Felgueiras Napoli e Rodrigo Barban Zucoloto.

**Finaciador(es):** MEC.

**Ciência, Arte & Magia: Programa de Popularização da Ciência na Bahia:**

Objetiva dar suporte para que a Escola possa elaborar, construir e/ou executar seus projetos na área do ensino das Ciências, através da implementação de Centros Avançados de Ciências. Mais especificamente, pretende capacitar os professores do ensino de Ciências da Educação infantil ao Ensino médio quanto ao aprofundamento dos saberes disciplinares, com procedimentos científicos teóricos e práticos; auxiliar a Escola na criação, instituição, implantação e/ou manutenção de seus projetos e centros ou museus de ciências; promover na comunidade escolar uma visão sistêmica quanto à importância da formação de cidadãos alfabetizados cientificamente.

**Coordenador:** Rejâne Maria Lira da Silva .

**Finaciador(es):** FINEP.

**Jovens Cientistas, Jovens Escritores:** Esta Proposta trata de um ancoradouro à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, com a finalidade de promover a divulgação científica e tecnológica, particularmente de jovens para jovens, refletindo e trocando as suas experiências do escrever sobre ciências ainda no ensino fundamental, com outros jovens distantes desta realidade, ao mesmo tempo próximos de identificar suas vocações científicas. Tem a UFBA como pólo Central, nucleadora da criação, implantação e manutenção deste Evento, favorecendo o resgate da função social da Universidade.

**Coordenador:** Rejâne Maria Lira da Silva .

**Finaciador(es):** FINEP.

**Ciência lúdica - brincando e aprendendo com jogos sobre ciências:** trata de uma pesquisa-ação que se propõe a uma ação visando uma mudança no mundo real, comprometida com um campo restrito, englobando em um Programa mais geral e submetendo-se a uma disciplina para alcançar os efeitos do conhecimento. Nesse sentido, reúne pesquisa e ação e é possível descrever, captar e analisar a interação entre pesquisa e ação em termos de complexidade. Entre os produtos, licenciamento dos resultados do Projeto como softwares livres em mídias específicas e disponíveis nos endereços eletrônicos [www.softwarelivre.gov.br/licencas](http://www.softwarelivre.gov.br/licencas) e [www.noap.ufba.br](http://www.noap.ufba.br). Sua divulgação será feita via internet e através de folders e cartazes explicativos.

**Coordenador:** Rejâne Maria Lira da Silva .

III. Material didático para Download:

- Conceitos Básicos de Sistemática Filogenética, Prof. Dr. Luíz Augusto Mazzarolo, 2005. [Apostila]

- Fundamentos da Prática Estatística em Taxonomia Zoológica, Prof. Dr. Marcelo Felgueiras Napoli, 2003. [Apostila para Mini-Curso] (MZUFBA, 2007)<sup>46</sup>.

Em relação a importância do público nos museus o Professor 01 disse que um Museu de História Natural, assim como o zoológico, oportuniza às pessoas, em especial ao público escolar, o contato com determinados conhecimentos práticos que não é possível dentro da sala de aula:

[...] eu acho que isso é uma coisa extremamente complexa, porque, não é uma resposta que eu possa dar com uma palavra [...] No ponto de vista didático obviamente é a informação, do ponto de vista cultural também é, vamos trabalhar em cima como se fossem escolas de ensino básico por exemplo e fundamental. Eu trabalhei muitos anos em escola de ensino fundamental e médio e eu sei que essas escolas são extremamente mal aparelhadas em termos de aulas práticas, então, os museus de história natural, eles constituem obviamente, a única possibilidade junto com os zoológicos [...] os professores de ensino básico fundamental têm [...] de levar ao aluno, uma realidade um pouco mais prática, e até mesmo ministrarem aulas de cunho mais prático, com os acervos ali [...] disponibilizados, então, se você tira o museu de história natural que não existe em Salvador e você tira o Zoológico que existe, você não fica com absolutamente nada pros professores trabalharem. Essas crianças [...] conhecem animais por televisão [...] e não são só as crianças de classe média não, as outras também [...] quando você cria uma exposição rica, bem montada, mesmo que seja pequena, mas que ela seja bem direcionada ao objetivo claro didático, você dá instrumentos extremamente importantes para estes professores desenvolverem as temáticas que eles trabalham em sala de aula, fora dessa sala de aula, sem falar que não só a exposição dos organismos que estão ali [...] (Professor 01).

Ele enfatiza a importância da aproximação entre o ensino fundamental e médio à instituição de ensino superior, oportunizada em um Museu Universitário:

[...] mas eu acho que só o fato de você estar visitando uma instituição de ensino superior, isso também [...] já cria um elo maior entre o meio, entre o ensino fundamental médio básico, com o ensino superior, você está trazendo a criança a esse ensino superior, você está mostrando isso existe, você pode estar aqui, é aqui que se produz a ciência, é aqui que se produz esse conhecimento então você está fazendo um elo muito importante entre o ensino superior e esse conhecimento extremamente [...] limitado a um grupo seletivo [...] as outras formas de conhecimento que são mais basais e que são derivadas desse [...] conhecimento mais seletivo, mais privativo [...] E não deveria ser tão privativo assim, [...] é uma das coisas que eu vejo na exposição, em termos de educação.

---

<sup>46</sup> Grifos do autor.

O Professor 02 divide o público do museu em três grupos: i) o estudantil; ii) a população em geral; e iii) os especialistas no assunto. Para o primeiro grupo ele ressaltou a importância do museu proporcionar uma ampliação do conhecimento adquirido no ensino formal:

Bom, acho que a gente tem dois, também aí temos que separar em dois públicos [...] O público leigo e o especializado [...] Pro público leigo eu acho que é fundamental as exposições, que se tenha museu com exposições, as exposições de museus [...] porque é um momento em que o público leigo no caso de um museu de ciências, onde ele vai tomar conhecimento mais direto com a fauna, com flora, com biodiversidade, eventualmente com [...] fósseis, [...] isso sem dúvida dá um suporte para o que ele aprende formalmente na escola [...] não só dá um suporte, como pode despertar o interesse para algumas áreas que ele não tem [...] somente assistindo aula que é uma coisa mais formal ou menos visual, eu acho que isso ajuda muito [...] nesse sentido educativo pedagógico, dele estar tanto despertando aptidão como reforçando conceitos que ele viu em aula. Essa parte, vamos dizer, mais para o público leigo, [...] para o público, mais pra, na verdade, pro público estudantil [...] (Professor 02).

Para o segundo grupo, da população em geral, o Professor 02 disse que o museu é importante para a conscientização de questões relativas ao meio ambiente:

[...] pro público leigo, vamos dizer já formado [...] de adultos, também serve para despertar a preocupação com a conservação [...] a idéia de que o homem não tá isolado, [...] que é a única coisa importante como ser vivo no mundo, você pode no museu com a exposição, você pode ter todo esse trabalho de educação ambiental, da conservação da biodiversidade, [...] de inserir o homem nesse meio, e ele começar a entender que ele não pode [...] destruir o ambiente porque na verdade ele vai estar se auto-destruindo também [...] Então eu acho que eu já falei até de dois aspectos de público leigo (Professor 02).

E para o terceiro grupo, do público especialista, o Professor 02 afirma que o museu é tão importante quanto, ou até mais importante, uma vez que possibilita que os espécimes coletados em pesquisas científicas sejam depositados e preservados, permitindo a confirmação e o aprimoramento futuro do conhecimento relativo ao material.

[...] o público especializado [...] acho que a importância do museu é maior ainda, bom maior ainda, acho que tão grande quanto, mas é uma importância muito grande para o público especializado porque é onde ele vai poder desenvolver e confirmar pesquisas que ele faz sobre biodiversidade [...] Então quer dizer, você faz toda uma pesquisa sobre biodiversidade, fauna de uma determinada região, se você não depositar isso no museu, quer dizer, [...] talvez, essa informação se perca, por mais que você tenha escrito um trabalho, muitas vezes a gente, mesmo as pessoas especializadas, identificam errado, então se

you have this animal preserved for ever it will be confirmed and re-confirmed that identification, or positioning of that group, characteristics that were not observed, while you only do this visual survey for example, and you do not deposit the material in the museum, you only register it, that until you yourself later will say, 'it will be that this animal was not this, let me go there and confirm', only that you do not have anymore the animal to confirm because you did not deposit it in the museum (Professor 02).

Demonstrated the perception of Professors 01 and 02 for the importance of the museum open to the public and the possible consequences for the population of the city in relation to access to information, culture and leisure, they were questioned about the concern of the museum in relation to scientific literacy. Before presenting their answers for this question, we will clarify the concept of scientific literacy for each of them, who affirmed not to have much knowledge about the subject. For Professor 01, who did not know the term, scientific literacy would be:

What, what do I understand? I can try to explain, but I really never heard the word, or the two words: scientific literacy... well, scientific literacy is very linked to people who ignore completely something, right? The scientific must be linked to sciences, it would theoretically lead [...] the basic principles of sciences, and it is not only biological sciences, it is sciences as a whole, for the public who lacks this, these basic information, I understand this [...] and maybe a scientific exhibition is a way, [...] a vehicle that is being given, an instrument to promote scientific literacy, but I think it is not limited to this, right? It depends on who is there, as the interlocutor, using this instrument, to present to the students. But I think that the exhibition can be an interesting instrument, is that what I think scientific literacy is (Professor, 01).

For Professor 02, who affirmed already to have heard the expression, scientific literacy means:

Scientific literacy, [...] I heard the expression. [...] Well here, I will give an opinion now a bit of a layman in this area, but I think I imagine that, scientific literacy is related to what I said in relation to the students visiting the museum, to say, I think that scientific literacy is [...] the starting point for which the interest in sciences awakens, right? For which more advanced knowledge in sciences is acquired, but obvious, scientific literacy would be an initial step, right, the beginning of everything (Professor 02).

Given these conceptions of each one, the professors comment on the lack of actions of the museum in relation to scientific literacy and popularization of science, justifying

com a ausência de um corpo técnico especializado, verba e espaço. Mostraram-se cientes da importância do museu para o público em geral e para a instituição, e falaram sobre o empenho da equipe em tentar montar um espaço expositivo:

Professor 01 – [...] eu acho que a exposição tem essa ligação, e eu já conversei com a professora Rejâne, que seria alguma coisa muito interessante, que a gente passasse, [...] ela própria a desenvolver trabalhos nesse sentido. Que eu sei que ela desenvolve [...] e por exemplo os kits que vocês produzem<sup>47</sup>, eu acho que estão bem direcionados à essa alfabetização científica, eu posso estar enganado, mas eu acho que é uma relação direta, e eu acho que o museu através desses setores de museologia, voltados a [...] no básico por exemplo [...] eu acho que é por aí, embora tenham pessoas que tenham 30 anos de idade e precisam ser alfabetizadas da mesma maneira, inclusive cientificamente. Eu acho que o museu tem responsabilidade sim, e deve ter. Assim que tiver condições de ter ação pertinente neste sentido. [...] é aquilo mesmo que eu te falei, a gente precisa muito dessa exposição, porque até mesmo a criação de um kit dentro do museu para a apresentação como se fossem exposições itinerantes, nós precisávamos, por exemplo, como eu te falei, de algumas coisas elementares como um técnico contratado para taxidermizar e preparar animais, até pra isso a gente precisa de técnicos e espaço.

Professor 02 – Olha, nós temos [...] ainda [...] um museu novo como você pode ver, quer dizer a gente tem sei lá, três anos, dois, três anos, [...] então a gente sempre teve a preocupação de que sempre tenha essa parte expositiva, que eu acho que, na minha concepção está diretamente relacionado com alfabetização científica, eu posso estar falando tudo errado quanto a conceito [...] mas eu acho que é fundamental isso, a gente sempre teve essa preocupação. Talvez as pessoas, os três curadores “seniores” do museu, não tenham propriamente este perfil, [...] e também porque a gente tinha de fato uma visão de que [...], num primeiro momento, seria mais importante a gente consolidar a parte científica do museu, [...] mas a gente sempre discutiu isso, a gente chegou até a encaminhar alguns projetos em que a gente buscava essa, alguma forma de interação com o público leigo, sobre museu, [...] seja através da Internet, [...] hoje que é um meio bem acessível, a gente sempre teve essa preocupação e o Museu de Zoologia certamente tem essa preocupação, [...] acho que a gente já teve algumas situações, até talvez o [...] tendo essa ponte mais próxima aí com Rejâne, dela colaborar com a gente, apesar de que ela faz parte do museu como curadora assistente da parte de répteis, [...] mas essa parte de exposição ou de alfabetização científica, [...] talvez mais recentemente que tenha sido tentado isso, se eu não estou enganado até com alguns projetos que acho que não foram aprovados infelizmente, mas de ter essa parte também, quer dizer o museu, todo mundo do museu, sempre teve essa preocupação, talvez não tenha conseguindo ainda colocar em prática, a gente tenta convencer inclusive [...] a diretora [...] e o Instituto de um modo geral para que tenha um espaço lá em baixo, no andar térreo destinado a exposição do Museu de História Natural, aí a gente sempre pensa que o Herbário pode entrar junto também, fazendo isso [...], mas pra isso a gente precisa primeiro também de verba e também de vontade

---

<sup>47</sup> Aqui, novamente, o Professor 01 se refere à REDEZOO.

política do próprio Instituto né, não vou nem dizer da diretora, acho que a diretora até tem essa vontade, mas a gente sabe que isso as vezes é complicado, então os espaços, na realidade não sobra espaço, falta espaço até para a sala de aula, então as vezes você conseguir convencer de fazer um, de separar uma área para uma exposição não é tão fácil assim.

Analisamos que, apesar de intitular-se como Museu de Zoologia, o espaço não apresenta exposição, nem atividades de educação e lazer, sendo uma instituição dedicada exclusivamente à pesquisa e conservação de espécimes zoológicos. Como a instituição não é aberta ao público, infringe alguns critérios essenciais para uma instituição ser considerada um museu, segundo as normas do ICOM (ICOM, 2001), já citadas no capítulo introdutório. Segundo as próprias palavras do Professor 01, sem a existência de três setores em conjunto (pesquisa, ensino e exposição) um museu não existe, e esta afirmação por si só justificaria chamar o MZ de Centro de Biodiversidade, por exemplo.

Claro que as atividades realizadas no MZ não são menos importantes que a exposição, porém, o que define uma instituição como um museu é um conjunto de critérios, e o MZ não atende a todos. Os dois curadores seniores entrevistados declararam já terem se sentido menosprezados e discriminados pela ausência das exposições, e aqui mais uma vez vem a tona o sentido da instituição museu, que para alguns cientistas um local para o depósito de coleções zoológicas seja entendido como museu, diferentemente da concepção adotada pelos museólogos e pelo ICOM.

[...] foi um pouco estressante, em algum momento, quando houve, ironicamente, [...] uma colocação de uma museóloga justamente em cima disso “Mas vocês são o que? Vocês não são nada! Vocês não tem uma exposição com serviço de museologia” [...] “Puxa se vocês não tem isso vocês não tem nada”, eu acho que dentro do que é preciso ter em um museu nós não temos algumas coisas importantes, mas não ter nada ou ironicamente ser colocado, me preocupou [...] (Professor 01).

Eu tenho um pouco de pé atrás porque inclusive nós tivemos um evento dos museus da UFBA, há um ou dois anos atrás, e existe de fato uma [...], digamos uma disputa entre concepção de museu, então as pessoas que eram mais ligadas, inclusive museólogas, então talvez pudessem falar com mais propriedade, mas ligadas ao museu, aos museus de uma forma geral, transparecem a idéia de que o realmente importante do museu é a exposição, então [...] eu fui nesse evento da UFBA e me senti meio alijado da discussão e até certo ponto fiquei meio, que o que eu tinha não era um museu, porque não

sei, talvez na definição mais estrita de fato um museu que não tem exposição não é um museu, né? Para a comunidade científica, zoológica, nós somos entendidos como museu, a gente recebe pessoas aqui para [...], acessar a nossa coleção, pedem material emprestado, né, quer dizer, a gente é entendido como museu neste sentido (Professor 02).

Mas, ao que parece, diante dos relatos apresentados durante esta sessão, ainda que se tenha falado em falta de espaço, a exposição não existe ainda por falta de prioridade dos pesquisadores envolvidos com a coordenação geral do MZ. Além da falta de um corpo técnico que auxilie na preparação dos exemplares a serem expostos, bem como um acervo específico para constituir peças para a exposição.

Nos depoimentos, pode-se observar que há um paradoxo entre a falta de acervo para a exposição e o recebimento de animais que poderiam atender a esta demanda. O material destinado à coleção didática, aquele que é recebido sem identificação, ou que já existente na coleção com a mesma procedência, sexo e espécie, poderia ser aproveitado para uma exposição, porém este material não permanece no MZ, segundo o Professor 01 por falta de espaço específico para isso, segundo o Professor 02 porque não há no museu uma exposição, sendo este material então doado para a coleção didática do Departamento de Zoologia.

[...] hoje nós não temos reserva técnica para exposição de mamíferos e aves. Para se criar essa reserva técnica, novamente demandamos espaço para guardar uma reserva técnica especial de animais em exposição, você sabe que um mamífero, por exemplo, uma ave, quando a gente monta uma ave para a coleção científica, ela é montada com um esqueminha que a gente brinca que é um picolé, fica um picolézinho, com um pauzinho, palitinho ali dentro. Para você montar uma exposição essa ave é montada de toda uma forma, aberta, mostrando alguma coisa, isso, um espaço muito maior, geralmente é feito com animais sem procedência, e por exemplo hoje se você não faz uma reserva técnica com esse intuito, nós precisamos de um taxidermista, que nós não temos, contratado para este fim, ele vai ficar o dia inteiro taxidermizando animais para a exposição e para a coleção científica, que são dois espaços, que a própria preparação do material é diferente, então hoje nós não temos no corpo técnico um taxidermista especial, especialmente [...] contratado para montar uma exposição, que é diferente (Professor 01).

[...] boa parte da coleção de aves e mamíferos, especialmente de aves, é de doação dum convênio que foi feito com o CETAS<sup>48</sup>, né? Então boa parte do

---

<sup>48</sup> Centros de Triagem de Animais Silvestres – CETAS/IBAMA – BAHIA.



material apreendido, e que a gente sabe que chega em péssimas condições, boa parte dele vem a morrer [...] trazido aqui pro museu, tá? Material sem procedência, como é que faz? Bom, a gente tenta ao máximo investigar a procedência dele, né, quer dizer, as vezes você não sabe, por exemplo, aqui em Salvador, você não sabe o bairro que ele foi pego, mas é de Salvador, isso já é um procedência, Bahia, começa a ser uma procedência meio geral, mas dependendo da situação pode ser aceito, [...] mas se a gente não tem informação sobre a procedência [...] esse material não é incluído no acervo científico, onde é possível, ele é incluído no acervo didático do Departamento, principalmente do Departamento hoje, porque como eu disse, esse material serviria muito bem para uma exposição, por exemplo, mas a gente ainda não tem exposição, né, então vai para a coleção didática das disciplinas né? Ligadas ao Departamento (Professor 02).

Os depoimentos mostram em relação à organização que o Museu de Zoologia exhibe nos dias de hoje, caberia melhor a denominação de Centro de Biodiversidade, como um dos entrevistados disse que já foi sugerido; afinal, a Instituição, realiza apenas<sup>49</sup> atividades de pesquisa e conservação de espécimes zoológicos:

Agora óbvio que esse diretor, [...] ele não pode 'tar com a mente fechada ele tem que entender que o museu tem aspirações de ser um museu, então tem que ter museólogos, tem que ter esses setores, tem que estar voltado também a parte, [...] menos acadêmica, menos científica, porque se não ele não é um museu, ele é um centro de coleções, e não é isso que nós queremos, né? Se não seríamos Centro de Biodiversidade, que nem já foi aventada a troca, tá? E nós temos essa consciência plena, tá? Mas nós não queremos isso, queremos um museu, mas um museu científico, um Museu de História Natural, Museu Acadêmico, Museu de Ciências, pelo menos biológicas, ele é sim, regido por, pesquisadores, e os museólogos tem que ter paciência nesse sentido, eu acho que nós temos essa especificidade que tem que ser respeitada (Professor 01).

É perceptível a ênfase dada pelos entrevistados à preocupação com a falta de exposição e a consciência de sua importância; no entanto, com os dados atuais, não pode-se afirmar que o MZ seja categorizado como um museu.

[...] Eu espero que você me faça essa entrevista novamente daqui a um ano, e eu já possa dizer, olha conseguimos conquistar isso aqui, estamos tentando trazer estagiários de Museologia já pra dentro do museu, e só não entraram ainda por minha completa falta de tempo deles começarem a fazer o estágio, só, eles têm projeto, já tem tudo bonitinho, e isso espero que sirva como um *link* aos professores da Museologia que repito, vejam o esforço que foi feito aqui, que está sendo feito por todos e entendam que nós estamos começando

---

<sup>49</sup> "Apenas" aqui refere-se à limitação das atividades, sem qualquer sentido de qualificação de grau de importância em relação à qualquer outro tipo de atividade.



diferente dos Museus de História Natural do século passado, retrasado, nós começamos pela ciência dos pesquisadores, como uma necessidade de salvar as coleções, e temos um polo-integrador, um centro integrador para que a partir daqui possa expandir, não acho que tenha regras para as coisas serem feitas, eu acho assim, nós temos um começo assim, precisamos a partir daqui agora, é expandir isso, para esse prédio, que eu espero que seja de cinco milhões de reais (Professor 01).

Diferentemente do que foi afirmado pelo Professor 01, os Museus de História Natural do século passado começaram sim com coleções de nobres, curiosos e pesquisadores, que sentiram necessidade de exhibir aos amigos e posteriormente à sociedade, suas vastas coleções, conforme discutido na introdução deste trabalho.

Há normas para que um museu funcione plenamente, com uma série de procedimentos relacionados uns aos outros, para que o museu possa operar. Não cabe aqui julgar o esforço dos pesquisadores envolvidos com o MZ para criar uma exposição, um setor de museologia, etc. Porém, a denominação de um espaço como museu exige que alguns critérios sejam cumpridos, e acredito que não menosprezaria de forma alguma as atividades ali desenvolvidas não chamá-lo de museu por ainda não possuir políticas institucionais com metas, projetos, planos museológicos, museográficos no mais amplo sentido e expográfico, que este tipo de instituição exige. De fato, um museu nem começa, nem finda com uma exposição.

Se o compararmos ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) , por exemplo, que abriga o maior acervo mundial da fauna da Região Neotropical, onde as coleções são a base para pesquisa zoológica em sistemática, ecologia, evolução e conservação da fauna, veremos que as ações não limitam-se a atender especialistas. O MZUSP, além possuir um acervo que tem sido utilizado pela comunidade científica como base para a formação de recursos humanos e contribuindo para o avanço do conhecimento zoológico, preocupa-se com a difusão do conhecimento científico. Para isso ele está organizado em duas divisões: Divisão Científica (responsável pela pesquisa básica em Zoologia) e Divisão de Difusão Cultural (responsável por traduzir as pesquisas realizadas para o público através do Serviço de Museologia e do Serviço Educativo). O serviço Educativo desenvolve a ação educativa

através de projetos voltados para a pré-escola, ensino fundamental, médio e 3º grau, profissionais do ensino e comunidade em geral. Anualmente o museu recebe cerca de 50.000 visitantes sendo que destes, quase 90% constitui-se de estudantes do ensino fundamental, médio e professores. São alguns dos programas disponíveis para o público ou em fase final de implantação, que visam melhorar a qualidade de informação transmitida para o público e disponibilizar os resultados das pesquisas realizadas com o acervo (SANTOS & FRANÇOSO, 2000):

- Atendimento ao professor e escolas (assessoria pedagógica para o planejamento, execução e conclusão de visitas; fornecimento de referências bibliográficas na área de Zoologia, conservação ambiental, diversidade e evolução; empréstimo de material; folheto de orientação das visitas; eventos Científicos);
- Visitas mediadas por monitores (exposição e acervo interno);
- Programa “O museu sai à rua” (palestras em escolas ou associações).;
- Série de Cadernos Didáticos “Conhecendo o Museu”(Que museu é esse?, Informações gerais & Roteiro de visita, Uma pesquisa com abelhas);
- Oficinas pedagógicas;
- Atendimento a família e ao público em geral;
- Kits pedagógicos para empréstimo;
- Visitação monitorada à Estação Biológica de Boracéia;
- Formação continuada do professor;
- Diagnóstico do público visitante;
- Gerenciamento da página na Internet;
- Produção de CD Rom para a exposição.

A apresentação do MZ na página da Internet deixa bem claro o seu perfil:

Nossa missão é pesquisar, entender, descrever e preservar a diversidade zoológica. Parte do conhecimento por nós adquirido ao longo de mais de 30 anos de pesquisa sobre a biodiversidade brasileira será disponibilizada a você por meio da Internet. Esperamos que o MZUFBA, através de sua versão “on

line”, que como um veículo de divulgação, integração e democratização da ciência para a Bahia e para o Brasil (MZUFBA, 2007).

Até o momento, todo tipo de informação disponibilizada nesta página destina-se a especialistas interessados nas Coleções Zoológicas da UFBA. De fato, a página é um importante veículo para a divulgação do conhecimento científico específico, mas ainda não faz dela uma ponte entre a pesquisa científica realizada no IB/UFBA com a sociedade.

De acordo com as definições e tipologia de museus apresentadas no capítulo I, o MZ se enquadra satisfatoriamente na categoria de “Coleções Universitárias”. É preciso que o Museu de Zoologia assuma a postura que um verdadeiro museu universitário deve ter, de traduzir uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas à sociedade, transpondo o que acontece por trás das pesquisas dos muros da Universidade, para então ser categoricamente chamado de Museu de Zoologia.

Vale salientar que, institucionalmente, ele ainda não é reconhecido como órgão suplementar da UFBA, como estão enquadrados os outros museus reconhecidos legalmente pela instituição.

#### 4.2.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DISCURSOS DOS DIRIGENTES

Na seção 4.2 descrevemos algumas impressões, opiniões, observações, etc. dos dirigentes dos museus investigados. Entre tantos aspectos curiosos e relevantes que poderiam render muitas páginas de discussões gostaríamos de salientar alguns aspectos.

Começamos com a importância do discurso sobre a visão de museu do dirigente *versus* suas ações museológicas.

Na fala dos curadores do Museu de Zoologia é clara a falta de visão do museu como uma instituição regularizada internacionalmente. Os Professores 01 e 02 manifestam suas opiniões que transparece a visão de que é possível um museu cujo foco único/principal seja a pesquisa, e não a sociedade. Esta visão vai de encontro à apresentada por diversos profissionais da área de museus, professores, pesquisadores e estudantes, em 1992, nas conclusões gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários, a qual recomenda que a função primordial dos museus seja educativa, sendo assim, eles devem democratizar o conhecimento, contribuindo para a formação do conhecimento social (\_\_\_, 1992, p.35).

A professora do Departamento de Zoologia que constitui o terceiro membro da “curadoria sênior” negou-se a participar da pesquisa quando leu o título do projeto: “Os museus da UFBA enquanto espaços de ensino não-formal”. Ela disse que dentro deste contexto ela não teria nada a contribuir, uma vez que o MZ não era institucionalizado como órgão suplementar da universidade, nem realizava nenhum tipo de atividade educativa. Mesmo com a insistência de que a sua visão/opinião seria extremamente relevante para o trabalho ela insistiu em afirmar que não poderia contribuir em nada para esse tema, uma vez que o MZ não se encaixava.

Decidimos manter o MZ na nossa investigação, a fim de aprofundar o conhecimento sobre este espaço que mantém uma importante coleção regional de espécimes biológicos.

De forma alguma é nossa intenção excluir ou minimizar as ações do MZ, que tanto contribuem para o conhecimento científico da Biologia, principalmente ao nível regional, porém é nosso intuito alertar para o fato de que a visão museológica que seus dirigentes apresentam é muito particular. Ressaltamos ainda, que no referido documento de 1992, ainda é recomendado que:

- a) os museus universitários caracterizem-se preferencialmente por atividades que **atendam à demanda da Universidade e através dela, à da sociedade como um todo, não excluindo aqueles museus que se dedicam a uma área específica e que são vinculados a departamentos**, pró-reitorias e/ou outras instituições. Aqueles, por terem áreas de interesse mais ampla, atuam de forma suplementar. E estes, de forma complementar (\_\_\_, 1992, p.35).

Este documento trás ainda o resgate dos compromissos assumidos pelo ICOM e pela UNESCO, recomendando que:

- a) o museu seja reconhecido como um dos meios mais eficazes para a socialização do conhecimento produzido na Universidade, através dos meios de comunicação museológicos, tendo como suporte básico suas exposições;
- b) a coleta, o acervo, o registro e a comunicação do museu universitário sejam efetuados respeitando-se as diversidades culturais, ouvidos os diversos segmentos da sociedade na qual a Universidade e Museu estão inseridos;
- c) seja efetuada uma avaliação do posicionamento dos técnicos e pesquisadores que atuam nos museus universitários, levando-os a reconhecer o espaço do museu como propício à ação conjunta e à prática da cidadania (\_\_\_, 1992, p.36).

Sendo assim, os dirigentes do MZ deveriam implantar suas ações educativas, no entanto, se mostram um tanto quanto entristecidos pelo valor dado às exposições e o não reconhecimento por parte do público da importância majoritária que atribuem à pesquisa no museu. Para tanto, talvez fosse necessária uma ação interdisciplinar, que promovesse relações interdepartamentais e/ou institucionais, para que o MZ promovesse ações que atingissem a sociedade.

A falta da presença de profissionais de outras áreas, como especialistas em Museologia, Comunicação e Educação, integrando a equipe do museu não é um fato relatado exclusivamente pelos espaços investigados. Scheiner (1992, p.18) aponta que

este referido problema que ocorre nos museus universitários brasileiros dificulta a renovação de métodos de concepção, apresentação, interpretação e comunicação, nos quais, geralmente, as exposições são realizadas com linguagens acadêmicas e técnicas, de forma pouco “legíveis” pelo público.

A visão apresentada pelos dirigentes do MZ não é tão particular se a compararmos com a generalização feita por Scheiner (1992, p.18) quando responde à pergunta sobre qual seria o público dos museus universitários:

A maioria dos museus universitários admite o público como um mal necessário. Alguns nem se quer estão abertos ao público, sendo preciso, para visitá-los, agendar uma entrevista com os seus responsáveis. Outros dedicam-se apenas ao público universitários, esquecendo-se do imenso potencial que possuem como agências de educação e cultura. As equipes de alguns desses museus ainda resistem em reconhecer seus locais de trabalho como *Museus de Universidade*, julgando inadequadamente que são *Museus para a Universidade* (SCHEINER, 1992, p.18).

A Professora 03 não apresentou um conceito muito definido sobre museu e em determinados momentos afirmou que o tamanho da instituição seria relevante para sua classificação e em outros intensificou que o fato de atender a sociedade e estar constantemente presente na mídia lhes garantia o status.

Acreditamos que nem a visão centrada exclusivamente na pesquisa apresentada pelos dirigentes do MZ, nem a visão centrada exclusivamente na exposição apresentada pela dirigente do MAC, sejam visões recomendadas para um dirigente de museu universitário. Uma visão integrada e que confira ao museu universitário o seu papel de ensino, pesquisa e extensão, nas quais estejam claras suas definições de caracterização, função, objetivos e interdisciplinaridade, seja mais adequada.

Tereza Cristina Scheiner, levanta a questão “*Quais as soluções possíveis para os museus universitários?*” e a resposta em primeiro lugar é “*seus responsáveis devem ter consciência de que Museus são um Serviço Público - e portanto devem dirigir-se permanentemente ao público e não a si mesmos*”. Ainda respondendo esta questão, ela afirma que a sua tarefa mais nobre seria a de interpretar o conhecimento acadêmico para o público em geral, divulgando o resultado de suas pesquisas e ajudando o público

a conhecer e aprender os métodos da ciência as técnicas e processos de investigação e pesquisa. *“Isto tem enorme importância social. Um país como o Brasil precisa de cientistas e de pesquisadores para garantir o seu desenvolvimento”* (SCHEINER, 1992, p.18).

Em contraste com estes discursos, os dirigentes do MAE e do MAFRO apresentaram uma visão mais holística da instituição, deixando clara a consciência do papel que o museu universitário deve desempenhar dentro e fora dos muros da universidade. O Professor 05 chega a afirmar que o público é a “peça” mais importante do museu, se que sem ele, não tem sentido. As ações implementadas/executadas pelos Professores 04 e 05 revelam a tentativa do cumprimento social, mesmo com todas as dificuldades apresentadas.

Ainda em relação às recomendações supracitadas, foi feita a observação de que o quadro de pessoal dos museus deveria ser ampliado através de concursos públicos, para garantir infra-estrutura adequada às atividades do museu. No discurso de todos dirigentes ficou clara a deficiência no quadro de funcionários, mostrando que o problema apontado em 1992 ainda persiste. Sabemos que não cabe aos dirigentes a solução deste problema, mas aqui chamamos a atenção da instituição que os abriga, a UFBA, para que uma política de gestão museológica seja implantada e executada com eficiência, afim de melhor preservar seu patrimônio.



### 4.3 PROGRAMAS EDUCATIVOS DOS MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Na década de setenta as avaliações nos museus referiam-se às exposições, raramente dirigiam-se para a eficácia das técnicas utilizadas na montagem das exposições e pouca atenção era dada ao visitante. Nestes estudos não eram levadas em consideração às características individuais dos visitantes. É na década de oitenta que esta perspectiva muda, o foco de interesse passa a ser o público e as pesquisas passam a recolher dados relativos às experiências do visitante, garantindo a possibilidade de estruturação de programas mais contextualizados (STUDART *et al.*, 2003, p.134-135).

Hoje, estudos de público são realizados buscando informações sobre o perfil do visitante, tais como características sócio-demográficas (sexo, escolaridade, faixa-etária, profissão, etc.), motivações da visita, expectativas, interesses e práticas culturais, entre outros aspectos (STUDART *et al.*, 2003, p.139).

Studart e colaboradores relatam que, segundo diversos autores, as pesquisas de público em museus, que basicamente são divididas em “avaliação” e “investigação”. A primeira diz respeito ao levantamento sistemático de dados e informações sobre atividades e resultados de exposições ou programas públicos. É normalmente utilizada para tomada de decisões em relação à continuidade ou melhoria dos programas museológicos. Já a investigação objetiva a aquisição de novos conhecimentos, contrariar hipóteses e/ou produzir conhecimento que possa ser generalizado, propiciando o estabelecimento de padrões e saber mais sobre a experiência do museu tanto em aspectos do público visitante, quanto institucionais. Mesmo estabelecendo estas diferenças entre os dois processos, muitas vezes é difícil distinguir as duas práticas (STUDART *et al.*, 2003, p.136-137). Nossa pesquisa caracteriza-se mais de acordo com a investigação, embora tenha alguns aspectos da avaliação.

Ainda segundo Studart e colaboradores, pesquisas como a nossa, de caráter acadêmico, que buscam conhecer os visitantes através do perfil, motivações, expectativas e planejamento da visita, contribuem para o entendimento da natureza da

experiência museal, do impacto dos museus na sociedade, entre outras. Os métodos utilizados nestas pesquisas podem ser quantitativos, qualitativos ou os dois combinados, como complementares (STUDART, 2004, p.138). Buscamos justamente este caráter complementar, seguindo a tendência atual da utilização de mais de um método, visando o equilíbrio entre o quantitativo e qualitativo.

Os estudos sistematizados de público no Brasil ainda são poucos. Citam-se como exemplos o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) e o Museu da Vida, ambos no Rio de Janeiro, que realizam pesquisas de público e avaliação das exposições e das ações educativas (STUDART *et al.*, 2003, p.153). Raros são os museus que solicitam algum tipo de informação ao visitante, limitando-se a registrá-lo pelas roletas e livros de assinatura. Assim como em outros países, nos museus brasileiros, a maioria dos estudos dessa natureza começou a se fazer pelo Departamento de Educação, haja vista eles estão em contato constante com o público. Os estudos acadêmicos (principalmente dissertações de mestrado e doutorado) realizados por pesquisadores de ligados diretamente ou não com os museus são os mais completos disponíveis, uma vez que trazem análises além dos dados de perfil (STUDART *et al.*, 2003, p.149).

A pesquisa apresentada por Myrian S. Santos corrobora os dados supracitados de Studart e colaboradores, quando afirma que não sabemos qual o acervo predominante dos museus brasileiros, a natureza jurídica da instituição, tampouco dados sobre público, objetivos traçados e resultados obtidos de grande parte dos museus. Ela complementa dizendo que apesar da tradição da educação patrimonial de alguns museus estarem incorporando novas abordagens interativas com o público, elas ainda são negligenciadas pela maioria dos museus brasileiros. (SANTOS, 2004, p.63).

Responsáveis pelo Serviço de Atividades Educativas de Instituições que se preocupam em divulgar o conhecimento científico produzido por elas através de atividades e programas diversificados, como no Museu de Zoologia da USP, por exemplo, afirmam que conhecer o público visitante é fundamental para a adequação dos programas de divulgação. Para tanto, uma das ferramentas utilizadas é o levantamento do perfil dos visitantes (SANTOS & FRANÇOSO, 2000, p.128).

Bloise chama a atenção para o fato de que em muitos museus ainda não há a preocupação sobre o público que o frequenta. A maioria dos dados se limita quantificar o número de escolas ou o número de estudantes que os visita por dia, mês e/ou ano, através das informações das roletas e livros de registros. Porém, estes meios não conseguem informar dados específicos *“Quando se registra a visita de uma sétima série, por exemplo, não se pode deduzir que a visita foi feita por alunos do sexo feminino de, em média, 13 anos”* (BLOISE, 2006). Segundo ela, estes dados servem para compor relatórios, estatísticas de prefeituras, secretarias e chefias, porém nada, além disso, pode ser feito.

Se o Museu fosse uma instituição que visasse lucro seria diferente, teríamos que *“encontrar um tempo”* e adquirir conhecimentos para analisar o público: assim as salas de cinema sabem que público assistiu a um determinado filme e, em função dos resultados, podem mudar rapidamente sua programação. No mercado do varejo, onde o atendimento personalizado ao cliente é hoje uma questão de sobrevivência, muitas lojas mantêm programas de relacionamento que visam não somente vender mais, mas conhecer o público, para fidelizá-lo... Não deveria o Museu fazer o mesmo? (BOISE, 2006).

Bloise (2006) afirma que deveriam ser coletadas informações de forma integrada entre o conhecimento científico, a observação e a experiência prática, com ferramentas capazes de fornecer dados úteis para o gestor do museu e sua equipe técnica sobre o público. A coleta sistematizada dessas informações deve fazer parte da rotina do Museu, pois com as análises e interpretações obtidas surgirão novos elementos para justificar, planejar e/ou modificar as ações museais. *“Se não há informação a ser fornecida para a equipe do museu, tampouco haverá para convencer um potencial patrocinador interessado em atingir este público”* (BLOISE, 2006).

Em relação às ações nos museus universitários, Santos destaca que eles não só deveriam fornecer a base institucional para divulgar as pesquisas das diversas áreas do conhecimento que se produz nas universidades, como também produzirem conhecimento museológico, com base nos dados de suas realidades (SANTOS, 1993, P.130).

Nas sessões seguintes<sup>50</sup> que apresentam os resultados obtidos com os questionários e as observações feitas durante o acompanhamento dessas visitas aos museus da Universidade Federal da Bahia com programas educativos daremos então a voz a estes atores sociais: estudantes e professores.

Cury faz uma reflexão sobre a “amizade” na relação “público e museu”:

[...] podemos e devemos considerar o museu e o público de museu como duas partes, sendo que uma atua sobre a outra, uma implica na outra e uma intervém sobre a outra. Também que a existência de uma das partes depende da existência da outra: os museus só existem porque existe o seu público e o público de museu só existe porque há museus. Parece óbvio e é. Mas, não é simples e sim complexo porque há de se criar formas de diálogo e de participação por parte do público. Há de se construir formas de interação, aqui entendida como discussão e negociação dos sentidos das mensagens museológicas e da (re) construção dos discursos enunciados, inicialmente, pelos museus e apropriados e (re) elaborados criativamente pelo público-visitante. Como em uma relação de amizade, cada parte (amigo) impõe-se ao mesmo tempo que se abre à e zela pela outra (amigo também) e esse jogo de auto-afirmação, respeito e cuidado com o outro torna a relação equilibrada e alimentada e definida como de amizade (CURY, 2007).

#### 4.3.1 OS ESTUDANTES

Ao todo 215 educandos responderam ao questionário, sendo 52,56% (n=113) visitantes do MAFRO, 41,86% (n=90) do MAE e 5,58% (n=12) do MAC, que cursavam da 2ª série do ensino fundamental ao ensino superior (Tabela 4.2).

Tabela 4.2: Escolaridade dos 215 estudantes entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia.

GRAU DE ESCOLARIDADE DO ENTREVISTADO	Nº	%	
ENSINO FUNDAMENTAL	2ª SÉRIE	22	10,23
	3ª SÉRIE	82	38,14
	4ª SÉRIE	47	21,86
	5ª SÉRIE	02	0,93
	6ª SÉRIE	01	0,47
	8ª SÉRIE	31	14,42
ENSINO MÉDIO	1º ANO	01	0,47
	3º ANO	08	3,71
ENSINO SUPERIOR		20	9,30
IGNORADO/ NÃO OBTIDO		01	0,47
TOTAL	215	100,00	

<sup>50</sup> Seções 4.3.1 à 4.3.3.

A maioria dos estudantes entrevistados (53,49%, n=115) foi do sexo feminino e 38,14% (n=82) do sexo masculino. Muitos ficavam na dúvida sobre o que responder, pois não sabiam o que significava masculino e feminino, e com frequência marcaram errado, como pudemos observar ao receber os questionários, principalmente dos estudantes de 3ª e 4ª séries.

Observamos muita dificuldade dos estudantes em se expressar na forma escrita. Muitos não conseguiam nem ler as questões nem escrever as respostas. Quando líamos em voz alta a pergunta eles respondiam verbalmente, aí então eram incentivados a escrever, mas não conseguiam. Sentávamos com esses estudantes com dificuldade e escrevíamos para eles. Alguns professores também auxiliavam neste processo, após responderem os seus questionários. Esta dificuldade e a escrita deficiente foram observadas em todos os níveis educacionais. Em alguns questionários não foi possível compreender o que estava escrito pelo fato dos textos consistirem em aglomerados de letras, similar a uma língua desconhecida. Em outros, foi possível deduzir o que o estudante quis dizer pelo contexto, ou por identificamos no momento da entrega. Alguns exemplos de respostas que expressaram a dificuldade com a língua:

Um endel (Estudante de 12 anos da 3ª série referia-se a “um índio”).

Os motos (Estudante da 3ª série referia-se a “os mortos”).

Eu vias coisas taudas (Estudante de 11 anos da 3ª série referia-se a “eu vi as coisas todas”).

Os objetos que os endes osava (Estudante de 10 anos da 3ª série referia-se a “os objetos que os índios usavam”).

Sim porqer é muito imteresante (Estudante de 14 anos da 8ª série).

Que a cultura de tanto como indinas e africanas devemos repeita (Estudante da 8ª série).

Mais da metade dos estudantes (56,3%, n=121) afirmou que estava visitando um museu pela primeira vez (Tabela 4.3). Em conversa informal com alguns deles, pode-se constatar que até a mesmo a palavra museu lhes soava estranha. Uma turma que visitou MAE/MAFRO afirmou que os estudantes nem ao menos foram informados sobre a

visita. Ao chegarem na escola se depararam com um ônibus que os levaria para um passeio. A professora desta turma, no entanto, afirmou ter trabalhado previamente os educandos para a visita.

Tabela 4.3: Resposta dos estudantes entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você costuma visitar museus?”.

VISITA MUSEUS	Nº	%
ESTÁ É A PRIMEIRA VEZ	121	56,30
SIM	51	23,72
NÃO VISITA	40	18,60
IGNORADO/NÃO OBTIDO	3	1,40
TOTAL	215	100,00

Aos que disseram que freqüentam museus e citaram pelo menos um dos que freqüentou, o mais citado foi o Museu de Arte Moderna – MAM, no Solar do Unhão. Além deste, foram citados o MAFRO, MAE, MZ, Museu de Arte Sacra (MAS), Museu da Cetrel, Museu da Cidade e Museu dos Governadores. Também foram citados alguns museus estrangeiros por três dos entrevistados do grupo de ensino não-formal da UFBA que visitou o MAC<sup>51</sup>. Ainda fora da cidade de Salvador, foi citado o Museu Wanderlei de Pinho localizado no município de Candeias, por um estudante do ensino superior daquela localidade.

Durante as observações das visitas das turmas pelos museus e através das perguntas “Você leu os textos das paredes e plaquinhas do museu? Quais?”, pode-se notar que, de uma forma geral, os estudantes liam apenas algumas placas com os nomes de alguns objetos. Os textos dos painéis explicativos por serem longos eram apenas vagamente observados. Isto pode ser devido ao fato da visita ser guiada pela monitoria, que não permitiu um tempo livre para que os estudantes circulassem pelo museu para observarem sozinhos e lerem as explicações (Figura 4.35).

<sup>51</sup> Este grupo será descrito em outra seção deste capítulo.

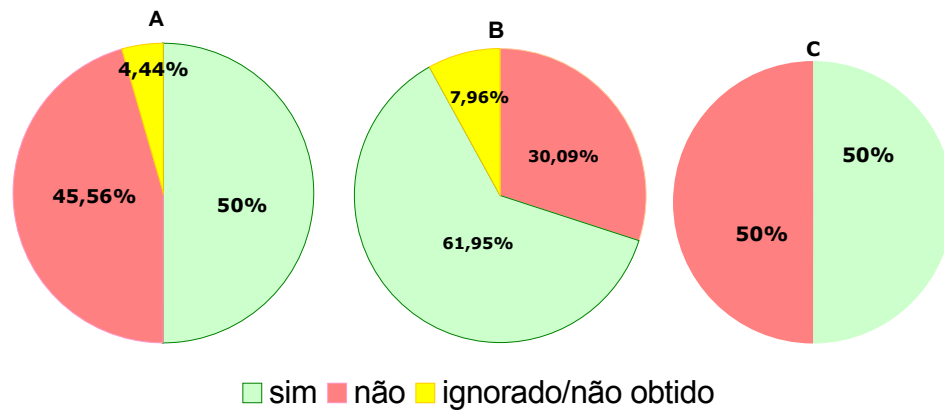


Figura 4.35: Resposta dos estudantes entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você leu os textos das paredes e plaquinhas do museu? Quais?”.

A-Museu de Arqueologia e Etnologia; B-Museu Afro-Brasileiro; C-Museu de Anatomia Comparada.

No decorrer da monitoria é difícil conseguir ler os longos textos, pois os estudantes sempre estavam com a atenção voltada para o monitor ou para o módulo que estava sendo explicado. Com exceção de duas turmas, uma que visitou MAE e MAFRO e outra, o MAC. Na primeira, o professor estava trabalhando o assunto patrimônio histórico e museus, e permitiu que os estudantes permanecessem nos locais por mais de 2 horas, circulando livremente mesmo após a monitoria, e, na segunda, os professores não demonstraram pressa em retornar para a instituição e permitiram que os estudantes ficassem bastante tempo no espaço do museu mesmo após a monitoria.

A maioria dos professores simplesmente largavam os estudantes nas mãos do monitor, como se somente ele fosse responsável pela turma dali em diante. Algumas dessas turmas ficavam completamente dispersas pelos espaços, chegando até mesmo, em um certo momento, que ficou perigoso, pois os educandos começaram a “plantar bananeira” e a fazer “estrelinha”<sup>52</sup> próximos à escada que liga o MAFRO com o MAE. Neste caso, os monitores interromperam a visita e exigiram a presença dos professores, que segundo eles, estavam “passeando no museu”. Os professores se irritaram com a afirmação, e disseram estar acompanhando as atividades de perto, levando o caso ao

<sup>52</sup> Acrobacia onde o sujeito gira o corpo lateralmente plantando as mãos no chão e ficando em pé novamente.



coordenador do museu. A confusão só terminou quando as turmas que estavam sob a orientação de três professoras saíram do local.

Um problema enfrentado pela curiosidade de alguns estudantes eram seus professores, pois quando estavam fazendo muitas perguntas e dispersos admirando o local eram logo ameaçados. Por exemplo, uma turma que estava participando ativamente com perguntas e demonstrando interesse na visita foi chamada a atenção pelo monitor algumas vezes, mas de forma normal, segundo a própria monitora, pois os estudantes estavam em um espaço que não estavam habituados. Sempre que chamava a atenção deles, os mesmos a respeitaram. Porém, a professora da turma não se conformou com a reação dos educandos, chegou a mandar um dos meninos se calar e parar de perguntar. A monitora então disse que era normal, que ele poderia ficar a vontade, mas a professora foi enfática: “Não, esse menino não é normal. Ele tem problemas. Ele pergunta demais. Fique quieto. Fique calmo. Venha pra junto de mim e não saia mais daqui”. Ele não conseguiu ouvir mais o que a monitora disse, pois a professora estava um pouco distante, e afirmou, ao final da visita que não tinha conseguido ver nada. A professora o impediu de continuar falando após estas declarações e ela também ameaçou a turma de uma forma geral “Se a monitora chamar a atenção de vocês mais uma vez, eu vou levar todo mundo pra ficar fritando lá no ônibus no sol, até a outra turma voltar”. A monitora mostrou-se descontente com a atitude da professora, e disse várias vezes que o comportamento agitado dos meninos era normal e que eles poderiam fazer as perguntas que quisessem, porém sua declaração de nada adiantou.

A pergunta “Pra você, o que é museu?”, em geral, causou inquietação nos estudantes, que ficavam alguns minutos com o papel em branco sem saber o que responder. Neste momento, estimulávamos os estudantes a escreverem a primeira idéia que viesse à cabeça quando pensavam na palavra museu. Em conversa informal e na análise dos questionários, observamos que alguns disseram nunca terem ouvido essa palavra como, por exemplo, “Eu nunca ouvir falar nesse nome” (Estudante de 11 anos da 4ª série). Outros escreveram respostas semelhantes como “um lugar onde fazem

exposições de coisas, objetos antigo” (estudante de 28 anos do ensino superior) (Tabela 4.4), resposta já prevista, uma vez que ainda é a idéia que a maioria das pessoas tem sobre este espaço. Pode-se observar que muitos ficaram encantados com a possibilidade de aprender no museu e que lá não era apenas um simples passeio.

Tabela 4.4: Respostas dos estudantes entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Pra você, o que é museu?”.

O QUE É UM MUSEU?	Nº	%
LUGAR COM COISAS VELHAS/ANTIGAS	35	16,28
REFERÊNCIA AO LUGAR VISITADO	32	14,88
LUGAR DE HISTÓRIA	31	14,42
LUGAR DE ARTE	19	8,84
ADJETIVO DE QUALIDADE	17	7,90
LUGAR DE APRENDIZADO	16	7,44
LUGAR ONDE COISAS FICAM GUARDADAS	13	6,05
LUGAR DE CULTURA	11	5,12
*EU ACHEI QUE ERA..	09	4,19
LUGAR IGUAL A MINHA CASA	01	0,47
NUNCA TINHA OUVIDO ESSA PALAVRA	01	0,47
LOCAL QUE REÚNE ACERVOS FRUTOS DE PESQUISA CIENTÍFICA	01	0,47
LOCAL DE ENSINO, PESQUISA E CENTRO CULTURAL	01	0,47
IGNORADO/NÃO OBTIDO	28	13,00
TOTAL	215	100,00

\* Estas respostas se referem às expectativas que os visitantes tinham em relação ao museu.

Respostas que remetiam a algum tipo de referência ao museu visitado foram dadas por 14,88% (n=32) dos estudantes. Talvez porque, como já dito anteriormente, foi a primeira visita a um museu para a maioria dos estudantes, e assim eles não tinham uma opinião formada sobre esse conceito. Como o primeiro museu que conheceram foi o museu em questão, disseram que era um lugar que tinha as coisas que ali viram, como por exemplo:

Onde os índio vivia (Estudante da 3ª série do ensino fundamental).

Museu e onde fica as mascara (Estudante da 3ª série do ensino fundamental, 10 anos).

E um negosso de indio que e importante (Estudante da 4ª série do ensino fundamental, 11 anos).

Um lugar falando sobre a vida do negro (Estudante da 4ª série do ensino fundamental, 10 anos)<sup>53</sup>.

É onde fica toda a história do negro dos índios como eles vivam no passado (Estudante da 8ª série, 16 anos).

Uma coisa, as coisa que acha de baixo da terra que bota no muzeu (Estudante da 4ª série, 11 anos).

O museu conceituado como um local de preservação da história foi a opinião de 14,42% (n=31) dos entrevistados:

Museu e onde guardam historias sobre pessoas que marcara de alguma forma o historia de nossa cidade (Estudante da 8ª série, 15 anos).

É a história em áudio-visual do nosso passado (Estudante do ensino superior, 31 anos).

É um lugar que guarda as memórias históricas de um povo (Estudante do ensino superior, 45 anos).

É um lugar fechado onde contas as historias de várias coisas que aconteceu há muitos anos atrás (Estudante da 8ª série, 14 anos).

O museu entendido como um lugar de arte foi referido por 8,84% (n=19):

É um conjunto de artes, (pinturas, esculturas e etc.) de antepassados onde entra a cultura (15 anos, 8ª série).

Um lugar de artes (Estudante do ensino superior, 26 anos).

Um lugar onde tem muitas obras de arte (Estudante da 8ª série, 13 anos).

Um percentual de 7,90% (n=17), descreveu simplesmente com adjetivos de qualidade:

Otinu (Estudante da 3ª série, 11 anos).

Um casarão com muitas coisas bonitas (Estudante da 3ª série, 9 anos).

Um o loca natabo (Estudante da 4ª série, 11 anos, referindo-se a “um local muito bom”).

---

<sup>53</sup> Apesar de falar dos negros tendo visitado o MAE, o estudante se baseou na parte da explicação do monitor que é referente aos esqueletos de escravos encontrados na Praça da Sé.

É uma coisa muito interessante para mim e para outras pessoas (Estudante da 5ª série, 17 anos).

É uma coisa muito emocionante e muito divertido (Estudante da 8ª série, 14 anos).

Respostas que remetiam a uma idéia de museu por pessoas que ainda não conheciam um foram dadas por 4,19% (n=9) dos entrevistados:

Eu achei que o museu era onde vivia os mortos (Estudante da 3ª série ensino fundamental, 10 anos).

Eu pensei que era um passeio (Estudante da 3ª série do ensino fundamental, 12 anos).

Onde tinha animais (Estudante da 2ª série ensino fundamental, 10 anos).

#### 4.3.1.1 MUSEUS DO TERREIRO DE JESUS

Existe uma única entrada, na portaria principal do MAFRO para a visita aos dois museus: MAFRO e MAE. A marcação da visita das escolas é feita com a secretaria do MAFRO, que agenda no máximo três turmas por turno. Feito um levantamento das visitas realizadas, e não das agendadas, de 2006 até o mês de outubro, constatou-se que a média de turmas por mês é de 46. Sendo assim, a amostragem constituiu 10% dessa média, ou seja, 5 turmas entrevistadas no mês de novembro de 2006. As observações para as visitas aos dois museus foram as mesmas, já que a monitoria seguiu o mesmo estilo.

As turmas acompanhadas nem sempre estiveram em companhia dos professores, uma vez que na entrada elas são divididas em duas, uma que desce para o MAE e a outra permanece no MAFRO; depois trocam de local, para que todos os estudantes tenham oportunidade de conhecer os dois espaços. Por vezes, no MAFRO as turmas eram divididas em duas, já que conta com dois monitores por turno, diminuindo o número de estudantes por monitor, para oportunizar uma maior atenção

e melhor visita ao espaço. Outras turmas estiveram acompanhadas por mais de um professor, e assim, podiam se dividir entre os espaços, garantindo que os estudantes sempre estivessem acompanhados dos seus responsáveis institucionais. Porém, isso não ocorreu em todos os casos, o que gerava certo desconforto por parte dos monitores para conter a turma em determinados casos, como já referido anteriormente. Devido a isso, apenas três professores responderam ao questionário sobre o MAE, sendo que dois deles estavam acompanhando a mesma turma.

Os questionários foram aplicados após a primeira visita de cada grupo. Assim, por exemplo, aqueles que visitaram primeiramente o MAFRO constituíram o grupo analisado para este espaço. Alguns monitores se queixavam que com o preenchimento do questionário a visita do segundo grupo ficava mais corrida, porém a visita analisada permanecia no tempo normal.

#### 4.3.1.1.1 MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA – MAE

Ao todo foram respondidos 90 questionários por estudantes de cinco turmas da 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do ensino fundamental e do ensino superior. Entre os participantes da pesquisa 53,33% (n=48) eram da rede municipal de ensino, 34,45% (n=31) da rede estadual do ensino médio e 12,22% (n=11) da rede particular de ensino superior.

O público amostrado foi predominante jovem, pois, 85,56% (n=77) tinham entre 8 e 18 anos. A maioria foi do sexo feminino (61% n=55) e do ensino fundamental (88,88%, n=80) (Tabelas 4.5 e 4.6).

Tabela 4.5: Idade dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

IDADE DO ENTREVISTADO	Nº	%
08 A 12 ANOS	41	45,56
13 A 18 ANOS	36	40,00
19 A 29 ANOS	5	5,56
MAIS DO QUE 30 ANOS	4	4,44
IGNORADO/ NÃO OBTIDO	4	4,44
TOTAL	90	100,00

Tabela 4.6: Escolaridade dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

ESCOLARIDADE DO ENTREVISTADO		Nº	%
ENSINO FUNDAMENTAL	3ª SÉRIE	21	23,33
	4ª SÉRIE	28	31,11
	8ª SÉRIE	31	34,45
ENSINO SUPERIOR		10	11,11
TOTAL		90	100,00

Quando questionados sobre já ter visitado o MAE anteriormente, 92,22% (n=83) dos estudantes afirmaram ser a primeira vez; dos 6,68% (n=6) que já haviam visitado, o fizeram de 1 a 3 vezes, com a escola (66,7%, n=4) ou com os pais, em 2006 ou antes de 2002.

Em relação à infra-estrutura 91,11% (n=82) dos entrevistados a considerou positiva (Figura 4.36), embora 3,33% (n=3) tenha achado o ambiente quente, pois foi observado que o museu não tem sistema de ventilação eficiente. Por estar localizado no subsolo e sem muitas janelas, durante o dia o ambiente fica bastante quente, por isso muitos estudantes e professores reclamaram do calor, e recorriam ao bebedouro ao fim da primeira monitoria. Recentemente, foi colocado um “exaustor” junto à instalação de arte rupestre que emite muito ruído, mas é mantido desligado pelo monitor durante a maioria das visitas, para que seja possível aos estudantes escutarem melhor a sua explicação. Alguns comentários ilustram isso:

Estava quente (Estudante da 3ª série, 9 anos).

Ótimas, mais falta à ventilação (Estudante do ensino superior, 31 anos).

Interessantes, mas é muito quente (Estudante do ensino superior, 28 anos).

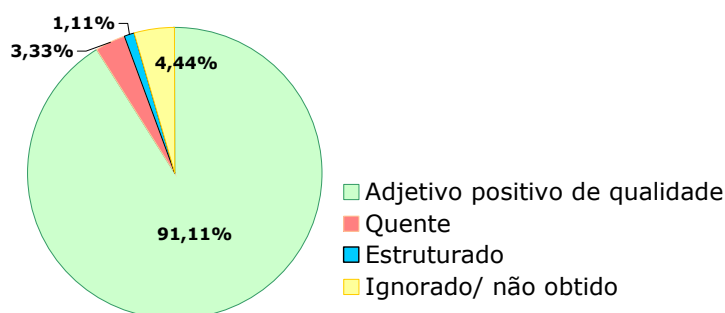


Figura 4.36: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, para a pergunta “O que você achou das salas do museu?”.

As descrições com adjetivos de qualidade se referiam a:

Eu achei muito legal (Estudante da 3ª série, 9 anos).

Ótima bonita eu menterecei dimas eu adorei (Estudante da 3ª série, 11 anos querendo dizer “ótima, bonita, eu me interessei demais, eu adorei”).

Muito boa e muito linda (Estudante da 4ª série, 12 anos).

Espetaculares (Estudante do ensino superior, 45 anos).

Ótimas, bastante convidativa para os olhos (Estudante do ensino superior, 33 anos).

Em relação aos objetos expostos, o que mais chamou a atenção dos estudantes foram as grandes máscaras indígenas (34,44%, n=31) logo no começo da visita, seguidas das panelas zoomorfas (11,11%, n=13) e das urnas funerárias (10%, n=10) (Figura 4.37 e Tabela 4.7). Os objetos do acervo foram o que mais atraiu os visitantes (40%, n=36) e em segundo lugar a história relatada no museu (25,56%, n=23) (Tabela 4.8).



Fotos de Roberta Smania Marques.

Figura 4.37: Máscaras indígenas, panela zoomorfa e urna funerária do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.



Tabela 4.7: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual o objeto em exposição no museu que você mais gostou?”.

OBJETO QUE MAIS GOSTOU	Nº	%
MÁSCARA INDÍGENA	31	34,44
PANELAS	10	11,11
URNAS FUNERÁRIAS	09	10,00
OBJETOS INDÍGENAS	08	8,89
VESTIMENTAS INDÍGENAS	07	7,78
ARTEFATOS LÍTICOS	02	2,22
INSTRUMENTOS MÚSICAIS INDÍGENAS	02	2,22
MAQUETE INDÍGENA	02	2,22
PINTURAS RUPESTRES	02	2,22
NENHUM	01	1,11
CACHIMBOS	01	1,11
BOLSAS INDÍGENAS	01	1,11
COLARES INDÍGENAS	01	1,11
IGNORADO / NÃO OBTIDO	13	14,44
TOTAL	90	100,00

Tabela 4.8: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Do que você mais gostou na visita?”.

MAIS GOSTOU NA VISITA	Nº	%
OBJETOS	36	40,00
HISTÓRIA	23	25,56
SALAS	10	11,11
FOTOS	07	7,78
TEXTOS	01	1,11
TUDO	01	1,11
IGNORADO/NÃO OBTIDO	12	13,33
TOTAL	90	100,00

Quando questionados sobre o que esperavam e não viram 41,11% (n=37) disse não sentir falta de nada. Dos 43,33% (n=39) que sentiram falta de algo, a principal resposta foi de ver ossadas humanas ou fósseis (14,44%, n= 13) (Tabela 4.9).

Ossada humanos (31 anos, ensino superior).

Fósseis de animais ou ossada humana (45 anos, ensino superior).

Os esqueletos (10 anos, 4ª série).

Ossos de dinossauro (13 anos, 4ª série).



Tabela 4.9: Categorização sobre as respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “O que você esperava ver neste museu, mas que não viu?”.

O QUE ESPERAVA OU FALTOU NO MUSEU	Nº	%
NADA	37	41,11
OSSADA HUMANA / FÓSSEIS	13	14,44
A PRESENÇA DE UM ÍNDIO DE VERDADE	05	5,56
CULTURA AFRO	03	3,33
FILME	02	2,22
UMA APRESENTAÇÃO	02	2,22
ESTÁTUA DE ÍNDIO	02	2,22
ANIMAIS	02	2,22
CULTURA DOS POVOS BRANCOS	01	1,11
JESUÍTAS	01	1,11
INFORMAÇÕES DE SALVADOR	01	1,11
INSTRUMENTOS E ARMAS	01	1,11
SENZALA	01	1,11
COLEÇÃO DE CHAPÉU	01	1,11
MAIS FOTOS	01	1,11
FLECHA	01	1,11
MORTOS	01	1,11
MÚSICA	01	1,11
IGNORADO / NÃO OBTIDO	14	15,56
TOTAL	90	100,00

A maioria dos entrevistados (55,56%, n=50) respondeu que não mudaria nada, nem na exposição, nem na monitoria. Dos que responderam que mudariam, as sugestões foram “interatividade” e “muita coisa” com 4,45% (n=4) das respostas cada uma. Em relação à monitoria as sugestões foram quanto ao baixo volume de voz do monitor que acompanha as visitas no MAE pela manhã e ao tempo da visita (Tabela 4.10).

Usa as mascara (Estudante da 4ª série, 12 anos).

Que eles pegassem nas coisas, ou seja, nos objetos (Estudante da 8ª série, 16 anos).

Que ele explicasse mais coisas (Estudante da 3ª série, 9 anos).

Que falasse mais alto (Estudante da 3ª série, 10 anos).

Ele explicou legal, nosso tempo que foi curto (Estudante do ensino superior, 33 anos).

Sintetizava mais parada tempo para apreciar todas as repartições do museu (Estudante do ensino superior, 38 anos).

Tabela 4.10: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Se você pudesse, o que você mudaria na exposição e na explicação do monitor?”.

O QUE MUDARIA	Nº	%
NADA	50	55,56
INTERATIVIDADE	04	4,45
MUITA COISA	04	4,45
O MACACO	03	3,33
QUANTIDADE DE OBJETOS EXPOSTOS	03	3,33
NÃO SABE	02	2,22
VOLUME DE VOZ DO MONITOR	02	2,22
VESTIMENTA INDÍGENA	01	1,11
ESTRUTURA FÍSICA	01	1,11
VENTILAÇÃO	01	1,11
DISPOSIÇÃO	01	1,11
TEMPO DE EXPLICAÇÃO	01	1,11
LOCALIZAÇÃO DO MUSEU	01	1,11
AS URNAS FUNERÁRIAS	01	1,11
QUANTIDADE DE INFORMAÇÃO	01	1,11
IGNORADO / NÃO OBIDO	14	15,56
TOTAL	90	100,00

Entre os estudantes 85,6% (n=77) afirmou ter se sentido motivado a conhecer outros museus depois da visita ao MAE. Em geral, as justificativas apresentadas para a resposta positiva para a pergunta “A visita a este museu despertou a vontade de conhecer outros museus?” foi sobre como o museu é um lugar interessante, que passa conhecimento sobre a história e que oportuniza ver coisas antigas:

Porque no museu tem muitas coisas importantes (Estudante de 9 anos, 3ª série).

Porque eu gostei muito (Estudante de 10 anos, 3ª série).

Porque é muito interessante (Estudante de 8 anos, 3ª série).

Porque eu gostei na primeira vez (Estudante de 10 anos, 3ª série).

Eu acho interessante o conhecimento da nossa história (Estudante de 45 anos, ensino superior).

Se conhece o desconhecido (Estudante de 33 anos, ensino superior).

Concerteza foi uma experiência única e interessante (Estudante de 28 anos, ensino superior).

Para conhecer mais os meus antepassados (Estudante de 10 anos, 4ª série).

Porque é muito interessante que a gente ver coisas antiga (Estudante de 11 anos, 4ª série).

Porque eu achei divertido (Estudante de 10 anos, 4ª série).

Para conhecer mais a cidade do Salvador (Estudante de 16 anos, 4ª série).

Tem muitas coisas que não vi nece (Estudante de 4ª série).

Porque fico culta (Estudante de 15 anos, 8ª série).

Despertou muitas curiosidade de conhecer a vida do povo indígena (Estudante de 15 anos, 8ª série).

Fico sabendo que significado tem as esculturas (Estudante de 16 anos, 8ª série).

Entre a minoria que não se sentiu motivada a conhecer outros museus 50% (n=6) justificaram, por exemplo, que não queriam visitar outros, pois tinha gostado daquele, outras justificativas realmente condiziam com o fato da visita não ter agradado.

Porque este museus e melho do que os outro (Estudante de 9 anos da 3ª série do ensino fundamental, querendo dizer “Porque este museu é melhor do que os outros”).

Eu na queria conçer porque agum figuras não mi a gra dou (Estudante de 11 anos, 4ª série, querendo dizer “eu não queria conhecer porque algumas figuras não me agradaram”).

Não gosto (Estudante de 11 anos, 4ª série).

Porque não curto museu, pra mim é perca de tempo (Estudante de 14 anos, 8ª série).

Em relação à pergunta sobre qual mensagem o museu transmitiu para os educandos que o visitaram 75,56% (n=68) respondeu sobre suas impressões, enquanto 21,11% (n=19) deixou em branco e 3,33% (n=3) expressaram não saber o que responder. Em geral, não conseguiram entender a pergunta, mesmo quando esclarecidos, ou não conseguiam chegar a uma conclusão sobre o que tinham concebido, chegando a relatar da seguinte forma “eu não ceír” (estudante da 3ª série do ensino fundamental, com 11 anos querendo dizer “eu não sei”).

Dos que responderam com suas impressões (75,57%, n=68) a maioria (21,11%, n=19) escreveu sobre mensagens que remetiam à valorização e preservação da nossa história (Tabela 4.11), como por exemplo:

Que devemos valorizar a nossa história e preservá-la (Estudante do ensino superior, 45 anos)

Uma lição e uma lembrança dos povos antigo (Estudante do ensino superior, 21 anos)

Devemos valorizar todos os aspectos antigos, pois todos revelam um pouco da nossa história (Estudante do ensino superior, 19 anos).

Que museu não sem graça quanto eu achava (Estudante de 14 anos da 8ª série).

Tabela 4.11: Categorização sobre as respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual a mensagem que o museu passou pra você?”.

MENSAGEM	Nº	%
VALORIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA NOSSA HISTÓRIA	19	21,11
SOBRE CULTURA INDÍGENA	8	8,89
SOBRE CULTURA AFRO	5	5,56
SOBRE OS POVOS	5	5,56
HISTÓRIA	4	4,44
ARTE	4	4,44
ADJETIVOS SOBRE A VISITA	3	3,33
NÃO SOUBE O QUE RESPONDER	3	3,33
NENHUMA	3	3,33
ESTUDAR/PESQUISAR MAIS SOBRE O ASSUNTO	2	2,22
COMPARAÇÃO ENTRE VIDA CONTEMPORÂNEA E ANTIGA	2	2,22
ESPAÇO COM OBJETOS	2	2,22
DESPERTAR INTERESSE PELOS MUSEUS	2	2,22
SOBRE A RELIGIÃO	1	1,11
SOBRE A IMPORTANCIA DA ARQUEOLOGIA	1	1,11
SOBRE A IGREJA DA SÉ	1	1,11
OUTRAS	6	6,67
IGNORADO NÃO OBTIDO	19	21,11
TOTAL	90	100

#### 4.3.1.1.2 MUSEU AFRO-BRASILEIRO - MAFRO

No MAFRO, ao todo, foram respondidos, pelas cinco turmas da 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries<sup>54</sup> do ensino fundamental e ensino superior, 113 questionários (Tabela 4.12). Noventa por cento dos participantes estudavam na rede municipal de ensino (n=102) e 10% (n=11) na rede particular de ensino superior. Estes dados podem explicar porque o público estudado foi tão jovem, com idade entre 7 e 12 anos (84,96%, n=96), mais jovem inclusive que o público do MAE. No entanto, a distribuição da amostra entre o sexo feminino e masculino foi eqüitativa (Tabelas 4.13 e 4.14).

Tabela 4.12: Escolaridade dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.

SÉRIE	Nº	%
ENSINO FUNDAMENTAL	2ª SÉRIE	22 19,50
	3ª SÉRIE	61 53,98
	4ª SÉRIE	19 16,80
	5ª SÉRIE	01 0,88
	6ª SÉRIE	01 0,88
SUPERIOR	09	7,96
TOTAL	113	100,00

Tabela 4.13: Idade dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.

IDADE	Nº	%
7 A 12 ANOS	96	84,96
13 A 18 ANOS	08	7,08
19 A 30 ANOS	04	3,54
MAIS DO QUE 30 ANOS	04	3,54
IGNORADO/NÃO OBTIDO	01	0,88
TOTAL	113	100,00

Tabela 4.14: Sexo dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.

SEXO	Nº	%
MASCULINO	48	42,48
FEMININO	54	47,79
IGNORADO/NÃO OBTIDO	11	9,73
TOTAL	113	100,00

<sup>54</sup> Apenas um estudante da quinta e um da sexta série, que estavam acompanhando a visita junto com a turma de ensino superior.

Quando os estudantes foram questionados se já conheciam o MAFRO, a maioria (83,19%, n=94) disse que não. Entre os 14,16% (n=16) dos que afirmaram já terem visitado o museu anteriormente 81,25% (n=13), a maioria a fizeram entre uma e três vezes, entre 2001 e 2006 (62,5%, n=10), acompanhados da escola ou de parentes (68,75%, n=11). Um estudante relatou ter ido sozinho.

Uma questão curiosa foi acerca do interesse despertado em conhecer outros museus após a visita (Figura 4.38). Em conversa informal com muitos estudantes, foi possível perceber a felicidade deles por estarem conhecendo um lugar bonito e diferente do que estão acostumados a ver. Outros não tiveram a mesma reação, disseram não terem gostado da visita e que não tinham nada de novo para contar quando chegasse em casa. Dos que se sentiram tocados pela visita, muitos disseram que o museu é interessante e outros afirmaram não querer conhecer outros museus por terem gostado daquele. No começo foi difícil compreender o que eles estavam querendo dizer com aquilo, depois compreendi que a visita aquele espaço foi tão boa que já era o suficiente, não queriam conhecer outros museus, aquele já bastava e o mesmo aconteceu com alguns estudantes que visitaram o MAE. Algumas respostas para a pergunta “A visita a este museu despertou a vontade de conhecer outros museus? Por que?”, explicitam isso:

Eugostu desimuzeu (Estudante de 12 anos, 3ª série, querendo dizer “eu gosto desse museu”).

Porque esse museu é o único que tem urubas (Estudante de 8 anos, 3ª série ensino fundamental querendo dizer “porque esse museu é o único que tem iorubás”).

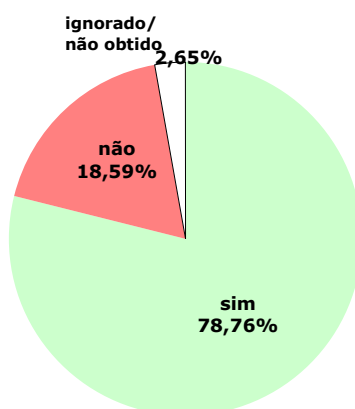


Figura 4.38: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “A visita a este museu despertou a vontade de conhecer outros museus?”.

Em geral, a maioria dos estudantes (74,34%, n=84) se referiu ao espaço do museu com adjetivos de qualidade (Tabela 4.15). A principal queixa foi o calor (1,77%, n=2), percentual pequeno em relação ao MAE, principalmente porque o MAFRO conta com grandes janelas e na sala de Carybé com ventiladores. Estas janelas são fechadas, as vezes pelo agente da portaria, deixando o ambiente quente.

Interessante, grande, quente (Estudante da 3ª série, 9 anos).

Eu achei grande e muito bonita (Estudante da 3ª série, 11 anos)

Muito interessante (Estudante da 3ª série, 10 anos).

Grandes, bonitas e frio (Estudante da 4ª série, 11 anos).

Bastante amplas e ventiladas (Estudante do ensino superior, 38 anos).

Muito bonita e arrumadas (Estudante da 2ª série, 10 anos).

Tabela 4.15: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta "O que você achou das salas do museu?".

O QUE ACHOU DAS SALAS	Nº	%
ADJETIVO POSITIVO DE QUALIDADE	84	74,34
GRANDE	07	6,19
ESTRUTURADO	05	4,42
QUENTE	02	1,77
QUE GUARDA MUITA COISA	01	0,88
IMAGEM NEGATIVA	01	0,88
FRIO	01	0,88
CONSERVADA E AREJADA	01	0,88
IGNORADO/ NÃO OBTIDO	11	9,73
TOTAL	113	100,00

Em relação aos objetos da exposição, 23,89% (n=27) dos estudantes disseram ter gostado mais dos painéis de Carybé, seguido das bonecas de madeira que simbolizam a fertilidade, que chamaram à atenção de 11,50% (n=13) dos entrevistados. Vários estudantes comentavam impressionados sobre a história dessas bonecas, que foi relatada pelo monitor logo no início da visita. Ogum e sua espada de ferro despertaram o interesse de 10,62% (n=12) dos estudantes (Tabela 4.16 e Figuras 4.39 e 4.40).

Tabela 4.16: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual o objeto em exposição no museu que você mais gostou?”.

OBJETO QUE MAIS GOSTOU	Nº	%
PAINÉIS DE CARYBÉ	27	23,89
BONECAS DA FERTILIDADE	13	11,50
OGUM	12	10,62
MÁSCARAS AFRICANAS	05	4,42
ESCULTURAS DE FERRO	04	3,54
ARTESANATO AFRICANO	04	3,54
EXÚ	04	3,54
ROUPA DO CABOCLO	04	3,54
FOTOGRAFIAS	03	2,65
NENHUM	03	2,65
OXUM	02	1,77
NANÃ	02	1,77
TODOS OS OBJETOS AFRO	02	1,77
PAINÉIS EXPLICATIVOS	02	0,88
ORIXÁS EM MINIATURA	02	0,88
OXUMARÉ	02	0,88
IGNORADO / NÃO OBTIDO	25	22,12
TOTAL	113	100,00

Foto: Roberta Smania Marques



Figura 4.39: Espada de Ogum e detalhe da extremidade superior. Seção metalurgia do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.

Foto: Roberta Smania Marques.



Figura 4.40: Bonecas da fertilidade utilizadas amarradas ao corpo das mulheres africanas com dificuldades para ter filhos. Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia.



No MAFRO o que mais agradou aos estudantes foi o acervo (32,74%, n=37) e a história relatada pelo monitor durante a visita (14,16%, n=16) (Tabela 4.17). Se pudessem alterar alguma coisa no museu ou na monitoria 67,3% (n=76) disseram que não alterariam nada. Dos que opinaram por mudanças 4,42% (n=5) gostariam de mais tempo de explicação no museu e 3,54% (n=4) gostaria de alterações nas disposições dos objetos (Tabela 4.18).

Tabela 4.17: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Do que você mais gostou na visita?”.

GOSTOU MAIS	Nº	%
OBJETOS	37	32,74
HISTÓRIA	16	14,16
FOTOS	12	10,62
TUDO	07	6,20
SALAS	07	6,20
IGNORADO/NÃO OBTIDO	34	30,08
TOTAL	113	100,00

Tabela 4.18: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Se você pudesse, o que você mudaria na exposição e na explicação do monitor?”.

MUDARIA	Nº	%
NADA	76	67,30
TEMPO DE EXPLICAÇÃO	05	4,42
DISPOSIÇÃO DA EXPOSIÇÃO	04	3,54
REMOÇÃO DO EXÚ	02	1,77
QUADROS	02	1,77
MUDANÇA NA ESTRUTURA FÍSICA	02	1,77
MUITA COISA	01	0,88
NÃO SABE	01	0,88
QUANTIDADE DE OBJETOS EXPOSTOS	01	0,88
COLOCARIA FLORES NO LOCAL	01	0,88
REMOÇÃO DE DETERMINADOS ORIXÁS	01	0,88
REMOÇÃO DO CANDOMBLÉ	01	0,88
ILUMINAÇÃO	01	0,88
APRESENTAÇÃO	01	0,88
IGNORADO / NÃO OBTIDO	14	12,39
TOTAL	113	100,00

Em relação às expectativas dos estudantes sobre o museu, 54,9% (n=62) disse que não faltou nada que era esperado. No entanto, alguns se decepcionaram por não encontrarem animais no museu (6,19%, n= 7) e ficaram desapontados por não ser o museu que tinham em suas mentes. Em conversa informal, outros afirmaram pensar que o museu seria uma espécie de teatro, mas apenas 0,88% (n=1) manifestaram por escrito e que sentiram falta de uma apresentação (Tabela 4.19).

Tabela 4.19: Categorização sobre as respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “O que você esperava ver neste museu, mas que não viu?”.

ESPERAVA/FALTOU	Nº	%
NADA	62	54,90
ANIMAIS	07	6,19
PRESENÇA DE AFRICANO DE VERDADE	04	3,55
PRESENÇA DE ÍNDIO DE VERDADE	03	2,65
OSSADA HUMANA / FÓSSEIS	03	2,65
BAIANA	03	2,65
FILME	02	1,78
QUANTIDADE DE OBJETOS	02	1,78
UMA APRESENTAÇÃO	01	0,88
VER MANIFESTAÇÕES DE CANDOMBLÉ	01	0,88
MAIS FOTOS	01	0,88
O PEIXE DE YEMANJÁ	01	0,88
ILUMINAÇÃO	01	0,88
INFORMAÇÕES HISTÓRICAS	01	0,88
OUTRAS CULTURAS DO POVO BAIANO	01	0,88
ZUMBI	01	0,88
QUILOMBOS	01	0,88
FANTASIAS	01	0,88
IGNORADO / NÃO OBTIDO	17	15,05
TOTAL	113	100,00

Embora outros percentuais estejam com a mesma proporção ou ainda maiores, destacaremos a seguir os que apresentam maior justificativa de acordo com os dados qualitativos.

Assim como no MAE, os visitantes queriam a presença de um índio de verdade e no MAFRO desejaram ver africanos ao vivo (3,55%, n=4). A resposta que mais chamou a atenção foi a de uma menina negra de 13 anos que cursava a 3ª série do ensino fundamental, que disse:

Índio e negro, porque eu nunca vi negro (13 anos, 3ª série do ensino fundamental).

Eu então a questioneei sobre como ela se via e aos colegas e a entrevistada não soube o que responder. Na sua turma, muitos dos estudantes também eram negros, inclusive o monitor que acompanhou a visita.

A explicação para o sentimento de falta de ver o índio de verdade (2,65%, n=3), deve-se ao caboclo, pois sua vestimenta em tamanho real é exibida no módulo de cultura afro-brasileira do museu.

Poucos estudantes (n=2) relataram que sentiram falta no museu do assunto que estava sendo abordado em sala de aula (Zumbi e quilombos, 0,88%, n= 1, cada um).

A falta das fantasias foi relatada por visitantes que já conheciam o museu, e que tiveram a oportunidade de conhecê-las, principalmente as fantasias carnavalescas de blocos-afros e roupas de pais e mães-de-santo. Esta instalação não está mais presente, segundo o diretor, porque estava sendo feita de forma inadequada.

(...) resolvemos que não iríamos manter mesmo a exposição dessa parte do acervo porque estava sendo prejudicial, que é o acervo de têxteis de roupas, que era exposto de uma forma como tecnicamente não deve ser, e nós então retiramos com a proposta de voltar e agora falta de espaço físico. Nós não temos espaço físico o suficiente para expor essa coleção do jeito que ela deve ser exposta. Que na verdade, no lugar de ser exposta dentro de uma vitrine como sanduíche de cinco centímetros, ela deve ser exposta em grandes vitrines, (não temos grandes vitrines), montadas em manequins e tudo mais o que ocupa muito espaço, mas enfim, é um acervo bastante significativo porque o museu conseguiu reunir peças doadas pela própria comunidade, ou seja, nós temos uma coleção de roupas de mães e pais-de-santos, doadas pelos próprios, ou pelos próprios ou pelos seus descendentes (Professor 05).

Finalmente, quando questionados sobre qual a mensagem que o museu passou para os visitantes 28,32% (n=32) fizeram afirmações sobre a cultura afro (Tabela 4.20).

A mensagem do povo africano (12 anos, 3ª série ensino fundamental).

Que a África tem muito a ver com o Brasil (10 anos, 3ª série ensino fundamental).

Que os negros eram felizes. 12 anos (4ª série ensino fundamental).

Que os negros são importantes (10 anos, 4ª série ensino fundamental).

Que o Brasil é africano e muito bom (8 anos, 4ª série ensino fundamental).

A história do Brasil africano (8 anos, 3ª série ensino fundamental).

Que nossos antepassados eram escravos (8 anos, 4ª série ensino fundamental).

Estudantes que representaram 15,93% (n= 18) escreveram referências ao material religioso:

Que os homens do candomblé comia os animais (9 anos, 3ª série ensino fundamental).

Que exu não era do diabo (8 anos, 3ª série ensino fundamental).

Conheci os orixás (10 anos, 2ª série ensino fundamental).

Que os orixás são importante (9 anos, 3ª série ensino fundamental).

Tabela 4.20: Categorização sobre as respostas dos estudantes entrevistados no Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual a mensagem que o museu passou pra você?”.

MENSAGEM	N	%
SOBRE CULTURA AFRO	32	28,32
SOBRE A RELIGIÃO	18	15,93
NENHUMA	9	7,96
VALORIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA NOSSA HISTÓRIA	8	7,08
SOBRE COISAS QUE NÃO CONHECIA	7	6,19
ESTUDAR/PESQUISAR MAIS SOBRE O ASSUNTO	6	5,31
ADJETIVOS SOBRE A VISITA	4	3,54
HISTÓRIA	2	1,77
SOBRE OS POVOS	1	0,88
OUTRAS	9	7,96
IGNORADO NÃO OBTIDO	17	15,04
TOTAL	113	100,00

#### 4.3.1.2 MUSEU DA ESCOLA DE VETERINÁRIA: MUSEU DE ANATOMIA COMPARADA

##### – MAC

A turma que participou da visita ao MAC não era de estudantes da rede formal de ensino. Eles faziam parte de um Centro de Ciências coordenado por uma professora da própria Universidade Federal da Bahia, onde os educandos têm a oportunidade de conhecer mais sobre suas áreas de interesse e desenvolver trabalhos de pesquisa relativos à profissão que pretendem seguir. O centro funciona há cerca de dois anos e tem estudantes desde o ensino fundamental a estudantes que já ingressaram no ensino

superior e que continuaram com o grupo. Alguns destes estudantes possuem bolsa de iniciação científica júnior, sendo orientados por professores da universidade do Instituto de Biologia, Física, Química e da Faculdade de Comunicação.

Como um dos objetivos é a divulgação e alfabetização científica, os orientadores procuram levar os educandos para atividades como a de visita a museus para que possam ampliar e aprimorar seus conhecimentos. Já visitaram anteriormente com o grupo outros museus como o Museu da Cetrel, MAFRO e MAE, por exemplo. Em conversa informal com uma das orientadoras do projeto algumas semanas após a visita, ela revelou que um dos educandos havia escolhido trabalhar a temática da veterinária após a visita ao MAC que foi acompanhada nessa pesquisa.

Esta política de visita a este tipo de espaço pelo grupo é refletida na resposta à pergunta “Você costuma visitar museus?”. Enquanto nas turmas de ensino formal que visitaram os outros dois museus o índice de visitas pela primeira vez foi de 61,06% (n=69) no MAFRO e 56,67% (n=51) no MAE, no MAC foi de apenas 8,33% (n=1), cuja resposta foi de uma estudante que não participa das atividades do centro, mas que naquele dia estava acompanhando o grupo. Esta estudante inclusive não identificou no questionário sua idade e série.

Dos 12 estudantes, 50% era do sexo masculino e 50% do sexo feminino, a maioria tinha entre 11 e 18 anos (Tabela 4.21) e cursava o 3º ano do ensino médio (66,68%, n=8) (Tabela 4.22).

Tabela 4.21: Escolaridade dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia.

ESCOLARIDADE		Nº	%
ENSINO FUNDAMENTAL	5ª série	01	8,33
ENSINO MÉDIO	1º ano	01	8,33
	3º ano	08	66,68
ENSINO SUPERIOR		01	8,33
IGNORADO/ NÃO OBTIDO		01	8,33
TOTAL		12	100,00

Tabela 4.22: Idade dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia.

IDADE	Nº	%
8 A 12	01	8,33
13 A 18	10	83,34
IGNORADO/NÃO OBTIDO	01	8,33
TOTAL	12	100,00

A visita ao MAC consistiu em passar pela sala única do museu com um monitor que explicou sobre as peças dos animais empalhados e esqueletos e uma caminhada pela trilha na mata até um espaço onde os estudantes recebem informações de um estudante de Biologia sobre a vegetação local (Mata Atlântica) e sobre serpentes, a fim de desmistificar a visão que normalmente se tem de vilã da natureza. Na visita acompanhada, os estudantes tiveram apenas a segunda parte das informações, pois foi feita por um biólogo convidado de outra instituição, uma vez que os estudantes que normalmente fazem as monitorias da mata são estudantes do Instituto de Biologia/UFBA, que estavam em época de férias no momento e que cursam a disciplina Atividade Curricular em Comunidade (ACC), oferecida pela professora/diretora do museu. A diretora informou ainda que algumas turmas também são levadas ao biotério e ao ranário (desativado atualmente), onde conhecem cobaias usadas em experimentos da própria Escola de Veterinária e outras unidades da Universidade.

A turma analisada no MAC foi atípica em relação ao tempo da visita, pois os professores não demonstraram pressa para terminar e os estudantes tiveram tempo para olhar o que desejassem. Neste museu não existem painéis informativos, e poucas placas dos objetos fornecem outras informações além do nome do animal empalhado, formolizado ou do esqueleto. Provavelmente esta é uma das razões que contribuiu para que tenham sido feitas observações dos dois professores que acompanhavam o grupo, em relação à deficiência de informações sobre os animais, como grupo a que pertencem, onde vivem, do que se alimentam etc.

Quando questionados se já tinham visitado o MAC 91,67% (n=11) afirmou que não e 8,33% (n=1) relatou que visitou em 2006 durante III Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

A maioria dos entrevistados 91,67% (n=11) se sentiu motivada a conhecer outros museus depois desta visita pelas seguintes razões:

Pois são locais que exprimem toda a importância científica (Estudante de 16 anos, 3º ano do ensino médio).

Desperta a vontade de procurar em outro museu algo que tenha contribuído com a história da humanidade e trazido conseqüências para os dias atuais (Estudante de 15 anos, 3º ano do ensino médio).

Despertou a curiosidade a respeito de outros assuntos (Estudante de 18 anos, ensino superior).

Porque cada museu visitado acrescenta informações na bagagem de cada um (Estudante de 17 anos, 3º ano do ensino médio).

Quem visitou pela primeira vez o museu se motivou e justificou dizendo que:

Pois foi uma experiência nova que gostei muito. (Estudante que não identificou idade e série).

Quem não se sentiu motivado justificou falando:

Porque eu achei meio sujo (Estudante de 15 anos, 1º ano do ensino médio).

Em relação à sala do museu, em geral, os estudantes acharam pequena e quente (33,33%, n=4, cada uma) (Tabela 4.23). Na observação do espaço foi possível notar a ausência de janelas amplas e abertas e sistemas de refrigeração. Existe apenas uma pequena abertura na parede que seria o espaço para um aparelho de ar-condicionado, pois ao lado tem as devidas instalações. Esta abertura não permite boa iluminação, nem boa ventilação. A monitora inclusive comentou que esta falta de ventilação, promovendo o calor em excesso, prejudica as peças do museu. A diretora afirma que pretende resolver o problema com verbas que serão conseguidas e destinadas à implantação de um sistema de ar-condicionado.

Tabela 4.23: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “O que você achou das salas do museu?”.

O QUE ACHOU DAS SALAS	Nº	%
PEQUENO	04	33,34
QUENTE	04	33,34
ADJETIVO NEGATIVO DE QUALIDADE	01	8,33
PEQUENO E SEM INTERAÇÃO	01	8,33
ADJETIVO POSITIVO DE QUALIDADE	01	8,33
IGNORADO/NÃO OBTIDO	01	8,33
TOTAL	12	100,00

Em relação ao tamanho do espaço, a diretora disse que recebeu convites este ano reforçando a parceria entre o MAC, o MZ e o Herbário Teixeira Leal do Instituto de Biologia, para a constituição do Museu de História Natural da UFBA, que será implantado em um amplo espaço não especificado.

Segundo os próprios estudantes a falta da ventilação prejudica a visita:

Achei bonitas e interessantes, no entanto, muito quente. Como a temperatura não estava agradável, terminava sendo difícil se concentrar (Estudante de 16 anos, 3º ano do ensino médio).

As paredes são muito bonitas, mas um tanto quentes. Precisa de uma refrigeração mínima (Estudante de 15 anos, 3º ano do ensino médio).

Com relação à interatividade, durante a visita em uma turma um dos estudantes mais interessados com o que estava vendo tocava muito nos animais empalhados e em alguns esqueletos. Na segunda turma, praticamente todos os estudantes tocavam nas peças. Como não é comum em museus deste tipo o toque nas peças, questioneei a monitora se sempre era permitido este tipo de comportamento. Ela disse que não, pois inclusive pode prejudicar as peças do acervo, no entanto, como a turma era pequena (6 estudantes no local), ela podia ter um controle maior, e que entendia que as pessoas tinham curiosidade em tocar para ver como era a textura real dos animais e então permitiu. Ela mesma disse que também teve esta curiosidade ao começar a trabalhar naquele local, e achava justo que o educando quisesse tocar para averiguar. Mesmo assim 8,33% (n=1) dos entrevistados reclamou do quesito interatividade.

Algumas observações foram feitas em relação à organização do espaço:



O espaço destinado a elas poderia ser maior. Isso iria contribuir para uma melhor organização, além de favorecer outras abordagens, somando-se as demais (Estudante de 16 anos, 3º ano do ensino médio).

Regular. Pouco espaço e animais amontoados (Estudante de 17 anos, 3º ano do ensino médio).

Um pouco desorganizadas e muito quentes (Entretanto apresentam certa variedade de espécimes. Estudante de 16 anos, 3º ano do ensino médio).

O acervo foi o que mais interessou a 50% (n=6) dos estudantes (Figura 4.41). Entre eles, os esqueletos que agradaram a 50% (n=6), enquanto os animais empalhados a 33,33% (n=4) (Tabela 4.24 e figuras 4.42 e 4.43).



Figura 4.41: Respostas dos estudantes que visitaram o Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Do que você mais gostou na visita?”.

Tabela 4.24: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual o objeto em exposição no museu que você mais gostou?”.

OBJETO	Nº	%
ESQUELETOS	06	50,00
BICHOS EMPALHADOS	04	33,34
JIBÓIA VIVA	01	8,33
TODOS OS ANIMAIS	01	8,33
TOTAL	12	100,00



Foto: Roberta Smania Marques

Figura 4.42: Alguns animais empalhados do Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia.



Foto: Roberta Smania Marques

Figura 4.43: Alguns esqueletos de animais do Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia.

Em relação às justificativas do atrativo pelos esqueletos estão:

Questão de curiosidade em saber a estrutura corporal interna de alguns animais, em específico, os apresentados (Estudante de 16 anos, 3º ano do ensino médio).

O sistema ósseo dos bovinos e caprinos, porque foi a primeira vez que eu pude ver de perto este sistema (Estudante de 18 anos, ensino superior).

Os esqueletos. Por estar envolvido com experiências de montagem osteológica (Estudante de 16 anos, 3º ano do ensino médio).

Em relação às possíveis mudanças do espaço ou da monitoria, 33,33% (n=4) disseram não mudar nada (Tabela 4.25). Entre os 25% (n=3) que sugeriram mudanças na estrutura física podemos citar:

Mudaria a sala da exposição, pois ela é muito abafada e apertada (Estudante de 16 anos, 3º ano do ensino médio).

Botaria uma sala mais ampla, com um monitor mais comunicativos (Estudante sem identificação).

Quanto às alterações na disposição da exposição sugeridas por 16,67% dos educandos, temos como exemplo:

Na disposição, eu mudaria como os objetos estavam arrumados, e os colocaria em grupos de espécie (Estudante de 15 anos, 1º ano do ensino médio).

Em relação à informação, os estudantes sugeriram que fossem distribuídos materiais impressos, e maior formalidade na explicação:

A maneira de abordagem dos objetos apresentados, que eu achei informal demais, chegando a ponto de esquecerem dados importantes (Estudante de 17 anos, 3º ano do ensino médio).

Deveria ter mais monitores, por causa da demanda de alunos. Deveria ter panfletos informativos, fotos e etc. (Estudante de 17 anos, 3º ano do ensino médio).

Tabela 4.25: Respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Se você pudesse, o que você mudaria na exposição e na explicação do monitor?”.

MUDARIA	Nº	%
NADA	04	33,33
MUDANÇA NA ESTRUTURA FÍSICA	03	25,00
DISPOSIÇÃO	02	16,67
INFORMAÇÃO	02	16,67
INTERATIVIDADE	01	8,33
TOTAL	12	100,00

Quando questionados se algo esperado não estava presente, 33,33% (n=4) disse que não faltou nada (Tabela 4.26). Porém, 50% (n=6) reclamou da quantidade de objetos expostos e 8,33% (n=1) reclamou da falta de órgãos dos animais, uma vez que estavam presentes os ossos e os animais empalhados. Existiam alguns órgãos, mas estavam difíceis de ver, pois o acondicionamento em pequenos frascos de vidro com conservante, em uma mesa distante do público, não permitia uma melhor observação. A pouca quantidade de informação foi motivo do descontentamento de 8,33% (n=1) dos visitantes.

Tabela 4.26: Categorização sobre as respostas dos estudantes que visitaram o Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “O que você esperava ver neste museu, mas que não viu?”.

ESPERAVA/FALTOU	Nº	%
QUANTIDADE DE OBJETOS	06	50,00
NADA	04	33,34
QUANTIDADE DE EXPLICAÇÃO	01	8,33
ÓRGÃOS DE ANIMAIS	01	8,33
TOTAL	12	100,00

Em relação à resposta para a pergunta “Qual a mensagem que o museu passou pra você?” 41,67% (n=5) relatou algo sobre os animais (Tabela 4.27).

Tirou dúvidas quanto ao processo de empalhamento dos bichos (Estudante de 15 anos, 1º ano do ensino médio).

Que o contato com animais é necessário (Estudante sem identificação).

Que o despertar da curiosidade em relação aos animais, e aos seus sistemas interior, (principalmente a sua estrutura óssea) (Estudante de 18 anos, ensino superior).

Aprende a gostar dos animais (Estudante de 11 anos, 5ª série do ensino fundamental).

Educandos reportaram mensagens relativas ao meio ambiente (25%, n=3):

Uma mensagem de proteção ao meio ambiente, proteção a fauna e flora. A diversidade como uma forma de proteção e vida (Estudante de 17 anos, 3º ano do ensino médio).

De preservação do conhecimento da biodiversidade (Estudante de 16 anos, 3º ano do ensino médio).

Entre as respostas 16,67% (n=2) relataram mensagens de anatomia comparada:

Que pode não parecer, mas os bichos são muito parecidos com os seres humanos (Estudante de 15 anos, 3º ano do ensino médio).

Outros 16,67%(n=2) relataram mensagens de estímulo à pesquisa e estudo:

Estudar é uma arte, por mais simples que seja, temos muito ainda para descobrir (Estudante de 16 anos, 3º ano do ensino médio).

O museu passa sempre uma mensagem de busca pelo conhecimento (Estudante de 16 anos, 3º ano do ensino médio).

Tabela 4.27: Categorização sobre as respostas dos estudantes entrevistados no Museu de Anatomia Comparada da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Qual a mensagem que o museu passou pra você?”.

MENSAGEM	Nº	%
SOBRE OS ANIMAIS	05	41,66
SOBRE O MEIO AMBIENTE	03	25,00
SOBRE ANATOMIA COMPARADA	02	16,67
ESTUDAR/PESQUISAR MAIS SOBRE O ASSUNTO	02	16,67
TOTAL	12	100,00

#### 4.3.2 OS PROFESSORES

Ao todo, 14 educadores com formações na área de ciências humanas e idade entre 24 e 48 anos responderam ao questionário (Tabela 4.28, 4.29 e 4.30). Destes, 57,1% (n=8) eram visitantes do MAFRO; 28,6% (n=4) do MAE e 14,3% (n=2) do MAC.

Tabela 4.28: Formação Acadêmica dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia.

FORMAÇÃO ACADÊMICA	Nº	%
PEDAGOGIA	05	35,71
HISTÓRIA	04	28,57
PROFESSOR (NÃO ESPECIFICADO)	02	14,29
PÓS-GRADUAÇÃO - PSICOPEDAGOGIA	02	14,29
LETRAS	01	7,14
TOTAL	14	100,00

Tabela 4.29: Idade dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia.

IDADE	Nº	%
ENTRE 24 E 32	03	21,43
ENTRE 40 E 45	05	35,71
ENTRE 46 E 48	02	14,29
MAIS DE 38*	04	28,57
TOTAL	14	100,00

\*4 professores não disseram a idade, porém com base na resposta para outra pergunta (Quanto tempo vive na cidade de Salvador?) pode-se constatar que tinham mais de 38 anos.

Tabela 4.30: Sexo dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia.

Sexo	Nº	%
Masculino	03	21,43
Feminino	11	78,57
Total	14	100,00

Assim como os estudantes, os educadores foram questionados sobre o conceito particular de cada um sobre museu. Diferentemente do esperado e da maioria das respostas dadas pelos estudantes, os professores não disseram que museu é lugar de coisa antiga (Tabela 4.31).

Tabela 4.31: Resposta dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta "Pra você, o que é museu?".

O QUE É UM MUSEU?	Nº	%
LOCAL DE CULTURA E CONHECIMENTO	05	35,70
ESPAÇO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA	03	21,43
CENTRO CULTURAL	02	14,29
LOCAL DE EXPOSIÇÃO	02	14,29
OUTROS	02	14,29
TOTAL	14	100,00

A maioria dos entrevistados (35,7%, n=5) se referiu a museu como um local de cultura e conhecimento:

É um espaço de cultura, informação/conhecimento (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, 40 anos).

Lugar de descobertas, culturas e conhecimentos (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, com mais de 40 anos).

Local de conhecimento, cultura e aprendizado (Professor da 8ª série do ensino fundamental da rede estadual, com mais de 38 anos).

Local de acervo de obras artísticas, antropológicas, ciências, sociais onde se tem um panorama da cultura das civilizações (Professor da 8ª série do ensino fundamental da rede estadual, 46 anos).

É um lugar em que podemos ampliar nossos conhecimentos do passado, presente e futuro (Professor de ensino informal, 24 anos).

Os professores também se referiram ao lugar como espaço de preservação da memória (21,43%, n=2):

Lugar onde se resgata memórias do passado (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, com mais de 40 anos).

Local que guarda parte da história da humanidade (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, com mais de 46 anos),.

O enredo vivo da história (Professor da 4ª série do ensino fundamental da rede municipal, 32 anos).

Outros, somente como espaço de cultura (14,29%, n=3):

Centro cultural (Professor da 2ª série do ensino fundamental da rede municipal, 32 anos).

Espaço cultural (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, 46 anos)

O museu como local de exposição foi descrito por 14,29% (n=2):

Exposição de trabalhos como: cartazes, quadros e estátuas etc. (Professor da 4ª série do ensino fundamental da rede municipal, 44 anos).

É um espaço onde está arquivado uma certa quantidade de informações sobre variados assuntos e exibido para um grupo de visitantes (Professor de ensino informal, 41 anos).

No item outros, 14,29% (n=2) os professores responderam o seguinte :

Espaço reservado para uma reflexão sobre a nossa existência (Professor da 8ª série do ensino fundamental da rede estadual, 48 anos).

Crescimento (Professor do ensino superior, 43 anos).



O número de estudantes por turma variou entre 9 e 60, sendo que a maioria era formada por 60 indivíduos, conforme a Tabela 4.32.

Tabela 4.32: Quantidade de estudantes por turma dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia.

Nº DE ESTUDANTES	Nº	%
09	01	7,14
12	01	14,29
21	02	7,14
26	02	14,29
28	01	14,29
34	02	7,14
45	02	14,29
60	03	21,42
TOTAL	14	100,00

A maioria dos professores disse costumar visitar museus (64,29%, n=4). O percentual dos que visitam com os estudantes foi maior do que o da visita individual 71,43% (n= 10) (Tabelas 4.33 e 4.34).

Tabela 4.33: Resposta dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você costuma visitar museus?”.

VISITA	Nº	%
SIM	09	64,29
NÃO VISITA	04	28,57
IGNORADO/NÃO OBTIDO	01	7,14
TOTAL	14	100,00

Tabela 4.34: Resposta dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você costuma levar seus alunos à museus?”.

VISITA COM ALUNOS	Nº	%
NÃO	04	28,57
SIM	10	71,43
TOTAL	14	100,00

Com o cruzamento dos dados pudemos ver que nem todos os professores que visitam o museu sozinhos levam seus estudantes, e nem todos que não visitam sozinhos deixam de levar (Tabela 4.35). Ao aplicarmos o Teste de Independência do Qui-



quadrado (*crosstabs*) encontramos um  $p=0,093$ , mostrando que essa relação não foi significativa.

Tabela 4.35: Cruzamento das respostas dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você costuma visitar museus?” com “Você costuma levar seus alunos à museus?”.

VISITA MUSEUS COM ESTUDANTES	VISITA A MUSEUS PELO ENTREVISTADO							
	SIM		NÃO		IGNORADO/ NÃO OBTIDO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
NÃO	01	7,14	02	14,29	01	7,14	04	29
SIM	08	57,14	02	14,29	00	0,00	10	71
TOTAL	09	64,29	04	28,57	04	7,14	14	100

A visita prévia ao museu que estavam visitando foi feita por apenas 28,57% (n=4) dos professores.

Os professores foram questionados se estavam trabalhando os temas abordados no museu com seus estudantes e se estes receberam algum tipo de orientação/preparação para a visita. As respostas foram 100% positivas para a primeira pergunta e 50,01% (n=7) positivas para a segunda, enquanto 42,86% (n=6) disse não e os demais não responderam (7,14%, n=1). Apenas 1 dos 14 professores entrevistados conversou especificamente com os estudantes sobre a visita ao museu. A relação do conteúdo com a forma da preparação que fizeram com os educandos pode ser observada na Tabela 4.36. Ao aplicarmos o Teste de Independência do Qui-quadrado (*crosstabs*) encontramos um  $p=0,099$ , mostrando que essa relação não foi significativa.

Tabela 4.36: Cruzamento das respostas dos professores entrevistados nos museus da Universidade Federal da Bahia para a pergunta “Você está trabalhando temas relacionados aos conteúdos apresentados no *Museu*, em sala de aula?” com “Você fez algum tipo de preparação específica para a visita ao museu?”.

CONTEÚDO	PREPARAÇÃO FEITA COM OS ESTUDANTES (%)									
	AULA/TRABALHOS SOBRE OS ASSUNTOS TEMA DA EXPOSIÇÃO		CONVERSA ESPECÍFICA SOBRE A VISITA AO MUSEU		PESQUISA ORIENTADA SOBRE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E MUSEUS		NÃO PREPAROU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA	04	28,57	01	7,14	00	00	02	14,29	07	50,00
QUILOMBOS E ZUMBI	00	00	00	00	00	00	02	14,29	02	14,29
HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, QUILOMBOS E ZUMBI	00	00	00	00	00	00	01	7,14	01	7,14
HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E ARTE PRÉ-HISTÓRICA	01	7,14	00	00	00	00	00	00	01	7,14
PATRIMÔNIO HISTÓRICO E MUSEUS	00	00	00	00	01	7,14	00	00	01	7,14
CIÊNCIAS NATURAIS	00	00	00	00	00	00	02	14,29	02	14,29
<b>TOTAL</b>	<b>05</b>	<b>35,71</b>	<b>01</b>	<b>7,14</b>	<b>01</b>	<b>7,14</b>	<b>07</b>	<b>50,01</b>	<b>14</b>	<b>100,00</b>

Em relação às impressões pessoais dos educadores sobre os museus, todos os que responderam à pergunta “A visita a este museu despertou a vontade de conhecer outros museus?” disseram terem se sentido motivados a conhecer outros museus depois da visita (92,86%, n=13). Para a questão “Você leu as etiquetas e os cartazes apresentados na exposição?” os professores responderam 100% (n=14) que sim. Quando questionados se foi suficiente, todos os professores que visitaram o MAE disseram que sim (n=4), os do MAFRO 62,5% (n=5) acharam que sim e 12,5% (n=1) acharam que não, e no MAC todos acharam que não (n=2). Estes últimos, reclamaram bastante da falta de identificação dos animais empalhados e esqueletos, bem como de informações sobre hábitos e biologia da espécie.

Quando questionados “Do que você mais gostou na exposição?”, no MAE os professores citaram o acervo indígena e as máscaras indígenas, como itens de destaque e que tudo na exposição lhe agradou (33,33%, n= 1, cada um). No MAFRO o que mais chamou a atenção foram os painéis de Carybé (37,5%, n=3); as bonecas da fertilidade e a

monitoria agradaram igualmente a 25% (n=2, cada um) e a exposição dos orixás a 12,5% (n=1) dos entrevistados. Já no MAC um dos professores disse que nada lhe chamou a atenção e o outro apreciou a iniciativa do museu na divulgação do conhecimento científico para a população.

Para a pergunta “Qual objeto mais chamou a sua atenção? Por quê?” os professores responderam:

- MAE: painéis zoomorfos, máscaras (pelo valor estético e utilitário) e urnas funerárias (pelo que significam).
- MAFRO: bonecas da fertilidade (pela dicotomia com o Ocidente), máscaras africanas (por serem interessantes); Exú e os painéis de Carybé (pelo colorido).
- MAC: animais empalhados, pela apreciação da conservação da pele, pelos e penas dos animais.

Quando questionados “O que você achou do local em que está a exposição?”, as respostas do MAE e MAFRO foram parecidas. Todos os que responderam ao questionamento (100% MAE e 87,5%, n=7, no MAFRO) o fizeram com adjetivos de qualidade, os demais deixaram em branco:

- MAE:

Apropriado (Professor da 4ª série do ensino fundamental da rede municipal, mais de 40 anos).

Muito bom! (Professor da 8ª série do ensino fundamental da rede estadual, 46 anos).

- MAFRO:

Muito bem conservado, estruturado, ventilado, bonito (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, mais de 40 anos).

Exelente (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, 46 anos).

Ótimo (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, 40 anos).

Muito bom! (Professor da 4ª série do ensino fundamental da rede municipal, 44 anos).

Já no MAC, um dos professores respondeu “*Em construção*”, e o outro disse que achou pequeno, com informações insuficientes e com a exposição mal disposta.

Um professor que visitou o MAFRO fez um depoimento interessante sobre o local da exposição, que não tinha a ver exatamente com o museu, mas que foi ali oportunizado:

Bastante interessante, pois dismitificou idéias, conceitos que tinha sobre determinados alunos (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, mais de 40 anos).

Em relação às expectativas, os professores se queixaram do tempo da monitoria no MAE e MAFRO.

Em particular, no MAFRO também foram feitas queixas sobre a quantidade de objetos, a falta de maiores informações sobre Zumbi, mais aspectos da relação Brasil x África, de exemplos da culinária, música e dança e de maiores informações sobre o espaço em que está localizado o museu. No MAE, apenas um professor manifestou que sentiu falta na exposição de ervas e alimentos utilizados pelos índios. No MAC, a crítica geral foi em relação ao espaço físico ser muito apertado e a organização e informação da exposição. Foram feitas observações como:

Organizaria a exposição por classe a que pertence cada animal, e faria placas contendo informações sobre cada um. Achei importante a iniciativa de fazer uma exposição com montagem osteológica, de animais taxidermizados e das informações dadas na monitoria. Contudo, ainda há muito para melhorar, pois o espaço precisa ser melhorado quanto a organização e as informações

referentes aos animais, avaliação da visita e do livro de registro da visitação.  
(Professor do ensino informal, 41 anos).

Para a pergunta “Quais as mensagens, idéias que as exposições estão tentando passar para os visitantes?” as respostas foram as seguintes:

- MAE:

Identidade e ancestralidade (Professor da 8ª série do ensino fundamental da rede estadual, 48 anos).

Valorizar nossa cultura (Professor da 8ª série do ensino fundamental da rede estadual, mais de 38 anos).

Valorização das culturas étnicas e sua pluralidade (Professor da 8ª série do ensino fundamental da rede estadual, 46 anos).

A construção do nosso povo e da nossa identidade, da nossa história (Professor da 4ª série do ensino fundamental da rede municipal, 32 anos).

- MAFRO:

Aprendizagem (Professor do ensino superior particular, 43 anos).

Consciência (negra). Africana (Professor da 4ª série do ensino fundamental da rede municipal, 44 anos).

A cultura africana e afro-brasileira (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, 40 anos).

A cultura africana (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, 46 anos).

Importância da cultura africana (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, mais de 40 anos).

Valorização da cultura que faz parte de nós (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, mais de 46 anos).

Que muitas coisas que pensamos fazem parte de coisas que nos passam culturalmente e nem sempre é verdade (Professor da 3ª série do ensino fundamental da rede municipal, mais de 40 anos).

- MAC:

A importância que tem em relacionar o respeito pelos bichos... (Professor do ensino informal, 24 anos).

Dismitificando as serpentes (Professor do ensino informal, 41 anos).

### 4.3.3 ASPECTOS RELEVANTES SOBRE A EDUCAÇÃO EM MUSEUS

A prática educativa permeia toda a existência humana, mediando as relações entre seres humanos, a sociedade, os objetos, a natureza e o conhecimento. A aprendizagem é um processo sócio-histórico, mediado pela cultura, onde se atribui o papel de impulsionar o desenvolvimento cognitivo à interação entre o adulto e a criança, à ação da escola e às diversas práticas educativas propostas pela sociedade (NASCIMENTO, 2005, p.236)

Não existe um registro claro na bibliografia sobre a introdução das práticas educativas às exposições das coleções. No início da história dos museus até o século XVII, as visitas aos acervos dos gabinetes de curiosidades eram de acesso restrito e guiadas pelo próprio colecionador, que os apresentava com seu discurso aventureiro, conquistador ou naturalista e estruturaram uma prática contemplativa no museu. Questiona-se se essas práticas teriam surgido *“como uma triangulação da cultura européia identificada, principalmente, na organização das visitas orientadas”* (NASCIMENTO, 2005, p.225).

A ação educativa dos museus do século XIX restringia-se a visitas guiadas e ao empréstimo de alguns objetos às instituições de ensino. Estes museus eram espaços freqüentados por uma minoria, pois se supunha que seus visitantes deveriam ter um conhecimento prévio que permitisse a compreensão dos objetos expostos (KÖPTCKE, 2003, p.108).

Foi na virada para o século XX que os museus começaram a se preocupar em apresentar exposições acessíveis ao público heterogêneo introduzindo a comunicação com o público, particularmente com ações específicas para o público escolar. O primeiro tipo de relação entre ensino e museu surgiu com o ensino superior na França, a partir de 1822. Neste país, a relação com o ensino secundário mostrou-se um pouco mais complicada, pois o professor não estava preparado para utilizar o museu e, por sua vez, o curador tinha dificuldade em traduzir seu conhecimento de especialista para os estudantes. A partir daí, surgiu a necessidade de criação de um serviço educativo nos museus que resolvesse essas dificuldades. Apenas em 1885, na Inglaterra, surgiu a relação entre o museu e o ensino do primeiro grau, na qual a idéia central era que deveria se começar pela base (KÖPTCKE, 2003, p.108-109).

A partir de 1920, as ações educativas dos museus no Brasil sofreram as influências das idéias do escolanovismo<sup>55</sup>, o que determinou a modernização dos museus, bem como lhe deram o papel de complemento do ensino escolar. Esta idéia de complemento da ação escolar permanece atualmente, porém, muitos autores defendem que os museus podem oportunizar experiências de aprendizagem muito além dessa simples complementaridade (ALMEIDA, 1997, p.50-51).

Almeida afirma que *“A ação educativa em museus tem como finalidade ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico dos acervos, para que o visitante acentue seu espírito crítico em relação à sua realidade”* (ALMEIDA, 1997, p.50).

Allard e colaboradores afirmam que tradicionalmente, os programas educativos em museus limitam-se a transmissão de fatos, eventos e datas. Para eles isto não é suficiente, e elaboraram um programa para o *Musée David M. Stewart*, no Canadá, que proporciona aos estudantes uma visão holística sobre o tema da exposição, o que favoreceu as relações sociais da visita e potencializou a participação do estudante no desenvolvimento das atividades (ALLARD *et al.*, 1994, p.203).

Hoje em dia, de uma forma geral, as práticas educativas em museus de ciências estão relacionadas às atividades interativas, que transformam os museus em agentes de

---

<sup>55</sup> Proposta técnico-pedagógica liderada por Fernando Azevedo.

uma pedagogia transacional, conquistando novos públicos e propondo novas formas de apropriação de conhecimento (NASCIMENTO, 2005, p.222-224).

Maria Célia T. Santos, durante conferência “Ação Museológica: Educação e Comunicação” realizada durante o já citado “I Encontro Nacional: Museus Universitários Hoje”, ressaltou que o conceito de ação museológica remete o museu à um compromisso social. Ela considera que teoria e prática estão integradas mutuamente, pois ao refletir-se sobre a ação sempre se está enfatizando a teoria, e esta torna a prática verdadeira. Essa ação deve levar em conta as características dos diversos grupos sociais, considerando a diversidade cultural e *“as diferentes maneiras de ser, de estar no mundo, de viver, de valorar e de se expressar por meio de diversas linguagens”*. A ação educativa deve contribuir para que o cidadão se expresse, compreenda, expresse e transforme a realidade, dessa forma ela estará embasada na apropriação e preservação do patrimônio. Assim, a ação implica em uma constante reflexão crítica, uma vez que considera o museu como uma expressão social, que por sua vez está em constante mutação (SANTOS, 1993, p.125; 128-129).

Portanto, quais os aspectos que deveriam ser repensados em busca de uma ação educativa em museus em um País da América Latina, onde o cólera, a miséria, o analfabetismo e a fome imperam? Qual o compromisso dos museus universitários com essa realidade? (SANTOS, 1993, p.130).

Santos destaca alguns aspectos que foram assumidos pela UNESCO após uma mesa redonda no Chile em 1972 e retomados em um seminário sobre a “Missão dos Museus da América Latina Hoje” (SANTOS, 1993, p.130), dos quais salientaremos dois:

- O maior compromisso da instituição deve ser a função sócio-educativa. Essa função deverá nortear todo trabalho museográfico que deverá ter como objetivo principal educar e não convencer, estimulando uma reflexão crítica;
- A técnica não deve ser aplicada de forma mecânica, em compartimentos estanques, tornando a instituição uma executora de tarefas.



Ao final desta conferência foram feitas sugestões para uma atuação integrada entre os museus universitários brasileiros, como o objetivo de promover uma ação museológica comprometida com o desenvolvimento da sociedade. *“A reflexão da ação vigente deve, pois, nos motivar para a construção de uma ação educativa, que se faz no respeito às diferenças e na busca do crescimento conjunto do pesquisador e dos diversos grupos sociais com os quais esteja atuando”* (SANTOS, 1993, p.130).

Assim, os Museus Universitários enquanto divulgadores do conhecimento científico oportunizam a concretização da aproximação da pesquisa produzida pelos cientistas para a população em geral. Entre os relatos dos estudantes descritos nessa seção e os que foram colhidos através da observação, constatamos que alguns visitantes saíam dos museus do Terreiro de Jesus conscientes de que os objetos que estavam ali expostos eram frutos do trabalho de pesquisadores. No MAE, por exemplo, ouvimos um depoimento de um estudante que disse claramente que os objetos em exposição vieram das escavações das pesquisas dos Arqueólogos e que foram então colocados em exibição no museu. Vale destacar que esta ênfase entre a relação da pesquisa e a exposição do museu foi dada pelo monitor que acompanhou os estudantes.

Nascimento (2005, p.228) cita que existem três eixos principais que norteiam a prática educativa do museu: i) respostas às necessidades da diversidade de públicos; ii) permissão do crescimento das competências dos visitantes; iii) contextualização social e cultural do tema abordado.

De acordo com uma síntese feita por Nascimento (2005 p.228) sobre as gerações da linguagem utilizada nas exposições, as dos museus investigados se encaixam na primeira geração de exposições e museus de objetos, que constituem em: aqueles apoiados sobre sua história, segundo a qual as pesquisas centralizam-se nas coleções e na constituição do acervo. Este tipo de exposição raramente é acompanhado de uma atividade educativa de interpretação e o visitante aprecia os objetos em silêncio. Os visitantes não apreciaram exatamente em silêncio pois eram estimulados pelos

monitores a se manifestar com perguntas sobre o acervo, mas acredito que isto não tire a característica de uma exposição da primeira geração<sup>56</sup>.

As práticas educativas utilizadas pelos museus analisados restringiram-se a visitas guiadas, com exceção da atividade lúdica realizada no MAFRO, que procura um diálogo maior entre o observado no museu e o visitante, discutindo de uma forma mais didática o conteúdo exposto.

Para Wagensberg (2005, p.133) ensinar, formar, informar, proteger o patrimônio e divulgar são vocações do museu, mas nenhuma delas é prioritária. Para este autor a prioridade é criar o antes e o depois da visita, transformando a atitude do visitante, deixando-o mais crítico e reflexivo em relação ao assunto.

Marandino (2005, p.165) levanta alguns questionamentos pertinentes em relação aos museus enquanto espaços educacionais: Serão os museus ambientes de educação? Se a resposta para essa pergunta for positiva, que processos educativos ocorrem nos museus? Serão as visitas familiares e escolares aos museus momentos de aprendizagem?

Para Köptcke (2003, p.108) *“o museu pode ser considerado uma instituição intrinsecamente educativa se considerarmos a educação enquanto um processo abrangente de socialização, do qual participam diversas instituições e atores sociais”*.

Uma reflexão interessante no recorte feito por este trabalho é quanto à relação de semelhanças e diferenças entre museu x escola, enquanto espaços que conservam e transmitem o substrato cultural de um povo ou de uma civilização.

Na escola, o objeto tem o papel de instruir e educar o cliente cativo e estável, estruturado em função da idade ou da formação. Possui um programa que lhe é imposto e pode fazer diferentes interpretações, sendo, contudo, fiel a ele. É concebida para atividades de grupos (classes), com tempo de 1 ano e tais atividades são fundadas no livro e na palavra. No caso dos museus, o objeto encerra funções de recolher, conservar, estudar, expor. O cliente, por outro

---

<sup>56</sup> A segunda geração de exposições é em geral pertencente aos centros e museus de ciências que apresentam interatividade entre a exposição e o público, onde os meios de comunicação audiovisual permitem a mediação entre o visitante e o objeto; e os de terceira geração são as exposições que incluem a preocupação quanto à natureza e à qualidade da experiência do visitante, reconhecendo que a cultura adiciona outros valores à sociedade moderna, e a prática educativa inclui o visitante na construção de conhecimentos (NASCIMENTO, 2005, p.228).

lado, é livre e passageiro, atendendo a todos os grupos de idade, sem distinção de formação, sendo suas atividades concebidas para os indivíduos ou para pequenos grupos. Possui exposições próprias ou itinerantes e realiza suas atividades pedagógicas em função de sua coleção e do objeto. O tempo utilizado pelo público é em geral de 1h ou 2h (MARANDINO, 2005, p.168-169).

Marandino (2005, p.166) afirma que entre as especificidades pedagógicas dos museus está a brevidade do tempo, tempo este determinado tanto pela concepção da exposição como pelo mediador da mesma. Nos relatos apresentados neste capítulo pudemos observar que foi uma queixa geral, de estudantes e professores, o curto tempo da visita. Em verdade, o tempo aqui foi delimitado pelos próprios professores das escolas, que tinham um horário a cumprir. Os monitores das exposições procuraram se adequar a este tempo, levando em consideração outros fatores, como o atraso em relação a hora marcada para a chegada da turma e o horário agendado pelo museu para receber uma turma seguinte.

Em relação ao objeto, historicamente, Marandino (2005, p.166-167) conta que os museus e as escolas conservaram uma reflexão comum em relação ao papel dos objetos como fonte de riqueza e interatividade, sobre o interesse do objeto na aprendizagem e da sua importância em produzir sensações e percepções que constituem a matéria-prima das idéias. Os museus não só recebiam as escolas como emprestavam suas coleções. Estas ações diminuíram com a mudança do ensino baseado no “Método Indutivo”, que pretendia substituir o caráter abstrato e pouco utilitário do ensino. A conseqüência disso levou a uma má preparação dos educadores para a utilização dos objetos na pedagogia e conferiu aos museus o papel de favorecer o acesso a esses objetos, favorecendo a sensibilização dos visitantes a se apropriarem da compreensão para serem capazes de analisar e discutir quer seja o sentido social, histórico, técnico, artístico ou científico.

De acordo com as considerações de Silvania Sousa do Nascimento podemos classificar os objetos expostos no MAE e MAFRO como objetos de cultura, segundo a seguinte definição:

Os objetos de cultura são produtos de uma história: remetem às tradições identificadas pelo grupo com suas marcas distintivas, específicas e identitárias. Ao serem selecionados e expostos, representam uma chave ou palavra mágica que permite falar dos modos de viver e de pensar compartilhados no momento da confecção do artefato ou do objeto artístico. Eles traduzem a vivência da dramaturgia dos rituais, da magia de uma situação presente, o discurso do passado. Em seu processo de criação e de inovação, no esmero de sua produção e em sua atribuição de uso, indicam as relações entre indivíduo e patrimônio cultural do grupo a que pertenceu (NASCIMENTO, 2005, p.232).

Estes objetos de cultura simbólica e estética deveriam ser, além de admirados, contribuintes para a compreensão das muitas faces das experiências sociais e históricas dos sujeitos, já que são documentos com informações e resultados de muitas ações intencionais, que começam com a escolha do material de sua fabricação, até a forma e a estética. A partir destas marcas intencionais impressas no objeto, o visitante pode decifrar a sua função social, quer seja ela doméstica, ritual, militar ou fúnebre (NASCIMENTO, 2005, p.232).

Para Santos (2006<sup>57</sup>) o momento atual é de reconhecimento da interdependência entre cultura e desenvolvimento. A cultura seria, inclusive, um instrumento possível para a superação das desigualdades, com ampliação dos direitos fundamentais individuais e coletivos, nos aspectos sócio-ambientais, econômicos e culturais. Ela afirma que a produção do conhecimento, no campo museológico, assim como nos museus, colaborou com esse processo e dá à Museologia as dimensões social e educativa. Ela atribui à Museologia a mesma dimensão apresentada por Moacir Gadotti (2004, p.4) para a educação, uma ciência transversal, aberta a todas as ciências, que analisa a cultura e o conhecimento sob todas as perspectivas científicas, cabendo ao museu, também, a missão de criar tais contextos educativos citados abaixo:

A pedagogia como uma ciência transversal, aberta a todas as ciências. Portanto, analisa a cultura e o conhecimento sob todas as perspectivas científicas. Considera a educação como um processo sempre dinâmico, interativo, complexo e criativo. Procura criar contextos educativos para a integração criativa e cooperativa permanente entre os diferentes sujeitos, contextos sociais e culturais (GADOTTI, 2004, p.4).

---

<sup>57</sup> SANTOS, M.C.T.M.

Santos afirma que *“Esse olhar pedagógico e transversal sobre a Museologia e sobre os nossos museus nos instiga a vislumbrar novas perspectivas para os museus universitários”* (SANTOS, 2006, p.4)

Nascimento (2005, p.236) afirma que a Museologia, através da preservação dos objetos culturais de diferentes sociedades, contribui para a preservação da memória e identidade destas. O aprendizado decorrente deste tipo de exposição é de grande importância pois, nestes artefatos expostos, objetos do patrimônio cultural, estão os registros de uma pessoa, ou de várias, e a descoberta de quem era e de como vivia constitui-se uma importante experiência humanizante.

As respostas em relação à mensagem que o museu transmitiu para os visitantes mostram que as idéias principais das exposições do MAE e do MAFRO em relação a cultura e história de um grupo foram transmitidas e absorvidas pelo público.

Almeida (2001, p.136) afirma que considera relevante que os espectadores que visitam a exposição do Museu do Instituto Butantan (MIB), por exemplo, sejam alfabetizados cientificamente, dotados de alguns conhecimentos prévios para melhor compreenderem o conteúdo exposto. Comparando com os museus avaliados, acredito que o MAC tem exposição similar à do MIB, onde esse conhecimento prévio é mais relevante. Quando visitam o MAC, os estudantes não são apresentados a conceitos de anatomia animal comparada, e apesar da monitoria, o visitante que já souber algo em relação aos caracteres anatômicos dos animais e suas relações filogenéticas compreenderá melhor a idéia que o museu pretende passar. Podemos observar isso nos resultados apresentados nos quais apenas 16,67% (n=2) dos estudantes inquiridos afirmaram que a mensagem que o museu passou foi em relação à anatomia comparada. Não é possível julgar, no entanto, se este baixo índice reflete uma falha na comunicação da monitoria, na estrutura de apresentação das informações das peças do museu ou da interpretação do visitante.

Outro ponto relevante é o espaço em que este objeto está inserido, pois pode garantir a ele uma especificidade e uma contextualização, permitindo que o visitante não o veja apenas como um objeto isolado (MARANDINO, 2005, p.167). Este espaço

deve cativar o visitante pela exposição e a estrutura do espaço deve dar sentido a cada módulo e aos temas expostos (KÖPTCKE, 2003, p.117). No trabalho de Köptcke (2003, p.118) é apresentada uma proposta com três tipos de organização temática da exposição: i) interdisciplinar (privilegiando as relações entre as informações científicas às suas significações pontuais); ii) organização global (reunindo as reflexões sobre fenômenos, procedimentos, experiências, modelos e conhecimentos numa totalidade); e iii) expressiva (construída a partir de uma lógica pessoal do responsável pela exposição).

No MAE, por exemplo, a “roupa do encantado” é exposta junto a uma maquete do quarto ritual indígena, para que fique mais bem contextualizada a circunstância em que aquela vestimenta é usada. Considerando isso, a exposição do MAC poderia ser melhor interpretada e significada pelos visitantes se seguisse algum tipo de classificação biológica. Como os nichos com os animais empalhados possuem espécimes de diversos filos, sem uma ambientação que os integre, o visitante percebe a exposição apenas como um “amontoado” de animais empalhados, como pode ser observado no depoimento dos estudantes e professores descritos adiante nesta seção.

O desafio em utilizar uma linguagem de apoio simples, clara e esteticamente bem resolvida é um desafio enfrentado pelos museus. Almeida (2001) chama a atenção para que em uma exposição educativa, os textos devem transmitir suas mensagens com o mínimo de tempo e esforço, e o máximo de motivação para o visitante. O MAC não apresenta painéis com textos explicativos e as etiquetas das peças possuem poucas informações. O MAFRO e o MAE, além das etiquetas explicativas das peças apresentam alguns painéis com textos longos. As respostas dadas pelo público destes museus à pergunta “Você leu os textos do museu?” mostram que a maioria se limitou a ler as etiquetas. O público do MAC criticou as plaquetas e sugeriu que fossem disponibilizadas mais informações sobre o animal em exposição.

Um estudo, feito em um museu de ciência com o objetivo de investigar a relação museu-escola, apontou nos seus resultados que os professores consideravam a visita ao museu proveitosa por diferentes razões, tais como: o fato de complementarem

os assuntos abordados na escola, contribuindo para uma melhor sedimentação; a motivação dos estudantes para a posterior abordagem de conteúdos programáticos; a compensação da carência de laboratórios na escola; e a oportunidade da relação entre a teoria e a prática. Em nenhum momento os professores relataram o museu como um espaço para a ampliação da cultura (CAZELLI *et al.*, 1997, *apud* STUDART *et al.* 2003, p.150). Diferentemente destes resultados, a maioria dos professores que ouvimos nesta pesquisa (35,7%, n=5) definiu o museu como um local de cultura e conhecimento.

Encontramos dados semelhantes aos que obtivemos com os professores na pesquisa de opinião realizada no Rio de Janeiro pelo Departamento de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DEMU/IPHAN), em março de 2007. A investigação sobre o que público acha dos museus concluiu que 41% das pessoas entrevistadas vêem o museu como um local ligado à história, 22% citaram outras referências, 16% o acham ligado à cultura, 11% a uma imagem positiva, 9% negativa, e 1% não souberam responder (IPHAN, 2007)<sup>58</sup>.

Já os estudantes inquiridos na nossa pesquisa associaram em sua maioria (16,28%, n=35) o museu a lugar com coisas velhas, apenas em terceiro lugar o museu apareceu como ligado à história (14,42%, n=31), 5,12% o associam a um lugar de cultura (n=11) e somente 7,9% (n=17) deram outras respostas com algum tipo de referência positiva. Estes dados corroboram com a pesquisa descrita por Studart e colaboradores, feita em 1987 por Mario Chagas no Rio de Janeiro. Diversas pessoas na rua foram entrevistadas de forma aleatória, e responderam sobre o conceito de museu com a primeira coisa que lhes veio na cabeça. Esta foi a mesma forma que adotamos para recolher os dados dos estudantes. A pesquisa de Chagas mostrou que “velho” e “antigo” foram as respostas mais freqüentes (STUDART *et al.*, 2003, p.152).

O fato da maioria dos educandos estar visitando o museu pela primeira vez, fez com que a segunda resposta mais dada fosse algum tipo de referência ao espaço visitado (14,88%, n=32). Foi muito interessante observar como o museu estava distante da realidade dos estudantes entrevistados no MAE e no MAFRO. Como já relatado,

---

<sup>58</sup> Não foram informados os números de entrevistados, apenas o percentual das respostas.



alguns nem conheciam a palavra museu, quiçá o espaço físico. Um depoimento emocionado de um dos estudantes que visitava o MAFRO revelou a sua vontade em mostrar para toda a família aquele espaço tão especial que ele estava conhecendo. Isto pode ser um reflexo do hábito cultural baianos, segundo indica Luisa Maria Peixoto Talento. Ela trás uma comparação entre duas pesquisas de público realizadas com os baianos quanto a visita aos museus. Em 1973 os dados indicaram que 95% dos baianos nunca haviam adentrado um museu em Salvador. Uma outra pesquisa realizada em 2003, afirma que os baianos desprezam a visita aos museus como opção de lazer, com relatos de que para muitos baianos a visita aos museus não é uma alternativa atraente de lazer para o fim de semana em família (TALENTO, 2004, p.32). Smania-Marques em uma pesquisa realizada em 2005 com estudantes da UFBA e outros moradores da cidade de Salvador, mostra que 61% (n=67) dos entrevistados afirmaram não visitarem os museus por motivos que variaram entre: não conhece; não se interessam; não têm companhia; não têm tempo; não têm incentivo, entre outras. Os estudantes universitários em sua maioria alegaram que não tinham tempo, enquanto os outros entrevistados disseram que não se interessavam (SMANIA-MARQUES, 2005, p.33).

Na pesquisa já citada anteriormente de Cazelli e colaboradores, os professores foram relatados como passivos durante a visita, apenas observando a ação dos monitores e não estabeleciam vínculos entre os conteúdos que estavam sendo observados com os trabalhos em sala de aula (CAZELLI *et al.*, 1997, *apud* STUDART *et al.* 2003, p.150). Nas observações das visitas aos Museus da UFBA constatamos o mesmo tipo de comportamento. Acho até um fato mais agravante, como o que foi relatado em relação aos professores exigirem que os estudantes permanecessem quietos na visita, sem interação com o monitor ou com os colegas. Esta atitude faz com que a visita ao museu seja apenas de contemplação, tirando o caráter de interação social que ela deve ter. Nossa observação também foi corroborada pelos dados de Almeida (1995), que afirma que mesmo quando os professores dizem estar trabalhando os conteúdos em sala de aula, não aproveitaram o espaço do museu para estabelecer relações com seus alunos; e pelos dados de Beatriz Freire (FREIRE In ALMEIDA, 1997, p.53) no



Museu do Folclore Édison Carneiro, que revelaram que mesmo a equipe do museu submetendo os professores a uma visita guiada prévia à atividade com os educandos, orientando-os com materiais bibliográficos sobre o museu e disponibilizando-se para auxiliar no preparo à visita, os professores preparavam os estudantes de uma forma genérica e disciplinadora e não faziam menção aos conteúdos estudados na escola, embora nas entrevistas tivessem relatado essa ligação.

Sobre o perfil dos estudantes, notamos que a visita segue o padrão de outros museus universitários, tais como o do museu de zoologia da USP. Segundo um perfil traçado por Santos e França (2000, p.128) entre os anos de 1996 e 1999, o visitante é o estudante do ensino fundamental, entre 7 e 14 anos, da escola pública do município de São Paulo. A maioria dos estudantes inquiridos na nossa pesquisa (86,05%, n=185) eram estudantes do ensino fundamental, entre 8 e 15 anos (85,12%, n=183), da escola pública (84,19%, n=181) do município de Salvador<sup>59</sup>.

Algumas recomendações são propostas pela pesquisa de Studart e colaboradores (2003, p.148-149) em relação ao planejamento de exposições elaboradas a partir dos resultados de uma pesquisa de público, tais como:

- “A exposição deve ser pensada de forma a criar uma ponte entre os conhecimentos dos visitantes e aqueles que o museu quer divulgar”. Para atingir este objetivo é necessário levantar informações sobre o entendimento e as expectativas dos visitantes. A nossa pesquisa não recolheu informações prévias dos estudantes e professores sobre os assuntos abordados nas exposições, e as instituições investigadas afirmaram que ainda não implantaram uma avaliação sistemática do seu público. Porém, recolhemos informações sobre suas expectativas. As respostas para a pergunta “O que você gostaria de ver no museu que não

---

<sup>59</sup> Estes dados limitam-se às turmas que foram descritas e acompanhadas. O referido perfil diagnosticado no Museu de Zoologia da USP foi feito através dos ofícios enviados pelas escolas que agendaram visitas de 1996 à 1999 (SANTOS & FRANÇO, 2000).

viu?” podem contribuir para essa questão. Além disso, o público inquirido expressou o que entendeu sobre exposição observada; essas informações também podem colaborar para a reflexão dos dirigentes em relação à proposta do museu com a exposição em relação ao que o visitante percebeu dela, para melhor adequar a proposta.

- “A exposição deve facilitar a personalização das mensagens, constituindo-se sobre poucos conceitos, apresentados a partir de idéias mais familiares, e somente depois introduzir as não familiares”. Entrevistas com os visitantes e discussões com grupos previamente formados podem revelar informações para avaliar esses aspectos da exposição. É uma sugestão que antes do início da visita seja feito um diagnóstico do grupo, com um responsável do museu por anotar as informações relevantes a serem colocadas em prática.
- “A exposição deve ser um ambiente que permita interações sociais, com trocas de informações e observação simultânea de módulos”. As observações da nossa pesquisa relataram que as visitas geralmente são dotadas de interações entre os estudantes e monitores, estudantes e estudantes, estudantes e professores, professores e monitores. Além disso, nos três museus os módulos são dispostos de forma que podem ser observados de forma simultânea. No MAC, por exemplo, os dois únicos módulos estão dispostos um em frente ao outro, separados pelo corredor de visitação; no MAE, os módulos de exposição sobre os índios da Bahia e o módulo de arte rupestre, por exemplo, fica no mesmo salão; no MAFRO o módulo de cerâmica e o de metalurgia, por exemplo, dividem o mesmo ambiente.

Marandino, em um texto que reflete sobre a relação museu e escola, aponta os principais motivos que levam os professores a visitarem os museus de ciências. Entre eles estão: a oportunidade em vivenciar situações que não podem ser reproduzidas em sala de aula, por falta de material espaço físico, entre outros, oportunizando experiência prática da teoria exposta em aula; contato com conhecimento atualizado de conhecimentos científicos; a abordagem pedagógica de forma mais interdisciplinar do que a apresentada em sala de aula; e a ampliação da cultura (MARANDINO, 2001a, p.89).

Diferentemente deste público de museus de ciência e tecnologia, todos os professores (n=8) investigados no MAFRO e 75% (n=3) dos investigados no MAE estavam preocupados em trabalhar assuntos relacionados com já citada Lei nº 10.639. Apenas um professor no MAE estava trabalhando assuntos relacionados a patrimônio histórico e museus. Provavelmente estes dados estão relacionados com o acervo do MAFRO, que se caracteriza um importante museu da cidade em relação a sua temática. Como a visita entre MAE e MAFRO é feita de forma integrada, mesmo que a relevância dos professores tenha sido a cultura afro-brasileira, as turmas tiveram a oportunidade de visitar a exposição com a temática arqueo-etnológica. Esta particularidade do acervo do MAFRO deve ser relevada, uma vez que antes da criação da Lei nº 10.639 em 2003, sua exposição não fazia parte do conteúdo formal das escolas, e o museu não tinha um programa educativo específico para este público. Apenas os dois professores que visitaram o MAC estavam preocupados somente com a ampliação da cultura e do conhecimento dos estudantes, sem dar muita relevância do conteúdo expositivo, uma vez que o objetivo era conhecer mais um dos espaços museais da UFBA, e instigar os educandos quanto às curiosidades apresentadas no acervo.

Marandino faz uma importante reflexão acerca da relação museu-escola:

Museus e escolas são espaços sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. Socialmente são espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente e ambos são imprescindíveis para a formação do cidadão cientificamente alfabetizado (MARANDINO, 2001a, p.98).

O sucesso da parceria museu-escola deve-se principalmente à articulação entre três momentos da visita: o que antecede à chegada à exposição; a visita propriamente dita à exposição; e o retorno à sala de aula. Assim, o professor deve conhecer a exposição antes de organizar a sua expedição, conversar com os responsáveis pelo serviço pedagógico, para que sejam traçadas estratégias eficazes para alcançar o objetivo pretendido com a visita (KÖPTCKE, 2003, p.121). Os dados desta pesquisa mostram que 50% (n=7) dos professores não preparam seus educandos para a visita. Entre os que preparam, apenas 1 realizou uma conversa específica sobre a ida ao museu, os demais relataram apenas estarem abordando o conteúdo exposto em sala de aula.

Porém, não basta informar ao professor sobre o projeto existente. Em meio ao trabalho prático realizado nas exposições é necessária uma pausa para indagar se os esforços aplicados estão sendo de maneira correta. Cabe ao museu ouvi-lo e preocupar-se com as suas expectativas para melhor servi-lo e aos seus estudantes.

Bloise (2006) afirma que ao se analisar e interpretar as informações obtidas com pesquisas quali-quantitativas em museus, poderão surgir novos elementos para justificar, planejar e/ou modificar as ações museais. Assim, será possível inclusive medir a eficácia de determinadas atividades e programas.

Regina de Castro Resende, a chefe do Centro de Educação Patrimonial Museu Imperial, em Petrópolis, Rio de Janeiro destaca a relevância em ouvir o visitante:

Um aspecto pedagógico importante [...] é a abertura para ouvirmos as experiências trazidas pelo público, seja ele de crianças ou adultos. A interação presente na troca de experiências entre o público e a equipe educacional do museu gera o enriquecimento da experiência de conhecimento (RESENDE In CHIOZZINI, 2006)

Assim, os dados qualitativos e quantitativos desta pesquisa do público escolar que frequentou os espaços investigados, podem contribuir para um planejamento das ações museais destes locais.

#### 4.4 “QUARTAS NO MUSEU”: A AÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE SALVADOR EM RELAÇÃO ÀS VISITAS ESCOLARES AOS MUSEUS E A RELEVÂNCIA DO PROJETO-BAHIA NA POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS.

A Secretaria da Educação e Cultura do Município de Salvador (SEC), através do setor pedagógico, realiza vários projetos que oferece à rede municipal de ensino. Um deles é uma ação que visa estimular os professores a irem com suas turmas a espaços culturais, entre eles os museus. A Assessora Técnica da Coordenação de Projetos Pedagógicos da SEC contou um pouco sobre isso:

[...] existe um grande projeto [...] da secretaria junto com a assessoria da própria secretaria que é um projeto da área de artes. [...] o projeto passou por um processo de reformulação na nova gestão, “O caminho da Arte” e dentro dessa grande programação existe as “Quartas no Museu”, [...] às quartas-feiras, dentro das ações que são feitas durante todo o caminhar, durante toda a semana ou durante o mês, então esse dia fica mais ou menos reservado para uma organização de cronograma, uma programação organizada dentro da própria rede com as escolas fica para o museu [...] (Assessora técnica).

Ela falou sobre um grupo de estudos do qual faz parte, que é integrado à Política Nacional dos Museus, e contou como começou o Projeto-Bahia, no qual a prefeitura se associaria:

[...] nós estávamos participando desde [...] final de 2003, 2004, [...] e você sabe que o MINC, Ministério da Cultura, agora com o atual Gilberto Gil, então o PNM, Plano Nacional dos Museus, e como é ligado a Museu e Educação, nós fomos convidados para representar a Secretaria com este grupo. Esse grupo se constitui, [...] inicialmente com o grupo de estudos, com a professora Maria Célia Teixeira, museóloga [...] foi a professora escolhida para representar a Bahia no Eixo 3 chamado Salvador, Eixo 3 porque existem outros Eixos, e o nosso foi justamente um grande projeto de fazer os cursos e capacitação. Coube a Bahia, Salvador, com a representante Maria Célia Teixeira esse trabalho junto com o grupo de museólogos, porque Salvador foi um dos [...] que saiu a frente com o curso de museologia e implantação. Bem verdade que teve aquele começo no Rio de Janeiro, mas foi em Salvador que foi o grande centro cultural, também, maior que se voltou para esse trabalho. A professora Maria Célia então criou a equipe não só de museólogos mas com outras pessoas de várias áreas e se constituiu o grupo de estudos. [...] nós ficamos dois anos fazendo o

levantamento, construindo primeiro com a capacitação, com grupo de estudos e capacitação, a professora coordenando e depois com os estudantes, estudantes de museologia, museólogos formados, pessoas ligadas a área de museus e também convidados de outras instituições [...] (Assessora técnica).

No dia 16 de maio de 2003 foi lançada a Política Nacional dos Museus (PNM), pelo então Ministro da Cultura Exm<sup>o</sup> Sr. Gilberto Gil Moreira. A professora Maria Célia T. M. Santos foi instituída coordenadora do Eixo Programático de Formação e Capacitação em Museologia, ação integrante da PNM. Foi criada uma comissão local na cidade de Salvador constituída por representantes dos museus, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, da Fundação Gregório de Matos, da Diretoria de Museus do IPAC – DIMUS, do curso de Museologia e dos Museus da UFBA que atuaram junto com o MinC. As diversas ações e atividades programadas por essa comissão podem ser observadas na figura 4.44 e na tabela 4.37 (SANTOS, 2005 b, p.39,40 e 47).

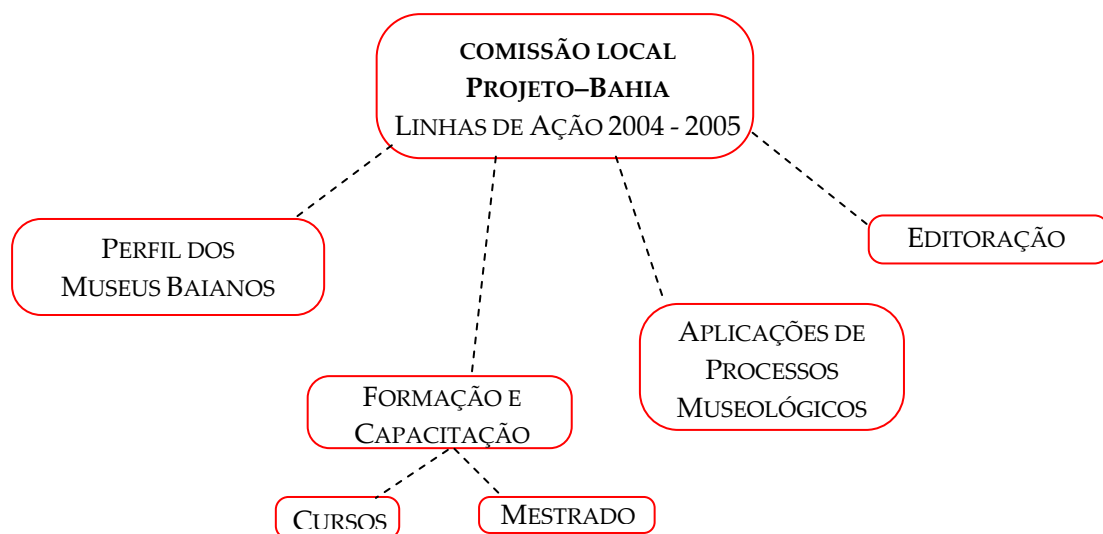


Figura 4.44: Aplicação das Ações do Eixo 3 da Política Nacional de Museus no Estado da Bahia.

Fonte: SANTOS, 2005 b, p. 47.

Tabela 4.37: Dados relativos às atividades do Projeto-Bahia ligado à Política Nacional de Museus (Tabela adaptada de SANTOS, 2005 b, p. 51).

ATIVIDADES	Nº de Realizações	Participação/Produto
ENCONTROS MUSEOLÓGICOS	6	287 PESSOAS
CURSOS DE EXTENSÃO	5	352 PARTICIPANTES, 8 PROJETOS
ENCONTROS – “MERENDA ACADÊMICA”	10	350 PARTICIPANTES EM MÉDIA
GRUPO DE ESTUDO	1	60H/AULA COM 80 PARTICIPANTES
PROJETO MUSEOLÓGICO	1	80 PARTICIPANTES
PROJETOS DE MESTRADO	1	2 UNIVERSIDADES PORTUGUESAS E 3 MUSEUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PUBLICAÇÃO	1	1500 EXEMPLARES
OFICINAS, NO INTERIOR DO ESTADO	2	80 PROFESSORES
SEMINÁRIOS, NO INTERIOR DO ESTADO	7	27 MUNICÍPIOS

Santos (2006<sup>60</sup>) destaca que a Museologia é importante não só dentro dos museus como também em processos museais a serem desenvolvidos fora dos museus, como em redes de ensino de primeiro e segundo graus, entre outros. Cita como exemplos: organizações da sociedade civil, movimentos populares, empresas, irmandades, quilombos, pequenas associações, Memoriais de Casas-de-Santo e Centros Culturais. Para ela, estes espaços constituem um campo fértil propiciando o compartilhamento de informações e de conhecimento, que, por meio da pesquisa-ação, poderá alimentar uma rede de interação, formando verdadeiras comunidades de aprendizagem. Acredito que foi dentro deste contexto que a SEC foi inserida.

A capacitação das pessoas do projeto foi feita em conjunto, onde um grupo de estudo se reunia para discutir questões no Museu de Arte Sacra. Depois disso, a equipe começou a se planejar em relação à execução do projeto:

Então capacitação, esta equipe foi constituída de grupos [...] heterogêneos, tinha pedagogos, diretor de museus. Então começamos em num espaço, que foi o Museu de Arte Sacra, a princípio foi o Museu de Arte Sacra que foi decidido, o diretor abraçou, [...] nós nos reuníamos e tínhamos [...] sessões de estudos. [...] Depois partimos pra quê? Pra mais uma estruturação de como a gente trabalhar, [...] primeiro fez-se o levantamento [...] das necessidades, e a partir daí viu-se que os museus não tinham projeto pedagógico, nenhum projeto, nem um plano [...] (Assessora Técnica).

<sup>60</sup> SANTOS, M.C.T.M.

A equipe era constituída de profissionais de diferentes áreas o que enriqueceu o trabalho, como afirmou a coordenadora do projeto Maria Célia T.M. Santos. A coordenadora ainda reflete sobre as conseqüências para a educação gerada por um grupo de trabalho nestas conformações:

A atuação conjunta de profissionais de diferentes áreas e contextos, estagiários e membros de diferentes comunidades, possibilitou o desenvolvimento de habilidades comunicativas, por meio de uma prática educativa integrada, participativa e permanente, criando por meio de **ação dialógica**<sup>61</sup>, verdadeiras comunidades de aprendizagem. Sirvent (1984),<sup>62</sup> analisando a relação entre a educação formal e não-formal, sugere que é possível organizar uma ação educativa complexa, que seja resultante de uma rede de interação entre diversos recursos educativos. Não se trata de somar ou de adicionar componentes isolados, mas de integrados mesmos ao redor de objetivos educacionais comuns. Nessa rede, insere-se a educação formal ou uma redefinição de seu papel frente à comunidade e aos recursos educativos não-formais da mesma. Ressaltamos que as parcerias foram essenciais para a alimentação e retroalimentação dessa rede de aprendizagem (SANTOS, 2005a, p.135).

A equipe do Projeto-Bahia fez um levantamento dos museus do Estado da Bahia:

[...] fizemos um levantamento com muito rigor da real situação dos museus, de instituição como museus. Você sabe que tem muitos espaços culturais, tem os espaços culturais tem espaços que tem acervos, então o que é mesmo os museus. [...] os museus você sabe que tem os museus ligados ao Estado, museus particulares e os museus da UFBA, e os museus da UFBA nós sabemos, tem também os espaços como Mário Cravo, então para se situar mesmo fazer esse mapeamento como a muito não se fazia, não é coisa inédita mas é coisa que não estava atualizada e coisas muitas que não foram, então achamos total apoio do ministério, e junto com o ministério nós apresentamos um grande projeto [...] em maio de 2003 teve um grande encontro, nesse encontro a Bahia se propôs a fazer esse projeto e nós começamos a trabalhar [...](Assessora Técnica).

Neste levantamento foram catalogados 46 museus na cidade de Salvador, registradas informações como o nome completo, a instituição a qual pertence, o departamento ao qual está ligado, o responsável, endereço, a data de criação, um resumo do acervo, e o horário de atendimento ao público.

---

<sup>61</sup> Grifo do autor.

<sup>62</sup> SIRVENTE, M.T. (org). Educação Comunitária: a experiência do Espírito Santo. São Paulo: Brasiliense, 1981. 45p.



A Assessora Técnica disse então que foi construído um plano de ação para os museus, norteado por algumas questões:

[...] Então se trabalhou para que construíssemos um plano de ação nos museus. O que é mesmo um museu? A que se presta o museu? Qual é o conceito que se tem de museus? De acervo? O museu hoje, no momento contemporâneo, no século XXI qual é a função dele? A função educativa? Como é que estava essa função educativa? É visita para os passantes? Isso tudo foi questionado. Os museus atende uma grande gama das pessoas das escolas, o setor pedagógico precisa de uma reformulação? E os porteiros? E o agente administrativo? E os vários setores do museu? E como é que está tudo? Pra ter uma linguagem só, né, uma linguagem só entre aspas, mas pra que tenha um, um eixo central (Assessora Técnica).

A coordenadora atribui como um dos motivos do sucesso da iniciativa do projeto, à base conceitual consistente em que se apoiaram, tanto em relação à organização e gestão da comissão, quanto para a aplicação dos processos museológicos. Foi escolhido um referencial teórico básico, discutido e ampliado ao longo da execução do projeto, em ações como: seminários para a organização e estruturação da comissão, grupos de estudo, merendas acadêmicas, cursos de extensão, elaboração de projetos com aplicação em diferentes contextos, pesquisa sobre perfil dos museus do estado (SANTOS, 2005 a, p.135).

Considero um dos pontos mais marcantes desse grande movimento museológico, o fato de termos uma política pública para o setor, que tem como referencial os documentos básicos da Museologia contemporânea. A PNM está embasada em referenciais básicos desse grande movimento iniciado em 1972, com a Mesa-Redonda de Santiago, e que, ao longo dos anos, vêm sendo atualizados e recriados, em diferentes contextos, buscando sempre a participação e a interação entre os técnicos e os diversos segmentos da sociedade, compreendendo o Museu como um fenômeno social, comprometido com o homem e com a melhoria da qualidade de vida (SANTOS, 2005 a, p.140).

Ela destaca a importância da aplicação de tais conceitos em uma iniciativa do poder público, e comenta a necessidade do “fazer” em detrimento de “jogar a culpa” para o governo.

O que é mais novo, nesse processo, é a adoção desses princípios pelo poder público. O nosso grande desafio foi torná-los realidade, comprometendo-nos com as suas aplicações, dispostos a avaliá-los e enriquecê-los, pois, se transferirmos a responsabilidade somente para os governantes, cairemos em

contradição. [...] Da iniciativa local, com o apoio do DEMU, foram firmados convênios, parcerias e executados projetos. Considero que a comissão de Salvador é um exemplo de que é necessário estar mobilizado, atento e disposto a continuar lutando por nossos ideais (SANTOS, 2005 a, p.140).

O fluxograma da figura 4.45, representa uma síntese da concepção construída o longo da implantação do Eixo 3 da PNM na Bahia (SANTOS, 2005 a, p.139).

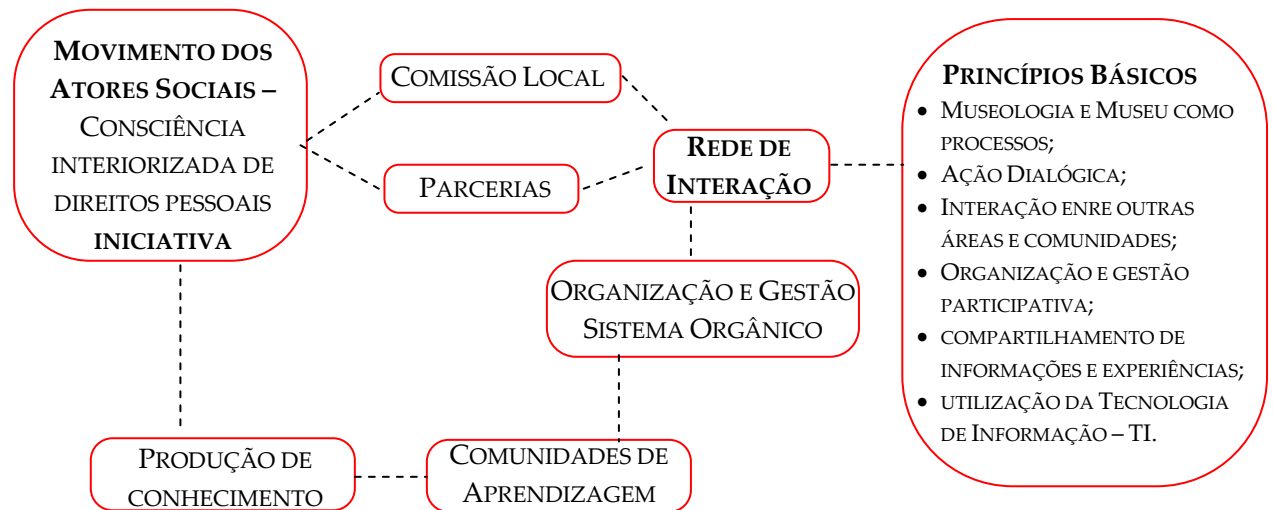


Figura 4.45: Implantação do Eixo 3 da Política Nacional de Museus: base conceitual e operacionalização.  
Fonte: SANTOS, 2005 a, p. 139.

O Ministério da Cultura apoiou as atividades desenvolvidas pela comissão local do Projeto-Bahia e acompanhou de perto as atividades do grupo.

A partir daí foi um desafio muito grande [...] Foi construído um projeto do museu [...] e depois todo um plano [...] pedagógico do museu. O plano pedagógico é uma parte de um grande projeto, né? [...] fizemos uma avaliação no final do ano, essa avaliação foi do próprio MINC [...] Ministério da cultura [...], através do contato pessoal nós fizemos esse acompanhamento, [...] e tudo sem verba, voluntário, tipo um voluntariado, né? (Assessora Técnica).

A equipe tentou contemplar o maior número de museus possível em relação às suas palestras para a reflexão do espaço.

[...] os museus foram mobilizados, a maioria correspondeu, respondeu aliás, e depois como fazer? quando todos os museus foram desenvolvendo, e você sabe que a capacitação não é isso, e que os museus [...] também e tem os museus do interior, então como nossa equipe é de capacitação e curso só é responsabilidade de Salvador, nós temos o levantamento, o levantamento foi feito como atender “num sei quantos” museus, e o critérios. Nós tivemos então uma discussão [...] a equipe que era pequena, se deslocou também para o

interior, o pessoal do interior compareceu à algumas reuniões, alguns poucos, e foi construído, eles viram a cara, como é que eles estavam, as necessidades, aí começamos a fazer né, o projeto, o projeto deles, as fraquezas, é, o que eu é que faltava, se a equipe administrativa estava dissociada, museu público [...] (Assessora Técnica).

A iniciativa não foi só das instituições da Bahia, a Assessora técnica disse que houve parcerias conseguidas através dos cursos realizados pelo grupo para professores da rede municipal de ensino e estudantes de Museologia:

[...] houve aí parcerias, UNICAMP, IPHAN, os Museus do Rio de Janeiro, do Brasil e seja lá então esse contato entrou através dos cursos. Foram dados seis cursos<sup>63</sup>, esses seis cursos em Museologia, esse espaço pedagógico para os professores da rede, professores e estudantes, estudantes da área, da área comunitária, de ONGs, todos foram convidados, porque cada tema, cada tema correspondia a um conteúdo de determinado setor. Então, Novembro do ano de 2004 a maio de 2005, foram realizados seis, isso também tivemos seminários durante o meio tempo. Esses cursos aí nós estávamos esperando que, [...] a rede municipal como já tinha esse trabalho de visita aos museus, nós aí recriamos o projeto porque se houve modificação no museu logicamente o atendimento da rede vai ser feito com outro olhar [...] Então nós fizemos isso, nós fizemos também uma reformulação, inclusive com mudança de gestão e resolvemos ir além disso. “O que o museu tem para oferecer?, O que o museu está trabalhando em consequência disso?” E as coisas foram se abrindo [...] (Assessora Técnica).

A implantação do Projeto-Bahia e as atividades desenvolvidas permitiram ainda a integração e a divulgação da realidade dos museus da Bahia:

Além disso, os Encontros Museológicos proporcionaram a oportunidade de divulgação das ações que estão sendo desenvolvidas em várias instituições, estimulando o debate e a troca de experiências entre profissionais que estão atuando em diferentes museus. É interessante ressaltar, também, que os diversos projetos elaborados durante os Cursos de Extensão, com a participação de profissionais de diferentes instituições, permitiram, não só a troca de experiências, mas também a oportunidade de conhecer realidades museológicas diversas do nosso estado. Com certeza, essas ações contribuíram para diminuir o nosso isolamento (SANTOS, 2005a, p.138).

---

<sup>63</sup> A Assessora Técnica se refere aqui aos cursos de extensão realizados pelo Projeto-Bahia, a saber: Ação Educativa e cultural em Museus, Gestão e Organização de Museus, Treinamento das equipes de Apoio e administrativas dos Museus, A relação do Museu com o público: Aspectos teórico-metodológicos, Elaboração de Projetos Culturais e Programa de ação cultural e educativa junto às exposições.

A coordenadora comentou sobre a importância da sua participação neste projeto:

A oportunidade que tive de participar da construção dos projetos Museológicos do Museu Sacaca, no Amapá, do Centro de Cultura e Memória Bovesba, do Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira e do Museu Eugênio Teixeira Leal, em Salvador – BA, bem como do planejamento e da implantação das ações de Formação e Capacitação do Projeto-Piloto<sup>64</sup> da Política Nacional de Museus, desenvolvido no Estado da Bahia, permitiu-me vivenciar, na prática, o quanto é rico e criativo o processo de planejamento que nasce do movimento dos atores sociais, que cria uma rede de interação, estimulando o nascimento de comunidades de aprendizagem, e que concebe a gestão como um sistema orgânico, criando espaços para o estímulo e a prática de uma cidadania multicultural. A partir dessas vivências, consigo, hoje, lançar um novo olhar sobre a Museologia, sobre os museus e sobre a formação em nosso campo de atuação, e sinto-me estimulada a iniciar novos processos de ação-reflexão junto com outros atores sociais (SANTOS, 2006, p.6).

Ela comentou também sobre a importância da participação da equipe como um todo no Projeto-Bahia:

Do ponto de vista da participação, avalio que, o Projeto-Bahia da PNM, tem um diferencial importante: a participação não aconteceu somente no momento da formulação de propostas, ela está tendo continuidade, e foram criados vários canais de comunicação. Esse procedimento nos leva a concluir que estamos provocando uma mudança de atitude, tanto em relação aos que estão atuando nos museus e no desenvolvimento dos processos museológicos. Em relação a estes últimos, a convocação para a participação continuada indica que não basta elaborar os documentos e cobrar a sua execução. É necessário estar atento, planejar, executar, avaliar, propor e cobrar; entender que somos responsáveis por alimentar este rico processo de interlocução, assumindo erros e acertos. Este novo cenário exige, sobretudo, transparência, presteza, atenção e desejo de que os projetos se transformem em realidade, sem o que, acredito, continuaremos com os mesmos pontos críticos, tantas vezes apontados em documentos e seminários (SANTOS, 2005 a, p.140).

Assim, compreendemos que olhar o museu como espaço aberto e propício à aplicação de saberes de diferentes campos do conhecimento é, também, compreender a importância do processo museológico para a definição das políticas, dos programas, dos projetos e da definição do perfil da instituição (SANTOS, 2006, p.4).

Um dos resultados do Projeto-Bahia foi em relação às conclusões obtidas sobre a elaboração e implantação de Projetos Museológicos:

---

<sup>64</sup> Inserido no Projeto-Bahia do PNM

Constatou-se por exemplo, que práticas museológicas participativas podem ser desenvolvidas em diferentes tipologias de museus, dependendo somente, da concepção de Museu e de Museologia que estão sendo adotadas na aplicação da ação museal e da disposição dos atores sociais para legitimá-las, por meio da **ação dialógica, do compartilhamento de informação e de experiências**, bem como do **comprometimento**<sup>65</sup> (SANTOS 2005 a, p. 139).

A prefeitura se interessou pelo projeto para que as visitas dos estudantes da rede municipal de ensino, que aconteciam no programa “Quartas no Museu” fossem mais do que um simples passeio. A idéia era que os museus refletissem os seus espaços enquanto espaços de ensino.

O exercício de um trabalho em museus surgiu com a coordenação do projeto “Quartas no Museu”, da Secretaria Municipal da Educação e Cultura, através do setor pedagógico – CENAP. Este projeto, realizado no ano de 2004, proporcionou aos alunos e professores do município o acesso ao bem cultural, contribuindo para a formação cidadã e enriquecimento das atividades pedagógicas, através de ações extra sala de aula. Através de um planejamento prévio, os alunos eram levados, sempre às quartas-feiras, a conhecer um museu da cidade. Posteriormente, em sala de aula, a atividade prosseguia com ações que privilegiavam os conteúdos dos museus visitados (MORELLI, 2005, p.31).

[...] esse *link* para a parte pedagógica para a gente não ficar só nas visitas como a gente fazia anteriormente, quando a escola vai ao museu, [...] no museu vai oferecer muito mais do que estava oferecendo aí é que vai entrar a rede, esse *link* é feito quando eu estava participando do grupo, estou participando do grupo, já está em uma outra fase, então o museu se organizando vai poder mostrar a cara dele, “o que é que eu tô fazendo aqui?” “qual é a clientela que eu quero atingir?” [...] quais são todas as necessidades, a parte pedagógica do museu, “o que eu estou oferecendo está de acordo com a demanda?” Então tudo isso foi a partir daí os museus, os museus pilotos, como a gente chamou, apresentaram para que os outros também pudessem prestigiar [...] (Assessora Técnica).

A coordenadora do Projeto-Bahia comentou sobre essa parceria com a Secretaria:

Considero, também, que a implantação do Projeto-Bahia da PNM, estimulou o intercâmbio entre as instituições museológicas e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Cidade do Salvador. A ampliação do programa “Quartas no Museu”, com a capacitação de professores e o envolvimento de diversos museus nos programas educativos, é um exemplo dessa integração (SANTOS, 2005a, p.138).

---

<sup>65</sup> Grifos do autor.

A Assessora Técnica diz que com esse projeto eles pretendem que os professores e as escolas passem a ver os museus com um outro olhar, integrando o conteúdo da sala de aula com estes espaços, e que os museus também vejam as visitas dos estudantes de uma forma mais pedagógica.

[...] o setor pedagógico passa uma outra visão, a escola também passará a ter um outro contato com a ação pedagógica do museu, casada com a nossa [...] E nós estamos [...] dentro das “Quartas ao Museu”, retomando com as sessões de estudo do conteúdo trabalhado. O projeto da gente é um projeto que não é só da assessoria, [...] agente monta as exposições nas escolas. Já tem livros, já tem uma série de informações. Até então os professores que não conheciam museus, já está tendo essa criação, inclusive eles levam seus filhos (Assessora Técnica).

A reformulação do projeto “Caminhos da Arte” originado em outra gestão sofreu reformulações, como a inclusão da família.

[...] houve uma reformulação. [...] são várias vertentes, vários caminhos, com uma roupagem nova, que agora vem a parte mesmo de contextualização da arte [...]. Então, em todos os sentidos. E uma ampliação para a comunidade, a família. No caso da comunidade agente tá dando para a comunidade familiar porque é mais próximo, e porque a demanda é grande. E a família agente tá acompanhando e também dando uma nova visão para os meninos que o movimento artístico de Salvador tem várias vertentes, que cada bairro tem sua peculiaridade. Os meninos vivem e respiram arte, mas eles não têm essa consciência. E a família, o que é mesmo “vocês vão fazer um passeio?”, é uma aula-passeio não deixa de ser. “Hoje é dia de passeio, não é aula”. Essa conotação... para que a família também saiba o que seu filho anda fazendo, eles saibam que aquele espaço é um espaço cultural, um espaço de conhecimento, e que visitar museu, ver um monte de velharia, desmistificar essa coisa e disseminar o que tem de artístico [...] (Assessora Técnica).

As famílias dos estudantes que participaram dessas ações também estão se interessando pela visita, porém, o projeto ainda carece de mais apoio, principalmente em relação ao transporte.

[...] Já temos dados de que as famílias estão participando, os pais acompanhando [...] a agente quer ver se faz essa ampliação, questão do transporte. Mas nós temos apoio, a Secretaria Municipal deu muito apoio, não só na questão de transporte mas também na questão pedagógica [...] (Assessora Técnica).

Ela destacou que esse acompanhamento dos familiares é personalizado, já que cada bairro tem uma peculiaridade, e que estes indivíduos são estimulados a preservarem a sua memória:

[...] Então isso vem em função de... Cada bairro tem sua peculiaridade. Quando um bairro de pescador faz um samba de roda, ou alguma coisa, e tem determinados instrumentos dos pescadores. Agente fala também que isso pode ser guardado, que isso é uma memória. Agente trata muito dessa questão que tá se discutindo, essa questão da memória e preservação. Isso tá se discutindo muito, porque agente preserva não somente guardando no museu, agente preserva na memória, no escrito, na oralidade, que hoje tá se perdendo. Se preserva quando você...Claro que as reformulações vão acontecendo, inclusive na própria mídia [...] (Assessora técnica).

O Museu Lasar Segall, em São Paulo realiza, entre outras atividades, paralelo ao recebimento de estudantes e professores, o projeto “Arte em Família”, voltado para a visita de grupos familiares, durante o terceiro sábado de cada mês. A dinâmica da visita é a mesma que é utilizada nos cursos para professores, na qual a opção é o enfoque qualitativo, de não manter visitas monitoradas convencionais. Na sala de exposição, o educador se atém a uma análise mais pormenorizada de duas obras do artista, procurando fomentar uma leitura mais reflexiva e aprofundada do público (CHIOZZINI, 2006).

No Projeto da Prefeitura de Salvador quem escolhe o museu a ser visitado é o professor da turma, porém, se o museu não comportar a quantidade de estudantes são escolhidos museus próximos para que a saída seja aproveitada ao máximo:

[...] Agora, a escolha do museu até então será feita somente pelos professores. Agente dá o *link*, esse contato com os museus, faz-se um cronograma de saída desse meninos às quartas-feiras, procurando atender o maior número possível de alunos, quando o museu não comporta os 40 ou 50, na mesma região agente aproveita os museus próximos. Por exemplo, no Pelourinho há um grande contingente de museus, um maior número, [...] então agente coloca os meninos, eles vão com uma programação feita pela Professora Bernadete, que tem o cuidado de fazer essa programação, inclusive comunicar ao professor desses meninos que ao mesmo tempo estão em outro museu vizinho, para dividir e aproveitar. E os professores faziam uma escolha, “quero ir para o Museu da Música, Casa da Música”, “quero ir para o Museu Afro” [...] (Assessora Técnica).

Para as turmas do noturno as visitas são aos sábados:



[...] o noturno é o seguinte, [...] os museus não abrem à noite, mas têm museus que abrem aos sábados. Então [...] atender algumas escolas ao sábado pela manhã, o museu Afro abre. [...] Os que trabalham tem mais dificuldade por causa do tempo [...] (Assessora Técnica).

As turmas que não tiverem interesse em participar deste projeto fazem outra programação, como cinema e teatro, por exemplo:

[...] não vão todas as turmas, não vai a escola toda. Às vezes a professora escolhe duas ou três classes e as outras não querem. Então, parte para outra programação [...] (Assessora Técnica).

No fim do ano as escolas desenvolvem algumas atividades, com os estudantes, ligadas ao programa e devem mandar um relatório descrevendo as atividades relacionadas a esse projeto para a SEC.

[...] o relatório que eles fazem, eles enviam para SEC dizendo como foi o trabalho, como é que são os alunos. [...] E também os meninos constroem o livro, às vezes reflete também no estudo [...] Uma mostra no final do ano, em determinada data [...]. No caso no auditório, ou na escola, ou na comunidade, ou aqui no teatro solar, agente usa muito esse espaço. [...] Agente ver o que foi que eles aproveitaram. Faz um desfile, faz uma dramatização, aí vai com o professor do teatro. No ano passado teve um desfile que eles se vestiram com uma roupa antiga [...]. Então isso aí também eles fazem, criação de ... eles fazem exposições, réplicas, desenho do que eles viram [...], construções, fazem muito isso [...] (Assessora Técnica).

A Assessora Técnica disse que apesar do material impresso que os museus fornecem é necessária à confecção de um material específico para distribuir aos professores, fazendo com que eles conheçam previamente o acervo e a exposição, para saber que assunto trabalhar com seus estudantes.

Não, [...] é isso que esse ano agente está revendo, porque a contextualização estava muito superficial, porque inclusive muitos [...] precisavam saber [...] por antecipação, que material básico que o museu tem, o material do tipo folder, o histórico, e isso não nos deixou de faltar né?, mas agente queria esse ano um material mais efetivo, e estamos ainda fechando agora [...] dentro desse projeto um material informativo pedagógico para os professores (Assessora Técnica).



A Assessora Técnica destacou que, entre os cursos realizados pelo Projeto-Bahia, o que tratou sobre Museu e Educação, foi um dos que mais contribuiu para a confecção do material que será distribuído aos professores que conta com um histórico sobre os museus, sugestões de museus para a visitação e sugestões do que o professor pode fazer quando voltar para a sala de aula.

[...] um dos que era Museu e Educação foi que mais chamou atenção porque quando se tratou de uma coisa específica de museu, por exemplo montagem de exposição, é uma coisa que agente vai saber uma porção mas para aprofundar é com o pessoal específico de museu. Então no Museu e Educação agente fala o que é um museu, as origens do museu, então tem a história. [...] o que é um acervo, a parte de exposição, os expositores com as exposições temporárias, o museu na América Latina, a coisa da Grécia, a coisa de como não era um museu, de como surgiu a idéia de museu, que as pessoas guardavam suas coisas, suas relíquias, eles faziam né desde a mesopotâmia e os povos todos. E depois tomou sentido do que era um museu e que agora é uma visão ampla mais nova. [...] tem os textos para os professores se informarem, depois vem a relação de alguns museus que agente sugere dentro do trabalho pedagógico da rede [...] o do azulejo mesmo [acho que o nome é Udo Knoff], o Temporal, [...] a importância desses museus. Nós colocamos 10 museus misturados, o Costa Pinto já um acervo particular [...] o Museu da Cidade, o MAM, a Casa da Música [...] um espaço que agente trabalha ali em Pituvaçu, que é o espaço Mário Cravo, importantíssimo. Ele tem ali oficinas, [...] o Museu Afro e [...] de Etnologia [...] o de Geologia, que é importante, [...] o museu de Castro Alves que é um pouco longe daqui, que sai da periferia [...] o material tem isso, as sugestões e o porquê desses museus, dentro desse levantamento [...] E no final tem uma série de sugestões, ele retornando o que é que ele pode fazer. Algumas sugestões e no final as recomendações e a bibliografia [...] (Assessora Técnica).

Quem ministrou o referido curso “Ação educativa e cultural dos museus” foi Camilo de Mello Vasconcellos, professor responsável pelo Setor Educativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Ele afirmou que ter ministrado o curso no âmbito da PNM foi gratificante não só pela participação intensa dos alunos durante as discussões como também pela qualidade dos projetos apresentados ao final dos trabalhos. Um dos fatores para o sucesso deste curso foi a contextualização das aulas em relação às áreas de atuação profissional dos participantes (VASCONCELLOS, 2005, p.63).

Inicialmente foi abordada a conceituação geral de alguns termos relativos à prática museológica, tais como: ação educativa, ação cultural ou ação cultural e

educativa em museus. Vasconcellos ressaltou que foram discutidos aspectos teórico-metodológicos da ação educativa e cultural dos museus tradicionais, uma vez que a maioria dos profissionais presentes atuava em instituições dessa natureza. (VASCONCELLOS, 2005, p.63). O curso seguiu com outras discussões sobre a prática destas ações, porém, de acordo com o relato da Assessora Técnica, esta parte conceitual foi mais relevante para a ação da Secretaria.

Segundo a Assessora Técnica, o guia confeccionado pela Secretaria também conta com uma sugestão de bibliografia para o professor consultar, porém mais restrita à questão da cultura afro:

A bibliografia mais para a cultura afro-descendente, porque é uma coisa que está sendo implantada na rede, agente já tá trabalhando. É que no Estado trabalha a cultura baiana. E agente trabalha mesmo história, geografia. [...] E o Museu Afro, no ano passado teve um material que ele disponibilizou, que eles começam com um trabalho, [...] com o professor e o aluno, [...] o encarte muito bem feito [...] (Assessora Técnica).<sup>66</sup>

Ela falou da parceria com o MAFRO em prol do cumprimento da Lei 10.639 sobre a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no ensino formal.

[...] a lei [...] de Cultura Afro, então a rede municipal tá pegando a frente, além da lei maior do MEC [...] já tem um trabalho na rede de cultura afro-descendente. Então, [...] o Museu Afro tem um projeto dentro do próprio museu de trabalhar monitores afro-descendentes, da parte pedagógica, [...] nós nos associamos à eles [...], tem as oficinas que ainda estão engatinhando por conta do tempo, que os meninos chegam às 14:00 e tem que retornar às 16:00, porque é o horário da aula deles, né. Mas só visitam a oficina [...] O Museu Afro construiu réplicas, os colares, machados, adereços e cadeiras. Os meninos vão no museu, e tem jogos, tem uma atividade pedagógica [...] (Assessora Técnica).

Em relação à inclusão deste tema no ensino, Camargo (2006) afirma que Jorge Carneiro, o diretor de ações afirmativas da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) do governo federal admitiu que a lei 10.639 ainda não é conhecida por muitas escolas. Segundo o diretor, estão atualmente em discussão

---

<sup>66</sup> Aqui a Assessora técnica se refere ao material didático que o MAFRO disponibiliza para professores e estudantes que participam das visitas e oficinas com os monitores.

maneiras de levar a lei para todos os municípios do Brasil, através de avanços na sua divulgação e implantação (CAMARGO, 2006).

Foi realizada pesquisa com professores, funcionários da escola, estudantes e pais de alunos, aplicada nas capitais de três estados brasileiros (Salvador (BA), Belo Horizonte (BH) e São Paulo (SP)) em parceria com Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (CEAFRO-UFBA), Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT) e Movimento Interforuns de Educação Infantil do Brasil (MIEIB). Os dados mostraram que apesar de já haver algum material nas escolas sobre o tema, e dele ser conhecido por professores e funcionários, ainda não há impacto sobre os estudantes (CAMARGO, 2006).

Camargo afirma que Maria Luiza Passos, Formadora do Projeto Escola Plural do CEAFRO<sup>67</sup> que acompanhou a pesquisa em Salvador, ressaltou que a maioria dos professores não teve acesso a um conteúdo aprofundado sobre África nas escolas e faculdades, dificultando a aplicação do tema (CAMARGO, 2006). Ações como as do MAFRO pretendem contribuir para a implantação da referida Lei.

Esta ação em parceria MAFRO/Secretaria de Educação e Cultura do Município teve repercussão nacional como mostra a reportagem de Daniel Chiozzini ao IPHAN:

O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, de Salvador, também tem construído projetos em parceria com órgãos e instituições que respondem a demandas sociais, porém também destacam-se os associados à educação formal. É o caso do “Projeto de Ação Pedagógica e Capacitação de Jovens Monitores”, que envolveu a Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Visando contribuir com a implementação da Lei 10.639/03, que determina a inclusão da história e culturas africanas e afro-brasileiras no currículo escolar, o museu lançou, no último dia 7 de Dezembro<sup>68</sup>, um material didático que abordam a temática a partir de objetos do acervo da instituição. Paralelamente, o museu formou doze jovens negros para trabalharem como monitores e realizou encontros de formação com professores da rede municipal. Segundo a assessoria de imprensa do museu, o projeto foi financiado com recursos obtidos através de uma emenda parlamentar que assegura recursos para implementação da lei (CHIOZZINI, 2006).

---

<sup>67</sup> O CEAFRO é um programa do CEAO/UFBA.

<sup>68</sup> Ano de 2006.

Ela não constitui uma ação isolada do MAFRO. *“A área educacional tem se consolidado dentro dos museus, o que inclui o fortalecimento de parcerias, principalmente junto a secretarias da Educação e instituições escolares”* afirma Chiozzini (2006). Ele mostra que outros museus do país também preocupados com a qualidade das atividades e a formação do visitante, realizaram parcerias positivas com as Secretarias de Educação dos seus estados, como é o caso do Museu Lasar Segall, em São Paulo.

A primeira consequência deste processo está, em maior ou menor escala, no foco voltado para o público escolar. No caso do Museu Lasar Segall, em São Paulo, esta ênfase foi potencializada por uma parceria com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Daí surgiu o projeto denominado *“Traços e Passos”*, atendeu 212 professores ligados às Diretorias de Ensino de Caieiras e Diadema, na grande São Paulo (CHIOZZINI, 2006).

O trabalho do Museu Lasar Segall, iniciado em Agosto de 2006, contou com a capacitação de professores, oportunizando o contato com princípios teóricos da apreciação estética, além de exercícios práticos de pintura no ateliê do museu. Além disso, o curso ofereceu material didático produzido pela equipe do museu para os professores trabalharem em sala de aula. Ainda dentro das atividades, os professores escolheram um dos roteiros disponíveis de visita ao museu a ser percorrido pelos seus estudantes, os prepararam previamente e retornaram com eles ao museu. O resultado foi a visita de cerca de 4.000 alunos do ensino médio ao museu, até o mês de Novembro de 2006. o museu se organizou para melhor atender a este público, e recebeu inclusive estudantes do período noturno. Em Dezembro de 2006 a ação *“Traços e Passos”* foi concluída, com a realização de um seminário em que foram apresentados painéis e comunicações de alguns dos projetos desenvolvidos pelos professores a partir das visitas ao museu. Na ocasião, os trabalhos foram discutidos e debatidos com duas pesquisadoras da área (CHIOZZINI, 2006).

Sobre a grande incidência de parcerias com órgãos ligados à educação formal, nota-se que os mesmos são uma das fontes mais imediatas para viabilizar recursos para atividades educacionais dos museus, seja ela circunscrita uma visita, ou projetos mais extensos. Deste modo, os museus acabam tendo como um dos seus principais focos, o público escolar (CHIOZZINI, 2006).

Em relação à sugestão dos espaços, os professores recebem uma tabela com o nome de dez espaços culturais, um resumo do acervo, o local em que estão e os dias de funcionamento do projeto naquele espaço (Anexo V). Os espaços citados são: Museu Abelardo Rodrigues, Museu Temporal, Museu Eugênio Teixeira Leal, Fundação Casa de Jorge Amado, Museu Afro-Brasileiro, Museu da Cidade, Galeria da Cidade, Museu Geológico, Museu Carlos Costa Pinto, Casa da Música e Museu de Arte Moderna da Bahia. Constatei nessa tabela que os dias referidos para as visitas vão de segunda à sexta nos turnos matutino e vespertino, contradizendo algumas informações da entrevista como a referida exclusiva quarta-feira no museu e as visitas aos sábados. Ao que parece, de acordo com o relato aqui apresentado da Assessora Técnica de Atividades Pedagógicas, o projeto “Quarta no Museu”, no qual os estudantes iam todas as quartas-feiras a museus da cidade, ocorreu no ano de 2004<sup>69</sup>, e o que existe hoje em dia é uma reformulação do mesmo, o qual incentiva os professores a levarem os seus estudantes a estes espaços.

Houve uma época em que existiu um convênio com estagiários de turismo que guiavam o ônibus desde a saída da escola e já iam dando informações os lugares e o que estavam vendo durante o caminho da escola até o museu:

[...] nós tivemos um ano que fizemos um convenio com estagiários de turismo e com a EMTURSA<sup>70</sup> na época foi muito rico pois estes estagiários vinham e já trabalhavam o entorno, o que podia ser pelo dique ou pela orla, e os meninos já iam trabalhando esse entorno. Além deles estarem indo para a instituição, eles já tinham no entorno o trabalho né. Eu não sei esse ano agora como vai ficar porque agente tá vendo outras coisas para reformular [...] (Assessora Técnica).

Ela avalia o resultado do projeto como positivo, porém não foram apresentados dados qualitativos que demonstrem o impacto deste tipo e ação em relação aos educandos:

[...] Olha esses meninos da rede, agente vê a diferença [...] disciplina, de conhecimento. Porque quando você fala em preservar, não adianta [...] isso é muito difícil [...] (Assessora Técnica).

---

<sup>69</sup> Vide citação MORELLI, 2005 p. 31, da página 243.

<sup>70</sup> EMTURSA – Empresa de Turismo de Salvador.

De acordo com os resultados descritos na sessão anterior deste Capítulo notamos que, de uma forma geral, os estudantes da rede pública de ensino da 2ª a 8ª série do ensino fundamental, que visitaram o MAE e o MAFRO, apresentaram muitas dificuldades em relação à escrita e na compreensão da leitura das perguntas contidas no questionário, caracterizando um analfabetismo funcional<sup>71</sup>. Assim, uma triste reflexão recai sobre a observação da alfabetização destes estudantes. Segundo o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, a aprendizagem da linguagem escrita é concebida como (BRASIL, 1998, p.122):

- a compreensão de um sistema de representação e não somente como a aquisição de um código de transcrição da fala<sup>72</sup>;
- um aprendizado que coloca diversas questões de ordem conceitual, e não somente perceptivo-motoras, para a criança;
- um processo de construção de conhecimento pelas crianças por meio de práticas que têm como ponto de partida e de chegada o uso da linguagem e a participação nas diversas práticas sociais de escrita.

O Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil destaca ainda as capacidades e os objetivos que as instituições e os profissionais de ensino devem promover ao sujeito (BRASIL, 1998, p.131):

**Crianças de zero a três anos:**

- participar de variadas situações de comunicação oral, para interagir e expressar desejos, necessidades e sentimentos por meio da linguagem oral, contando suas vivências;
- interessar-se pela leitura de histórias;

---

<sup>71</sup> Excluímos aqui os estudantes que visitaram o MAC, que mostraram muita clareza nas redações e expressões de opiniões. É relevante salientar que apesar de muitos educandos desse grupo pertencerem a rede pública de ensino eles estão inseridos em um projeto de alfabetização científica, colocando-os em uma diferente realidade.

<sup>72</sup> Nota do autor: Como a escrita alfabética pode transcrever tudo o que é dito, há a tentação de considerá-la como representação completa da emissão do falante. Porém, a escrita não é mera transcrição da fala e representa apenas parte de seu sentido. Uma frase falada em tom irônico, como “Você está linda!”, é escrita da mesma forma que a mesma frase dita em tom sério. Dentre outras coisas, a forma gráfica não determina completamente a interpretação, que precisa ser inferida do contexto.

- familiarizar-se aos poucos com a escrita por meio da participação em situações nas quais ela se faz necessária e do contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos etc.

**Crianças de quatro a seis anos:** Para esta fase, os objetivos estabelecidos para a faixa etária de zero a três anos deverão ser aprofundados e ampliados, promovendo-se, ainda, as seguintes capacidades nas crianças:

- ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas;
- familiarizar-se com a escrita por meio do manuseio de livros, revistas e outros portadores de texto e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário;
- escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor;
- interessar-se por escrever palavras e textos ainda que não de forma convencional;
- reconhecer seu nome escrito, sabendo identificá-lo nas diversas situações do cotidiano;
- escolher os livros para ler e apreciar.

Durante a alfabetização a criança deve ser capaz de (BRASIL, 1998, p.145):

- Participação em situações cotidianas nas quais se faz necessário o uso da escrita.
- Escrita do próprio nome em situações em que isso é necessário.
- Produção de textos individuais e/ou coletivos ditados oralmente ao professor para diversos fins.
- Prática de escrita de próprio punho, utilizando o conhecimento de que dispõe, no momento, sobre o sistema de escrita em língua materna.
- Respeito pela produção própria e alheia.

Ou seja, o sujeito que sai da Educação infantil deveria ser capaz de ler e produzir textos, no entanto, a maioria se mostrou muito deficiente neste aspecto. Neste contexto é complicado discutir a alfabetização científica deste público que não possui nem uma boa educação formal básica, em espaços como os museus.



Esta situação é um reflexo do caos em que se encontra a educação básica pública do Brasil. No dia 26 de abril de 2007, o Ministério da Educação (MEC) divulgou o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)<sup>73</sup>. Entre os mais de 5.500 municípios brasileiros apenas em dez os alunos da rede municipal de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série já atingiram ou superaram a nota média 6 (equivalente ao padrão de aprendizagem dos países desenvolvidos). Especificamente em relação à rede municipal, cerca de 73% (n=4.101) do total de cidades do país ficaram com nota inferior a 5, numa escala de 0 a 10. São Paulo foi o estado que conseguiu a maior média, atingindo 4,5. Santa Catarina foi o único estado que superou a nota 4, com a média 4,1, para turmas de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental. No ensino médio a situação não é diferente, 16 estados ficaram abaixo da nota média 3 (na escala de 0 a 10). Os estados de Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul atingiram a média mais alta, porém, não passaram de 3,5 (WEBWER, 2007).

Ney Campello, o Secretário municipal da educação de Salvador, ressaltou que o índice revela um quadro de desigualdades regionais do país, uma vez que 80% dos municípios que tiveram IDEB abaixo da média nacional estão no Nordeste (CAMPELLO In JACOB, 2007).

Destacamos a situação da Bahia, que ocupa a terceira pior colocação do país, com média de 2,6 para o ensino fundamental e de 2,7 para o ensino médio. O Estado só ficou acima do Rio Grande do Norte e do Piauí. A Bahia teve sete cidades (a saber: Biritinga, Inhambupe, Itarantim, Lamarão, Maiquinique, Serrinha e Sítio do Mato), entre as vinte, com piores resultados no ensino público de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries<sup>74</sup>. As notas de todos os municípios brasileiros variaram de 0,3 até 6,8, sendo que a cidade de Maiquine teve o pior índice do país para o ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental, com média de 0,3 (JACOB, 2007).

---

<sup>73</sup> O IDEB é um indicador de qualidade educacional aplicado em escolas públicas de 4<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do ensino fundamental e 3<sup>a</sup> série do ensino médio. Ele é calculado a partir da Prova Brasil (com teste de português e matemática), e das taxas de aprovação.

<sup>74</sup> Os índices destas cidades variam entre 0,7 e 1,6.



Salvador teve a menor média do IDEB entre as capitais do país em relação ao ensino da 1ª à 4ª série, com um índice de 2,8. O psicólogo educacional Roberto Sidnei Macedo, Coordenador da pós-graduação da Faculdade de Educação da UFBA, considera que estes números revelam uma tendência clara para a falta de responsabilidade com o aprendizado socialmente relevante: *“Temos uma sociedade desigual, que cria alunos desiguais, mas quer tratá-los como iguais. Então, as políticas e propostas pedagógicas, na realidade, estão longe de atender às necessidades concretas desses alunos”* (MACEDO In JACOB, A., 2007).

A Assessora Técnica finalizou a entrevista dizendo que pelo fato dela e de outras pessoas da equipe ser professores, e terem a experiência da sala de aula, a visão dos projetos é mais direcionada às necessidades dos professores:

[...] Fui professora da rede e depois vim pra cá, e dentro da minha área de artes [...] especialização em cultura. [...] justamente por causa dessa questão da proximidade da sala de aula, essa coisa que você tem sala de aula e o órgão central, como agente chama, então tem muito a ver. Quem é o professor que tá em sala de aula e que tá aqui, não tá friamente... todos nós aqui temos experiência em sala de aula... Então temos outro olhar, uma coisa mais da... uma coisa que não é fria [...] Você esteve em sua sala de aula, você sabe os macetes de sala de aula, os macetes dos alunos. Professor, você lida com o professor [...] (Assessora Técnica).

Para concluir a experiência da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e Cultura e o Programa de Formação e Capacitação para a área da Museologia do Projeto-Bahia, a Assessora Técnica relatou sua satisfação e a intenção de criar novos projetos nessa área:

A experiência adquirida através da participação no Programa de Formação e Capacitação para a área da Museologia, Projeto-Bahia, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Célia T. Moura Santos, configurou-se como relevante, pela oportunidade de ampliar conhecimentos e visão sobre a importância da Museologia no processo de educação. [...] as avaliações das atividades entre os envolvidos neste processo, somadas às experiências adquiridas nas sessões de estudos e cursos na área da Museologia, mostram que o processo educativo transcende a sala de aula. Também contribuíram para que reformulássemos e ampliássemos a proposta metodológica do projeto, no ano em curso<sup>75</sup>, e evidenciaram a necessidade de investimento na capacitação dos professores envolvidos. Concluo reafirmando a nossa motivação, amparada na experiência

---

<sup>75</sup> 2005.

adquirida através da participação no Programa de Formação e Capacitação para a Área de Museologia, Projeto-Bahia, que certamente influenciará futuros projetos, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, voltados a essa área (MORELLI, 2005, p.31).

Um reflexo da ação “Quartas no Museu” pode ser comprovado nos resultados obtidos com os questionários, pois 69,8% (n=150) dos estudantes entrevistados pertenciam à rede municipal de ensino, enquanto 14,4% (n=31) eram da rede estadual, 10,2% (n=22) da rede particular e 5,6% (n=12) pertenciam a um projeto ligado a Universidade Federal da Bahia.

Para o campo dos museus universitários, principalmente da UFBA, uma relevante contribuição do Projeto-Piloto, e de ações museológicas fora dos museus, como a referida parceria com a SEC, é a direção do novo caminhar da Museologia, onde a pesquisa, o ensino e a extensão, não mais estarão dissociados.

[...] área de extensão, nesse novo contexto, terá uma importância vital na construção da pluriuniversidade, e será responsável por promover transformações importantes na organização dos currículos dos cursos das diversas áreas, na formação e na carreira docente (SANTOS, 2006, p. 5).

#### 4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERFIL DOS MUSEUS ANALISADOS EM RELAÇÃO AO PERFIL DOS MUSEUS DA BAHIA E A POLÍTICA DE GESTÃO DE MUSEUS NA UFBA.

No decorrer deste capítulo pudemos constatar as dificuldades encontradas pelos espaços museológicos da UFBA. Será que essas dificuldades estão relacionadas apenas aos espaços ligados à universidade?

Em um projeto realizado em 2004, vinculado ao Projeto-Bahia da PNM, intitulado “Projeto Perfil dos Museus do Estado da Bahia: conhecendo realidades no campo museológico baiano” o objetivo principal foi realizar um amplo diagnóstico, identificando o perfil dos museus baianos, expandir a PNM para o interior e proporcionar subsídios para a formulação de políticas culturais no estado. Entre os 417 municípios do Estado, listou-se 46 cidades, além da capital, que possuem museus. A saber: Araci, Barra do Mendes, Barreiras, Belo Campo, Boa Vista do Tupim, Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Caetité, Cairu, Camaçari, Candeias, Central, Canudos, Feira de Santana, Guanambi, Helvécia, Ibicuí, Ilhéus, Ipiaú, Itabuna, Itajuípe, Itambé, Itapetinga, Ituberá, Jaguaquara, Juazeiro, Jussiape, Lauro de Freitas, Lençóis, Macaúbas, Mata de São João, Monte Santo, Mucugê, Porto Seguro, Prado, Salvador, Santa Brígida, Santa Cruz Cabrália, Santa Maria da Vitória, Santo Amaro, São Félix, São Francisco do Conde, Saúde, Taperoá, Una, Utinga e Vitória da Conquista (FLORES *et al.*, 2005, p.105).

Neste trabalho foram identificadas 130 instituições, sendo que 61 estavam localizadas em Salvador e 69 no interior do Estado. No entanto, nem todas as instituições levantadas se caracterizavam como museus, umas não foram encontradas, e outras não foram avaliadas pela equipe. Para os dados efetivos, foram selecionados 80 museus, sendo 46 (57,50%) em Salvador e 34 (42,50%) no interior, cujos acervos predominantes são históricos, fotográficos, documentais e artísticos. Entre esses, 60% (n=48) pertencem à tutela pública e 40% (n=32) à tutela privada (FLORES *et al.*, 2005, p.114). Entre os museus selecionados por Flores e colaboradores estavam os quatro

espaços investigados como objetos da nossa pesquisa, sendo que o MAC estava com outro título, a saber: “Interativo de Anatomia Comparada” (confirmado que se tratava do MAC pelos dados de endereço, telefone e e-mail) e “Museu de História Natural Herbário Alexandre Leal”, onde aparece o MZ já como Museu de História Natural em associação com o Herbário do Instituto de Biologia, sendo que o mesmo ainda não foi aprovado pelo Conselho Universitário da UFBA e não existe enquanto espaço integrado e com ações museológicas.

Em relação à gestão museológica, organização, funcionamento e planejamento, a pesquisa de Flores e colaboradores (2005, p.116) revelou que 67,50% (54) não possui um Projeto Museológico<sup>76</sup>, sendo que destes 21,25% (n=34) correspondem a museus públicos. Entre os museus analisados para essa dissertação, o MZ não apresentou nenhum tipo de projeto, apenas a “Proposta de Criação do Museu de História Natural do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia”, na qual constam informações que atenderiam a um Projeto Museológico, mas cujas ações ainda não estão em vigência; o MAC apresentou um “Projeto de ampliação e ganho estrutural”, confeccionado em 2003, no qual constam alguns dos aspectos relevantes para um Projeto Museológico, porém ainda não existe um documento específico de Projeto Museológico; o MAE apresentou o “Regimento do Museu de Arqueologia e Etnologia” que atende as informações desejadas para um Projeto Museológico; e o MAFRO ainda está construindo o seu regimento.

Em relação aos aspectos de gestão dos Museus Universitários, Santos (2006) afirma que é importante destacar a necessidade de atribuir ao planejamento as dimensões social e educativa. As discussões sobre o planejamento museológico durante o “IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários” implicaram na discussão sobre um ideal de Museu e de Universidade:

O planejamento não é apenas uma técnica com o objetivo de melhorar a ação dos museus. É, sobretudo, um processo de crescimento humano. É um

---

<sup>76</sup> “Documento que expressa a concepção do Museu e sua missão, fundamentada teoricamente, de maneira a sistematizar e direcionar as ações dos diversos setores” (FLORES, et al., 2005, p.116)

processo educativo de ação e reflexão, que deve ser alcançado com a participação, deve ser uma prática incorporada ao cotidiano dos nossos museus e exercitada por todos que estão envolvidos com a sua missão (SANTOS 2006).

A ausência de um decreto de criação do MAC e do MZ não é um caso particular. Segundo dados de Flores e colaboradores (2005, p.117) 62,50% dos 80 museus avaliados na Bahia não possuem um decreto, ou seja, não estão legalizados. Dos 37,50% (n=30) que apresentam 28,75% (n=23) são museus de tutoria pública, sendo que 13 estão localizados em Salvador. *“Esse aspecto, dentre outros, dificulta a obtenção de financiamento de projetos pelas instituições de fomento”*, comentam Flores e colaboradores (2005, p.117). Os dirigentes dos quatro museus ouvidos nesta pesquisa queixaram-se da carência de recursos financeiros, impossibilitando a realização de algumas atividades tais como manutenção adequada do acervo, acondicionamento apropriado da reserva técnica, ampliação do quadro de funcionários, realização de uma exposição de qualidade, entre outros. Este fato não está isolado na UFBA. Apenas 6,3% (n=5) dos museus pesquisados na Bahia possuem renda suficiente, o que impossibilita a realização de algumas atividades, tais como a manutenção do espaço de forma apropriada, por exemplo. Além disso, 81,25% (n=65) dos museus não possuem nenhum tipo de financiamento de projetos (FLORES *et al.*, 2005, p.119).

Este fato nos levou à reflexão de que a falta de verbas e a não institucionalização acabam tornando-se co-dependentes. O curador do MZ foi enfático em afirmar o quanto é difícil conseguir verbas para uma melhoria da instituição, que por sua vez não é conseguida por ainda ser uma *“ação embrionária”*. Ou seja, pequenas ações não conseguem crescer por falta de verbas e a verba não chega porque são pequenas ações.

A queixa em relação ao deficiente quadro de funcionários, relatada anteriormente neste capítulo, também é um quadro geral dos museus da Bahia, que apresenta deficiência de funcionários nas mais diversas áreas (FLORES *et al.*, 2005, p.121). Para estes autores, um número insuficiente de funcionários acarreta um

comprometimento do desempenho das atividades técnicas, do desenvolvimento dos projetos e, conseqüentemente, a relação dos museus com a sociedade.

O relato de Daniel Roberto dos Reis Silva sobre o Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) mostra que, ao que parece, o problema em relação à institucionalização, carência de verbas e de corpo técnico especializado é uma situação generalizada dos museus universitários do país.

Com origens que remontam à década de 1980, o mae constitui-se num museu universitário vinculado à UFJF. Como muitos museus universitários, apresenta algumas características próprias, como o fato de não ser institucionalizado. Assim, todas as suas verbas dependem de financiamentos e realização de projetos por via de agências de fomento e/ou parcerias com órgãos públicos, configurando-se antes um centro de pesquisa do que um museu propriamente dito. Sua peculiaridade reside fato de que estas características se estendem também ao seu corpo técnico. Como seus pesquisadores são oriundos de diversos departamentos, a única que participa ativa e integralmente de sua gestão é a professora Ana Paula de Paula Loures de Oliveira, auxiliada por uma equipe de estagiários e colaboradores. Esta questão torna-se delicada uma vez que a citada professora não faz parte do quadro efetivo da UFJF, ficando o museu, assim, numa situação sempre liminar em relação às decisões da instituição (SILVA, 2006, p.2).

Em 26 de julho de 2006 a então presidente do Fórum de Museus Universitários, Maria das Graças Ribeiro, alertou para a realidade dos Museus Universitários brasileiros: *"Eles exercem um papel importante, mas são carentes de quase tudo. Necessitam de incentivo para infra-estrutura mínima, projetos e até ampliação do quadro de pessoal, enfim, existe uma grande demanda"* (RIBEIRO In GIUDICE, 2006).

Apenas 38% (n=30) dos museus baianos apresentam acesso para o usuário portador de necessidades especiais (FLORES, *et al.*, 2005, p.122). O MZ localiza-se no segundo andar do Instituto de Biologia, sendo, portanto de difícil acesso para este tipo de público, porém, como não tem as portas abertas não é um fator muito relevante. O MAC, por estar no térreo, ter o terreno desde a entrada na MEV até sua porta não muito acidentado e se constituir apenas de uma sala dividida em dois espaços por um corredor, permite a visitação deste tipo de público. A entrada lateral do MAE, através de um acesso ligado ao estacionamento da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus,

permite que os visitantes com tais particularidades cheguem com mais facilidade, no entanto, a entrada principal integrada entre o MAE e o MAFRO possui escadas. O MAFRO, mesmo internamente, possui acesso a um dos módulos através de escada. São poucos degraus, porém dificultam a visita deste tipo de visitante.

Cerca de 30% (n=24) das instituições da Bahia possuem documentação informatizada (FLORES *et al.*, 2005, p.123). Entre os espaços pesquisados na UFBA o MZ, MAFRO e MAE apresentam as coleções parciais ou totalmente digitalizadas, já o MAC tem apenas um levantamento geral do acervo. Cabe destacar que o MAE possui um sistema documental informatizado, através do programa SIAC - Sistema Acervo, composto por: Banco de Dados Documentais (BDD), Banco de História Oral (BHO) e Banco de Áudio Visual (BAV), que comportam dados relativos à cultura material e imaterial dos grupos indígenas que estão representados no acervo e das pesquisas arqueológicas realizadas pela instituição. Em relação aos museus da Bahia, 53% (n=42) apresentam um projeto documental, sendo que 26% (n=29) referem-se a museus de tutoria pública (FLORES *et al.*, 2005, p.123). O MZ faz a documentação apenas ao nível de pesquisa científica, o MAE e MAFRO apresentam algum tipo de projeto documental e o MAC não apresenta nenhum tipo de projeto dessa natureza. Ainda assim, os museus que apresentam sistematização e/ou projetos documentais relataram carências como déficit e erro de informações (MAFRO), desorganização da documentação (MAE), falta de sistematização (MAC) e tombamento incompleto do acervo (MZ).

Particularmente em relação às atividades culturais e educativas no MAC, MAE e MAFRO a programação desenvolvida refere-se à visita guiada. O MAFRO apresentou um projeto pedagógico, preocupado com as questões referentes à já citada Lei 10.639. O MAC foi o único que disse avaliar as visitas, porém, na visita acompanhada neste trabalho não foi observado qualquer tipo de avaliação por parte da instituição. Em relação a este tipo de atividade realizada pelos museus baianos, a situação é semelhante. As programações de 65% (n=52) das instituições são as atividades de visitas guiadas (sendo destas 41% (n=21) relativas a instituições de tutoria pública); 42% (n=34)

realizam visitas curriculares; 38% (n=30) realizam programações com temas escolhidos; e 37% (n=29) realizam programações especiais em datas comemorativas.

Em relação à ação cultural e educativa, a programação mais freqüente é a visita guiada. São poucas as instituições que possuem um projeto pedagógico e a maioria realiza o processo de avaliação após o término das atividades. Os dados indicam que é necessário rever e estimular a realização de projetos junto às escolas, para que os museus possam contribuir, efetivamente, para o desenvolvimento sócio-cultural das diversas regiões do Estado da Bahia (FLORES, *et al.*, 2005, p.124).

Um importante instrumento para atrair a visita do público aos museus é a sua divulgação. A responsável pelo MAC frisou que sempre que tem oportunidade aparece na mídia para fazer propaganda do seu espaço, e com isso atrai o público escolar. O MAC não apresenta um livro de registro dos visitantes, o que dificulta avaliar em termos quantitativos a visita a este espaço. Já a visita integrada do MAE/MAFRO é registrada em um livro de assinaturas logo na entrada do museu. Além disso, existe uma agenda com as marcações das escolas. Quando as escolas vão ao museu apenas o professor assina, porém descreve a quantidade de estudantes na turma. As falas apresentadas pelos representantes do MAE e do MAFRO mostraram que após a iniciativa da “Quarta no Museu” a freqüência ao espaço aumentou bastante. Em 2006 foi lançado o “Guia dos Museus da UFBA”, já citado anteriormente neste capítulo, e confeccionados folhetos com informações gerais sobre os três museus reconhecidos pela universidade. Estas iniciativas de divulgação garantem um acesso do público a estes espaços. O quadro geral traçado dos museus da Bahia revela que a maioria não consta nos roteiros culturais das cidades, o que repercute na redução do público freqüentador, bem como no uso destes locais como áreas de pesquisa e lazer (FLORES *et al.*, 2005, p.125). Apenas 28% (n=22) das instituições desenvolvem atividades de marketing e publicidade. Ainda em relação à interação dos museus com o público, 58% (n=47) realizam eventos culturais; 49% (n=39) divulgação do acervo; e 22% (n=18) realizam projetos com a comunidade.



O MAC é a única instituição entre as quatro analisadas que não desenvolve nenhuma atividade de pesquisa. Na Bahia cerca de 29% (n=23) das instituições realizam atividades de desenvolvimento e pesquisa, sendo que 20% (n=5) referem-se a instituições de tutela pública.

Segundo Ribeiro e Pôssas (2006, p.8) os Museus Universitários são parceiros na educação patrimonial, diferenciando-se dos demais tipos de museus por deterem características que os inserem num contexto transmuseal, como por exemplo, a produção de conhecimento, que, além de evidenciar o processo de construção do saber, potencializa o compromisso com a sua difusão. Sendo assim, o fato do MAC não realizar nenhum tipo de pesquisa, deve ser refletido pela equipe do Museu, que neste momento, deixa de cumprir um dos importantes papéis do Museu Universitário. Talvez esta deficiência no campo da pesquisa esteja atrelada a sua origem. Como já dito anteriormente, a formação inicial do MAC era uma sala de coleção didática, com peças anatômicas que atendiam aos estudantes do curso de veterinária. Como a carência de espaços que disponibilizem acervos relativos à História Natural na cidade de Salvador é muito grande, o MAC passou a ser procurado por outras instituições de ensino, com colégios públicos e particulares da Educação Infantil ao Ensino Médio. Assim, quando em 2002 abriu as portas ao público através da ACC passou a atender essa nova demanda de estudantes. A pesquisa não constitui um objetivo da dirigente do MAC, que durante a entrevista afirmou estar consciente desta lacuna, mas que, porém, alega não ter, atualmente, tempo suficiente para supri-la. Provavelmente, pelo fato de ainda se caracterizar como uma sala de coleção didática, o museu ainda não é institucionalizado como Órgão Suplementar da UFBA.

Os museus baianos em geral não abrem nos fins de semana (53,75%, n=43) e entre os que abrem, 26,25% (n=11) são de tutela pública (FLORES *et al.*, 2005, p.127). Como o MAC só funciona para visitação atrelada à disciplina ACC, as visitas restringem-se, normalmente, a serem realizadas de Segunda a Sexta-feira, em horários que ajustam a disponibilidade dos monitores e interesse da escola. Já o MAE e o

MAFRO abrem nos fins de semana para a visitação pública, facilitando o acesso dos estudantes do turno noturno, que não têm disponibilidade para irem durante a semana.

Apenas o MZ não apresenta nenhum tipo de exposição entre os quatro espaços analisados. Como dito anteriormente, o MAFRO possui uma exposição baseada em um projeto realizado por uma equipe interdisciplinar; o MAE teve sua exposição recentemente reformulada pelo então diretor e seus assistentes; e o MAC possui uma exposição sem planejamento, de forma desordenada. O acervo é dividido entre animais taxidermizados, órgãos conservados em via úmida e esqueletos. Estas peças não são exibidas segundo uma categorização zoológica, por exemplo. Faz-se necessário um planejamento para a apresentação deste acervo, quer seja por nichos ecológicos, classificação dos grandes grupos, ou alguma outra que permita ao visitante identificar um contexto no qual aqueles animais estão inseridos. Existem outros museus na Bahia que não apresentam projetos para suas exposições, Flores e colaboradores (2006, p.128) apontam que 60% (n=48) realizam exposições com base em um projeto. É relevante destacar a importância da exposição em um museu:

[...] a exposição um instrumento importante de comunicação e divulgação da produção do conhecimento e de acesso do público ao Museu, e que para tanto requer de planejamento de execução, com definição de metas, cronograma e recursos necessários, levando em consideração o público alvo e o objetivo (FLORES, *et al.* 2005, p.128).

Com estes dados podemos concluir que as carências apontadas pelos espaços pesquisados na UFBA são similares às apresentadas para os museus da Bahia, segundo o trabalho realizado entre 2003 e 2005 por Flores e colaboradores (FLORES *et al.*, 2005, p.98-131). Carências estas relacionadas à: projeto museológico (documento estrutural que concebe, planeja e sistematiza as ações); recursos financeiros (para manutenção e desenvolvimento de ações técnicas e administrativas); quadro de funcionários (com profissionais especializados); avaliação das ações desenvolvidas; documentação do acervo; divulgação; pesquisa; e planejamento e execução de suas exposições.

Santos (2006) relata que ações como as referidas em relação ao Projeto-Bahia (do qual faz parte o também descrito “Projeto Perfil”) são resultados de uma ampla parceria com envolvimento de profissionais e estudantes de diferentes áreas. Com isso, além de criarem uma rede de interação entre os museus da capital e do interior do Estado, proporcionaram a abertura de um canal de comunicação com a Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, cujo compromisso é implantar na gestão do Reitor Naomar de Almeida Filho (atualmente em vigor), uma Coordenadoria de Museus da Universidade, com proposta de construção de uma política museológica para a Universidade.

É válido ressaltar que a UFBA foi parceira das ações da PNM na Bahia. Sendo assim, muitas ações foram realizadas com o objetivo de buscar a integração para o desenvolvimento dos projetos, dentre as quais destaco a reunião com a participação do Reitor, Pró-Reitor de Extensão, Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, docentes do curso de Museologia e diretores dos museus, com o objetivo de integrar os museus da UFBA às ações da PNM e propor a adoção de uma Política Museológica para a Universidade. Além disso, a comissão local trabalhou também com a Pró-Reitoria de Extensão, realizando encontros com técnicos e diretores dos museus e núcleos de memória da UFBA (SANTOS, 2005 b, p.42-43).

As primeiras iniciativas para essa formação foram dadas na gestão do Pró-Reitor de Extensão, Prof. Manoel José Ferreira de Carvalho, em 2004, que mobilizou os Núcleos de Memória, os Museus da UFBA e o curso de Museologia para dar os primeiros passos nesse sentido. É urgente e necessário que a UFBA estabeleça uma Portaria e institucionalize uma comissão para discutir a política dos museus universitários, bem como dos espaços potencialmente museais já existentes na instituição. Deveriam existir normas para a criação de espaços museais na Universidade, pois não deveria ser permitido que setores que desejassem fundar tais espaços simplesmente o fizessem sem uma adequação de métodos e procedimentos que a instituição Museu exige. Por exemplo, acreditamos que caberia ao Departamento de Museologia dar consultoria aos professores interessados em fundar, manter e/ou

expandir os seus espaço. Claro que a iniciativa em pedir ajuda competente deve ser do gerenciador do espaço sem esta formação, que em primeiro lugar deveria se conscientizar da importância do Museólogo para auxiliá-lo nesta importante missão, que é a constituição de um espaço divulgador de conhecimento científico.

A Universidade deveria garantir aos espaços como os referidos Museu de Zoologia e Museu de Anatomia Comparada condições para que se estabeleçam como um verdadeiro Museu Universitário deve ser, contribuindo inclusive para o desenvolvimento sócio-cultural da cidade. A cidade de Salvador não tem, por exemplo, um museu de História Natural, constituindo uma grave lacuna para o conhecimento e lazer dos moradores em relação a este tema, tão fascinante e instigante, e que também está presente nos livros didáticos. O Jardim Zoológico auxilia aos professores que querem oportunizar aos seus educandos um contato mais prático com o assunto, porém acreditamos que ainda não é suficiente. Ações realizadas pelo MAC também vêm contribuindo neste aspecto.

Freitas & Ceravolo (2005, p.26) chamam a atenção para este problema:

[...] os responsáveis por uma série de coleções universitárias que, no seu cotidiano, desenvolvem ações museológicas seja cuidando ou ampliando coleções específicas, seja levando à frente e divulgando áreas de conhecimento. Citam-se exemplos: as coleções zoológicas, as de anatomia veterinária, os experimentos matemáticos, as coleções de artes, dentre outras. Tal fato, não só confirma o vastíssimo acervo sob guarda, em última instância, da Universidade Federal da Bahia, como também demonstra um potencial rico - a ser devidamente organizado e disseminado - de possíveis museus e centros de memória desta Universidade que devem vir a público e prestarem serviços de comunicação e informação. Isso não é pouco. Na verdade, trata-se de um campo a cuidar, apontando para a UFBA a necessidade, já conhecida, de implantar um organismo catalisador para gerenciar e criar condições adequadas de divulgação. São elas para a cidade do Salvador e para a região de uma riqueza ímpar (FREITAS & CERAVOLO, 2005, p. 26).

Santos (2006) afirma que podemos compreender que os avanços no campo museológico estão diretamente relacionados com o desenvolvimento “dos nossos museus” e com a qualidade do trabalho desenvolvido na instituição, internamente, e na relação que estabelece com a sociedade.

Considero que um dos grandes problemas que temos, hoje, do ponto de vista operacional, é que elaboramos os nossos programas olhando para nós mesmos. Para a sua execução, queremos que os museus e outros departamentos e unidades sejam nossos parceiros. É necessário, pois, uma mudança interna, em cada um de nós, para que a parceria e a integração desejada aconteçam de modo efetivo, desde o planejamento dos nossos cursos e projetos (SANTOS, 2006).

Dentro desta discussão, assumimos como nossa a reflexão da Prof<sup>a</sup> do Departamento de Museologia da UFBA, Suely Moraes Ceravolo, feita comunicação pessoal:

Por isso, a própria UFBA deve *rever* sua política interna em relação ao patrimônio que está sob sua guarda; conhecer a situação interna desses museus, núcleos de memória e coleções e as frágeis condições as quais estão sendo submetidos para então repensar a “missão” que está colada aos museus e o porquê da criação de novos equipamentos. Criar e institucionalizar museus me parece, não é tão difícil, mas tem seu preço. Aliás, diga-se, um custo que nada tem de “baixo”. Porque, para que, como e para quem são perguntas que a UFBA precisa responder *antes* de implantar novas instituições. O que fazer com as que já estão acumuladas em vários departamentos?



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema deste trabalho foi feita, desde o início, com muito carinho, uma vez que os museus e seu papel educativo são temas muito especiais aos nossos olhos.

No universo dos museus e de tantos outros espaços potencialmente museais da UFBA, escolhemos quatro. Este recorte foi feito com base no tema do acervo/exposição, no qual, nos limitamos a investigar os espaços divulgadores de conhecimento científico, que se auto-intitulassem como museus. Assim, o Museu de Arte Sacra, um dos três museus instituídos como órgão suplementar da UFBA, uma referência internacional dentro do seu universo, ficou de fora desta pesquisa. Da mesma forma, deixamos de investigar tantos outros espaços especiais da Universidade tais como o Memorial da Medicina Brasileira, a Rede de Zoologia Interativa do Instituto de Biologia, o Laboratório de Jogos Matemáticos do Instituto de Matemática, entre outros.

Para a realização da pesquisa sabíamos que enfrentaríamos desafios para recolher os dados, principalmente em relação aos questionários aplicados entre estudantes e professores que freqüentaram os espaços selecionados. No entanto, a dificuldade e angústia foram ainda maiores do que imaginávamos, quando nos deparamos com o analfabetismo funcional dos estudantes do ensino fundamental da rede municipal de ensino, verificado através do preenchimento dos questionários. Mesmo que não fosse nossa pretensão, constatamos a triste realidade que se encontram os estudantes do ensino público. Ainda assim, conseguimos levantar dados relevantes para constituir um perfil do visitante escolar que freqüenta os espaços investigados, os quais acreditamos que auxiliarão



os dirigentes na formulação e realização de propostas e ações dirigidas a este público.

Os resultados obtidos, através dos depoimentos dos dirigentes e com as observações da autora, deixam claro o quanto a UFBA ainda precisa investir nos seus museus e, principalmente, em uma política de gestão museológica. É urgente que a Universidade reveja a sua política interna em relação ao patrimônio que está sob sua guarda e que conheça a situação destes espaços, para que então construa uma política interna para os museus. É necessário que seja normatizada a instituição de espaços deste tipo dentro da Universidade, bem como, seja criada uma comissão interdisciplinar para prestar consultoria aos dirigentes, que por sua vez, devem estar abertos às novas idéias, e conscientes de seus problemas e do seu papel para com a comunidade.

## BIBLIOGRAFIA

1. ALLARD, M.; BOUCHER, S.; FOREST, L. The museum and the school. **McGill Journal of Education**, vol. 29, nº2, p.197-212. 1994.
2. ALMEIDA, A. M. **A relação do público com o museu do Instituto Butantan: Análise da exposição 'Na natureza não existem vilões'**. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.
3. ALMEIDA, A. M. Desafios da relação museu-escola. **Comunicação & Educação**, Ano III, nº10, p.50-56, 1997.
4. ALMEIDA, A. M. **Museus e Coleções Universitárias : por que museus de arte na Universidade de São Paulo?** Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
5. ALVEZ, A.M.A. **O Ipiranga Apropriado** - ciência, política e poder: o Museu Paulista, 1896 - 1922. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. 213p.
6. ABCMC, Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências; C.C., Casa da Ciência; M.V., Museu da Vida. **Centros e Museus de Ciências do Brasil**. Rio de Janeiro: ABCMC, 2005.
7. BAHIA – Secretaria de Cultura e Turismo. (a) **Museu de Arte da Bahia**. Disponível em: <<http://www.funceb.ba.gov.br/mab/index.htm>>. Acesso em: 07 de setembro de 2006.
8. BAHIA – Secretaria do Planejamento da Bahia. (b) **Histórico**. Disponível em: <[http://www.seplan.ba.gov.br/ins\\_historico.htm](http://www.seplan.ba.gov.br/ins_historico.htm)>. Acesso em: 07 de setembro de 2006.
9. BARROS, H. L. In: Mesa Redonda sobre Centros de Ciências promovida pela SBPC/SBF, realizada durante a 43ª Reunião Anual da SBPC, em 18/07/1991, no de Janeiro (gravação em vídeo dos arquivos do IFUSP) *apud*: GASPAR, A. **Museus e Centros de Ciências** – Conceituação e proposta de um referencial teórico. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, USP. S. PAULO, 1993. 118 p.
10. BIANCONI, M. L. & CARUSO, F. Educação não-formal. **Ciência & Cultura**. no.4, vol.57, p.20-20, 2005. Disponível na internet em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000400013&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400013&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0009-6725. Acesso em: 17 de abril de 2005.



11. BLOISE, A.S. **Os Museus e os Jovens: os Museus Brasileiros Conhecem seu Público ?** Revista Museu: Cultura levada a sério – Artigos de 18 de maio. 2006. Disponível na internet em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=9047>>. Acesso em: 27 de abril de 2007.
12. BOAVENTURA, E. M. **O Solar Góes Calmon. Salvador: Academia de Letras da Bahia**, 2004. 120 p.
13. BOGDAN, R.C. & BIKLEN, S.K. **Investigação Qualitativa em Educação – Fundamentos da Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução.** Portugal: porto Editora LADA, 1994. 337p.
14. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo. Vol. 3**, Brasília: MEC/SEF, 1998. 269p.
15. CAMRGO, B. **Consciência Negra.** Especial para a Carta Maior. 22 de Novembro de 2006. Disponível na internet em: <[http://agenciacartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=12889&editoria\\_id=5](http://agenciacartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12889&editoria_id=5)>. Acesso em 28 de abril de 2007.
16. CARDOSO, F.H. & SOUZA, P.R. **Lei Federal Nº 9.394/96 - Lei de diretrizes e bases da educação.** Brasília, 1996. Disponível na internet em: <http://www.mec.gov.br/semtec/proep/legislacao/lf9394.shtm>>. Acesso em 28 de abril de 2005.
17. CAVALCANTI, C. **Museu de ciência: arena de ciências** Entrevista com Jorge Wangesberg concedida ao “Espaço Ciência Viva” em 12 de Abril de 2005. Disponível na internet em: <<http://www.cienciaviva.org.br/4scwc/entrevistas04.htm>>. Acesso em: 16 de maio de 2005.
18. CAZELLI, S.; GOUVÊA, G.; FRANCO, C.; SOUSA, C. Padrões de interação e aprendizagem compartilhada na exposição laboratório de Astronomia. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v.78, n. 188/189/190, p. 413-471, 1997, *apud*: STUART, D.C.; ALMEIDA, A.M.; VALENTE, M.E. Pesquisa de Público em museus: desenvolvimento e perspectivas. In: GOUVÊA, G; MARANDINO, M.; LEAL, M.C. (org.) **Educação e Museu – A construção social do caráter educativo dos museus de ciência.** Rio de Janeiro: Access, 2003. p.129-157.9
19. CERAVOLO, S. M. **Museus.** Apostila didática. 2006

20. CHASSOT, A. **Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação**. 3ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003. 440 p.
21. CHIOZZINI, D. Educação além dos muros. **Patrimônio, Revista Eletrônica do IPHAN** – Educação Patrimonial, nº3, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=134>>. Acesso em: 25 de abril de 2007.
22. COLEMAM, L.V. College and University Museums. The Museum in America, AAM, Washington DC, vol. 1, chap. X, 1939, pg.165-176, *apud* ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e Coleções Universitárias : por que museus de arte na Universidade de São Paulo?** Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
23. COOMBS, P. H.; PROSSER, C.; AHMED, M. New Paths to Learning for Rural Children and Youth, New York: 1973, *apud* SMITH, M. K. Non Formal Education. **INFED -The Informal Education**. 2001. Disponível na internet em: <http://www.infed.org/biblio/b-nonfor.htm#idea>. Acesso em: 18 de abril de 2005.
24. CURY, M.X. **Museus e Amigos - Os Museus Como Amigos**. Revista Museu: Cultura levada a sério – Artigos de 18 de maio. 2007. Disponível na internet em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=9047>>. Acesso em: 27 de abril de 2005.
25. DURANT, J. O que é alfabetização científica?. In: MASSARANI, L.; TURNEY, J. MOREIRA, I.C. **Terra Incógnita: a interface entre ciência e público**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent - UFRJ, Casa da Ciência – FIOCRUZ, 2005. p 13-26.
26. ETCHEVARNE, C. (resp. textual). **Catálogo dos Museus da UFBA: Museu de Arqueologia e Etnologia**. 1ª edição, Salvador: Ministério das Relações Exteriores-BR, 2006. 40p.
27. FERNÁNDEZ, L.A. **Museologia y Museografía**. 2ª ed. Barcelona: Ediciones Del Serbal, 2001. 384p.
28. FLORES, J.; PINHEIRO, A.; PASSOS, A.M.O.; LIMA, P.; ASSIS, VALDEMAR; ROCHA, A.K.VILASBOAS, I.; MONTEIRO, J.; CHAVES, J.C.; GOMES, L.; TRINDADE, V.; SANTANA, E.S. Os projetos e suas linhas temáticas: análise e resultados. In: SANTOS, M.C.T.M. (org.). **Programa de Formação e Capacitação em museologia: Projeto Bahia, Relatório 2003 – 2005**. Salvador: MINC/IPHAN/DEMU, 2005. p.98 - 131.

29. FRANÇOSO, M. F. L. A AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DE ZOOLOGIA DA USP. *Arq.Inst.Biol.*, São Paulo, v.67 (supl.), p.128, 2000.
30. FREITAS, J.M. & CERÁVOLO, S.M. O diálogo com os parceiros: Instituições e colaboradores – O departamento de museologia e o Projeto-Bahia – Política Nacional de Museus (PNM). In: SANTOS, M.C.T.M. (org.). **Programa de Formação e Capacitação em museologia: Projeto Bahia, Relatório 2003 – 2005.** Salvador: MINC/IPHAN/DEMU, 2005. p.25 - 26.
31. GADOTTI, M. **Informação, Conhecimento e Sociedade em rede: que potencialidades?.** Educação Sociedade e Cultura. IV Encontro Internacional Caminhando para uma Cidadania Multicultural. Universidade do Porto, Portugal. 2004. Disponível na internet pelo Instituto Paulo Freire em: [http://www.paulofreire.org/Moacir\\_Gadotti/Artigos/Portugues/Formacao\\_do\\_Educador/Sociedade\\_rede\\_2004.pdf](http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Formacao_do_Educador/Sociedade_rede_2004.pdf). Acesso em: 22 de abril de 2007.
32. GADOTTI, M. **The Issue of Formal/Non-Formal Education.** Institut International des Droits de l'Enfant (IDE) Seminar: 'Right to Education: Solution to all Problems or Problem without Solution?'. Sion, Suisse 2005. Disponível na internet pelo Instituto Paulo Freire em: [http://www.paulofreire.org/Moacir\\_Gadotti/Artigos/Portugues/Educacao\\_Popular\\_e\\_EJA/Educacao\\_formal\\_ao\\_formal\\_2005.pdf](http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Educacao_Popular_e_EJA/Educacao_formal_ao_formal_2005.pdf). Acesso em: 17 de abril de 2007.
33. GASPAR, A. **Museus e Centros de Ciências – Conceituação e proposta de um referencial teórico.** Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, USP. S. PAULO, 1993. 118 p.
34. GDM – Guia dos Museus: Museus do Brasil e do Mundo. **Pequena História dos Museus.** 19 abril de 2004. Disponível na internet em: <<http://cave.cave.com.br/fio/museus/Museus.htm>>. Acesso em: 17 de agosto de 2004.
35. GIUDICE, P. **Museus universitários buscam apoio.** Universia Brasil – Clipping. 2006. Disponível na internet em: < [http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia\\_clipping\\_dcdib.html](http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_clipping_dcdib.html)>. Acesso em: 25 de abril de 2007.
36. GOHN, M.G. **Educação não formal e cultura política.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
37. GOLDEMBERG, J. Museus de Ciência. In: CRESTANA, S.; CASTRO, M.G.; PEREIRA, G.R.M. (org.) **Centros e museus de ciência, visões e experiências: subsídios um programa nacional de popularização da ciência.** São Paulo: Saraiva, Estação Ciência. 1998. p. 33 – 35.

38. MARCOVITCH, J. O desafio de ensinar ciências. In: HAMBURGER, E.W. & MATOS, C. (org.) **O desafio de ensinar ciências no século XXI**. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 36-43.
39. HAMBURGER, E.W. A popularização da Ciência no Brasil. In: CRESTANA, S.; HAMBURGER, E.W.; SILVA, D.M.; MASCARENHAS, S. (org.) **Educação para a ciência: curso para treinamento em centros e museus de Ciência**. São Paulo: Livraria da Física Ltda, 2002. p. 31-40.
40. IBIO, Instituto de Biologia. **Conheça o Museu de História Natural**. Disponível na internet em: <http://www.biologia.ufba.br/museuher.htm>. Acesso em: 01 de setembro de 2006.
41. ICOM – *International Council of Museums*. **ICOM Statutes**. 06 de julho de 2001. Disponível na internet em: < <http://icom.museum/statutes.html#top>>. Acesso em: 17 de maio de 2005.
42. ICOM – *International Council of Museums* (a). **Each Year the 18th May**. 11 de março de 2005. Disponível na internet em: < <http://icom.museum/imd.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2005.
43. ICOM – *International Council of Museums* (b). **International Museum Day: 2005 "Museums bridging cultures"**. 17 de maio de 2005. Disponível na internet em: <[http://icom.museum/2005\\_contents.html](http://icom.museum/2005_contents.html)>. Acesso em: 17 de maio de 2005.
44. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Museus**. 2005. Disponível na internet em: <<http://www.iphan.gov.br/bens/Museus/museus.htm>>. Acesso em: 28 de abril de 2005.
45. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Uma noite no Museu: Pesquisa revela como os espectadores cariocas vêem o museu**. Notícias IPHAN, março de 2007. Disponível na internet em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=2D7CE34AE701AA72A054A37FC80BF1C3?id=13541&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>>. Acesso em: 28 de abril de 2007.
46. JACOB, A. Bahia tem piores índices do ensino público do Brasil. **Correio da Bahia**. 28 de Abril de 2007. Disponível na internet em: <<http://www.correiodabahia.com.br/aquisalvador/noticia.asp?codigo=127132>>. Acesso em: 29 de abril de 2007.
47. KRASILCHIK, M.; MARANDINO, M. **Ensino de Ciências e cidadania**. São Paulo: Moderna, 2004. 88p.

48. KÖPTCKE, L.S. A análise da parceria museu-escola como experiência social e espaço de afirmação do sujeito. In: GOUVÊA, G; MARANDINO, M.; LEAL, M.C. (org.) **Educação e Museu** – A construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003. p.107-128.
49. LA BELLE, T. Nonformal Education in Latin American and the Caribbean. Stability, Reform or Revolution? New York, Praeger, 1986, *apud* GADOTTI, M. **The Issue of Formal/Non-Formal Education**. Institut International des Droits de l'Enfant (IDE) Seminar: 'Right to Education: Solution to all Problems or Problem without Solution?'. Sion, Suisse 2005, *traduzido por* GADOTTI, M. Disponível na internet pelo Instituto Paulo Freire em: [http://www.paulofreire.org/Moacir\\_Gadotti/Artigos/Portugues/Educao\\_Popular\\_e\\_EJA/Educao\\_formal\\_nao\\_formal\\_2005.pdf](http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Educao_Popular_e_EJA/Educao_formal_nao_formal_2005.pdf). Acesso em: 17 de abril de 2007.
50. LIMA, C.D.C & SANTOS, M.J.M. (org.). (a) **Catálogo dos Museus da UFBA: Museu Afro-Brasileiro**. 1ª edição, Salvador: Ministério das Relações Exteriores-BR, 2006. 36p.
51. LIMA, C.D.C. & SANTOS, M.J.M (org.) (b) **Catálogo dos Museus da UFBA: Museu de Arte Sacra**. 1ª edição, Salvador: Ministério das Relações Exteriores-BR, 2006. 40p.
52. LIRA-DA-SILVA, R.M. & SMANIA-MARQUES, R. **Criatividade, Criativismo e Alfabetização Científica**. Salvador: Venture Gráfica e Editora LTDA, 2005.134p.
53. LOPES, M<sup>a</sup>.M. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997. 369p.
54. LOPES, M<sup>a</sup>.M. Museus e educação na América Latina: o modelo parisiense e os vínculos com as universidades. In: GOUVÊA, G; MARANDINO, M.; LEAL, M.C. (org.) **Educação e Museu** – A construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003. p.63-82.
55. LORENZETTI, L. & DELIZOICOV, D. Alfabetização Científica no Contexto das Séries Inicias. **Ensaio - Pesq. Educ. Ciênc**, Belo Horizonte, vol. 3 (1). 2001. Disponível na internet em: <<http://www.coltec.ufmg.br/~ensaio/portugues/indice/v03n1/htmp03n1-03.htm>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2003.
56. LUDKE, M. E ANDRÉ, M.E.D. A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. *apud*: MARANDINO, M. **O conhecimento**

- Biológico nas exposições de Museus de Ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo.** Tese de doutorado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2001.
57. MACHADO, A.M.A. Cultura, ciência e política: olhares sobre a história da criação dos museus no Brasil. In: FIGUEREDO, B.G. & VIDAL, D.G. (org.) **Museus dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna.** Belo Horizonte: Argumentvm; Brasília: CNPq, 2005. p. 137-149.
58. MAE, Museu de Arqueologia e Etnologia. **Regimento do Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade Federal da Bahia.** 08 de abril de 1995.
59. MAE, Museu de Arqueologia e Etnologia. **Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade Federal da Bahia.** Folder do museu sem data de publicação. Consultado em: dezembro de 2005.
60. MAE, Museu de Arqueologia e Etnologia. **Museu de Arqueologia e Etnologia.** Disponível na internet em: <http://www.mae.ufba.br>. Acesso em: setembro de 2006.
61. MARANDINO, M. (a) Interfaces na relação museu-escola. **Cad. Cat. Ens. Fís.,** vol. 18, nº1, p.85-100, Abril de 2001.
62. MARANDINO, M. (b) **O conhecimento Biológico nas exposições de Museus de Ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo.** Tese de doutorado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2001.
63. MARANDINO, M. A formação inicial de professores e os museus de ciências. In: SELLES, S.E. & FERREIRA, M.FS. (org.). **Formação docente em ciências: memórias e práticas.** Niterói: Eduff, 2003. p. 59-76
64. MARANDINO, M.; DA SILVEIRA, R.V. M.; CHELINI, M.J.; FERNANDES, A.B.; RACHID, V.; MARTINS, L.C.; LOURENÇO, M.F.; FERNANDES, J.F.; FLORENTINO, H.A. A educação não formal e a divulgação científica: O que pensa quem faz?. In: **Livro de Resumos – IV Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências – IV ENPEC.** Bauru, ABRAPEC, 2003.
65. MARANDINO, M. Museus de Ciências como espaços de educação. In: FIGUEREDO, B.G. & VIDAL, D.G. (org.) **Museus dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna.** Belo Horizonte: Argumentvm; Brasília: CNPq, 2005. p. 165-175.



66. MARTINS, U.R. Museus Universitários. **Revista Brasileira de Zoologia**, vol. 5, nº4, p. 623-627, 1988.
67. MATTHEWS, M.R. **Science teaching: the role of history and philosophy of science – Historical Debates about the science curriculum**. Cap. 2, New York: Routledge, 1994. p11-28
68. MinC – Ministério da Cultura. **2006: Ano Nacional dos Museus**. Notícias do MinC. Março de 2006. Disponível na internet em: <[http://www.cultura.gov.br/noticias/noticias\\_do\\_minc/index.php?p=14399&more=1](http://www.cultura.gov.br/noticias/noticias_do_minc/index.php?p=14399&more=1)>. Acesso em: setembro de 2006.
69. MILLER, JD. Scientific literacy: a conceptual and empirical review. 1983, *apud* LORENZETTI, L & DELIZOICOV, D.. **Alfabetização Científica no Contexto das Séries Iniciais**. Ensaio - Pesq. Educ. Ciênc, Belo Horizonte, vol.3 (1), 2001. Disponível na internet via: <http://www.coltec.ufmg.br/~ensaio/portugues/indice/v03n1/htmp03n1-03.htm>. Acessado em 22 de fevereiro de 2003.
70. MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
71. MOREIRA, I.C. **Universidades podem ajudar a divulgar ciência no Brasil**. Entrevista concedida a revista ComCiência – revista eletrônica de jornalismo científico, em 10 de fevereiro de 2003. Disponível na internet em: <http://www.abcmc.org.br/publique1/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=326&sid=37>. Acesso em: 18 de abril de 2006.
72. MORELLI, A. R. O diálogo com os parceiros: Instituições e colaboradores -Uma experiência da educação com a PNM. In: SANTOS, M.C.T.M. (org.). **Programa de Formação e Capacitação em museologia: Projeto Bahia, Relatório 2003 – 2005**. Salvador: MINC/IPHAN/DEMU, 2005. p.31.
73. MZUFBA – Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia. **Museu de Zoologia**. 2007. Disponível na internet em: < [http://www.mzufba.ufba.br/WEB/Welcome\\_A.html](http://www.mzufba.ufba.br/WEB/Welcome_A.html)>. Acesso em: 26 de abril de 2007.
74. NASCIMENTO, S.S. O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus. In: FIGUEREDO, B.G. & VIDAL, D.G. (org.) **Museus dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argumentvm; Brasília: CNPq, 2005. p. 221-239.

75. PADILLA J. Museos y Centros de Ciencia de México. In: CRESTANA, S.; HAMBURGER, E.W.; SILVA, D.M.; MASCARENHAS, S. (org.) **Educação para a ciência**: curso para treinamento em centros e museus de Ciência. São Paulo: Livraria da Física Ltda, 2002. p. 41- 58.
76. PAVAN, C. Criando Oportunidades. In: CRESTANA, S.; CASTRO, M.G.; PEREIRA, G.R.M. (org.) **Centros e museus de ciência, visões e experiências**: subsídios para um programa nacional de popularização da ciência. São Paulo: Saraiva, Estação Ciência. 1998. p. 139 – 143.
77. PAVÃO, A.C.; FALTAY, P.; LIMA, M.E.C. O Espaço Ciência no contexto das propostas museológicas. In: CRESTANA, S.; HAMBURGER, E.W.; SILVA, D.M.; MASCARENHAS, S. (org.) **Educação para a ciência**: curso para treinamento em centros e museus de Ciência. São Paulo: Livraria da Física Ltda, 2002. p. 215-222.
78. PEREIRA; G.R. **A ciência informal**. Entrevista com Ernst Wolfgang Hamburger concedida ao “Espaço Ciência Viva” em 12 de Abril de 2005. Disponível em: <<http://www.cienciaviva.org.br/4scwc/entrevistas05.htm>>. Acesso em: 16 de maio de 2005.
79. PINTO, M.G.F. **MAC – Museu Interativo de Anatomia Comparada**: Museologia, Ecologia e Convivência – Projeto de Ampliação e ganho estrutural. 2003. 33p.
80. RIBEIRO, M.G. & PÔSSAS, H.C.G. **Rede de Museus e Espaços de Ciência e Tecnologia da UFMG**. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão da UFMG. 2006. 57 p.
81. ROSA, D.C. **Textos de divulgação científica nas séries iniciais: Um caminho para alfabetização científico-tecnológica de crianças**. Dissertação (mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Porto Alegre, RS, 2002.
82. ROSENFELD, M. (a) **Educação informal é melhor caminho para se aprender ciência**. Reportagem realizada durante o 4º Congresso Mundial de Centros de Ciência, Rio de Janeiro, abril de 2005. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content.view.action?uuid=420612340af470100148f8c8c5c76254>>. Acesso em: 16 de maio de 2005.
83. ROSENFELD, M. (b) **Museu e centro de ciência são importantes na aprendizagem**. Reportagem realizada na conferência "Museus e Centros de Ciência como Espaço de Aprendizagem", durante o 4º Congresso Mundial de



- Centros de Ciência, Rio de Janeiro, abril de 2005. Disponível na internet em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content.view.action?uuid=4756a3810af470100148f8c88ff78067>>. Acesso em: 16 de maio de 2005.
84. RUBINI, G. (a) **Evitando as armadilhas das classificações do ambiente de ensino** – em que o pensamento em rede pode nos ajudar. Entrevista com Ernst Wolfgang Hamburger concedida ao “Espaço Ciência Viva” em 12 de Abril de 2005. Disponível na internet em: <<http://www.cienciaviva.org.br/4scwc/noticias15.htm>>. Acesso em: 16 de maio de 2005.
85. RUBINI, G. (b) **Aprendendo no Museu**. Entrevista com George Hein concedida ao espaço “Ciência Viva” em 12 de Abril de 2005. Disponível na internet em: <[http://www.cienciaviva.org.br/4scwc/entrevistas07 .htm](http://www.cienciaviva.org.br/4scwc/entrevistas07.htm)>. Acesso em: 16 de maio de 2005.
86. SAAD, F.D. Centros de ciências: as atuais vitrinas do mundo da difusão científica. In: CRESTANA, S.; CASTRO, M.G.; PEREIRA, G.R.M. (org.) **Centros e museus de ciência, visões e experiências**: subsídios para um programa nacional de popularização da ciência. São Paulo: Saraiva, Estação Ciência. 1998. p. 21 – 25.
87. SANTOS, M.C.T.M. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. 2ª ed. ampl., Salvador: Centro de Editorial e Didático da UFBA, 1993. 136p.
88. SANTOS, M.S. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol.19, nº 55, p.53-73. São Paulo, 2004.
89. SANTOS, M.C.T.M. (a) A Implantação de uma política museológica participativa: o olhar da coordenação do Projeto-Bahia. In: SANTOS, M.C.T.M. (org.). **Programa de Formação e Capacitação em museologia**: Projeto Bahia, Relatório 2003 – 2005. Salvador: MINC/IPHAN/DEMU, 2005. p.133-141.
90. SANTOS, M.C.T.M. (b) A política Nacional de Museus na Bahia: O caminho se faz ao andar. In: SANTOS, M.C.T.M. (org.). **Programa de Formação e Capacitação em museologia**: Projeto Bahia, Relatório 2003 – 2005. Salvador: MINC/IPHAN/DEMU, 2005. p.39-51.
91. SANTOS, M.C.T.M. **Museus Universitários Brasileiros**: novas perspectivas. 2006. Disponível na internet em: <[http://www.icom.org.br/Texto\\_Museus\\_Universit%C3%83%C2%A1rios\\_Maria\\_C%C3%83%C2%A9lia%5B1%5D.pd](http://www.icom.org.br/Texto_Museus_Universit%C3%83%C2%A1rios_Maria_C%C3%83%C2%A9lia%5B1%5D.pd)>. Acesso em: abril de 2006.
92. SANTOS, R.S. **Universidade Federal da Bahia**. Disponível em: <<http://www.portaladm.ufsc.br/xufba.php>>. Acesso em: 07 de setembro de 2006.

93. SANTOS, A. O. & FRANÇOSO, M. F. L. Perfil do público escolar do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. **Arq.Inst.Biol.**, São Paulo, v.67 (supl.), p.128, 2000.
94. SBM – Sistema Brasileiro de Museus. **Sistema Brasileiro de Museus**. Ministério da Cultura. Disponível em: <[http://www.museus.gov.br/sbm\\_apresentacao.htm](http://www.museus.gov.br/sbm_apresentacao.htm)>. Acesso em: 25 de abril de 2007.
95. SCHEINER, T.C. Museu Universitário: educação e comunicação. **Ciências em Museus** vol. 4, p. 15-19, 1992.
96. SHORTLAND, M. No business like show busines. **Nature** n.328, p. 213-214. 1987.
97. SILVA, D.R.R. Ponte entre culturas, expressão de sistemas culturais; notas sobre o Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF e a Zona da Mata Mineira. **Patrimônio, Revista Eletrônica do IPHAN – Museus**, nº5, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=193>>. Acesso em: 25 de abril de 2007.
98. SILVA, L.I.L. & BUARQUE, C.R.C. **Lei nº 10.639**. Presidência da República. 9 de janeiro de 2003. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.639.htm>>. Acesso em: março de 2007.
99. SMANIA-MARQUES, R. **Os espaços não formais e a popularização da ciência na cidade de Salvador – BA**. Monografia de Especialização em Docência do Ensino Superior apresentada à Associação Baiana de Educação e Cultura – ABEC. Salvador, 2005. 65p.
100. SPSS® - Statistical Package for the Social Sciences. **Statistical Package for the Social Sciences for Windows 9.0**. Standard Version, 1998.
101. STUDART, D.C.; ALMEIDA, A.M.; VALENTE, M.E. Pesquisa de Público em museus: desenvolvimento e perspectivas. In: GOUVÊA, G; MARANDINO, M.; LEAL, M.C. (org.) **Educação e Museu – A construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003. p.129-157.9
102. TALENTO, L.M.P. **Os museus e suas interfaces com a educação**. Monografia de Especialização em Docência do Ensino Superior apresentada à Associação Baiana de Educação e Cultura – ABEC. Salvador, 2004. 44p.
103. TEIXEIRA, P.M.M. A educação científica sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica e do movimento C.T.S. no ensino de ciências. **Ciência &**

- Educação**, v. 9, n. 2, p. 177-190, 2003. Disponível em: <<http://www2.ufpa.br/ensinofts/artigo4/metodocts.pdf>>. Acesso em: 17 de abril de 2007.
104. TRACHTMAN, L. H. The Public Understanding of Science Effort: A Critique. *Science Technology & Human Values* 6, 1981. pg. 10-15, *apud*: GASPARG, A. **Museus e Centros de Ciências – Conceituação e proposta de um referencial teórico**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, USP. S. PAULO, 1993. p. 77.
105. UFBA – Universidade Federal da Bahia. (a) **Universidade Federal da Bahia** Maio, 2006. Disponível em: <[http://www.universia.com.br/ondeestudar/instituicoes\\_zoom.jsp?instituicao=1438](http://www.universia.com.br/ondeestudar/instituicoes_zoom.jsp?instituicao=1438)>. Acesso em: 07 de setembro de 2006.
106. UFBA – Universidade Federal da Bahia. (b) **Universidade Federal da Bahia**. Disponível em: <http://www.ufba.br>. Acesso em: 07 de setembro de 2006.
107. UFBA – Universidade Federal da Bahia. (c) **Universidade Federal da Bahia**. 20 de Agosto de 2006. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/UFBA>>. Acesso em: 07 de setembro de 2006.
108. UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. **IV Encontro do Fórum Permanente dos Museus Universitários: Histórico**. 2006 Disponível em: <[http://www.ufmg.br/forumdemuseus/index.php?option=com\\_content&task=view&id=16&Itemid=29](http://www.ufmg.br/forumdemuseus/index.php?option=com_content&task=view&id=16&Itemid=29)>. Acesso em: abril de 2007.
109. VASCONCELLOS, C.M. Depoimento dos Professores: Ação Educativa e Cultural em Museus. In: SANTOS, M.C.T.M. (org.). **Programa de Formação e Capacitação em museologia: Projeto Bahia, Relatório 2003 – 2005**. Salvador: MINC/IPHAN/DEMU, 2005. p.63-65.
110. VIANNA, D.M. & CARVALHO, A.M.P. Do fazer ao ensinar ciência: A importância dos episódios de pesquisa na formação de professores. **Investigações no ensino de ciências**. v.6 n.2. 2001. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/public/ensino/revista.htm>>. Acesso em: 29 de abril de 2002.
111. WAGENSBERG, J. Princípios fundamentais da museologia científica moderna. In: MASSARANI, L.; TURNEY, J. MOREIRA, I.C. **Terra Incógnita: a interface entre ciência e público**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent - UFRJ, Casa da Ciência – FIOCRUZ, 2005. p 133-138.
112. WEBER, D. Novo indicador do MEC mostra que país tem só dez cidades com rede pública de Primeiro Mundo. **Jornal da Ciência – JC e-mail 3251**, de 26 de



Abril de 2007. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=46413>>. Acesso em: 27 de abril de 2007.

113. \_\_\_\_\_. **Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários.** Ciências em Museus vol. 4, p. 35-39, 1992.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS**

(em CD-ROM)

**ANEXOS**

**ANEXO I – OFÍCIO CONVITE PARA OS SUJEITOS DA PESQUISA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**MESTRADO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS**



Discente: Roberta Smania Marques

Docente responsável: Rejâne Maria Lira da Silva

Salvador, 06 de março de 2006

Prezado Srº \_\_\_\_\_,

Temos o prazer em convidá-lo a participar, como voluntário, da pesquisa “Contribuições dos Espaços não Formais para a Popularização da Ciência”, executada pela discente Roberta Smania Marques, do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA/UEFS, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Rejâne Maria Lira da Silva. Este projeto tem como objetivo principal investigar as contribuições dos museus de ciências da UFBA, para o ensino de ciências na cidade de Salvador. Se concordar em participar da pesquisa, você terá que responder a uma entrevista – gravada ou não, de acordo com a metodologia dessa pesquisa, que será qualitativa. Os dados confidenciais serão mantidos em sigilo, assegurando sua privacidade.

Grata desde já pela atenção,

---

Roberta Smania Marques

## ANEXO II – INSTRUMENTOS DE PESQUISA

### II.1 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PARA OS DIRIGENTES DOS MUSEUS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE FEIRA DE SANTANA  
MESTRADO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS



PROJETO: CONTRIBUIÇÕES DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS PARA A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

DISCENTE: ROBERTA SMANIA MARQUES

DOCENTE RESPONSÁVEL: REJÂNE MARIA LIRA DA SILVA

ENTREVISTADO(A):

INSTITUIÇÃO:

ENTREVISTA Nº:

DATA:

HORA – INICÍCIO:

TÉRMINO:

#### PROTOCOLO DE ENTREVISTA

Cargo – aptidão ou opção/ quanto tempo / formação

Qual a sua concepção de museus? Conhece o ICOM?

Acha que a instituição se enquadra em Museus de Ciências?

Conhece a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC)? É filiado?

Conhece o guia de Centros e Museus de Ciências lançado pela ABCMC em 2005?

Qual a importância da visita do público aos museus?

O que entende por alfabetização científica?

Existe preocupação com a alfabetização científica/ popularização da ciência?

Existe um plano pedagógico para as exposições? Opinião pessoal sobre o plano

Se sim

Responsável (pedagogo)

Título

Como surgiu

Objetivos

Justificativa

Continuação da gestão anterior? perspectivas? melhoras?

Tempo de existência

Como funciona



Participou da capacitação oferecida pela prefeitura em 2005? Por quê?

Se sim, o que achou? Em que contribuiu? Foi aproveitado na política do museu?

Se não, participaria em uma nova oportunidade? Tem conhecimento de melhorias em outras instituições proporcionadas pelo curso?

Natureza do Acervo/especialidade institucional

Organização interna

- pessoal: técnico, pesquisa e educador (quantidade tipo e função)
- programas museológicos/atividades que realiza e com q objetivos
- reserva técnica
- coleções
- exposições existentes

Se e como realiza etapas de:

- pesquisa
- conservação
- documentação
- exposição
- educação

Tipo de público

Sobre exposições

- referenciais teóricos
- equipe elaboradora: formação, organização do trabalho, contatos

Recursos utilizados

Qual o objetivo da exposição deste museu para os visitantes?

O que você acha mais marcante na exposição?

Qual a procura pelas atividades

- demanda p/ ano/ tabelas etc.
- Relatório de aproveitamento

Avaliação

- os atores são ouvidos? estudantes, professores, etc.
- serviço prestado
- frequência

## II.2 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA PARA O REPRESENTANTE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE FEIRA DE SANTANA  
MESTRADO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS



### Projeto: Contribuições dos espaços não formais para a popularização da ciência

DISCENTE: ROBERTA SMANIA MARQUES

DOCENTE RESPONSÁVEL: REJÂNE MARIA LIRA DA SILVA

### PROTOCOLO DE ENTREVISTA

QUAIS AS AÇÕES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO EM RELAÇÃO AOS MUSEUS?

PROJETO

TÍTULO

COMO SURTIU

OBJETIVOS

FINALIDADE

JUSTIFICATIVA

FAZ PARTE DA POLÍTICA DA PREFEITURA? CONTINUAÇÃO DA GESTÃO ANTERIOR?

PERSPECTIVAS? MELHORAS?

TEMPO DE EXISTÊNCIA

COMO FUNCIONA (SÓ ESCOLAS? ONG'S)

PROCURA PELAS ATIVIDADES – DEMANDA P/ ANO/ TABELAS ETC.

RELATÓRIO DE APROVEITAMENTO

AVALIAÇÃO – OS ATORES SÃO OUVIDOS? ESTUDANTES, PROFESSORES, ETC.

– DO SERVIÇO PRESTADO

OPINIÃO PESSOAL SOBRE O PROJETO (DEU CERTO? O QUE É ISSO?)

QUAL A IMPORTÂNCIAS DESSAS VISITAS AOS MUSEUS?

CARGO – APTIDÃO OU OPÇÃO/ QUANTO TEMPO

RESPONSABILIDADE NO PROJETO

### ANEXO III – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**



Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa “Contribuições dos Espaços não Formais para a Popularização da Ciência”, executada pela discente Roberta Smania Marques, do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA/UEFS, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Rejâne Maria Lira da Silva. Este projeto tem como objetivo principal investigar as contribuições dos espaços de ensino não-formal das ciências, na cidade de Salvador, para o ensino de ciências. Se concordar em participar da pesquisa, você terá que responder a uma entrevista – gravada ou não, de acordo com a metodologia dessa pesquisa, que será qualitativa. Os dados confidenciais serão mantidos em sigilo, assegurando sua privacidade.

#### CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, \_\_\_\_\_,  
 RG \_\_\_\_\_, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, que fui devidamente esclarecido (a) sobre Projeto de Pesquisa intitulado: “Contribuições dos Espaços não Formais para a Popularização da Ciência”.

#### QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Objeto da Pesquisa (Nome):

RG: \_\_\_\_\_ Data de nascimento: / / Sexo: M ( ) F ( )

Endereço: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Cep: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

Salvador, de \_\_\_\_\_ de 2006

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do Declarante

#### DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências contidas nas alíneas acima elencadas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização desta pesquisa.

Salvador, de \_\_\_\_\_ de 2006

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do Pesquisador



VARIÁVEL	DÍGITOS	DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL
		<b>VISITA A MUSEUS PELO ENTREVISTADO</b>
MUSEUS	0	1: ESTÁ É A PRIMEIRA VEZ 2: NÃO VISITA 3: SIM 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>MUSEU VISITADO PELO ENTREVISTADO ANTERIORMENTE</b>
MUSVISIT	00	1: MAFRO – MUSEU AFRO 2: NÃO SE APLICA 3: MUSEU DA CIDADE 4:MAM – MUSEU DE ARTE MODERNA 5: DE ANIMAIS 6: MUSEU DO GOVERNADOR 7: MAM E ARTE SACRA 8: MUSEU DO CABOTO - CANDEIAS 9: MUSEUS ESTRANGEIROS 10: MAE - MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA 99: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>VISITA PRÉVIA AO MUSEU EM QUESTÃO PELO ENTREVISTADO</b>
PREVISIT	0	1: SIM 2: NÃO 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>QUANTAS VEZES VISITOU ANTERIORMENTE O MUSEU?</b>
QTPREV	0	1: UMA VEZ 2: DUAS VEZES 3: TRÊS VEZES 4: MAIS DE TRÊS VEZES 5: NÃO SE APLICA 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>QUANDO VISITOU ANTERIORMENTE O MUSEU?</b>
QDPREVI	0	1: 2006 2: 2005 3: 2004 ATÉ 2001 4: 2001 PRA TRÁS 5: NÃO SE APLICA 6 NÃO LEMBRA 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>COM QUEM VISITOU ANTERIORMENTE O MUSEU?</b>
CQPREVI	0	1: ESCOLA 2: PAIS 3: SOZINHO 4:OUTROS PARENTES 5: NÃO SE APLICA 6: OUTROS 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>QUAL ATIVIDADE FAZ COM MAIS FREQUENCIA?</b>
CULTURA	0	1: CINEMA 2: TEATRO 3: PRAIA 4: ESPETÁCULOS DE MÚSICA E DANÇA 5: MUSEUS 6: TV E VÍDEO 7: OUTROS 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>SE O ENTREVISTADO VAI A PRAIA PREFERENCIALMENTE</b>
PRAIA	0	1: SIM 2: NÃO SE APLICA

VARIÁVEL	DÍGITOS	DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL
		<b>A VISITA DESPERTOU A VONTADE DE CONHECER OUTROS MUSEUS?</b>
<b>DESPERTA</b>	0	1: SIM 2: NÃO 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>O QUE ACHOU DO LOCAL DA EXPOSIÇÃO?</b>
<b>ACHOULUG</b>	00	1: ADJETIVO POSITIVO DE QUALIDADE 2: QUENTE 3: ESTRUTURADA 4: QUE GUARDA MUITA COISA 5: ADJETIVO NEGATIVO DE QUALIDADE 6: GRANDE 7: FRIO 8: CONSERVADA E AREJADA 9: PEQUENO E SEM INTERAÇÃO 10: PEQUENO 99:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>QUAL OBJETO MAIS GOSTOU?</b>
<b>OBJETO</b>	00	1: MAQUETE INDÍGENA 2: MÁSCARA INDÍGENA 3: PANELAS INDÍGENAS 4: COLARES INDÍGENAS 5: OBJETOS INDÍGENAS 6: CACHIMBOS 7: BOLSAS INDÍGENAS 8: URNAS FUNERÁRIAS 9: ARTEFATOS LÍTICOS 10: INSTRUMENTOS MÚSICAIS INDÍGENAS 11: VESTIMENTAS INDÍGENAS 12: PINTURAS RUPESTRES 13: NENHUM 14: OXUMARÉ 15: BONECAS DA FERTILIDADE 16: ESCULURAS DE FERRO 17: ARTESANATO AFRICANO 18: EXÚ 19: OGUM 20: MÁSCARAS AFICANAS 21: PAINÉIS DE CARIBÉ 22: FOTOGRAFIA 23: CABOCLO 24: TODOS OBJETOS AFRO 25: PAINÉIS EXPLICATIVOS 26: NANÃ 27: ORIXÁS EM MINIATURA 28: OXUM 29: OSSADAS 30: BICHOS EMPALHADOS 31: JIBÓIA VIVA 32: TODOS OS ANIMAIS 99:IGNORADO/ NÃO OBTIDO

<b>VARIÁVEL</b>	<b>DÍGITOS</b>	<b>DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL</b>
		<b>O QUE VC MUDARIA?</b>
<b>MUDANÇA</b>	<b>00</b>	1: MUITA COISA 2: O MACACO 3: NADA 4: VOLUME DE VOZ DO MONITOR 5: VESTIMENTA INDÍGENA 6: ESTRUTURA FÍSICA 7: VENTILAÇÃO 8: DISPOSIÇÃO 9: TEMPO DE EXPLICAÇÃO 10: NÃO SABE 11: QUANTIDADE DE OBJETOS EXPOSTOS 12: INTERATIVIDADE (QUES TIO 38) 13: LOCALIZAÇÃO DO MUSEU 14: AS URNAS FUNERÁRIAS 15: QUANTIDADE DE INFORMAÇÃO 16: REMOÇÃO DO EXÚ 17: QUADROS 18: COLOCARIA FLORES NO LOCAL 19: REMOÇÃO DE ORIXÁ2 20: MUDANÇA DA ESTRUTURA FÍSICA 21: REMOÇÃO DO CANDOMBLÉ 22: ILUMINAÇÃO 23: APRESENTAÇÃO 99:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>O QUE VOCÊ SENTIU FALTA NA EXPOSIÇÃO?</b>
<b>ESPERAVA</b>	<b>00</b>	1: DA PRESENÇA DE UM ÍNDIO DE VERDADE 2: MORTOS 3: NADA 4: ESTÁTUA DE ÍNDIO 5: ANIMAIS 6: COLEÇÃO DE CHAPÉU 7: MAIS FOTOS 8: FLECHA 9: OSSADA HUMANA/FÓSSEIS 10: CULTURA DOS POVOS BRNACOS 11: JESUÍTAS 12: INFORMAÇÕES DE SALVADOR 13: INSTRUMENTOS E ARMAS 14: CENZALA 15: CULTURA AFRO 16: FILME 17: APRESENTAÇÃO 18: MUSICA 19: BAIANA 20: UM AFRICANO DE VERDADE 21: VER MANIFESTAÇÕES DE CAMDONBLÉ 22: ANIMAIS VIVOS 23: QUANTIDADE DE OBJETOS 24: O PEIXE DE YEMANJÁ 25: ILUMINAÇÃO 26: INFORMAÇÕES HISTÓRICAS 27: OUTRAS CULTURAS DO POVO BAIANO 28: ZUMBI 29: QUILOMBOS 30: FANTASIAS 31: QUANTIDADE DE EXPLICAÇÃO 32: ÓRGÃOS DE ANIMAIS 99:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>LEU</b>	<b>0</b>	<b>LEU OS TEXTOS DO MUSEU</b>
		1: NÃO 2: SIM 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO

VARIÁVEL	DÍGITOS	DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL
		<b>O QUE MAIS GOSTOU NA VISITA?</b>
<b>GOSTO</b>	00	1: SALAS 2: OBJETOS 3: TEXTOS 4: FOTOS 5: HISTÓRIA 6: OUTROS 7: TUDO 8: SALA + OBJETO + HISTÓRIA 9: OBJETO + HISTÓRIA 10: SALAS + HISTÓRIA 11: OBJETO + FOTO + HISTÓRIA 12: OBJETOS + FOTOS 13: SALA + FOTO + HISTÓRIA 14: SALA + OBJETO + FOTO + HISTÓRIA 15: SALA + OBJETO 16: SALA + FOTO 17: TEXTO + FOTO 99:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>QUAL A MENSAGEM QUE O MUSEU PASSOU PRA VOCÊ?</b>
<b>MENSAGEM</b>	00	1: SOBRE CULTURA INDÍGENA 2: SOBRE CULTURA AFRO 3: ARTE 4: SOBRE A IGREJA DA SÉ 5: ADJETIVOS SOBRE A VISITA 6: NÃO SOUBE O QUE RESPONDER 7: NENHUMA 8: HISTÓRIA SOBRE POVOS QUE AINDA NÃO CONHECIA 9: VALORIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA NOSSA HISTÓRIA 10: ESTUDAR/PESQUISAR MAIS SOBRE O ASSUNTO 11: COMPARAÇÃO ENTRE VIDA CONTEMPORÂNEA E ANTIGA 12: ESPAÇO COM OBJETOS 13: OUTRAS 14: DESPERTAR INTERESSE PELOS MUSEUS 15: SOBRE A RELIGIÃO 16: SOBRE A IMPORTANCIA DA ARQUEOLOGIA 17: SOBRE OS ANIMAIS 18: SOBRE ANATOMIA COMPARADA 19: SOBRE O MEIO AMBIENTE 20: SOBRE COISAS QUE AINDA NÃO CONHECIA 21: HISTÓRIA 99:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>TIPO DE ESCOLA FREQUENTADA PELA ENTREVISTADO</b>
<b>TIPOESC</b>	0	1: MUNICIPAL 2: ESTADUAL 3: FEDERAL 4: PRIVADA 5: OUTRA 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>NOME DA ESCOLA</b>
<b>ESCOLA</b>	0	1: ESCOLA MUNICIPAL PADRE JOSÉ DE ANCHIETA 2: ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCA DE SANDE 3: ESCOLA MUNICIPAL NOVO MAROTINHO 4: FACULDADE DE CANDEIAS 5: ESCOLA MUNICIPAL SORÓR JOANA ANGÉLICA 6: COLÉGIO ESTADUAL ASSIS CHATEUBRIAND 7: ESCOLA ESTADUAL ALMIRANTE BARROSO 8 CENTRO AVANÇADO DE CIÊNCIAS - UFBA



**ANEXO IV.2 – LIVRO DE CÓDIGOS – “MUSEUS UNIVERSITÁRIOS – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES”**

<b>VARIÁVEL</b>	<b>DÍGITOS</b>	<b>DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL</b>
<b>LOCAL DE REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS</b>		
<b>LOCAL</b>	0	1: MUSEU AFRO-BRASILEIRO/MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA 2: MUSEU DE VETERINÁRIA
<b>IDADE DO ENTREVISTADO</b>		
<b>IDADE</b>	0	1: ENTRE 24 E 32 2: ENTRE 40 E 45 3: ENTRE 46 E 48 4: MAIS DE 38 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>SEXO DO ENTREVISTADO</b>		
<b>SEXO</b>	0	1: MASCULINO 2: FEMININO 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>TEMPO DE RESIDÊNCIA DO ENTREVISTADO EM SALVADOR</b>		
<b>TEMPRES</b>	0	1: ATÉ 6 MESES 2: ATÉ 1 ANO 3: ATÉ 3 ANOS 4: ATÉ 6 ANOS 5: ATÉ 9 ANOS 6: ATÉ 12 ANOS 7: ATÉ 15 ANOS 8: ATÉ 18 ANOS 9: ATÉ 21 ANOS 10: ATÉ 24 ANOS 11: ATÉ 27 ANOS 12: ATÉ 30 ANOS 13: ATÉ 35 ANOS 14: ATÉ 40 ANOS 15: ATÉ 46 ANOS 16: NÃO SE APLICA 99: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>BAIRRO DE RESIDÊNCIA DO ENTREVISTADO</b>		
<b>BAIRRO</b>	000	SEGUNDO A LISTA DE BAIRROS DO ANUÁRIO ESTATÍSTICO 998: NÃO SE APLICA 999: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>FORMAÇÃO ACADÊMICA</b>		
<b>FORMAÇÃO</b>	0	1: PEDAGOGIA 2: LETRAS 3: HISTÓRIA 4: SOBRE A IGREJA DA SÉ 5: PÓS-GRADUAÇÃO – PSICOPEDAGOGIA 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>O QUE É UM MUSEU?</b>		
<b>OQMUSEU</b>	0	1: CENTRO CULTURAL 2: ESPAÇO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA 3: OUTROS 4: LOCAL DE EXPOSIÇÃO 5: LOCAL DE CULTURA E CONHECIMENTO. 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>VISITA MUSEUS COM ALUNOS?</b>		
<b>ALUMUS</b>	0	1: NÃO 2: SIM 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>ESTÁ TRABALHANDO ALGUM CONTEUDO LIGADO AO MUSEU?</b>		
<b>TRAB</b>	0	1: NÃO 2: SIM 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>QUE CONTEUDO LIGADO AO MUSEU ESTÁ TRABALHANDO?</b>		
<b>CONTEUDO</b>	0	1: HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA 2: QUILOMBOS E ZUMBI 3: HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E QUILOMBOS E ZUMBI 4: ARTE PRÉ-HISTÓRICA 5: PATRIMÔNIO HISTÓRICO E MUSEUS 6: NÃO SE APLICA 7: CIÊNCIAS NATURAIS 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO

VARIÁVEL	DÍGITOS	DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL
		<b>PREPAROU OS ALUNOS PARA A VISITA NO MUSEU?</b>
PREPA	0	1: SIM 2: NÃO 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>COMO PREPAROU OS ALUNOS PARA A VISITA?</b>
COMOPREP		1: AULA SOBRE O ASSUNTOS TEMA DA EXPOSIÇÃO 2: CONVERSA ESPECÍFICA SOBRE A VISITA AO MUSEU 3: PESQUISA ORIENTADA SOBRE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E MUSEUS 4: NÃO SE APLICA 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>UTILIZA RECURSOS DIDÁTICOS NAS AULAS?</b>
RED	0	1: NÃO 2: SIM 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>UTILIZAÇÃO DE TV/VÍDEO/DVD COMO RECURSO DIDÁTICO.</b>
VÍDEO	0	1:SIM 2: NÃO SE APLICA
		<b>UTILIZAÇÃO DE MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO.</b>
MUSICA		1:SIM 2: NÃO SE APLICA
		<b>UTILIZAÇÃO DE AULAS PRÁTICAS COMO RECURSO DIDÁTICO.</b>
PRÁTICA		1:SIM 2: NÃO SE APLICA
		<b>UTILIZAÇÃO DE PROJETOS COMO RECURSO DIDÁTICO.</b>
PROJETO		1:SIM 2: NÃO SE APLICA
		<b>UTILIZAÇÃO DE OUTROS RECURSOS DIDÁTICOS.</b>
OUTRO		1:SIM 2: NÃO SE APLICA
		<b>O ENTREVISTADO VISITA MUSEUS?</b>
MUSEUS	0	1: SIM 2: NÃO 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>VISITOU PRÉVIAMENTE O MUSEU EM QUESTÃO?</b>
PREVISIT	0	1: NÃO 2: SIM 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>QUANDO VISITOU ANTERIORMENTE O MUSEU?</b>
QDPREVI	0	1: 2006 2: 2005 3: 2004 ATÉ 2001 4: 2001 PRA TRÁS 5: NÃO SE APLICA 6 NÃO LEMBRA 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
		<b>COM QUEM VISITOU ANTERIORMENTE O MUSEU?</b>
CQPREVI	0	1: ESCOLA 2: PAIS 3: SOZINHO 4:OUTROS PARENTES 5: NÃO SE APLICA 6: OUTROS 7: ALUNOS 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO

VARIÁVEL	DÍGITOS	DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL
<b>CULTURA</b>	0	<b>QUAL ATIVIDADE FAZ COM MAIS FREQUENCIA?</b> 1: CINEMA 2: TEATRO 3: PRAIA 4: ESPETÁCULOS DE MÚSICA E DANÇA 5: MUSEUS 6: TV E VÍDEO 7: OUTROS 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>PRAIA</b>	0	<b>SE O ENTREVISTADO VAI A PRAIA PREFERENCIALMENTE</b> 1: SIM 2: NÃO SE APLICA
<b>DESPERTA</b>	0	<b>A VISITA DESPERTOU A VONTADE DE CONHECER OUTROS MUSEUS?</b> 1: SIM 2: NÃO 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>ACHOULUG</b>	0	<b>O QUE ACHOU DO LOCAL DA EXPOSIÇÃO?</b> 1: BEM CONSERVADO, ESTRUTURADO E BONITO 2: ADJETIVO POSITIVO DE QUALIDADE 3: APROPRIADO 4: AINDA EM CONSTRUÇÃO 5: PEQUENO, COM INFORMAÇÕES INSUFICIENTES E MAL DISPOSTO 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>OBJETO</b>	00	<b>QUAL OBJETO MAIS GOSTOU?</b> 1: MÁSCARAS AFRICANAS 2: EXÚ 3: PAINÉIS DE CARYBÉ 4: URNAS FUNERÁRIAS E MÁSCARAS INDÍGENAS 5: PAINÉIS INDÍGENAS 6: URNAS FUNERÁRIAS 7: MÁSCARAS INDÍGENAS 8: ANIMAIS EMPALHADOS 9: NENHUM 10: BONECAS 99: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>MAISGOST</b>	00	<b>O QUE MAIS GOSTOU DA EXPOSIÇÃO?</b> 1: BONECAS 2: MONITORIA 3: PAINÉIS DE CARYBÉ 4: EXPOSIÇÃO DOS ORIXÁS 5: PAINÉIS INDÍGENAS 6: ACERVO INDÍGENA 7: TUDO 8: MÁSCARAS INDÍGENAS 9: TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA 10: NADA 99:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>LEU</b>	0	<b>LEU OS TEXTOS DO MUSEU</b> 1: NÃO 2: SIM 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO

VARIÁVEL	DÍGITOS	DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL
<b>SUFI</b>		<b>OS TEXTOS FORAM SUFICIENTES?</b> 1: NÃO 2: SIM 3: NÃO SE APLICA 9: IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>MUDANÇA</b>	0	<b>O QUE VC MUDARIA?</b> 1: TEMPO DE EXPLICAÇÃO 2: QUANTIDADE DE PEÇAS 3: A APRESENTAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO 4: NADA 5: AMPLIAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO E TREINAMENTO DOS MONITORES 6: ORGANIZAÇÃO E TEXTOS INFORMATIVOS 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>ESPERAVA</b>	0	<b>O QUE VOCÊ SENTIU FALTA NA EXPOSIÇÃO?</b> 1: MAIS INFORMAÇÕES SOBRE ÁFRICA/BRASIL 2: CULINÁRIA, MÚSICA E DANÇA 3: HISTÓRIA DE ZUMBI 4: TEMPO 5: NADA 6: ROUPAS DOS BLOCOS DA CIDADE 7: DE QUANTIDADE DE OBJETOS 8: ORGANIZAÇÃO E INFORMAÇÃO 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>MENSAGEM</b>	0	<b>QUAL A MENSAGEM DO MUSEU?</b> 1: IMPORTÂNCIA DA CULTURA AFRO 2: DESMITIFICAÇÃO 3: IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA NOSSA HISTÓRIA E DA CULTURA 4: APRENDIZAGEM 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>TIPOESC</b>	0	<b>TIPO DE ESCOLA EM QUE LECIONA O ENTREVISTADO</b> 1: MUNICIPAL 2: ESTADUAL 3: FEDERAL 4: PRIVADA 5: OUTRA 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>ESCOLA</b>	0	<b>NOME DA ESCOLA</b> 1: ESCOLA MUNICIPAL PADRE JOSÉ DE ANCHIETA 2: ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCA DE SANDE 3: ESCOLA MUNICIPAL NOVO MAROTINHO 4: FACULDADE DE CANDEIAS 5: ESCOLA MUNICIPAL SORÓR JOANA ANGÉLICA 6: COLÉGIO ESTADUAL ASSIS CHATEUBRIAND 7: ESCOLA ESTADUAL ALMIRANTE BARROSO 8: CENTRO AVANÇADO DE CIÊNCIAS - UFBA
<b>NALUNOS</b>	0	<b>NÚMERO DE ALUNOS NA VISITA</b> 1: 9 2: 21 3: 26 4: 28 5: 34 6: 45 7: 60 8:12 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO
<b>SERIE</b>	0	<b>SÉRIE DOS ALUNOS QUE ESTEVE ACOMPANHANDO NA VISITA</b> 1: 2ª SÉRIE 2: 3ª SÉRIE 3: 4ª SÉRIE 4: 8ª SÉRIE 5: ENSINO SUPERIOR 6: SÉRIES VARIADAS 9:IGNORADO/ NÃO OBTIDO

**ANEXO V – LISTA DE SUGESTÕES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ESPAÇOS CULTURAIS PARA VISITAÇÃO DE ESCOLAS**

<b>ESPAÇO CULTURAL</b>	<b>ACERVO</b>	<b>LOCAL</b>	<b>FUNCIONAMENTO PARA O PROJETO</b>
<b>Museu Abelardo Rodrigues</b>	Abelardo Rodrigues formou, durante 40 anos, a maior coleção particular de arte sacra do Brasil: 808 peças entre imagens, pinturas, oratórios, altares, crucifixos e frqagmentos de talha. Esse acervo encontra-se no andar nobre do Solar do Ferrão, valioso prédio da arquitetura civil do período colonial vale ressaltar a diversidade de peças e a riqueza da coleção, que reúne trabalhos de arte sacra erudita e popular do século XVII ao XIX.	Pelourinho	Terça e Sexta matutino e vespertino
<b>Museu Tempostal</b>	Resultante da coleção de Antônio Marcelino, seu fundador, tem como acervo 30.000 postais e fotografias, onde o mundo é revisto nas mais diversas épocas e nos mais variados aspectos. Destaque para a série Belle Époque, com postais bordados aquarelados, adornados com pedrarias, plumas e cabelo humano.	Pelourinho	Terça e Sexta matutino e vespertino
<b>Museu Eugênio Teixeira Leal</b>	É administrado pelo Banco Central. Foi criado em 1952. reúne moedas em ouro, prata e cobre datadas desde o século XVII, englobando portanto, etapas do Brasil Colônia, Império e República. Possui também uma grande coleção de comendas, medalhas e condecorações.	Pelourinho	Segunda a Sexta matutino e vespertino
<b>Fundação Casa de Jorge Amado</b>	Exposição permanente do acervo de Jorge Amado, documentos sobre a vida e a obra do mais famoso escritor baiano. 300 peças.	Pelourinho	Segunda, Quarta, Sexta e Sábado matutino e vespertino
<b>Museu Afro-Brasileiro</b>	Fundado em 1982 pela UFBA em três salas do andar térreo da antiga Faculdade de Medicina. É administrado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais. Abriga peças de origem africanas e brasileiras, fotografias e imagens. 1.300 peças.	Terreiro de Jesus	Segunda a Sexta matutino e vespertino
<b>Museu da Cidade</b>	Instalado num dos mais belos casarões do Pelourinho, no seu acervo se destacam objetos temáticos, da personalidade baiana em Salvador. São bonecas de pano em cenários evocando o passado, orixás, ex-votos e imagens falando da religiosidade do seu povo, uma pinacoteca que mostra a profusão de talentos nas artes plásticas, trajes de baiana, instrumentos de trabalho artesanal, entre outros.	Pelourinho	Segunda, Quarta, Quinta e Sexta matutino e vespertino
<b>Galeria da Cidade</b>	Obras de arte da Bahia.	Praça Castro Alves	Segunda a Sexta matutino e vespertino
<b>Museu Geológico</b>	Criado em 1975, seu acervo consta de 2.500 amostras catalogadas de minerais, rochas e fósseis, 80 objetos sobre a técnica rudimentar de ourivesaria e mineração, além de rica documentação de caráter histórico-científico. Destaque para a coleção de quartzos (principal mineral de exportação da Bahia).	Corredor da Vitória	Terça a Sexta matutino e vespertino

ESPAÇO CULTURAL	ACERVO	LOCAL	FUNCIONAMENTO PARA O PROJETO
<b>Museu Carlos Costa Pinto</b>	A coleção particular de Carlos Costa Pinto deu origem a 23 salas de exposições de arte decorativa e pintura do século XVII ao XIX. Com um acervo de aproximadamente 3.200 peças, reúne grandes coleções de prataria, ourivesaria, porcelana chinesa e européia, cristais, mobiliário, pinturas (em especial as de Abelardo Valença e Pesciliano Silva), trabalhos em marfim, opalina, bronze e lasca chinesa. As jóias de ouro e a coleção de 27 balangandãs de prata são as peças mais preciosas de todo o acervo.	Corredor da Vitória	Segunda a Sexta matutino e vespertino
<b>Casa da Música</b>	Está ao lado da lagoa, sob a proteção de Oxum, no Parque Metropolitano de Abaeté. Seu acervo está todo voltado para a música baiana, suas histórias, cantores, depoimentos. A famosa fubica de Dodô e Osmar, que deu origem ao trio elétrico, está ali exposta junto a fotos de capas de discos e instrumentos musicais. Além dessas peças, o museu oferece ao público serviços de auditório com exibição de som e vídeo individuais.	Itapuã	Terça a Domingo matutino e vespertino
<b>Museu de Arte Moderna da Bahia</b>	Instalado desde 1969 no Solar do Unhão, famoso conjunto arquitetônico do século XVII, possui representativo acervo de arte contemporânea, composto de pinturas, desenhos, gravuras, serigrafia e tapeçaria. São cerca de 1.000 obras dos mais destacados artistas plásticos brasileiros.	Av. Contorno	Terça a Sexta matutino e vespertino